

Alquimia
Marie-Louise von Franz

Introducción al simbolismo



MARIE-LOUISE VON FRANZ

ALQUIMIA



Edições Vaga-lume

Titulo original *Alchemy An Introduction to the Symbolism and the Psychology*

Tradução da Marta I Guastavino Desenho da capa Uroboros

Primeira edição novembro de 1991 Primeira reimpressão março de 1995

© Marie-Louise von Franz, 1980

Inner City Books

Box 1271, Station Q , Toronto M4T 2P4-Canada © Vaga-lume S A, 1991

Aptdo 14327 08080 Barcelona

ISBN 84 87232-11-6 Deposito legal B- 10 123 1995

Impresso pelo Romanya/Valls Verdaguer, 1 Capellades (Barcelona)

Impresso na Espanha

Agradecimentos

Este livro se apóia na transcrição, feita por Uma Thomas, da série de conferências pronunciadas pela doutora von Franz no Instituto C G Jung de Zurique, em 1959. A autora e o editor agradecem à senhorita Thomas por sua fiel preparação da versão original. O texto em sua forma atual foi revisado para sua publicação por Daryl Sharp e Manon Woodman Daryl Sharp selecionou as ilustrações, escreveu os epígrafes e compilou o índice.



FIGURA sem número

O ovo filosófico é não só o lugar de nascimento mas o recipiente *contêiner* das novas atitudes simbolizadas pelo objetivo alquímico da *coniunctio*, a união dos opostos (masculino e feminino, a consciência e o inconsciente, etc). Aqui esse objetivo representado como o hermafrodita que triunfa sobre o dragão e o globo alado do caos, os rostos ameaçadores do inconsciente, os sete planetas representam diferentes aspectos da personalidade, as sete etapas da transformação — Jamsthaler, *Viatonum spagyricum* (1625).



1 *La montaña de los adeptos* El proceso de la evolución psicológica es análogo a las etapas de la transformación alquímica de la materia básica en oro —la piedra filosofal—, representada aquí como un «templo de los sabios» sepultado en la tierra. El fenix, símbolo de la personalidad renovada, está a caballo entre el sol y la luna. El zodiaco en el fondo simboliza la duración del proceso, los cuatro elementos indican la totalidad. El hombre con los ojos vendados representa la búsqueda a tientas de la verdad, el investigador, preparado para seguir sus instintos naturales, muestra el camino correcto.

FIGURA 1

ALQUIMIA

Cânticos que ressonam na noite, como serpentes ondeantes de bravura; dossel de fina gaze transfiguram um solene ritual, deste poder. Rebeldes, mas heróicos foram sempre aqueles que, em virtude de estímulo, puderam entregar sem calcular. Quem usou dessa magia inigualável, é que foi; em seu princípio, venerável escudeiro ao som do louvável. Heróica redenção, do Alto Rei, que assumiu suas potências invisíveis, e ao querer perdurar, no possível, em seu castelo fez seu quartel. Horizontes perdidos, foram eles, que uniram sua dor, ao balancim de finas cascavéis que ressonam, e ao céu, configuram seu vir. Se o forte pedestal, ficou na cúpula, a tocha de sua fé o iluminará, encontrando a pedra e, a sua luz, enfrentando-se a ela prenderá. Quiseram escrutinar no profundo, e, desse misterioso escavar, puderam verter nas trevas, tirando do escuro a verdade.

*E dela, seu calor, deu-lhes abrigo
que, em simultâneo amor os unirá.
Veloamente, sua marcha será um trio
virginal, alegórico e ritual
que será ouvido sempre, do ninho,
onde o grito foi sua pátria de domínio,
e sossegarão as vozes sem sentido, quando
surgir da alquimia, a verdade, e em
foros de princípios intangíveis, o
cósmico, verter em alusivos arquétipos
que fracionam o visível, com atenuantes
olhares de chegar, o arquivo onde nascem
as sementes, que em cativa, brilhante e
branca fonte, renascem como aves, a voar
ao escabelo onde têm suas figuras, que,
retomam as linhas que os guiam com
premissas de um Todo, ao Total.
E escutando as vozes do Oriente,
terão muito que ver no presente,
desta forja ardente, em eclosão.
Eram todos eones que, perdidos,
transitavam o arco de um esquecimento,
e foram a verdade e a razão detrás da magia,
que perene, tinha como débil,
sua missão. O lugar dos grandes
campeões, tenazmente, é pinçar
nos arcanos de um passado que deve
vislumbrar. Não é de hoje mas; sempre
foram leais, os que usaram sua magia e
seus rituais para dar ao embrião, sua grande
missão, da tripla energia que hoje culmina na visão do grande,
em redenção.
E neste demitir dessa grande forma,
pretender discernir o grande mistério,
possivelmente, quem fora dono, do império que*

*encerra a palavra, transmutar. A
alquimia que, talvez, foi figurada em
remotos começos de um passado, para abrir
na via, seu caudal de verdades sutis,
irrompidas por vistas, que cessaram em um
dia e hoje começam talvez seu cavalgar,
surgindo qual brilhante trilogia que é:
fôlego, verdade e domínio. Cinzele
de esculpidas impressões foram sempre a
razão desses campeões que souberam
honrar a grande verdade, e, nestas letras
que hoje, estão escritas, verificam que desta
grande alquimia seus passos puderam
encontrar, e ao chegar ao fundo desse
evento, discernir do efêmero, o real.
Chela Sisti - Elio A. Casali*

Primeira conferência

INTRODUÇÃO

Meditei muito sobre a forma em que devia dar este curso destinado a introduzi-los no simbolismo da alquimia, e me decidi por uma breve interpretação de muitos textos, em vez de optar por um texto único como em outras ocasiões. Como as conferências serão nove, proponho-me dar três sobre a alquimia na Grécia antiga, três sobre a arte alquímica árabe e as três últimas sobre a alquimia européia tardia, de modo que delas se obtenha ao menos um vislumbre de cada fase da evolução desta ciência.

Como vocês sabem, o doutor Jung consagrou muitos anos de estudo a este tema, que praticamente exumou da estrumeira do passado, já que se tratava de um domínio da investigação desdenhado e esquecido que ele conseguiu ressuscitar.

O fato de que agora um mínimo folheto vende-se por uns cem francos suíços, enquanto que faz mais ou menos dez anos se podia comprar por dois ou três francos um livro excelente sobre alquimia, deve-se na realidade ao Jung, porque a não ser pelo interesse demonstrado por alguns círculos da franco-maçonaria, e posteriormente pelos rosa-cruzes, quando ele começou a trabalhar sobre o tema ninguém sabia virtualmente nada sobre a alquimia.

Logo que entremos nos textos entenderão vocês em alguma medida como chegou a ser esquecida a alquimia e por que ainda, inclusive nos círculos junguianos, muita gente diz que pode coincidir com Jung no que se refere à interpretação dos mitos, e também a todo o resto de sua obra, mas que quando se trata de alquimia deixam de ler —ou lêem protestando e a contra gosto— seus livros sobre o tema. Isto se deve a que a alquimia é, em si mesmo, tremendamente obscura e complexa, e os textos muito difíceis de ler, de maneira que se necessita uma bagagem enorme de conhecimento técnico se quiser um adentrar-se neste campo. Ofereço este curso introdução aos estudantes na esperança de que lhes permita entrar melhor no tema, de modo que quando lerem os livros de Jung tenham já um caudal de conhecimento que lhes permita entendê-los.

Em seu livro *Psicologia e Alquimia* Jung introduziu, por assim dizê-lo, a alquimia na psicologia, primeiro publicando uma série de sonhos de um estudioso das ciências naturais que contém grande quantidade de simbolismo alquímico, e depois oferecendo entrevistas de textos antigos, com o qual esperava demonstrar o importante e moderno que é este material, e quanto o que tem para dizer ao homem moderno. O próprio Jung descobriu a alquimia em forma absolutamente empírica. Uma vez me contou que nos sonhos de seus pacientes apareciam com frequência certos motivos que não podia entender, e que um dia, observando velhos textos sobre alquimia, achou uma relação. Por exemplo, um paciente sonhou que uma águia começava a voar para o céu e depois, subitamente, girava para trás a cabeça inferior grossa, começava a devorar as asas e voltava a cair na terra. O doutor Jung captou o simbolismo sem necessidade de comparações históricas, como por exemplo: o espírito ascendente ou a

ave pensante. O sonho mostra uma *enantiodromia*, o oposto à situação psíquica. Ao mesmo tempo estava impressionado pelo motivo que cada vez mais era reconhecido como arquetípico e que devia, quase obrigatoriamente, ter um paralelo, até que não podia encontrar-se em nenhum lugar, aparecia como tema geral. Então, um dia descobriu o *Ripley Scroll*, que dá uma série de imagens do processo alquímico —publicadas em parte em *Psicologia e Alquimia*—, onde uma águia com cabeça de rei se volta para trás para comer suas próprias asas.



FIGURA 2

A coincidência o impressionou muitíssimo, e durante anos a deixou presente, com a sensação de que na alquimia havia algo mais, e de que devia aprofundar no tema, mas não se decidia a abordar este campo muito complexo porque se dava conta do enorme trabalho que significaria e de que lhe exigiria refrescar seus conhecimentos de latim e grego, e ler muitíssimo. Finalmente, entretanto, chegou à conclusão de que tinha que fazê-lo, de que era muito o que o tema ocultava e de que esse material era importante para que pudéssemos entender melhor o material onírico das pessoas modernas.

O doutor Jung não o expôs como problema teórico, mas sim viu um paralelismo surpreendente com o material com que trabalhava. Mas agora poderíamos nos perguntar por que teria que estar o simbolismo alquímico mais próximo das produções inconscientes de muitas pessoas modernas que nenhum outro material. Por que não teria que bastar estudando mitologia comparada, e aprofundar nos contos de fadas e na história das religiões? Por que tinha que ser especialmente a alquimia?

Para isso há diversas razões. Se estudarmos o simbolismo na história comparada da religião, ou no cristianismo —todas as alegorias da Virgem Maria, por exemplo, ou a árvore da vida, ou a cruz, ou o simbolismo do dragão no material cristão medieval, etcétera—, ou se estudarmos mitologia, como por exemplo a dos índios norte-americanos (as crenças dos hopis, as canções dos navajos, etc.), em cada caso estamos nos enfrentando com material produzido por uma coletividade e comunicado por uma tradição mais ou menos organizada. Entre os índios norte-americanos há tradições dos médicos bruxos que comunicavam a seus discípulos suas canções e rituais, enquanto que certas coisas eram conhecidas pela totalidade da tribo, que participava dos rituais. O mesmo é válido para o simbolismo cristão, que se comunica nas tradições da Igreja, e o simbolismo total da liturgia e da missa, com todo seu significado, transmite-se por mediação da doutrina, a tradição e as organizações humanas. Estão também as

diferentes formas orientais do ioga e outras formas de meditação. São símbolos que certamente se formaram no inconsciente, mas que depois foram trabalhados pela tradição. Vemos repetidas vezes como qualquer que tenha uma vivência original e imediata de símbolos inconscientes começa em seguida a trabalhar sobre eles.

Tomemos o exemplo de São Nicolas de Flüe, o santo suíço que teve a visão de uma figura divina errante que lhe aproximou envolta em uma brilhante pele de urso e cantando uma canção de três palavras. Pelo relato original é óbvio que o santo estava convencido de que quem lhe aparecia era Deus ou Cristo. Mas o relato original se perdeu e até faz uns oitenta anos não houve mais que um relato feito por um de seus primeiros biógrafos, que contou mais ou menos corretamente a história, mas sem falar da pele de urso! As três palavras da canção se referem a Trindade, o vagabundo divino seria Cristo, que aparece ao santo, e assim sucessivamente. Tudo isso, o biógrafo mencionava, mas com a pele de urso não pôde fazer nada, porque. Por que teria que usar Cristo uma pele de urso? Então, não se falou mais daquele detalhe, e só voltou a incluir quando o azar levou a descobrir novamente o relato original da visão. Isto é o que acontece com as experiências originais que se transmitem; faz-se uma seleção, e adapta-se ao que já se sabia —ou coincide em certo modo com isto— se comunica, enquanto que se tende a deixar acontecer os outros detalhes, porque parecem estranhos e ninguém sabe o que fazer com eles.

Parece, entretanto, que o simbolismo que se comunica mediante a tradição está em certa medida racionalizado e depurado das vulgaridades do inconsciente, dos miúdos detalhes estranhos que este vai adicionando, em ocasiões contraditórias e sujas. Isto também acontece, em pequena escala, dentro de nós mesmos. Um jovem médico voltou de repente muito céptico em relação à forma em que anotamos nossos sonhos, porque acreditava que quando um os anota pela manhã já houve muita falsificação. Então instalou um gravador junto à cama: de noite, quando despertava, embora estivesse meio dormindo, gravava o sonho e pela manhã o anotava por escrito tal como o recordava, e comparava as duas versões. Descobriu assim que seu cepticismo era exagerado. Os relatos de sonhos que fazemos à manhã seguinte são quase corretos, mas involuntariamente ordenamos isso. Por exemplo, ele sonhara que algo acontecia em uma casa, e que depois ele entrava na casa. Ao voltar a contar o sonho pela manhã, corrigiu a seqüência temporária e escreveu que ele entrava na casa e depois lhe acontecia tal e tal coisa. De fato, os sonhos registrados imediatamente são mais confusos quanto à seqüência temporária, mas pelo resto são bastante corretos. Portanto, mesmo que um sonho atravesse a soleira da consciência, esta, ao relatar-lo, faz-lhe algo, emenda-o e apresenta-o em forma um pouco mais compreensível.

Cum grano sales, poder-se-ia comparar o expresso com a forma como se comunicam as experiências religiosas em um sistema religioso vivente, no qual geralmente a experiência pessoal imediata se revisa, purifica-se e esclarece. Por exemplo, na história da vida íntima pessoal dos Santos católicos, a maioria deles tiveram vivências imediatas da Divindade —como corresponde à definição de

um santo— ou visões da Virgem Maria, de Cristo ou de outras figuras. Entretanto, a Igreja poucas vezes publicou nada sem expurgar primeiro tudo o que se considerava material pessoal. Só deixava passar o que coincidia com a tradição.

O mesmo acontece inclusive nas comunidades primitivas livres. Também os índios norte-americanos omitem certos detalhes que não consideram importantes para as idéias conscientes da coletividade. Os aborígenes australianos celebram um festival chamado *Ku-napi*, que se prolonga durante trinta anos. Durante todo esse tempo, em determinados momentos levam a cabo certos rituais — trata-se de um grande ritual de renascimento que se estende ao longo de toda uma geração— e quando os trinta anos transcorreram, volta-se a começar. O etnólogo que o descreveu pela primeira vez tomou o trabalho de registrar os sonhos que faziam referência ao festival, e descobriu que os membros da tribo sonhavam freqüentemente com ele, e que nesses sonhos, como cabia esperar e tal como nos aconteceria, havia variações em pequenos detalhes que não coincidiam de tudo com o que realmente acontecia. Os aborígenes australianos dizem que se um sonho contiver uma boa idéia, esta se comunica à tribo e adota-a como parte do festival, que dessa maneira varia um pouco em ocasiões, embora em termos gerais atêm-se à tradição que lhes foi comunicada.

Ao analisar católicos vi com freqüência o mesmo fenômeno, quer dizer que sonham com a missa, mas no sonho acontece algo especial; por exemplo, que o sacerdote distribui sopa quente em lugar da hóstia, ou um pouco parecido. Tudo é muito correto, a exceção desse único detalhe. Lembrança do sonho de uma monja onde em metade do *Sanctus*, quer dizer no momento mais sagrado, precisamente quando deve ter lugar a transformação, o ancião bispo que oficiava a missa se detinha de repente dizendo que antes era necessário um pouco mais importante, e pronunciava então um sermão sobre a encarnação. Depois voltava a deter-se dizendo que seguiriam com a missa tradicional, cuja terminação confiava a dois sacerdotes jovens. Aparentemente a monja, quão mesmo muitas outras pessoas, não tinha uma verdadeira compreensão do mistério da missa; para ela não era mais que a repetição mecânica do mistério, e portanto, antes de que tivesse lugar a transformação, o sonho demonstrava que na realidade teria que explicar às pessoas o que acontecia, porque senão participavam mentalmente a cerimônia não lhes serviria de nada; não fariam nada mais que acreditar sem entender. Por isso no sonho o bispo dava uma longa explicação, depois da qual a missa clássica continuava, celebrada por sacerdotes mais jovens, demonstrando que era uma renovação. A renovação produz-se de acordo com a maneira em que se entende a missa, e aqui o ancião a confiava aos dois jovens. Isto exemplifica como a experiência individual dos símbolos religiosos sempre difere um pouco da fórmula oficial, que não é mais que uma pauta média. É muito pouca a manifestação imediata do inconsciente que há na história ou em outros âmbitos.

Mediante a observação de sonhos, visões, alucinações e outras manifestações, o homem moderno pode agora, pela primeira vez, considerar de maneira utilizável os fenômenos do inconsciente. O que provém do inconsciente pode-se observar por mediação dos indivíduos. O passado nos legou

alguns escassos informes de vivências individuais, mas, em geral, os símbolos do inconsciente nos chegam da maneira mais tradicional, devido ao fato de que normalmente a humanidade não abordou o inconsciente no nível individual, mas sim, com poucas exceções, relacionou-se com ele em forma indireta, mediante os sistemas religiosos. Até onde eu posso vê-lo, isto tem uma validade geral, a não ser nas sociedades mais antigas e mais primitivas, e em algumas outras formas de aproximação ao inconsciente, embora também foram codificadas.

Em várias tribos esquimós não existe praticamente conteúdo algum da consciência coletiva. Há algumas poucos ensinamentos sobre certos fantasmas, espíritos e deuses —Sila, o deus do ar; Sedna, a deusa do mar e alguns mais— que se comunicam verbalmente por mediação de certas pessoas, mas só as experiências pessoais são comunicadas pelo xamã ou o médico bruxo, que são as personalidades religiosas de certas comunidades. Os esquimós levam uma vida tão dura e têm tão difícil a sobrevivência, devido às terríveis condições ambientais, que normalmente todo mundo se concentra exclusivamente em sobreviver, com exceção de uns poucos indivíduos escolhidos que mantêm algum intercâmbio com os espíritos e têm experiências interiores e sonhos, de modo que o povo se relaciona simplesmente com esses sonhos e tem sobre eles suas próprias idéias, como sucede com uma pessoa moderna no curso de uma psicanálise. A única orientação que recebem é ao conhecer outros xamãs e intercambiar experiências, o que lhes permite não estar totalmente só com suas experiências íntimas. Em geral, os xamãs mais jovens procuram os velhos, temendo, como passaria a nós, que de não fazê-lo assim terminariam por enlouquecer. Nesse caso há um mínimo de tradição coletiva consciente, e um máximo de experiência pessoal imediata em alguns indivíduos.

Parece-me provável que isto represente os vestígios de um estado originário, porque segundo as considerações da antropologia pode-se supor que a humanidade vivia originariamente em pequenos grupos tribais de vinte a trinta pessoas, entre as quais costumava haver dois ou três introvertidos capazes de ter vivências pessoais íntimas, que eram os guias espirituais, enquanto que os caçadores ou lutadores, fisicamente fortes, eram os guias terrestres. Em casos assim há material referente a experiências íntimas imediatas e muito pouca tradição.

Estão além disso os fenômenos de indivíduos que fazem contato imediato com o inconsciente nas experiências iniciáticas organizadas de certos povos. Por exemplo, em muitas tribos de índios norte-americanos, parte da iniciação de um jovem médico bruxo consiste em ir ao topo de uma montanha ou ao deserto, depois de um período de jejum, e às vezes também depois de tomar drogas, a procurar ali uma visão, experiência ou alucinação que depois o jovem confia a seu Mestre ou Iniciador. Conta-se, por exemplo, que viu uma lagartixa, dizem-lhe que pertence ao clã dos *thunderbird* (1) e que terá que converter-se em um médico bruxo de tais e quais características. Mas ali a interpretação da vivência individual se relaciona com a tradição do inconsciente coletivo, e um médico bruxo se limitaria a omitir algo que fora completamente individual ou estranha. Paul Radin publicou sonhos de índios, mostrando a forma nas quais os interpretam, e é fácil ver que o que não entendem, saltam-no sem mais. Do sonho

selecionam o que se relaciona com as idéias da consciência coletiva e omitem os detalhes estranhos, quão mesmo fazem os Analistas junguianos principiantes quando começam a interpretar seus próprios sonhos. Se um lhes sugerir que tentem fazê-lo, em geral escolhem um motivo que pareça relacionar-se com algo que entendem e dizem que sabem o que isso significa, que se refere a tal e tal coisa, e então é quando eu lhes pergunto o que tem deste detalhe e deste outro, que eles tendem a omitir.

[1-Ave de grande tamanho, que no folclore dos índios norte-americanos se considera capaz de produzir raios, trovões e chuva. (N. da T.)]

As experiências imediatas do inconsciente que têm certos indivíduos podem ser logo codificadas ou interpretadas, ou incorporadas a um sistema religioso. Naturalmente, em todos os sistemas religiosos há seitas que tendem a revivificar as experiências imediatas. Ali onde uma religião parece muito codificada, forma-se geralmente uma seita compensatória que tendam a revivificar as experiências individuais, e isto explica a multiplicidade de cismas. Por exemplo, no Islã estão os sunnitas e xiitas, entre outros; ou a escola talmúdica e a cabalística na Idade Média judia, onde se comunicam os símbolos religiosos codificados. O grupo mais recente tende a dar mais valor às vivências individuais; um deles sustenta que é ortodoxo, e o outro afirma que tem o espírito vivente, o que seria além disso o contraste entre os tipos extrovertidos e introvertido. Mas inclusive na tradição do introvertido que se proclama dono do espírito, a verdadeira experiência pessoal do inconsciente é muito pouca. Nunca há mais que uns poucos indivíduos que tenham experiências assim, provavelmente porque são tão

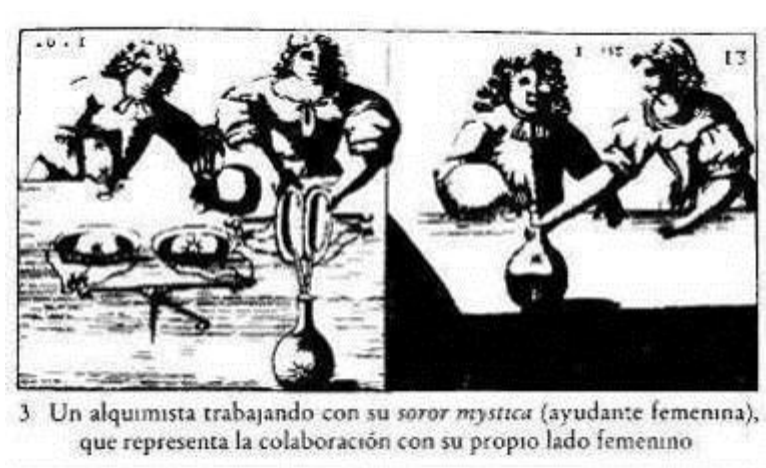


FIGURA 3

perigosas e aterradoras que só umas poucas pessoas excepcionalmente valentes seguem este caminho, ou os néscios que não sabem até que ponto aquilo é perigoso, e que por isso mesmo terminam enlouquecendo. Em alguma de suas primeiras conferências no colégio técnico de Zurique, E. T. H., para exemplificar o simbolismo do processo de individuação e o que queria dizer com esta expressão, o doutor Jung analisou uma série de imagens de um texto oriental de meditação e dos famosos *Exercícios Espirituais* de São Inácio de Loyola, como também o *Benjoumin minor* de Hugh de St. Victor.

Demonstrou que todas estas formas de meditação codificada contêm as teorias ou símbolos essenciais que normalmente aparecem nos indivíduos no processo de individuação. Mas todas estas abordagens do inconsciente, quão mesmo a maioria das formas de meditação oriental e das formas cristãs medievais, contêm um programa. Por exemplo, quem pratica os *Exercícios* de São Inácio tem que concentrar-se na primeira semana na sentença *Homo creatus est*, na segunda nos sofrimentos de Cristo e assim sucessivamente. Se em meio de sua contemplação lhe ocorre que gostaria de tomar um café, isso seria uma perturbação mundana induzida pelo diabo, que terá que dominar. Mas também pode haver perturbações sagradas! O meditador poderia, quando medita sobre a cruz, ver de repente uma luz azul ou uma coroa de rosas que rodeia a cruz, mas como isso não corresponde, também esse pensamento deve rechaçar; esse poderia ser o diabo, que está falsificando o processo, porque o que ele deve ver é a cruz e não um ramo de rosas. Por isso se ensina a rechaçar essas irrupções espontâneas do inconsciente e a aderir-se fanaticamente ao programado.

Naturalmente que segue ainda concentrando-se em símbolos do inconsciente, porque a cruz é um símbolo do inconsciente, mas sua mente orienta-se para um canal concreto, definido pela tradição coletiva. Se o meditador disser a seu diretor espiritual que viu uma banheira em vez da cruz, dirão que não se concentrou como devia, que se desviou. O mesmo é válido para certas formas de meditação orientais. Se a um iogue lhe aparecem formosos devas e deusas que tentam apartar de seu objetivo, deve desprezar essas idéias como fatores de perturbação. Assim, nestas formas de abordagem do inconsciente se tem que respeitar uma direção ou caminho prescrito conscientemente, e se tem que fazer caso omissos de certos pensamentos que aparecem. Por esta razão o simbolismo que aparece nestas formas não é exatamente da mesma espécie que o que aparece nos sonhos e na imaginação ativa, porque se dissermos às pessoas que se limite a observar o que aparece, coisa que, como é natural, produz um material algo diferente, os dois produtos são só relativamente comparáveis.

Os alquimistas estavam em uma situação completamente diferente. Acreditavam que estudavam os fenômenos desconhecidos da matéria —mais adiante darei os detalhes— e limitavam-se a observar o que sucedia e a interpretá-lo de algum jeito, mas sem nenhum plano específico. Aparecia um torrão de alguma matéria estranha, mas como eles não sabiam o que era, faziam uma conjectura qualquer, que é óbvio seria uma projeção inconsciente, mas nisso não havia uma intenção nem tradição definidas. Por conseguinte, se poderia dizer que na alquimia as projeções se efetuavam da maneira mais ingênua e impremeditada, e sem lhes realizar correção alguma.

Imaginemos a situação de um antigo alquimista. Em alguma aldeia, um homem construía uma choça isolada e cozinhava coisas que provocavam explosões. É muito natural que todos digam que é um feiticeiro! Um dia chega alguém que lhe diz que encontrou uma parte de metal estranho e pergunta ao alquimista se não lhe interessaria comprá-lo. O alquimista não sabe quanto vale o metal, mas faz um cálculo aproximado e lhe dá algum dinheiro. Depois põe sobre o fogão o que lhe trouxeram e o mescla com enxofre ou algo similar para ver o que acontece, e, se o metal acertar a ser chumbo, o alquimista

fica gravemente afetado pelos vapores tóxicos. Chega então à conclusão de que se trata de uma matéria que faz sentir mal às pessoas e quase o arbusto, e conclui dizendo que há um demônio no chumbo! Depois, quando escreve suas receitas, acrescenta uma nota ao pé: «Tomem cuidado com o chumbo, porque nele há um demônio capaz de matar e enlouquecer a gente», o que para aquele momento e naquele nível seria uma explicação bastante óbvia e razoável. Por conseguinte, o chumbo se converteu em um objeto ideal para projetar fatores destrutivos, dado que em certas condições seus efeitos são tóxicos. As substâncias ácidas também eram perigosas, mas como por outra parte eram corrosivas e tinham propriedades dissolventes, eram extremamente importantes para as operações químicas. Dessa maneira, se queriam fundir algo ou obter em forma líquida podiam fazê-lo valendo-se de soluções ácidas, e por esta razão a projeção afirmava que o ácido era a substância perigosa que dissolve, mas que também possibilita o manejo de certas substâncias. Ou senão, é um meio de transformação que permite, por assim dizê-lo, abrir um metal com o qual é impossível fazer nada e voltá-lo acessível a transformação mediante o uso de certos líquidos. Por isso os alquimistas escreviam sobre o tema na forma ingênua que estou lhes descrevendo, sem dar-se conta de que aquilo não era ciência natural, mas sim, se se o considera do ponto de vista da química moderna, continha muitíssimas projeções.

Na alquimia existe, pois, uma quantidade assombrosa de material que procede do inconsciente, produzido em uma situação em que a mente consciente não seguia um programa definido, mas simplesmente investigava. O próprio Jung abordou de maneira similar o inconsciente, e em análise também tentamos conseguir que adotemos uma atitude na qual não se aproxime ao inconsciente limitando-se a um programa. Dizemos simplesmente, por exemplo, que a situação parece má, que o estado do sujeito não é de todo satisfatório e que devemos considerar tudo isso, junto ao fenômeno vital que chamamos o inconsciente, e nos perguntar o que é que ambas as coisas juntas poderiam representar, ou para onde poderiam encaminhar-se. Um ponto de partida assim, consciente, que contém um mínimo de programação, corresponde ao *point de départ* consciente do alquimista, de modo que o inconsciente responde de maneira parecida, e por isso os escritos alquímicos são especialmente úteis para chegar a entender o material moderno.

Pergunta: Em um volume de Oppenheim, de material onírico antigo, titulado *The Interpretation of Dreams in the Ancient Near East* [*A interpretação dos sonhos no Oriente Próximo antigo*], a gente tem a sensação de que os antigos intérpretes trabalhavam também sobre uma base coletiva. Você crê que é assim?

M. L. von Franz: Sim, na medida em que também eles faziam uma seleção nos sonhos, escolhiam aquilo que se relacionava com o material coletivo. Isto também é válido para o Artemidoro. Eu não conheço mais que um documento da antigüidade aonde há uma série de sonhos não selecionados, e se encontra em um texto proveniente do serapeo de Menfis. Um homem chamado Ptolomeu (parece-me que seu artigo foi publicado por Ulric Wilcken) meteu-se em dificuldades, acredito que por dívidas, por isso deveria ir à prisão, mas em troca optou por converter-se em noviço —um *Katochos*— no serapeo de Menfis, quer dizer o santuário de Serapis erguido em Menfis. De acordo com as normas, um *Katochos*

devia anotar seus sonhos, e temos o papiro de Ptolomeu —um papiro excepcional, em grego egípcio helenizado— onde constam sonhos assombrosamente «modernos». Por exemplo: «Encontrei-me com Fulano, e disse...», e a isso seguem algumas trivialidades, e logo outra vez o nome, e assim sucessivamente, como seria típico de nossos sonhos. É impossível interpretar um sonho assim, porque não conhecemos as associações. Em uma série de uns vinte e sete sonhos há dois ou três em que aparece a deusa Isis, por exemplo. Embora possamos entender os sonhos coletivos, nos quais aparecem figuras coletivas, com os outros não podemos fazer nada porque não sabemos as associações. Ptolomeu diz, por exemplo, que se encontrou com seu sobrinho, mas ninguém sabe o que significava para ele esse sobrinho.

Há algo mais que teve grande importância para mim quando descobri este documento, ou seja, que aquelas pessoas sonhavam exatamente igual a nós. Se lermos os sonhos dos babilônios, sente que eles não sonhavam como nós, porque no material onírico dos babilônios os sonhos se selecionam para adaptar-se à interpretação tradicional. Por exemplo, sonhar com uma cabra negra anuncia má sorte. Centenas de outros sonhos do mesmo homem que tivera um sonho assim passam sem pena nem glória, mas, como na tradição coletiva uma cabra negra que aparece em sonhos significa má sorte, aquele sonho registrou-se. O mesmo acontece hoje em nossas comarcas camponesas, onde ninguém presta atenção alguma aos sonhos ordinários. Mas se alguém sonha com um ataúde, ou com umas bodas ou uma serpente, disso se fala, e todos se perguntam se estará por morrer alguém da família; isto só é válido para os motivos tradicionais, e o resto do material onírico se despreza.

Mas os fragmentos dos sonhos de Ptolomeu nos mostram algo completamente diferente da bibliografia sobre sonhos da antigüidade, e um se dá conta de que sonhavam então como nós, embora a bibliografia sobre sonhos não relata mais que os poucos sonhos que concordam com suas teorias: se sonhou que a casa se incendiava, então está enamorado, coisas assim. Sempre se pode ver como chegavam à suas interpretações, que não eram do todo más, porque é bastante provável que alguém que está enamorado sonhe que lhe queima a casa. Esses livros estão organizados sobre experiências médias, mas todo o material onírico medieval, quão mesmo o da antigüidade, interpreta-se no nível da realidade. Ou seja, se alguém for morrer, sonhará com um visitante que receberá ou perderá dinheiro, e assim no mesmo estilo. Um sonho não se toma jamais como uma coisa ou um processo interior, mas sim o projeta sempre sobre o mundo exterior.

Inclusive hoje, aqui na Suíça, as pessoas simples costumam falar de seus sonhos, mas vendo-os só como pronósticos. Eu analiso uma mulher da limpeza, e outro dia me chamou seu irmão para me perguntar por que enlouquecia mais ainda a sua irmã analisando-lhe os sonhos, e para me dizer que os sonhos não são mais que tolices, como bem sabia ele, que o inverno passado sonhara três vezes com ataúdes, e na família não morreu ninguém! Este homem pensa à maneira clássica grego-egípcio-babilônica. Mas voltemos agora às tradições originais dos pequenos grupos primitivos, e suponhamos que um homem tem sonhos ou visões. Ante ele se abrem duas possibilidades: se conhecer alguém a

quem se considera xamã ou médico bruxo, ou a um sacerdote, consulta-o e aceita sua interpretação, ou, senão, pode manter-se independente e dar-se sua própria interpretação, extrair suas conclusões e elaborar um sistema completo.

Comentário: Então tudo depende da atitude e do entendimento de quem tem a autoridade e, em última instância, da questão de qual é a autoridade que se tem que respeitar mais, se a do intérprete que assinala a tradição ou a da pessoa que teve o sonho ou a experiência.

M. L. von Franz: Sim, e em última instância da pessoa que tem mais *mana*, a que leva a vida mais espiritual e tem maior autoridade. Por exemplo, às vezes, inclusive nesses países primitivos, as pessoas guardam para si suas experiências e cultivam seu próprio sistema, mas se depois fracassam na vida os consideram tontos, de modo que o homem que tem a arrogância bastante para querer ficar só corre o risco de que o vejam como a um possuído e um parvo, e não como um grande médico bruxo. Tem que correr esse risco, e só a vida pode demonstrar qual é a verdade. Mas inclusive nas tribos assim se distingue quem é um parvo e está possuído, e quem é um médico bruxo.

Comentário: Em termos cristãos poder-se-dizia que um homem assim carregaria sua cruz, mas que tudo dependia do motivo.

M. L. von Franz: Sim, isso mesmo. Ou, como acontece na heresiologia católica, alguém também pode ter uma revelação individual de Deus, que o leva a afastar-se do dogma da Igreja. Imaginemos que esta pessoa tem uma visão de Cristo e que Cristo lhe diz que é meio animal, ou um pouco parecido, e que então o homem anuncie que ele sabe que Cristo não só se encarnou como homem, mas também no nível de um animal. Se um homem acredita nisso, a Inquisição que o condena à fogueira diz também que ainda pode salvar-se e ainda pode ter razão. Terá que queimá-lo, porque o credo ortodoxo deve defender-se, mas a porta permanece aberta; dizem que o herege pode ter razão, mas que se quer aderir-se a sua verdade pessoal deve aceitar que o queimem por ela. Não pretendem que perca sua alma, porque Deus bem pode aceitá-lo no Paraíso, mas seu destino é também morrer queimado.

Uma coisa assim representa uma espécie de modéstia espiritual, porque embora o condenam à fogueira, não condenam sua alma nem sustentam tampouco que não haja salvação para ele. Um homem assim é bastante orgulhoso (ou solitário, ou espiritualmente independente) para confiar em suas próprias crenças e em suas experiências pessoais, e deve aceitar as conseqüências, mas a comunidade não o aceitará nos círculos católicos. Em outros círculos a atitude pode ser diferente. Conforme tive notícias recentemente, também os ensinamentos do catolicismo moderno modificaram-se ligeiramente em um sentido. Um jesuíta disse a um amigo meu que a um lhe permite acreditar algo, como ao homem da tribo a quem nos referimos antes, sempre que não lhe fale com ninguém mais do assunto, não o converta em doutrina e não tente converter a outros à mesma crença. Se simplesmente guarda-as para si, mas decide não rechaçar sua visão interior, então a Igreja Católica tampará os olhos ante o problema.

Comentário: Acredito que isso não só se aplica à Igreja Católica, mas também a qualquer grupo de pessoas. Depende se o indivíduo crê —ou não— que pode falar de sua experiência com seu grupo.

M. L. von Franz: Sim, e por isso com frequência digo às pessoas de personalidade esquizóide que sua loucura não está no que vêem ou no que ouvem, mas que não saibam a quem podem dizer-lhe. Se o guardassem para si, tudo iria bem. Tenho, por exemplo, uma paciente fronteiriça, uma mulher que percorre todos os psiquiatras acusando-os de serem uns racionalistas idiotas que não acreditam em Deus, e os conta suas visões. Acredito que seu único engano está em dizer a essa gente, porque isso é, simplesmente, ser uma inadaptada. Suas visões como tais estão perfeitamente, e o que a paciente pensa delas também, mas seu sentimento de extroversão é inferior, socialmente é uma inadaptada. Não deveria falar dessas coisas com um psiquiatra racionalista que não faz mais que perguntar se não teria que interná-la!

Comentário: Não, porque sua própria reputação também está em jogo!

M. L. von Franz: Sim, por certo. Seus colegas burlariam dele se começasse a acreditar nas visões de seus pacientes. Os colegas sempre se comportam assim, e falam de contra-transferência e essas coisas. É a tal ponto uma questão de ambição e prestígio e convenção coletiva..., quão mesmo passa conosco. Há outro aspecto do problema da alquimia, e é por que tem tanta importância para o homem moderno. A alquimia é uma ciência natural que representa um intento de entender os fenômenos materiais da natureza; é uma mescla da física e da química daqueles primeiros tempos, e corresponde à atitude mental consciente dos que a estudaram e se concentraram no mistério da natureza, e particularmente dos fenômenos materiais. É também o começo de uma ciência empírica, mas nessa história específica entrarei depois. O homem moderno médio, em especial o dos países anglo-saxões, mas também e cada vez mais em todos os países europeus, está treinado mentalmente na observação dos fenômenos das ciências naturais, enquanto que às humanidades, como bem vocês sabem, as desdenha cada dia mais. Esta é uma tendência da atualidade, na qual fica cada vez mais o acento sobre o enfoque «científico». Se analisarem vocês as pessoas modernas, encontram-se com que sua visão da realidade está muito influenciada pelos conceitos básicos da ciência natural, e com que o material compensatório ou de conexão que provê o inconsciente também é similar. A analogia é superficial, porque a razão é muito mais profunda.

Se se perguntar um por que em nossa *Weltan-schauung* [visão do mundo] preponderam até tal ponto as ciências naturais, pode-se ver que isto é o resultado de uma evolução prolongada e específica. Como possivelmente todos sabem, vista do ângulo mais especificamente europeu se considera que a ciência natural se originou no século VI a. C., para a época da filosofia pré-socrática. Mas se tratava basicamente de uma especulação filosófica sobre a natureza, porque havia muito pouca investigação experimental por parte dos primeiros cientistas da natureza. Seria mais correto dizer que o que nasceu naquele momento foi a ciência natural assim como a teoria ou conceito geral da realidade. A ciência natural, no sentido da experimentação que sempre levou a cabo o homem com os animais, as pedras, as plantas, a matéria, o fogo e a água, é muito mais ampla, e em tempos passados formou parte das práticas mágicas que se relacionam com todas as religiões e que se ocupavam daqueles materiais. Há

umas poucas exceções.

Por isso se poderia dizer que, em sua visão das realidades últimas da vida, o homem se sente afligido por idéias e conceitos vindos de seu próprio interior, por símbolos e imagens, mas se enfrenta também com os materiais externos. Isto explica por que, na maioria dos rituais, há algo concreto que representa o significado simbólico; por exemplo, a tigela de água que fica no centro para a adivinhação, ou algo desse mesmo gênero.

Por isso, à matéria e aos fenômenos materiais os aborda de maneira «mágica», e portanto nas histórias da religião de diferentes povos há símbolos religiosos que são personificações ou representações de demônios, com aspectos personificados pela metade, como há também divindades, isto é, fatores de poder, que têm um aspecto material. Todos vocês conhecem o conceito de *mana*, que inclusive os investigadores não junguianos da religião comparam com a eletricidade. Se um australiano esfregar seu *churinga* (2) para obter mais *mana*, seria com a idéia de recarregar seu totem, ou sua essência vital, como quem recarga uma pilha.

[2. Um tablete pequeno, com desenhos de retas e curvas, que os australianos usam para representar a alma de um indivíduo que conservam em lugares secretos (N. da T.)]

O conceito mesmo de *mana* suporta a projeção de uma eletricidade semi-material e divina, de uma energia ou um poder divino. Assim, as árvores alcançadas pelo raio representam o *mana*. Além disso, na maioria dos sistemas religiosos há substâncias sagradas, como a água e o fogo, ou certas plantas, como também espíritos, demônios e deuses encarnados que estão mais personificados e que podem falar em visões ou aparecerem e conduzir-se de maneira semi-humana. Em ocasiões, o acento fica melhor na natureza despersonalizada dos símbolos de poder, e outras vezes melhor em poderes personificados. Em algumas religiões um dos aspectos é mais dominante, e em outras o outro. Por exemplo, o sistema religioso cuja forma decadente se reflete nos poemas homéricos, nos quais os deuses do Olimpo grego aparecem semi-personificados, com suas deficiências humanas, constituem um exemplo extremo de divindades principalmente personificadas. Por outra parte, o extremo contrário da oscilação pendular encontra-se na filosofia natural grega, aonde subitamente toda a ênfase fica em símbolos tais como a água, da qual se diz que é o princípio do mundo, ou no fogo, como em Heráclito, todo o qual é uma revivificação da idéia do *mana* em um nível superior.

No cristianismo observa-se uma mescla: a Deus Pai e a Deus Filho, representa-os em geral na arte como seres humanos, e ao Espírito Santo, às vezes, como um ancião com barba, o qual é um esteriótipo idêntico ao de Deus Pai, mas freqüentemente como um animal, que é outra forma de personificação, ou também pode representar-se pelo fogo, o vento ou a água, ou pelo fôlego [que circula] entre o Pai e o Filho. De modo que o Espírito Santo, até na Bíblia, tem certas formas em que o descreve como fenômenos naturais tais como o fogo, a água ou a respiração, ou equipara-o com eles. Assim, o cristianismo tem uma imagem de Deus que representa ambos aspectos. Mas em outras religiões há ou vários humanos ou outros deuses, de modo que provavelmente tenhamos que nos expor

à hipótese de que o inconsciente gosta de aparecer em suas manifestações últimas, arquetípicas, simbolizado às vezes nos fenômenos



FIGURA 4

naturais, e outras vezes personificado. O que significa isto ?

A pergunta é muito difícil. Por que, por exemplo, tem alguém um conceito de Deus como um fogo invisível e divino que tudo o penetra, enquanto que outra pessoa imagina como algo semelhante a um ser humano? Atualmente, tendemos a pensar que um menino pequeno, com idéias de jardim de infância, imaginará a Deus Pai com uma barba branca, porém, mais adiante, adquirida já uma maior informação científica, imaginaria melhor —se o imagina— como uma potência significativa no cosmos ou um pouco parecido. Mas então, não fazemos mais que projetar nossa própria situação científica! Até onde eu vejo, não é verdade que aquelas manifestações ou idéias personificadas dos deuses, ou da Divindade, sejam mais infantis.

Para poder responder à questão seríamos forçados a estudar com cuidado uma quantidade de material onírico e nos perguntar depois, totalmente a parte deste problema religioso, o que quer dizer que um conteúdo arquetípico se manifeste como uma bola de fogo e não como um ser humano. Suponhamos que há dois homens, e que um deles sonha com uma bola de fogo que o reconforta e o ilumina, enquanto que ao outro lhe aparece no sonho um maravilhoso sábio ancião, e que para ambos a vivência é igualmente avassaladora. De um modo superficial, poder-se-dizia que ambas as imagens simbolizam o Si mesmo, quer dizer a totalidade, o centro, uma forma mais de manifestação da imagem de Deus. Qual é a diferença quando a experiência de um homem é de luz, ou de uma bola de fogo, enquanto que ao outro lhe aparece o sábio super humano?

Resposta: A anterior representaria o significado abstrato.

M. L. von Franz: Sim, alguém é mais abstrato —*abstrahere*—, mas é *abstractus* do que?

Comentário: Estaria mais afastado do humano.

M. L. von Franz: Sim, *per definitionem*, mas como responderia você ao analisando que lhe fizesse uma pergunta assim? Nunca podemos dar uma resposta absoluta, mas podemos dizer algo sobre isso. Eu muito simplesmente, perguntaria ao paciente, e trataria de animá-lo a seguir. Com um ancião sábio

pode-se falar, pode-lhe fazer perguntas ou expor todos seus problemas humanos —se deveria divorciar ou gastar seu dinheiro de tal ou qual maneira— e pode-se supor que, posto que se aparece nessa forma, deve saber algo do assunto, embora possivelmente responda que ele está muito afastado de todas essas coisas! Em todo caso, sensação primária, ou a conjectura, ou a atitude que suscita é que, com uma figura assim, a gente pode relacionar-se em um nível humano. Mas não se pode falar com uma bola de fogo nem fazer contato com ela, a não ser com algum recurso da ciência natural... É possível colocar em um recipiente de cristal, ou observá-la para ver o que é que faz; pôr-se de joelhos e adorá-la, mantendo-se à distância prudente para que não se queime, ou se colocar dentro dela e descobrir que é um fogo que não queima, mas que não é possível relacionar-se com ele de forma humana.

Então, a manifestação em uma forma humana deveria demonstrar a possibilidade de uma relação consciente, enquanto que uma forma desumana, ou a de um poder natural, não é mais que um fenômeno, e só é possível relacionar-se com ele na sua condição de tal. Evidentemente, seja o que for o Divino, tem as duas vertentes, e assim o mantiveram a maior parte das teologias. O que é um deus com quem não podemos nos relacionar? Senão pudermos lhe dizer nada de nossa alma humana, do que nos serve? Por outra parte, o que é um deus que não é mais que uma espécie de ser humano, e que não vai além disso? Também ele parece ser o Outro completamente misterioso, com o qual não podemos nos relacionar, da mesma maneira que não podemos nos relacionar com os fenômenos misteriosos da natureza. Portanto, é provável que sempre existira os dois aspectos deste centro íntimo e final da psique: um deles completamente transcendente, que se manifesta em um pouco tão remoto como o fogo ou a água, e outro que às vezes se manifesta em forma humana, o qual significaria que se aproxima de uma forma com a qual poderíamos nos relacionar.

Se alguém sonhar com a Divindade em figura humana, haverá então um grande caudal de experiência emocional e intuitiva de seu caráter e de sua proximidade. São Nicolas teve um sonho ou uma visão de Cristo que lhe aparecia como um *Berserk* (3) e logo, na mesma visão, o *Berserk* dizia ao povo a verdade sobre si mesmos; como era capaz de ver dentro deles o que realmente eram, as pessoas fugiam. Ele sabia no momento o que queriam lhe perguntar e, com frequência, simplesmente dava a resposta sem interrogá-los sequer. Por conseguinte, é óbvio que São Nicolas tinha a mesma qualidade que tinha Cristo em sua visão, o que seria um exemplo de algo pertencente ao inconsciente arquetípico e que penetra no ser humano. Se alguém sonhar com um arquétipo em forma humana, isso significa que o sonhador poderia, em alguma medida, encarnar o arquétipo. Este poderia manifestar-se no sonhador e expressar-se por sua mediação; nisto consiste a idéia do Cristo interior. Se alguém sonhar com o ancião sábio, pode acontecer que se encontre em uma situação impossível na qual lhe formulam uma pergunta impossível, mas subitamente lhe ocorre uma resposta perfeita! Se a pessoa for sincera, sente-se obrigada a admitir depois que não era ela quem falava. «Isso» falou por meio dela, mas ela não podia pretender que lhe ocorrera semelhante idéia. Isso seria a manifestação na pessoa do ancião sábio, de alguém ou algo que não é idêntico ao eu, mas que é uma ajuda em uma situação difícil.

[3. Na tradição e no folclore escandinavos, o membro de uma classe de ferozes guerreiros da época pagã. Em batalha, uma espécie de frenesi os levava a uivar como lobos ou grunhir como ursos, tinham a reputação de ser invulneráveis (N. da T.)]

Pergunta: Por que você nega necessariamente a identificação com o eu?

M. L. von Franz: Porque, se você se identificar, cai em uma inflação. Com isto deve ser sincero. Se você fez um esforço mental, pode dizer que a idéia foi dele, mas me aconteceu às vezes que disse algo e depois a pessoa o repetiu, dizendo que com aquilo eu lhe salvara a vida. Se eu for sincera, respondo que não me dera conta do que dizia, mas sim disse o que me ocorreu, e que aquilo resultou ter muito mais sabedoria que algo que eu pudesse pensar. Mas inclusive se a gente fez o esforço e tem a sensação subjetiva de que o pensou, de fato aquilo proveio do inconsciente, porque sem a cooperação deste não se pode produzir nada. Inclusive se a gente disser que às doze deve lembrar-se de fazer tal coisa, se o inconsciente não cooperar, esquecerá.

É óbvio, qualquer classe de visão mental interior provém do inconsciente, mas este postulado é exagerado, porque há vezes em que alguém tem a sensação de ter resolvido algo por seu próprio esforço, enquanto que em outra ocasião a idéia simplesmente lhe ocorre, sem esforço consciente de sua parte. É mister ser singelo e sincero, não deixar ganhar pela inflação nem reclamar para si mesmo essas boas idéias; quem falava —se é que assim o confirmam os sonhos— era o ancião sábio, ou a acordada viagem, ou a Divindade. Se alguém sonhar com o ancião sábio e tem uma experiência destas, essa é a demonstração empírica. A bola de fogo não oferecerá a mesma experiência, embora em certo sentido será ainda mais maravilhosa, porque a pessoa se verá muito mais afetada emocionalmente; estará afligida, paralisada pelo mistério, pela total alteridade do Divino.

Uma experiência do Divino costuma ser algo de um poder entristecedor que transcende nossa compreensão, que é perigoso, mas ao qual terá que adaptar-se, como terá que adaptar-se a certas manifestações da natureza, como a erupção de um vulcão. O espetáculo é muito formoso, mas não terá que se aproximar demasiado, e é impossível relacionar-se com ele. O único que se pode fazer é olhá-lo, mas é algo que jamais se esquecerá. Emocionalmente, tem um efeito sobre um, mas para descrevê-lo faria falta um poeta. Isso corresponderia às manifestações do arquétipo como fenômeno natural. A natureza tem, na experiência do ser humano, um aspecto numinoso e divino que explica por que a imagem de Deus tem ambos os aspectos. Na maioria das religiões há personificações de Deus em ambas as formas.

Na história da evolução da mente européia se manifestou, da época dos gregos, uma forma estranha de oposição e de *enantiodromia*. (4) Na religião homérica, o aspecto personificado estava exagerado. Na filosofia natural dos pré-socráticos exagerava-se o aspecto natural. Tanto que no estoicismo ficou mais ênfase no aspecto natural, na primeira época do cristianismo houve um retorno a um aspecto mais personificado, mas a partir dos séculos XV e XVI voltou-se a pôr ênfase no aspecto

da natureza. Parece como se na evolução da mentalidade européia se iniciasse um certo movimento de equilíbrio dos opostos, quer dizer da diferença ou contraste entre ciência e religião, que chegou logo a converter-se no grande pseudo-problema da modernidade posterior: o dilema de ciência ou religião.

[4. A idéia junguiana de que tudo termina por converter-se em seu oposto. (N. da T.)]

Refiro a ele em forma arbitrária e ridicularizando-o como pseudo-problema porque originariamente não era problema algum, e de fato não existe mais que uma só coisa: a busca da verdade essencial. Se voltamos àquela questão e dizemos que o que interessa é a verdade, e não em qual das faculdades universitárias tem que achar, então o problema se desinfla. Algumas pessoas ficam presas na projeção das representações arquetípicas do poder da natureza, e outras nos poderes personificados, e os dois grupos brigam. Entre vocês pode haver alguém que o objete e me pergunte como é que também os cientistas da natureza podem cair na armadilha das projeções. Para um analista, isto é evidente, mas quero explicá-lo brevemente para aqueles que possivelmente não se dedicaram muito a pensar nestas coisas.

Se lerem vocês a história da evolução da química, e em particular da física, verão que inclusive estas ciências naturais tão exatas não podiam, nem podem ainda, deixar de apoiar seu sistema de pensamento sobre certas hipóteses. Na física clássica, até finais do século XVIII, uma das hipóteses de trabalho, a que se chegou seja em forma inconsciente ou semi-consciente, era que o espaço tinha três dimensões, uma idéia que jamais questionaram. O fato se aceitou sempre, e os desenhos em perspectiva de fatos, diagramas ou experimentos físicos estavam sempre de acordo com aquela teoria. Só quando se abandona se pergunta um como é que se pôde acreditar jamais em semelhante coisa. Como se chegou a uma idéia assim? Por que estávamos tão presos nela que jamais ninguém duvidou, nem sequer questionou, aquela afirmação? Aceitava-se como um fato evidente, mas que base tinha?

Johannes Kepler, um dos pais da física moderna ou clássica, dizia que naturalmente o espaço devia ter três dimensões, porque eram três as pessoas da Trindade! De modo que nossa propensão a acreditar na tridimensionalidade do espaço é um broto mais recente da idéia trinitária cristã.

Além disso, até agora a mentalidade científica européia esteve possuída pela idéia da casualidade, aceita também sem questioná-la: tudo era causal, e a atitude científica consistia em afirmar que as investigações deviam fazer-se tendo presente esta premissa, porque para tudo devia haver uma causa racional. Se algo parecia irracional, acreditava-se que sua causa era ainda desconhecida. Por que estávamos tão dominados por aquela idéia? Um dos grandes pais das ciências naturais, e grande protagonista do caráter absoluto da idéia de casualidade, foi Descartes, o filósofo francês cuja crença se apoiava na imutabilidade de Deus. A doutrina da imutabilidade de Deus é um dos dogmas do cristianismo: a Divindade não muda, em Deus não deve haver contradições internas nem idéias ou concepções novas. Essa é a base da idéia de causalidade! Da época de Descartes em diante, isto parecia com todos os físicos tão evidente que ninguém o questionou. A ciência não tinha outra missão que

investigar as causas, e ainda o acreditamos. Se algo cair, terá que encontrar o por que: deve-o ter derrubado o vento ou algo assim, e estou segura de que se não descobrir nenhuma razão, a metade de vocês dirão que ainda não sabemos a causa, mas claro que tem que haver uma! Nossos prejuízos arquetípicos são tão fortes que não é possível defender-se deles: apanham-nos, sem razão.

O professor Wolfgang Pauli, físico [e prêmio Nobel], demonstrava com frequência até que ponto as ciências físicas modernas estão em certa medida arraigadas nas idéias arquetípicas. Por exemplo, a idéia de casualidade tal como a formulou Descartes é responsável de enormes progressos na investigação da luz e dos fenômenos biológicos, mas aquilo mesmo que promove o conhecimento se converte em sua prisão. Geralmente, os grandes descobrimentos nas ciências naturais se devem à aparição de um paradigma arquetípico mediante o qual se pode descrever a realidade; esta aparição costuma preceder aos grandes avanços, porque agora há um modelo novo que permite uma explicação muito mais completa do que até o momento era possível.

A ciência progrediu, pois, mas ainda qualquer modelo se converte em uma jaula, porque se a gente tropeçar com fenômenos difíceis de explicar, em vez de adaptar-se e dizer que não se correspondem com o modelo e que é mister achar outra hipótese, adere-se com uma espécie de convicção emocional às quais já tem, e não pode ser objetivo. Por que não teria que haver mais de três dimensões, por que não o investigamos a ver onde nos conduz? Mas isso era algo que a gente não podia fazer.

Recordo um exemplo muito bom que deu um dos discípulos de Pauli. Vocês sabem que a teoria do éter desempenhou um importante papel nos séculos XVII e XVIII. Esta teoria afirmava que no cosmos havia uma espécie de *pneuma*, semelhante ao ar, no qual existia a luz, etcétera. Um dia, quando em um congresso um físico demonstrou que a teoria do éter era ao todo desnecessária, ficou de pé um ancião de barba branca, que com voz tremente declarou: «Se o éter não existir, então tudo desaparece!». Inconscientemente, aquele ancião projetara no éter sua idéia de Deus. O éter era seu deus, e senão o tinha não ficava nada. Aquele homem tinha a ingenuidade suficiente para falar de suas idéias, mas todos os cientistas da natureza têm modelos últimos da realidade, nos quais acreditam como no Espírito Santo.

Como é questão de crença e não de ciência, é algo que não se pode submeter a discussão, e a gente se irrita e fica fanática apresenta-lhe um fato que não se adapta ao marco referencial. São capazes de dizer que todo o experimento é falso e que se devem apresentar fotografias, e é virtualmente impossível conseguir que aceitem o fato. Conheci um físico cujos sonhos apontavam a um descobrimento novo, ainda por fazer, e ao qual ele mesmo não chegara ainda, mas que estava no ar, por assim dizê-lo. A partir dos sonhos chega à conclusão de que devia abandonar sua crença em uma relação simétrica entre os fenômenos materiais. O físico disse que uma idéia assim o tornaria louco! Mas uns três meses depois, publicaram-se resultados experimentais que demonstravam com exatidão que o que ele sonhara era correto, e que teria que renunciar à suas antigas idéias sobre a ordem cósmica.

Quer dizer que o arquétipo é o promotor de idéias, e é também o causador das restrições emocionais que impedem que se renuncie à teorias anteriores. Na realidade, não é mais que um detalhe ou aspecto específico do que acontece continuamente na vida, porque não poderíamos reconhecer nada sem projeção, mas esta é também o principal obstáculo que se opõe a que alcancemos a verdade. Se um se encontrar com uma desconhecida, não é possível estabelecer contato sem projetar algo; alguém deve expor uma hipótese, coisa que por certo se faz em forma totalmente inconsciente: a mulher é maior, e provavelmente uma espécie de figura materna, é um ser humano normal, etcétera. A partir dessas hipóteses se estabelece a ponte. Quando a gente conhecer melhor à pessoa, terá que descartar muitas das primeiras hipóteses e admitir que nossas conclusões eram incorretas. A menos que isto se faça, o contato se travará.

Ao princípio um tem que projetar, ou se não há contato, mas depois terá que ser capaz de corrigir a projeção, e o mesmo vale não só para os seres humanos, mas também para todo o resto. É necessário que o aparelho de projeção funcione em nós, porque sem o fator de projeção inconsciente nem sequer pode ver nada. Por isso, de acordo com a filosofia da Índia, a totalidade da realidade é uma projeção, e falando subjetivamente o é. Para nós, a realidade existe somente quando fazemos projeções sobre ela.

Pergunta: É possível relacionar-se sem projeção?

M. L. von Franz: Não acredito. Filosoficamente falando, não é possível relacionar-se sem projeção, mas há um *status* do sentimento subjetivo em virtude do qual um às vezes sente que sua projeção «calça» e não há necessidade de trocá-la, e outro *status* no qual se sente incômodo e pensa que terei que corrigir a situação. Mas nenhuma projeção se corrige nunca sem essa sensação de desconforto.

Suponhamos que levamos dentro um mentiroso inconsciente e nos encontramos com alguém que minta como um contador de história. A única forma de reconhecer o mentiroso no outro é sê-lo nós mesmos, porque de outra maneira não nos daríamos conta de que ele mente. Só é possível reconhecer uma qualidade em outra pessoa se tivermos a mesma qualidade e conhecermos a sensação que se experimenta ao mentir, e por isso reconhecemos a mesma coisa em outra pessoa. Como o outro é realmente um mentiroso, fizemos uma avaliação acertada; por que, pois, teríamos que dizer que é uma projeção que deve ser retirada? Constitui uma base para a relação, porque pensamos para seu adentro: se X é um mentiroso, não devo acreditar do todo nada que ele me diga, a não ser questioná-lo. É algo muito razoável, bem adaptado e correto. Seria um grave engano pensar que não é mais que uma projeção de um, e que deveríamos dar crédito à outra pessoa; fazê-lo assim seria uma tolice. Mas se o encara filosoficamente, é uma projeção ou o enunciado de um fato? Filosoficamente não se pode chegar a uma conclusão, só se pode dizer que subjetivamente parece correto. Por isso Jung diz —e este é um ponto delicado, que raras vezes entendemos quando pensamos na projeção— que só podemos falar de projeção, no sentido próprio da palavra, quando já existe certo desconforto, quando a identidade de que sente está perturbada; quer dizer, quando tenho uma sensação de inquietação a

respeito do que disse de X é ou não é verdade. Enquanto isso não aconteceu em forma autônoma dentro de mim, não há projeção.

A mesma idéia se aplica às ciências naturais. Por exemplo, a teoria de que a matéria consiste em partículas se apóia na projeção de uma imagem arquetípica, porque uma partícula é uma imagem arquetípica. A energia também é uma imagem arquetípica, um conceito intuitivo com um fundo arquetípico. Não é possível investigar a matéria sem hipótese como estas, quer dizer, que há algo que é a energia, algo que é a matéria e algo que são as partículas.

Mas posso me encontrar com fenômenos que me dão uma sensação de inquietação. Por exemplo, há fenômenos nos quais não posso falar de que este elétron, ou este méson, esteja em um momento dado em um lugar definido, embora, se existir algo ao que caiba chamar partícula, deve estar em certo lugar em um momento dado, porque isto parece, de fato, arquetipicamente evidente. Mas agora os experimentos modernos demonstram que esta teoria é insustentável, que não se pode determinar onde estão certos elétrons em um momento dado, de maneira que nos vemos confrontados com um fato que põe em questão a totalidade de nossa idéia do que é uma partícula. Agora estamos incômodos, e poderíamos reconhecer que ao falar de partículas, em parte, projetamos, e que é uma projeção o que estorva nossa percepção da realidade. Mas antes de que surja a inquietação —devida ao fato de que nossa projeção não enquadra, de que em certos experimentos a partícula não se conduz como esperaríamos—, não duvidaríamos de nosso conceito.

Assim na ciência natural, quão mesmo nos contatos interpessoais, dá-se o mesmo problema da projeção; até as formas mais científicas, mais modernas e mais exatas das ciências naturais de hoje se apóiam, todas, em projeções. Na ciência, o progresso é a substituição de uma projeção primitiva por outra mais precisa, de modo que se pode dizer que a ciência se ocupa da projeção de modelos da realidade aos quais os fenômenos possam adequar-se mais ou menos bem. Se os fenômenos parecem coincidir com meu modelo, perfeito, mas senão, tenho que revisar meu modelo. Como se liga tudo isto é um grande problema.

Já vocês sabem que entre Max Planck e Einstein houve uma famosa discussão, em que Einstein sustentava que, no papel, a mente humana era capaz de inventar modelos matemáticos da realidade. Ao dizê-lo generalizava sua própria experiência, porque isso é o que ele fazia. Einstein concebia suas teorias em forma mais ou menos completa sobre o papel, e depois a evolução experimental da física demonstrava que seus modelos explicavam muito bem os fenômenos. Por isso Einstein diz que o fato de que um modelo construído pela mente humana em uma situação de introversão concorde com os fatos externos é um milagre e deve tomar-se como tal. Planck não está de acordo; ele pensa que concebemos um modelo que verificamos mediante experimentos, depois do qual revisamos o modelo, de modo que há uma espécie de fricção dialética entre o experimento e o modelo, por obra da qual chegamos lentamente a um fato explicativo composto por ambos. Platão-Aristóteles em uma forma nova! Mas ambos se esqueceram de algo: do inconsciente. Sabemos algo mais que aqueles dois homens;

ou seja, que quando Einstein faz um novo modelo da realidade conta com a ajuda de seu inconsciente, sem o qual não chegaria à suas teorias.

Mas, que papel desempenha o inconsciente? Pareceria que produz modelos aos quais se pode chegar diretamente de dentro, sem olhar aos fatos externos, e que depois dão a impressão de coincidir com a realidade externa. Trata-se de um milagre ou não? Há duas explicações possíveis: ou o inconsciente tem conhecimento de outras realidades, ou o que chamamos o inconsciente é parte da mesma coisa que a

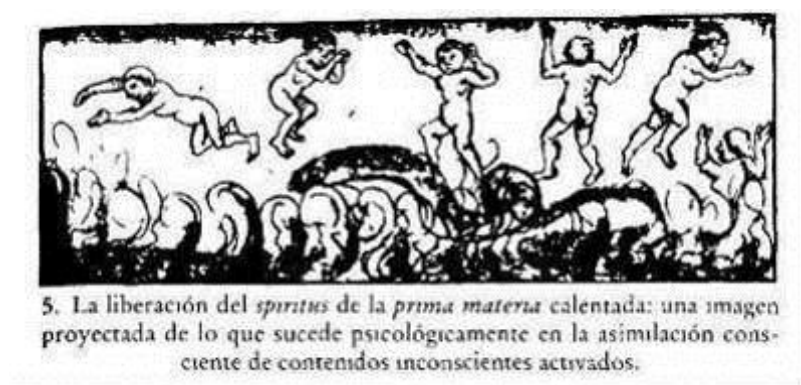


FIGURA 5

realidade externa, porque não sabemos de que maneira se vincula o inconsciente com a matéria. Se uma idéia maravilhosa, tal como a forma de explicar a gravitação, surge de dentro de mim, posso dizer que o inconsciente imaterial dá-me uma idéia maravilhosa sobre a realidade material, ou devo dizer que o inconsciente dá-me uma idéia tão maravilhosa da realidade externa porque ele mesmo vincula-se com a matéria, é um fenômeno da matéria, e a matéria conhece também à matéria?

Aqui chegamos a um beco sem saída em relação à forma de prosseguir, e temos que deixar a questão aberta e dizer que a grande incógnita é que não sabemos como seguir. Podemos formular duas hipótese. O doutor Jung se inclina a pensar —embora nunca formulou seu pensamento, ou só o fez hipoteticamente, porque não podemos fazer mais que hipótese ou conjeturas— que é provável que o inconsciente tenha um aspecto material, e que seria por isso que sabe coisas sobre a matéria, porque —por assim dizê-lo— é matéria que se conhece si mesmo. Se assim é, haveria então um fenômeno de consciência, escuro ou tênue, inclusive na matéria inorgânica.

Aqui entramos em contato com grandes mistérios, mas falo deles porque é muito mesquinho dizer que o velho alquimista, quer dizer, o científico natural da antigüidade medieval, projetava na matéria imagens inconscientes, e que atualmente nós o temos tudo muito claro e sabemos o que é o inconsciente, mas que aquela pobre gente não os distinguiu, o que explica que fossem tão atrasados e que fantasiassem de uma maneira tão pouco científica! O problema psique-matéria ainda não está resolvido, e precisamente por isso não está resolvido ainda o enigma básico da alquimia. Tampouco nós achamos resposta à questão que eles expõem. Podemos ter projeções referentes a muitas coisas, tal

como eles as tinham da matéria, mas preferimos qualificar àquelas de projeções ingênuas do inconsciente, porque nós já deixamos atrás esses modelos. Ainda podemos reconhecê-los como fenômenos do inconsciente, ou como matéria de sonhos, mas já não reconhecemos o caráter científico. Por exemplo, se alguém disser que o chumbo contém um demônio, podemos dizer que projeta sobre o chumbo a sombra e as qualidades demoníacas do homem, mas já não podemos pretender que o chumbo contém um demônio porque deixamos atrás aquela projeção e chegamos a uma conclusão diferente a respeito de por que e como nos faz mal o chumbo.

Basicamente, entretanto, a alquimia continua para nós um problema aberto, e por isso ao tocá-la, Jung sentiu que tocava algo que o levaria mais longe, e que ainda não sabia até onde. Acredito que também é em parte por isso que temos tal resistência à alquimia, porque nos confronta com algo que ainda não podemos entender. Mas está bem que assim



FIGURA 6

seja, porque o devolve um a si mesmo, e a modesta atitude de ter que descrever os fenômenos de acordo com nosso conhecimento atual.

Na próxima conferência começaremos com o primeiro texto grego.

Segunda conferência: A ALQUIMIA GREGA

A vez anterior tentei lhes dar um breve esboço da importância do simbolismo alquímico: em primeiro lugar, contém uma coleção de símbolos arquetípicos com um mínimo de personificação, e, além disso, há grande quantidade de material simbólico proveniente de imagens armazenadas no inconsciente.

Para o homem, estas imagens da água, do fogo e do metal são, simbolicamente, tão importantes como qualquer outra personificação do inconsciente. Ademais, aqui a psique inconsciente e a matéria ainda não estão separadas; a religião, a magia e as ciências naturais não se dividiram ainda. Estamos confrontados com a situação originária, em que não se diferenciaram ainda as faculdades e categorias por mediação das quais observamos a natureza interna e a externa. O homem como totalidade olha a

natureza como totalidade e elabora certas hipóteses de trabalho na busca da verdade.

Recordarão vocês que ao terminar minha primeira conferência assinalai que agora, depois de deixar atrás as primeiras etapas da ciência natural, podemos reconhecer como projeções do inconsciente muito do que antes se disse sobre os diferentes materiais e processos na matéria, por mais que sobre certas afirmações não se chegou a conclusões definidas. Por exemplo, em um documento medieval atribuído ao Alberto Magno há uma teoria sobre a água pesada que parece uma antecipação completamente intuitiva da água pesada que hoje conhecemos. Por conseguinte, esse simbolismo contém também vagas intuições que se anteciparam aos descobrimentos de uma evolução posterior da ciência, embora ainda não sabemos o que era que antecipavam, porque não sabemos o que outros descobrimentos farão os cientistas da natureza.

Em última instância, e como já disse, a questão de se o inconsciente estiver de algum jeito conectado com a matéria, e de que maneira, não está ainda resolvida. Não queremos cair na conjectura, e por isso nos abtemos de enunciado algum; apenas se expusermos a hipótese de que há uma psique que se manifesta nos sonhos e de modos psicológicos involuntários que podemos estudar, tal como os físicos dizem que há algo assim como a matéria ou a energia, e isso é o que estudam. Mas estamos já começando a ver que certos resultados são tão similares que é como se estivéssemos perfurando túneis desde ambos os lados para o centro da mesma montanha. Embora na realidade ainda não nos encontramos, parece como se estivéssemos avançando para o mesmo objetivo e que houvesse, portanto, a possibilidade de nos encontrar um dia.

Recordarão que insisti também no ponto, possivelmente o mais importante, de que ao observar e experimentar seus símbolos, e em suas descrições escritas, os alquimistas trabalhavam sem nenhum programa religioso ou científico consciente, de modo que suas conclusões são impressões espontâneas e não corrigidas do inconsciente, com muito pouca interferência consciente, a diferença de outros materiais simbólicos que sempre são revisados. Por isso é muito gratificante descobrir que neste material espontâneo há afinidade com certos produtos do inconsciente de pessoas modernas que, com uma espécie de atitude científica natural, um mínimo de prejuízos e uma atitude de reconhecimento interior, observam o que acontece sem apressar-se a extrair conclusões teóricas, com resultados que, entretanto, são muito similares. A abordagem não programada, por assim dizê-lo, é comum à alquimia e à psicologia analítica.

Desta vez quero atender a um dos textos mais antigos que se conhecem, em que a profetisa Isis se dirige a seu filho Horus, e no qual o emblema da lua crescente aparece depois do título. Mas primeiro devemos considerar como é que chegamos a estar em posse de textos assim.

Como vocês sabem, os produtos da antigüidade desapareceram na Idade Média e posteriormente foram redescobertos. Primeiro, as ciências críticas os organizaram em grandes tomos. Por exemplo, os cientistas da antigüidade tardia recolheram a história da filosofia e da filologia em volumes como os que chamaríamos hoje enciclopédias, ou livros de escolas, que dão resumos: Platão

diz..., Aristóteles diz..., os estóicos dizem... e assim sucessivamente. Lamentavelmente, se os compara com o espírito crítico dos cientistas modernos, aqueles homens eram bastante imprecisos. Por isso suas teorias foram sugeridas com certo desalinho, fazendo que a totalidade do trabalho se assemelhe a uma correnteza lamacenta. Os escritos mais antigos e os mais recentes confundem-se com os comentários, que foram copiados e

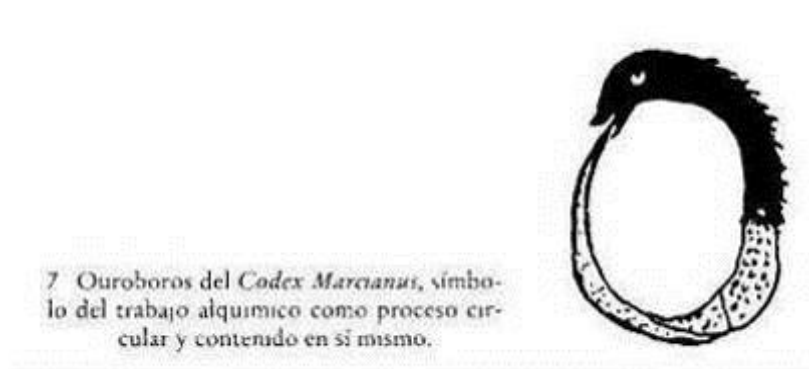


FIGURA 7

voltados a copiar, dispostos de outra maneira e abreviados, e assim seguindo... e de tudo isto fomos os herdeiros. Na Idade Média, sem crítica alguma, fez-se uma seleção destes textos, e dela voltaram-se a fazer revisões.

Parecido destino ocorreu na química. No século V, por exemplo, Olimpiodoro recolheu em um volume uma coleção dos ditos mais antigos. Temos muitas obras diferentes deste tipo, e também produções separadas. Todas elas foram reunidas em Veneza, em um enorme volume manuscrito em grego, que recebeu o nome de *Codex Marcianus*, porque «a Marciana» era a biblioteca de Veneza. Neste *Codex Marcianus* encontra-se recolhido em sua totalidade o conglomerado de ditos antigos e mais recentes, o material grego e outros, que foram publicados mais ou menos tal como estão pelo famoso M. Berthelot, quem publicou o volume sem muita avaliação crítica e, em colaboração com um tal M. Ruelle, acrescentou-lhe uma tradução francesa bastante superficial, para que finalmente o pudesse imprimir e iniciar seu estudo. Após reuniram-se mais versões e mais manuscritos, mas este continua a edição básica e o texto básico principal.

As decisões referentes a quem era quem, quem escreveu o que, e à idade dos diferentes escritos não passam de ser conjeturas, porque alguns falam do século I e outros do século III —quer dizer que suas estimativas diferem em trezentos anos— e nesta mescla de tradições é muito pouco a ordem que se estabeleceu. Como passa com todas as ciências naturais, os primeiros foram tradições gregas diretas provenientes de Constantinopla. Outra corrente da tradição científica provinha do Oriente e retornou à Europa pela via da Espanha, o sul da França e Sicília; esta corrente se produziu a partir do século X, quando as Cruzadas conectaram a Europa com o Oriente.

A história da química é completamente idêntica a da matemática e da astrologia, e a outros ramos como a geometria: parte foi ao Império bizantino, pela via de Constantinopla, e o resto ao

Oriente, e retornou à Europa por mediação dos árabes. Os árabes, em geral, eram tradutores muito fiéis e acrescentavam muito pouco; simplesmente, traduziam do grego à árabe. Também foram famosos muitos tradutores sírios. Parte das tradições foram também à Pérsia, e no Oriente houve certos centros que traduziam os textos. Temos textos em grego e em árabe, e em latim tardio. Ali onde o texto grego se perdeu, temos o árabe, mas dos nomes e de outros detalhes se pode concluir que o original era grego. Depois, nestes centros árabes e muçulmanos estiveram as diferentes seitas que cultivaram estas tradições; por exemplo os xiitas, seita persa formada no ano 644 em oposição aos sunnitas ou muçulmanos ortodoxos; e os drusos, um povo sírio, metade cristão e metade maometano, cuja linguagem era puramente árabe. Já nestes centros islâmicos uns poucos árabes reconheceram que o simbolismo alquímico continha um simbolismo religioso e o vivenciaram como mais religioso que químico, adicionando elementos de sua própria experiência. Entretanto, pelo comum se limitavam a traduzir.

Um dos hispano-árabes mais famosos é al-Razi, em latim *Rasiz*, que cultivou as ciências em sua vertente química. Foi ele quem introduziu na química a necessidade de pesar as substâncias. Antes se dizia simplesmente: «Ponha um pouquinho de enxofre e um pouquinho de chumbo», e já está. Para al-Razi, o «pouquinho» era muito importante, e estabeleceu que se deviam tomar tantas ou quantas partes, ou onças, para o caso, de modo que a ele lhe deve o grande lucro de estabelecer pesos e medidas exatas, o que significou para as ciências naturais um grande passo adiante quanto à precisão. Neste aspecto devem-lhe muito, mas não na dimensão simbólica, já que al-Razi foi puramente um técnico.

Seu homólogo no mundo árabe seria Muhammad ibn Umail, que nos textos latinos figura como *Sénior*. Chamavam-no o Xeque, e no texto latino isto foi traduzido como *Sénior*, «o Velho», o que seria a tradução correta, de modo que na tradição latina continuou *Sénior* e só mais tarde descobriu-se que o tal *Sénior* era Muhammad ibn Umail. Em Hyderabad encontraram-se quase uma centena de escritos deste importante místico, ainda não publicados. Embora seja um material extremamente prometededor, é tão pouca gente que se interessa pela alquimia que ninguém se preocupa em traduzi-lo nem publicá-lo. Quer dizer que há minas de ouro, e ninguém que as trabalhe!

Algumas destas pessoas fizeram seus próprios acréscimos e depois, como já disse, produziu-se um retorno por mediação das Cruzadas. Uma das pontes intelectuais com a Europa deu-se pela via dos templários, que chegaram a ter uma estreita relação com os drusos, uma seita mais mística e pagã dentro mundo islâmico, que eram súditos do «Velho da Montanha», o Ímã, ou chefe da seita. Tinham uma hierarquia iniciática, e os templários interessaram-se pelo simbolismo de sua doutrina. Os drusos tiveram estreito contato, provavelmente em Jerusalém, com alguns membros superiores da ordem dos templários e com suas práticas supostamente pagãs, por isso posteriormente perseguidos. Os drusos contagiaram-se destas fontes, como também das inclinações pagãs de Federico II, o Stauffer, em cuja corte siciliana havia —para grande irritação do Papa— astrólogos, matemáticos e profetas judeus e islâmicos.

Desta maneira, como também através da famosa ilha de Rodas, onde os Cavaleiros de São João chegaram a conectar-se com o Oriente e com lugares como a Espanha e o sul da França, chegaram estes escritos a ser traduzidos, entre outros, pelos judeus. Traduzidos os textos ao latim, iniciou-se o grande influxo desta tradição científico-natural na Europa. A Igreja, representada principalmente pelo Alberto Magno, São Tomás de Aquino e alguns outros, tentou eliminar a dupla tradição de Igreja e ciência natural, e assimilar e integrar a totalidade na doutrina da Igreja, mas o intento não teve êxito mais que parcialmente.

Valha isto como o breve resumo da situação histórica e do material que nos interessa.

Disse que daria a vocês três horas sobre alquimia grega antiga, três sobre a alquimia árabe e três sobre os textos latinos medievais. Começaremos com o antigo texto grego que se encontra no *Codex Marcianus* e que pertence provavelmente ao que chamamos os escritos mais antigos. Intitula-se *A profetisa Isis e seu filho*, e embora o título não o diz, sabemos que o filho é Horus. Debaixo do título está o signo da lua crescente, mas ninguém sabe o que significa. Darei o material sem adicionar nada para que vocês possam recebê-lo diretamente, sem influência de nada que se disser depois sobre isso. É provável que o documento se remonte ao primeiro século de nossa era; esta é a opinião comum dos estudiosos, mas também poderia ser mais antigo. Se lerem vocês o que se escreveu sobre estes livros saberão que o mais provável é que foram escritos em tal e qual século, mas que sem dúvida se apoiavam em textos mais antigos, o que implica certa incerteza, de maneira que digamos que foi a época helenística. Se por acaso algum de vocês tem o texto original, quero dizer que não uso o francês a não ser minha própria tradução.

Recordarão a famosa batalha em que Seth deixou cego ao Horus, e que por sua vez Horus cortou-lhe os testículos, e sabem que depois ambos foram curados pelo Thot, o deus lunar, e que inclusive cooperaram na ressurreição de seu pai, Osiris. Recordarão também a famosa batalha do Horus, o deus solar que restabeleceu a ordem, contra Seth, o Ardente (assim chamado porque representava a paixão caótica, a destruição, a brutalidade e coisas semelhantes), que era o inimigo e assassino de Osiris. Isis começa: Oh, meu filho, quando desejava combater ao trair Tufão [Seth] por todo o reino de seu pai [o reino de Osiris] eu passei um tempo em Hormanouthi, quer dizer Hermópolis, a cidade de Hermes, a cidade da técnica sagrada do Egito, e ali fiquei algum tempo.

Depois das palavras «a cidade de Hermes» há uma pequena observação marginal escrita com a mesma letra do original, que diz: «Isto o diz em sentido místico», quer dizer, que o nome da cidade deve entender-se em sentido místico. «A técnica sagrada» —*hiera techne*— se refere à alquimia.

Depois de certo transcurso do *kairoi*, e do necessário movimento da esfera celeste aconteceu que um dos anjos que moravam no primeiro firmamento me viu de cima e veio para mim desejoso de unir-se sexualmente comigo. Estava com grande pressa de que assim fosse, mas eu não submeti a ele; resisti, porque desejava lhe perguntar pela preparação do ouro e da prata.

O *kairoi* desempenha um papel enorme em outro antiquíssimo texto alquímico aonde o escritor

Zósimo, a quem vocês já conhecem pelos comentários do doutor Jung, diz que todo o funcionamento alquímico depende do *kairos* e ele, inclusive, chama à operação alquímica o *kairikai baphai*, o colorido do *kairos*. Sua teoria é que os processos químicos nem sempre acontecem por si só, a não ser só no momento astrológicamente adequado; isto é, se trabalho com prata, a lua —que é o planeta da prata— deve estar na posição adequada, e se trabalho com cobre, Vênus tem que estar em determinada constelação porque senão estas operações com prata e cobre não dariam resultado. A gente não pode limitar-se a tomar esses dois metais e uni-los, mas sim também deve ter em conta a constelação astrológica e esperá-la, e rogar aos deuses, e, se tudo isto estiver em ordem, então pode ser que a operação química funcione. O que significa esta idéia do *kairikai baphai* é levar em consideração a constelação astrológica. Por conseguinte,



FIGURA 8

naquela época e neste contexto, *kairos* significa o momento astrológicamente correto, o momento em que as coisas podem ter um resultado afortunado. O alquimista é o homem que não só deve conhecer a técnica, mas também sempre deve ter em conta estas constelações. Por conseguinte, Isis diz que de acordo com o transcurso destes momentos (há um momento atrás de outro, e a gente tem que escolher o oportuno), e de acordo com o movimento da esfera celeste (o qual significa todos os movimentos dos planetas), aconteceu (a palavra grega *sunebe* é também um acontecer sincrônico dos fatos) que um dos anjos do primeiro firmamento pôs sobre ela seus olhos e quis unir-se sexualmente com ela. Ela o desanima, porque quer conseguir dele o segredo alquímico, e negociando chega ao acordo de que só lhe entregará se ele primeiro lhe disser tudo o que saiba do assunto.

Quando lhe fiz minha pergunta, respondeu que não desejava responder-me porque era um mistério muito grande [o mistério superlativamente grande, por dar uma tradução mais livre, porque é um mistério muito avassalador], mas disse que voltaria no dia seguinte e que com ele viria um anjo



maior, Amnaël, que poderia me responder e resolver meu problema. E me falou de seu sinal [referindo-se provavelmente a como reconheceria Isis ao anjo] e me disse que sobre a cabeça levaria, e a tiraria para ensinar-me, uma vasilha de cerâmica cheia de água brilhante. O [o outro anjo] queria me dizer a verdade. Essa vasilha é um *possoton* e nela não há breu.

Estou lhes dando o texto exatamente tal como é, e aqui na margem do texto está este signo. Posso acrescentar que sabemos que este é o signo do deus Khnoufis. Às vezes, o mesmo sinal se usa também para o deus lunar Khnos.

No dia seguinte, quando o sol estava em metade de seu percurso [isto é, ao meio-dia], desceu o anjo que era maior que o outro, e viu-se preso do mesmo desejo por mim e se encontrou em grande apuro. [Ele também queria violar Isis.] Mas em que pese a tudo, quão único eu queria era lhe fazer minha pergunta. [Ela volta a postergá-lo, pensando unicamente em sua pergunta.] Quando ficou comigo, não me entreguei a ele. Resisti e venci seu desejo até que me mostrou o sinal sobre sua cabeça, e me deu a tradição dos mistérios sem reservar-se nada, a não ser em sua total verdade. [Desse modo ela ganha a batalha e lhe diz tudo o que sabe sobre a técnica da alquimia.] Então voltou a assinalar o signo, na vasilha que levava sobre a cabeça, e começou a me dizer os mistérios e a me falar da mensagem. Então mencionou pela primeira vez o grande juramento e disse: «Você conjuro em nome do Fogo, da Água, do Ar e da Terra [duas vezes um quaternário]; você conjuro em nome da Altura do Céu e da Profundidade da Terra e do Mundo Subterrâneo; você conjuro em nome de Hermes e de Anubis, do Uivo de Kerkoros e do dragão guardião; você conjuro em nome daquele bote e de seu barqueiro, Acharontos; e lhe conjuro em nome das três necessidades, e dos látigos e da espada». Depois que teve pronunciado este juramento, com ele me fez prometer que jamais diria o mistério que estava a ponto de ouvir, exceto a meu filho, meu menino, e meu amigo mais íntimo, de modo que você sou eu, e eu sou você.

O texto é bastante curto. Significa que o que Isis obtém agora do anjo é um mistério imenso e que só poderá dizer a seu filho Horus e a seu amigo mais íntimo. Da redação não fica claro se seu filho é seu amigo mais íntimo ou se se tratar de duas pessoas; tampouco se sabe se «de modo que você sou eu, e eu sou você» significa «Você, meu filho, sou eu» ou se se refere ao anjo e Isis, embora seja provável que ambas as interpretações sejam válidas. Significa simplesmente que a pessoa que reparte esse mistério à outra cumpre ao mesmo tempo a união mística, o matrimônio sagrado entre mãe e filho, Isis e Horus, ou entre o anjo e Isis, porque cada vez que se revela o mistério os dois também se convertem em um; este é provavelmente o significado.

Agora vê e observa e pergunta ao Acheron o camponês. [Uma variante diz Acharontos. Não há transição aqui no texto, mas parece ser que, a partir daqui, o que segue é o mistério. Infelizmente, naqueles dias não havia sinais nem aspas, nem nada semelhante. A gente nunca sabe onde deveriam ir as aspas, mas acredito que é óbvio que começam aqui. Significa que agora será repartido o mistério e que nosso dever é escutá-lo.] Vê, olha, e pergunta ao camponês Acharontos, e aprende dele quem é o

semeador, quem é o colhedor, e aprende deste modo que quem semeia cevada também colherá cevada e que quem semeia trigo também colherá trigo. Agora, meu menino, ou meu filho, você ouviu esta introdução, e a partir dela dá-se conta de que isto mesmo é a criação inteira e todo o processo de chegar a ser, e sabe que um homem só é capaz de produzir um homem, e um leão um leão, e um cão um cão, e se algo acontece contrário à natureza [o qual significa provavelmente contrário a esta lei], então é um milagre e não pode continuar existindo, porque a natureza desfruta da natureza, e a natureza vence a natureza. [É o famoso dito que aparece também em muitos outros textos, mas em geral como: «A natureza desfruta da natureza, a natureza fecunda à natureza, e a natureza vence à natureza».] Ao ser parte do poder divino, e estar feliz com sua divina presença, responderá agora à suas perguntas sobre as areias, que um não prepara a partir de outras substâncias, pois um deve ater-se à natureza existente e à matéria que tem entre as mãos para preparar coisas. Tal como disse antes, o trigo cria trigo, e um homem engendra um homem, e assim também o ouro dará colheita de ouro, o mesmo produz o mesmo. Agora manifestei para você o mistério.

No começo da seção seguinte há algo estranho, onde diz «prepararemos» e segue assim, falando em plural. É possível que isto signifique que Isis e Horus agora já estão juntos. Depois vem um começo clássico de antigas recitações orais. Em alemão as recitações se iniciam com «*Man nehme*» [«Toma-se»], e em grego com «*Labom*», isto é, «Tomando». Começa aqui o parágrafo seguinte.

Toma mercúrio, fixa-o em torrões de terra ou com magnésio ou enxofre e guarda-o. [Esta é a fixação mediante o calor, a mescla de elementos.] Toma uma parte de chumbo e da preparação fixada mediante o calor, e duas partes da pedra branca, e da mesma pedra uma parte, e uma parte de Realgar amarelo [isso significa sulfureto vermelho de arsênico] e uma parte da pedra verde [isso não se sabe o que é]. Misturando tudo com chumbo e, quando se desintegrar, reduz-se três vezes a líquido [quer dizer, funde-o três vezes].

Toma mercúrio que se embranqueceu mediante o cobre e tira dele outra parte, e usa uma parte de magnésio dominante, com uma parte de água, e do que fica no fundo da vasilha e que foi tratado com suco de limão, e uma parte de arsênico que catalizara com a urina de um menino varão ainda não corrompido, e depois outra parte da Cadmeia [*cadmia*, *calamine* em inglês (*calamina* em castelhano), o que se refere simplesmente a um mineral que engendra fogo] e uma parte de pirita [também um mineral que engendra fogo], e uma parte de areia cozida com enxofre, e duas partes de monóxido de chumbo com asbesto, e uma parte das cinzas da Kobathia [isto é provavelmente também um sulfato de arsênico], liquidifica tudo com um ácido muito forte, um ácido branco, e seca-o e então terá o grande remédio branco.

Isto segue assim durante duas páginas mais, mas tomarei a liberdade de abreviá-lo. Quero confrontá-los com isso, porque até agora não sabemos o que significam estas palavras. Naturalmente, os químicos fazem um estudo profundo dos textos e chegaram a estabelecer com certa probabilidade que palavras gregas poderiam aludir a que substância, posto que em alguns casos há uma pequena

descrição que mostra que têm tal e qual efeito, do qual o químico poderia deduzir que o que se indicava era certa substância definida. Mas no caso de muitas outras palavras, por exemplo Kobathia —que eu traduzi como «pedra verde»— e a palavra que não traduzi, mas sim deixei como «magnésio» embora não é o que agora designamos como magnésio, na realidade não sabemos a que se referem; estamos bastante seguros de que se referem a algumas substâncias químicas cozidas, mas a descrição é tão paradoxal nos diferentes textos que não podemos estar seguros.

Depois há um material muito diferente, ou seja, a urina de um menino ainda não corrompido. Por suposição, a urina também contém substâncias importantes e corrosivas, e usavam-na muito, mas o fato de que deva ser de um menino ainda não corrompido, que todavia não tivesse chegado à puberdade, demonstra também a importância do papel que desempenhavam as representações mágicas. É um prejuízo geral, ou uma antiga superstição, que a urina de meninos ainda não corrompidos é especialmente eficiente não só nas operações químicas mas também em filtros amorosos e coisas semelhantes, onde é mais eficaz que a urina comum porque tem algo de mágico.

Insisto nisto porque aqui sabemos algo mais proveniente de outros campos. Por exemplo, sabemos que na prática da magia se usava com frequência a urina de um menino ainda não corrompido; era uma tradição africana, e egípcia em particular. Pouco antes da puberdade os meninos varões são médiums mais dotados, uma faculdade que perdem posteriormente. Os magos que acostumaram a praticar o hipnotismo usavam como médiuns outras pessoas, fazendo dormir para que revelassem a verdade. Para tais experimentos mágicos —muito difundidos nos tempos antigos—tinha-se preferência por meninos que ainda não chegassem à puberdade, meninas às vezes, mas com mais frequência varões, e aos meninos ainda não corrompidos consideravam os receptáculos mais puros do inconsciente, por cuja mediação podiam expressar-se deuses e fantasmas. Há inumeráveis receitas mágicas nas quais se diz,



FIGURA 9

por exemplo, que se a gente quer encontrar algo que foi roubado, tem que fazer dormir a um menino inocente, cozinhar tal e qual coisa, dar-lhe de comer tal e qual coisa e depois, quando estiver dormido, lhe perguntar onde está o objeto perdido; enquanto está em transe dará a resposta. Esse era o papel do menino inocente em outros campos, e por conseguinte é provável que a urina de um menino incorrupto tenha a mesma conotação aqui, onde a considera também como a substância mágica pois tal associação era habitual na época antiga.

Comentário: Um paralelo com Isis, que recebe do anjo a transmissão dos mistérios alquímicos, seria Azazel, o anjo caído que deu aos judeus o conhecimento da arte da ferraria. O professor do colégio técnico de Zurique que deu uma conferência sobre a alquimia em uma reunião de Éranos disse que a idéia de que o ferreiro relacionava-se com a alquimia se originou em Tobalki.

M. L. von Franz: Sim. No Livro de Enoch há uma descrição completa de todas as técnicas transmitidas aos anjos. Originariamente se considerava que a arte do ferreiro na forja e do alquimista eram o mesmo e respondiam à mesma tradição, embora eu acredito que a idéia de Tobalki é bastante arbitrária. Mas é uma tradição. No Antigo Testamento se diz que as filhas dos homens obtiveram a arte da forja e da alquimia dos anjos, ou dos anjos caídos, seja mediante o recurso de prostituir-se ou, como neste caso, mediante seu oposto, porque Isis pelo menos desalenta ao anjo até que conseguiu dele o que queria saber. De modo que há diferentes versões. Às vezes se diz que as filhas dos homens tinham relações com os gigantes, quer dizer que às vezes os gigantes substituem os anjos. O texto segue durante mais de uma página com estas receitas, e depois passa às operações. Darei uma breve, para que possam fazer uma idéia:

Se quer fazer algo branco dos corpos [quer dizer, do material], mescla-o com mercúrio e gotas

de asbesto e urina e leite de cabra e natrón, e então pode fazer que tudo funcione, e se quer saber como duplicar uma substância ou como colorir o material, e todas as disposições, sabe porque tudo tem o mesmo significado [e isso é importante], que tudo tende a ter o mesmo significado [ou seja, é provável que o significado seja sempre o mesmo para a mesma operação]. Agora realiza o mistério, meu filho, a droga, o elixir da viúva.

No texto se alude com frequência à Isis como «a Viúva», daí que do começo mesmo da alquimia se chame à pedra filosofal, ao mistério, o mistério da viúva, a pedra da viúva ou a pedra do órfão; havia uma conexão entre a viúva e o desamparado, mas tudo aponta à Isis. O texto termina com outra receita: Toma arsênico, coze-o em água, mescla-o com azeite de oliva, deixa-o em uma garrafa e lhe ponha brasas em cima até que desprenda vapores e o mesmo se pode fazer também com *Realgar*. (5)
[5-Monosulfuro de arsênico, que ao arder desprende vapores arsênicos e sulfurosos (N. da T.)]

Aqui se interrompe o texto, que depois volta a repetir-se, de modo que já vêem vocês com o que nos encontramos. Às vezes a fórmula varia um pouco. Por exemplo, pode ser que a alguém não o chamem Acharontos, mas Acharos, porém o resto tudo é exatamente igual. Acharontos é todo um problema, do qual falaremos logo.

Agora eu gostaria de analisar e ampliar o texto parte por parte, para ver de encontrar o que significa. O doutor Sas já mencionado uma amplificação geral para a primeira parte, ou melhor dizendo para toda a estrutura do relato; refiro-me a que é um paralelo do relato do Livro de Enoch, onde se diz que todas as artes e artesanatos, quão mesmo os truques cosméticos e coisas semelhantes, foram roubados pelas filhas dos homens dos anjos ou, segundo outras versões, dos gigantes.



10. La Tentación de Eva. «El conocimiento es o bien venenoso o bien curativo. (...) Uno tiene que tener una doble actitud al respecto, la enseñanza de la *felix culpa*.» –Von Franz.

FIGURA 10

Quer dizer que primeiro o têm os anjos ou os gigantes e depois o conseguem as mulheres. Aqui não são as mulheres, a não ser Isis quem o obtém do anjo, e depois o reparte ao Horus, que é como se iniciou a tradição.

O que diriam vocês, psicologicamente, deste mito? Diz-se que todo o mal provém das

mulheres, como sabemos pela Gênese e a história da Eva, que também estava mais versada no problema de como obter de Deus o conhecimento. Neste relato, Eva o obteve da serpente e o repartiu depois ao Adão —o que também era um roubo porque Deus conservava para Si mesmo o conhecimento de Si mesmo—, e no acontecimento o homem soube distinguir o bem e o mal, como Deus.

Na Gênese se considera que o roubo é simplesmente mau, e no Livro de Enoch nos pinta da mesma maneira o roubo da técnica, dizendo que o fato de que as mulheres se apropriarem desses segredos desempenhou um papel na corrupção de nosso mundo, posto que após perdeu a inocência original do mundo. Mas em nosso texto o sentimento mudou muito, porque quando Isis consegue o segredo daqueles anjos, a isso se considera como um grande lucro.

Aqui temos, pois, uma mudança na avaliação do sentimento, embora o fato como tal parece pouco menos que um paralelo: o elemento feminino, o princípio feminino, obtém-no de estratos mais profundos e se converte logo no mediador que o entrega à humanidade.

Podemos reconhecer o simbolismo do *anima*, porque a história da Eva é inclusive mais válida para o *anima* que para as mulheres somente, e aqui está a mesma idéia expressa simbolicamente do inconsciente. A deusa Isis tem junto a si o signo da lua. Nestas épocas tardias identificavam-na com Hathor, a deusa vaga e Já deusa lunar, e com Nut, a deidade do céu. Estava já nesta fase final de sua evolução histórica. Na religião egípcia tardia é uma espécie de deidade cósmica feminina, que inclui o aspecto de todas as outras deusas femininas do Antigo Egito e é, por assim dizê-lo, a grande portadora do mistério da natureza. Abrange completamente a natureza. Como vocês sabem, em *O Asno de Ouro*, na prece dirigida à Isis, Apuleyo a invoca como *Domina rerum*, a que rege a totalidade da natureza cósmica, e naqueles últimos tempos a venerava em seu aspecto de natureza cósmica. Aqui não aparece diretamente como uma deusa, mas sim melhor como profetisa, *Isis prophetis*. É natural que se recalcue que é também profetisa, posto que se antecipa aos fatos futuros: diz a verdade, que chega a concretizar-se depois; reparte a verdade que antes permanecia oculta.

Pergunta: Ainda não entendo que importância tem isto para o motivo ou propósito total da psicologia junguiana. Vejo que você pôs sua energia e seu esforço neste texto, e me parece entender que tudo isto é importante em função da interpretação do simbolismo de nossos sonhos. É assim?

M. L. von Franz: Sim, por certo. Digamos que você encontra frente a um homem que sonha que uma mulher misteriosa lhe aproxima. Eu recorro um sonho assim; era o sonho inicial de um homem que tinha um problema sexual. Não sei exatamente no que consistia este, porque o caso não era meu, mas tinha algum tipo de problema sexual, e em seu sonho uma mulher desconhecida, que lhe causava uma grande impressão, dizia-lhe que todo o segredo consistia em secar o pó [que há] dentro da maçã.

Pergunta: Então, o importante seria a relação que isso tinha com a vida da pessoa?

M. L. von Franz: Sim. Suponhamos que um homem vem analisar-se e diz que é impotente, ou um Don Juan. Podemos dizer que veremos o que é que diz o inconsciente a respeito. Faz muito tempo que

meus colegas lhe dizem o que se pode dizer conscientemente, mas isso não lhe serviu, e agora o homem já está ao cabo da corda. Diz que já sabe tudo o que terá que saber, que é seu complexo com a mãe, mas que nada mudou, de maneira que aparentemente tudo isso não lhe serve.

Bom, vejamos os sonhos, diz então um, e em um sonho aparece uma mulher maravilhosa que lhe diz que tudo é questão de secar o pó branco na maçã.

Parece uma tolice, mas ainda lhe falta aprender. Não dá nenhuma associação, porque a gente não pode dar associações para sonhos que são arquetípicos. Ao homem, o do pó branco em uma maçã não lhe sugere nada; possivelmente diga que gosta das maçãs ou algo assim, mas é impossível lhe tirar nada mais, e por isso a gente tem que conhecer as associações do gênero humano.

Se a gente pode obter as associações do analisado, tanto melhor, mas quando em um sonho aparecem motivos assim, em geral há um branco, e a gente tem que dizer, por exemplo, que a humanidade acreditou sempre que a maçã contém o conhecimento de Deus, do bem e do mal, e recorda a Bíblia ao paciente, e diz-lhe que o povo disse sempre que a maçã renovava os segredos. Conta-lhe uns poucos mitos sobre o tema, até que o homem se impacienta e pergunta:

—Sim, mas que significado tem isso para mim?

Os mitos mostram que há outra avaliação, porque no mito bíblico a avaliação se faz do ponto de vista do sentimento, e o define como má sorte e como um acidente. Só na interpretação católica tardia se chega a *felix culpa*, que diz:

—Graças a Deus que Adão e Eva pecaram, porque de outra maneira Cristo não poderia nos redimir.

Mas, originariamente, o tom emocional expressava que Adão se corrompeu por mediação da Eva, e que após tudo andava mal. Inclusive a Igreja disse sempre que Maria resgatou tudo e Eva o jogou tudo a perder. Eva é passível unicamente porque mais tarde as coisas se endireitaram, mas o tom emocional, pelo menos no Antigo Testamento, aponta a que no pecado de Eva originou-se toda a má sorte, e de que na verdade foi um fato desafortunado que Adão e Eva comessem aquela maçã. Em nosso texto, entretanto, tudo isso é um lucro, porque agora Isis obteve do anjo o maravilhoso segredo, e diz que contará a seu filho. O texto diz que um leão engendra um leão, e isso é o que Isis nos conta como o segredo.

Como já assinalamos, nossa história de Isis é um paralelo do relato bíblico, mas o julgamento se formula a partir de um sentimento diferente. Na Bíblia é melhor o acidente que corrompe, enquanto que aqui o fato de obter o segredo dos anjos se apresenta como um lucro maravilhoso. Não se diz nada de que no mundo vai todo o mal porque o segredo revelou-se, ainda melhor que é algo tão maravilhoso que Isis só contará a seu filho e a seu melhor amigo. Se quiser você seguir com a interpretação psicológica, o que significaria essa diferença? A humanidade está muito dividida sobre a avaliação da origem da ciência e da técnica, da química e das ciências naturais, de algum gênero de conhecimento. O conhecimento corrompe ou libera?

Comentário: Parece-me que a Bíblia diz que o conhecimento, que é o que a maçã representa, é corruptor em si mesmo.

M. L. von Franz: Sim, por mediação dele nos expulsaram do Paraíso.

Pergunta: Considera você o conhecimento como pertencente a Deus?

M. L. von Franz: Sim, de um ponto de vista é uma identificação com Deus, de maneira que se apropriar desse conhecimento constituiu um ato de inflação. O ego apoderou-se de algo que não lhe pertencia, de modo que se inflou, desequilibrou-se e tudo começou a andar mal. Mas aqui, na história de Isis, a avaliação é totalmente oposta; implica que fizemos um grande progresso, arrancamo-lhes este segredo dos anjos, um pouco tão imenso que só o comentarei com meu filho e com meu amigo. Aqui não se faz menção de inflação nem de má sorte.

Neste texto encontramos *in nuce* o oposto da tradição religiosa e das ciências naturais. As técnicas e as ciências naturais que alcançamos, trouxeram-nos má sorte? Limitaram-se a corromper o estado original do homem, ou são uma indicação de progresso? É algo muito mais profundo, porque nisso está implícito um incremento da consciência, uma evolução da consciência humana. Isso, é vantajoso para nós ou não? Iremos de mal a pior se nos voltarmos mais conscientes, separaremos-nos da natureza e nos desequilibraremos, ou é precisamente isso o que devemos fazer? Se tentamos ser mais conscientes, cumprimos com a vontade de Deus ou vamos contra ela? Eis aí a questão oculta.

É uma projeção religiosa, e, se o formularmos com mais humildade, psicologicamente, há uma discussão do problema a respeito de se um incremento da consciência é ou não é progresso. Quando, homens ou mulheres, vão à vocês para analisarem-se, dizem que freqüentemente pensam que é melhor não remover o vespeiro; por que temos que nos pôr a desenterrar problemas que quanto mais pensamos neles, mais enrolados nos encontramos? Deixemo-lo em mãos da natureza, e os problemas já resolverão sozinhos!

Depois vem um menino que tem uma fixação materna e não quer ir-se de casa e você o analisa e lhe faz ver a partir de seus sonhos que deveria apartar-se de sua mãe, mas então parece ela feito uma fúria a perguntar por que desenterra essas coisas e destrói a harmonia familiar, por que lhe diz essas coisas a seu filho e destrói o bom contato que têm ambos..., toda a família está em crise e o menino não melhorou!

Então, um incremento de consciência, é algo bom ou mau? Os terapeutas têm que fazer constantemente essa pergunta. E sempre nos encontramos com essas associações na vida. Alguém conversa contigo no trem e pergunta por sua profissão, e se lhe diz que é psicanalista lhes parece muito interessante, e lhe dizem que tiveram um sonho e lhe contam isso! Acreditam que os sonhos não significam nada, mas o sonho mostra o problema do homem, e um se pergunta se deve lhe cravar a agulha e lhe instalar uma gota do veneno do conhecimento e lhe dar uma idéia do que significa realmente aquilo, ou se deve limitar-se a dizer-lhe que esses são temas para a consulta.

O conhecimento pode envenenar ou sanar, é uma coisa ou a outra, e por isso alguns mitos

dizem que o conhecimento traz a corrupção do mundo e outros que o conhecimento redime, e além disso temos a idéia bíblica que diz que é primeiro corrupção, mas que depois, graças a Deus, termina por sanar. No Antigo Testamento significava corrupção, mas Cristo, que algo entendia, converteu-o em cura, de modo que temos que ter ante isso uma dupla atitude, o ensino de *felix culpa*.

Mas em uma situação real não se pode adotar uma dupla atitude. Cada vez se dá o terrível problema, digo-lhes ou não lhes digo? A gente tem toda a responsabilidade ética, e cada vez não sabe se fez bem ou fez mal. É o problema da consciência. O que deve fazer o homem com sua consciência? Como deve dirigi-la? Notem-se, se for consciente do que significa um sonho, o que devo fazer com ele? Ao usá-lo, farei dele um veneno ou um fator de cura? A consciência, ou o conhecimento, é um problema aterrador que ainda não resolvemos.

Comentário: Nem resolveremos jamais; é o problema com que vivemos.

M. L. von Franz: Sim, isso é verdade, mas também é uma generalidade. Nosso dever é aprofundar mais. Precisamos uma atitude mais específica, porque senão podemos desentender do assunto e dizer que é um problema que terá sempre, posto que somos psicoterapeutas, mas é um problema de relação. É um problema, e um problema que temos que levar à sério, em vez de lhe subtrair importância.

De uma maneira muito geral, pode-se dizer que é o problema da humanidade, porque o homem é esse estranho invento da natureza que é portador de uma forma nova da consciência. Os livros de antropologia dizem que o homem se distingue pelo fenômeno da consciência, e que ele mesmo não sabe bem como avaliar esta qualidade. Tem-na que viver como um castigo ou como uma bênção? Aqui estamos no começo das ciências naturais de tradição européia; nosso texto provém de fontes pagãs sem nenhuma influência judeu-cristã, mas sim melhor egípcia e grega, e a avaliação é totalmente positiva. Quando se analisa aos homens modernos, aos físicos modernos, encontra-se um frente a homens que têm esta mesma atitude. Homens que acreditam na ciência e que querem ajudar à humanidade com novos descobrimentos, de modo que a atitude e a situação são as mesmas. Portanto, é interessante estudar o simbolismo inconsciente de uma tendência assim, porque volta a fazer-se presente e é objeto de muita discussão e análise em nossa época.

Agrada-me muito que me façam perguntas assim, porque é mister trazer estas coisas à realidade. Quiçá vocês se perguntem pela utilidade de desenterrar estes textos velhos e pesados com todas as suas complicações, mas não esqueçam que essa é a raiz tanto das boas idéias como dos prejuízos de nossa civilização. Senão questionarmos estes prejuízos básicos de nossa civilização, nunca poderemos estabelecer contato com outras civilizações. Devemos saber que pré-julgamentos temos, embora de todo modo possamos conservá-los e dizer que nós gostamos, embora reconheçamos que é possível pensar de outra maneira e que é um fato que as opiniões diferem. Esta amplitude mental é necessária se desejamos analisar objetivamente às pessoas, e não ser os propagandistas de uma orientação; um analista deve ser de mentalidade aberta e ver o que é que a natureza interior do analisando configura como processo de cura, em qualquer lugar que tudo isso leve. Pelo menos, esta é nossa convicção.

Pergunta: Como se compara esta atitude para o conhecimento com a antiga atitude prometéica?

M. L. von Franz: É muito boa a pergunta. Na mitologia grega temos esse mito que reflete a típica atitude grega e não converte o problema do conhecimento em algo principalmente ético, como acontece com a Bíblia, que o expõe em termos de bom ou mau. Também aqui lhe rouba algo aos deuses, algo que eles tentam conservar para si, e, de acordo com o mito, o ato é castigado —Prometeu se mete em dificuldades e tem má sorte—, mas não se faz dele uma avaliação moral. A mentalidade grega se limita a enunciar que o roubo de conhecimentos do inconsciente é algo que se tem que pagar, mas não necessariamente porque a atitude seja incorreta! A gente pode dizer: «não importa, pagarei, mas o quero!». O mito nem recomenda que se faça, nem que não se faça, mas um deve saber que sempre terá que pagar o preço.

Esta é a atitude da mente grega, muito diferente das atitudes cristãs, porque estas convertem o mito em um problema moral. Isto é algo que sabemos, e é uma verdade arquetípica muito básica. O conhecimento é parte da evolução da consciência; há outros aspectos, mas este é um e terá que pagar por ele. É custoso, mas lhe corresponde decidir se estiver disposto a pagar o preço ou não. Na tradição judeu-cristã fica a ênfase no aspecto ético, e a grega é desapaixonada e se limita melhor a enunciar fatos, mas aqui há também outro matiz, e a avaliação é extremamente positiva e aponta ao progresso divino.

Comentário: Você se referiu duas vezes ao desejo do anjo de ter relações sexuais com Isis, e a segunda vez usou a palavra «violar», mas no que se refere a pagar por esse ato teria sua importância, porque a gente é forçado e o outro voluntário.

M. L. von Franz: Literalmente, o texto só diz que ele quer unir-se sexualmente, e que ela não quer, e eu me limitei a abreviá-lo com a palavra «violar». Ela se limita a negociá-lo, como costuma fazer uma mulher. Diz-lhe que não deveria ter tanta pressa, mas sim primeiro deveria contar o segredo, e depois, de maneira tipicamente feminina, não diz se ela pagou ou não o preço. Isis era uma mulher! Em grego diz, na realidade, que ele se precipitou ao que queria, «mas eu, Isis, tinha presente o que eu queria». O que significaria psicologicamente o ataque sexual do anjo à Isis, e a demora dela com o fim de obter o conhecimento? Como se compara psicologicamente isso com a situação psicológica em que sempre nos encontramos?

Comentário: É a irrupção de conteúdos coletivos, para o qual ela exige uma explicação.

M. L. von Franz: Sim, o anjo deveria representar um conteúdo do inconsciente coletivo, como diríamos nós, que irrompe no sistema psicológico com uma exigência, neste caso de ordem sexual. Qual é o paralelo que sempre experimentamos? A alquimia nasceu por obra da resistência de Isis e do fato de que ela não se apressou a ceder, e, se não o suspendeu de todo, ao menos demorou o processo sexual. Não sabemos o que fez finalmente, porque com muita discrição nem sequer conta a seu próprio filho, mas isso, o que significa?

Se fosse uma mulher humana, o ataque do anjo seria uma invasão do *animus*, mas eu preferiria formular em termos muito mais gerais, porque isso seria válido para um só caso, e isto não é material

clínico. Significa que com muita freqüência os conteúdos do inconsciente coletivo irrompem em forma instintiva, na forma de uma espécie de urgência instintiva, seja sexual ou de poder, ou um pouco parecido. Quer dizer que a irrupção de libido do inconsciente se apresenta primeiro em um nível relativamente animal ou inferior, e isso é algo que experimentamos uma e outra vez. Com freqüência o fato de tomar mais consciência se manifesta inicialmente nesta forma. Um dos grandes problemas no âmbito psicológico foi reconhecê-lo assim. Se esta irrupção se produzir, um pode dizer que está invadindo o impulso sexual, ou que são fantasias, ou inclusive um impulso sexual físico. Sempre temos que decidir se for autenticamente sexual ou um impulso inconsciente disfarçado, o que na realidade implica conhecimento ou um progresso da consciência, que aparece primeiro nesta forma.

Se não for prejudicado, primeiro sentiria a necessidade de prová-lo, mas se demonstrou com freqüência que o prudente é demorá-lo. Digamos que um homem tem uma tremenda projeção do *anima* sobre uma mulher e que a vivência se manifesta como um impulso muito forte à união sexual. Suponhamos que ela o aceita e que depois toda a coisa desaparece. Com isso Don Juan acontece freqüentemente. *Après le coup*, já ela não significa nada para ele! Simplesmente a deixa, pensando: «Demônios, isso não era o que eu queria!». De modo que bem se pode dizer que do começo mesmo não era realmente isso, só se parecia velado dessa maneira, mas o impulso não alcançou sua meta e seu significado, e não se obteve um progresso da consciência. Da mesma maneira também se podia resistir ao impulso e fazer primeiro um esforço por descobrir a que apontava na realidade, porque, como costumamos ver, os impulsos de algo que se deve fazer, senão puderem chegar diretamente à consciência aparecem primeiro em forma de reações físicas.

Por exemplo, se um se enfrentar com uma situação analítica na qual não sabe o que fazer, pode acontecer que enquanto sentado analisando-o tenha repentinamente uma reação sexual, a qual não é aconselhável acessar... além de todas as convenções não estamos falando de convenções e podemos falar com franqueza. A experiência demonstrou que o mais prudente é deter-se a perguntar-se por que aconteceu isso nesse momento preciso da análise. Do que se falava quando emergiu de repente esse impulso, que sonho se analisava? Podemos estar absolutamente seguros de que se tocou num ponto em que tanto o analista como o analisando devem tomar consciência de algo, de que algo está forçando por chegar à consciência, e de que é algo tão afastado do que ambos podem conceber que não pode manifestar-se de outra maneira que fisicamente. É como uma explosão que se produzira debaixo da escada porque não pode subir por ela; é como se tratássemos de empurrar escada acima um animal que em troca saltasse simplesmente pela janela. Algo quer subir então do inconsciente, mas nesse instante se produz um curto circuito e aparece como impulso sexual, porque há alguma dificuldade que lhe impede de ir mais longe.

Mas às vezes é um autêntico impulso sexual. Nem sempre se pode dizer que não é exatamente o que parece, porque depois de tudo somos animais de sangue quente e temos nossas reações físicas normais. Mas, acima de tudo, isto pode acontecer em uma situação tal que não sabemos qual é qual, e

entretanto a técnica de Isis —quer dizer, demorar e começar por perguntar-lhe todos os seus segredos à coisa que tão precipitadamente aparece, e depois decidir se alguém se permite ou não uma aventura— não é mais que sabedoria. Isis não conta..., é muito discreta! Tampouco diz se o fez ou não o fez. Esta é uma livre decisão ética entre seres humanos, ou entre deuses, como neste caso, e isso está em outro nível. Mas enquanto for um impulso tão intenso, a gente não é livre de decidir.

Primeiro terá que demorar a descobrir com o que se enfrenta um. O que há por detrás disso? Um impulso sexual pode nos surpreender quando estamos junto a um moribundo. Que descabido parece isso! Em um caso assim seria muito aconselhável pensar que não se trata de um natural instinto sexual de copular com um moribundo, já que uma coisa assim seria impossível. Do começo mesmo um sabe que não significa isso, e entretanto, é uma situação típica, e algo com o que tropecei com frequência. Por detrás disso há todo um problema de simbolismo arquetípico. Por que nesse momento o impulso sexual é de uma importância tão tremenda que cai sobre a pessoa que está morrendo e sobre quem a rodeia? Este não é mais que um exemplo entre muitos outros. Então um tem que deter o anjo e lhe dizer que primeiro deve dizer seu segredo, que quer tomar consciência do que há por detrás do impulso, a saber, da estranha conexão entre instinto e arquétipo.

Em seus escritos, Jung refere-se, às vezes, ao instinto como se fora quão mesmo o arquétipo, e às vezes, como se fora algo diferente. O que quer dizer é que o arquétipo, se o considerarmos como oposto ao instinto, seria uma maneira herdada e instintiva de ter emoções, idéias e representações com símbolos, e o instinto seria a maneira herdada de atuar fisicamente,

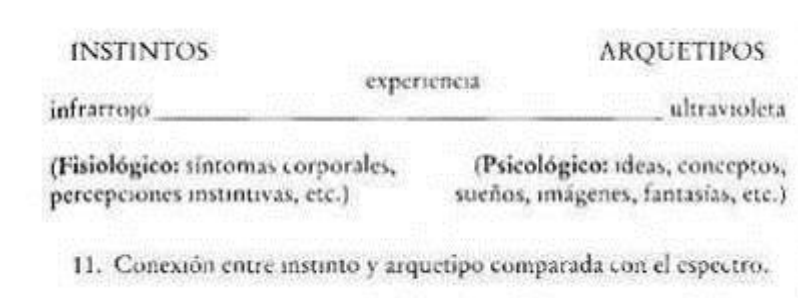


FIGURA 11

certa espécie de ação física. Naturalmente, os dois estão relacionados.

Por exemplo, suponhamos que enquanto se passeia por um campo você começa de repente a correr sem nenhuma razão aparente, e salta sobre um sebe, e ao olhar para trás vê que o estava perseguindo um touro! Diríamos que era um milagre, porque, sem saber por que, subitamente sentimos que tinha que correr; não se deram conta do que acontecia, mas seu instinto os salvou. Isto acontece com frequência. Um cruzamento de repente a rua, sem saber por que, e então algo cai do telhado! É muito importante que aprendamos a confiar nesses impulsos.

Agora bem, isso é algo que acontece fisicamente. Começo a correr sem advertir sequer que há perigo, mas, graças a Deus, meu corpo sabe mais que eu. Mas em vez de uma ação física, pode ser que

ouça uma voz ou tenha uma alucinação que me diz que corra. Em um caso, a advertência vem como uma reação física e no outro como uma idéia, que é a diferença entre instinto e arquétipo; a voz seria uma manifestação do arquétipo e o movimento físico uma manifestação do instinto, mas na realidade são dois aspectos da mesma coisa. O comportamento físico concreto, acorde com uma pauta, seria instinto, e as representações, emoções, audições ou visões internas que o acompanham seriam manifestações do arquétipo.

No homem há algo estrutural herdado que lhe faz atuar e pensar de certa maneira, e por isso é que às vezes não nos esclarecemos sobre a origem de um conteúdo. Como estes conteúdos do inconsciente têm uma espécie de aspecto físico, e também um aspecto somático e psicológico, às vezes algo que deveria ir através do aspecto psicológico se passa ao físico, ou o aspecto físico se troca no psicológico; são como copos comunicantes e, se se produzir uma obstrução em um, a água sai pelo outro.

Com frequência acontece que temos grandes problemas psicológicos, cuja causa consideram exclusivamente psicológica, e então têm alguma experiência pelo lado físico e todo o problema desaparece. Tinham um instinto obstruído, um impulso sexual, digamos, que então lhes manifestava mentalmente como um problema filosófico referente a Deus. Essa foi a generalização de Freud! Ao ver que isso acontecia com frequência, pensou que se podia explicar tudo nesse nível, mas não é assim; de igual modo se poderia obstruir o extremo oposto e então a coisa sai pelo outro lado.

Este é um dos eternos conflitos: tenho que vivê-lo concretamente ou tomá-lo simbolicamente? O impulso representa algo que terá que entender, ou o deve viver sem razão, sem pensar muito no assunto? Este é um de nossos grandes problemas. Aqui se diz que obstruindo ou demorando um impulso físico se produz um progresso na consciência.

Comentário: Este não foi o primeiro trato que se fechou em nome do conhecimento, porque Isis aceitou curar



12. El dios solar Ra con sus atributos.

FIGURA 12

à Ra, o deus solar, da picada do verme venenoso, sempre e quando lhe dissesse seu nome secreto. Como explica você este paralelo?

M. L. von Franz: Sim, certamente é um paralelo. Quando o deus solar Ra envelheceu e ficou senil e incapaz de um porte digno, Isis pôs em seu caminho uma serpente venenosa que o mordeu e o envenenou, de maneira que estava muito doente. Naqueles tempos se acreditava que o poder de um homem residia em seu nome secreto, que era sua alma ou seu *mana*, seu poder vital, assim, quando Ra jazia em seu leito doente, Isis aproximou-se de seu pai e ofereceu-se a curá-lo se primeiro dissesse-lhe seu nome secreto. Frente a esta chantagem, Ra sentiu-se derrotado e disse seu nome, e daí em diante ela teve o poder do deus solar.

Mas, o que significa isto? Não podemos analisá-lo no mesmo nível que o outro motivo, que seria o nível de uma urgência física por detrás da qual acreditam que se oculta algo arquetípico. Para responder a sua pergunta será necessário que repassemos brevemente toda a evolução da consciência na civilização egípcia.

No Egito o culto do deus solar e de seu filho se ajustava, no referente à estrutura social e política, a uma ordem patriarcal. Aproximadamente entre os anos do 3000 aos 2800 a. C., a adoração do sol foi excedendo pouco a pouco a da lua e a do touro; o rei principal representava ao deus solar, e já não estava estreitamente vinculado com a lua nem com o touro, ou havia alguma ligeira diferença. Com esta evolução, no sentido de um incremento, no culto solar se produziu um avanço no direito, na ciência, na geometria, no planejamento dos campos, dos edifícios, e assim sucessivamente. Houve progressos enormes na civilização racional e na organização, a guerra, etcétera. Foi uma evolução do mundo masculino, do mundo mental e do mundo da ordem, que se deu simultaneamente com o culto solar.

Até certo ponto o processo pode comparar-se com o primeiro desenvolvimento da civilização cristã, onde se produziu o mesmo tipo de coisa: fé no direito, fé no dogma, fé na ordem, fé no conhecimento, e logo, como estas coisas chegam a seu término, a uma *enantiodromia*, o modo de consciência masculino se cansa. Este é um típico evento arquetípico, e então o feminino, ou o inconsciente e a natureza, o caótico, têm que receber de novo a luz. Este primeiro grande mito exemplifica a *enantiodromia*, aonde o masculino, o deus solar, entrega todo o poder à ordem do feminino.

Atualmente nossas organizações oficiais acreditam cada vez mais na papelada, em mais e mais congressos, mais regulamentações e mais religiões para salvar ao mundo. Estão empenhadas em impor a ordem, acreditando que com isso resolverá o problema, e que essas outras tendências que encontramos nos sonhos de nossos pacientes ver-se-ão derrotadas. Entretanto, uma vez mais o mundo se cansou, de modo que o Papa declara a Ascensão da Virgem Maria, e nos sonhos dos homens de hoje vemos a reavaliação do feminino.

Posso-lhes dar um exemplo. Outro dia um homem, enojado pela matança que nestes momentos [1959] produz-se no Tíbet, escreveu um veemente artigo afirmando que os suíços, que são também um povo de montanha ameaçado pelas grandes potências que o rodeiam, deveriam mostrar mais simpatia para esse outro pequeno povo de montanha que luta por sua liberdade, e que não é suficiente lendo os periódicos e expressar solidariedade, já que amanhã poderia acontecer o mesmo com uma invasão russa. Deveríamos fazer algo a respeito e interromper nosso comércio com a China. Mas depois o homem sonhou que o mundo chegava a seu fim e que umas poucas pessoas encontravam, escavando em uma geleira nas montanhas, uma nave antiga onde havia uma formosa mulher. O navio era como a arca de Noé que se dirigia por volta do mar, e só os que fossem com ela no velho navio se salvariam!

Já vêem vocês que o inconsciente diz que o que alguém vê com sua mente pensante, [de orientação] política e masculina, não é mais que um pequeno aspecto do que na realidade acontece. Com o que nos vemos enfrentados agora é com o dilúvio. Na atualidade, nosso verdadeiro problema é a superpopulação, e não a tensão com os árabes ou com os russos. Estamos frente a uma situação sem esperança. O princípio de



FIGURA 13

salvação é o princípio feminino, e desta vez não estará Noé na arca, a não ser uma mulher, quer dizer, uma deusa. O que significa isto? Já vêem vocês com que sonhos nos enfrentamos às vezes! Não é possível tomar a esta mulher ao pé da letra. O sonhador não tem problemas em sua relação com as mulheres, nesse nível não há nada que falta. O que representa a mulher na arca e as poucas pessoas que vão com ela?

Não é um ponto fácil de interpretar, mas ao término da civilização egípcia se produziu uma

enantiodromia similar. De repente Isis tomou tudo em suas mãos, e os deuses masculinos se esfumaram... E o interessante é ver que aquilo acontecia ao final da Era de Áries e que agora estamos ao término da era de Peixes, era astrológica de peixe, e de novo uma mulher está levantando a colheita e os homens estão um pouco cansados.

Pergunta: Mas o anjo não perdeu nada quando deu seu segredo à deusa. Ele também seguia entendendo-o, não é assim?

M. L. von Franz: Sim, mas enquanto que o anjo não fez nada com seu conhecimento, Isis fundou a alquimia; fez algo com aquilo, enquanto que o anjo se limitou a guardar-lhe para si.



FIGURA 14

Terceira conferência: A ALQUIMIA GREGA

A última vez analisamos o possível significado de que o anjo Amnaël entrega à deusa Isis o segredo da alquimia. Usamos ampliações de antigas lendas que efetivamente dizem que foram os anjos ou os gigantes quem ensinou aos seres humanos todo o conhecimento científico-natural, da matemática à preparação de cosméticos para as mulheres. Mencionamos também o estranho fato de que é muito

frequente que ao término de uma civilização patriarcal se produza uma *enantiodromia*, em virtude da qual entrega o poder a uma figura feminina, como por exemplo quando para o término da civilização egípcia cobrou predomínio o culto de Isis, e esta ocupou, cada vez mais, o rol de todos outros deuses. Inclusive há preces do período egípcio tardio nas quais se invoca à Isis como aquela que é todos outros deuses em forma feminina. E, *cum grano salis*, comparamos isto com o fato de que agora, no seio da civilização cristã, pelo menos uma parte dela — a católica, a Virgem Maria — se viu subitamente elevada a um papel mais dominante que o que tinha.

Não devemos esquecer que estas deidades mães se relacionam também com o conceito de matéria, porque não só a palavra como tal conecta-se com a palavra «mãe», mas sim toda a projeção da matéria, e o modelo de idéia arquetípica que constitui o fundo mental dos cientistas da natureza, estão tirados do arquétipo da mãe. Platão, por exemplo, diz que o espaço é como uma ama de leite para a totalidade da ordem cósmica, quer dizer que considera o espaço como um contêiner feminino, uma função nutrícia da mãe.

Como a idéia da matéria está sempre conectada secretamente com o arquétipo da mãe, se o Papa desagrada sobre a Virgem Maria a ênfase posta no culto cristão, consciente ou inconsciente isto é um golpe atirado ao materialismo comunista. Neste sentido é um gesto, e um intento de feri-lo em seu aspecto materialista pondo a ênfase em uma forma diferente de matéria. O interesse pela matéria, portanto, deriva-se do ressurgimento deste arquétipo.

Quando os jovens cientistas naturais escolhem sua profissão, é freqüente que lhes apareça em sonhos a Mãe Natureza, na forma de uma anciã ou outra figura semelhante que os ensina o caminho. Vi vários sonhos assim em casos de jovens que não estavam seguros de estudar ciências naturais, por exemplo medicina, ou alguma outra coisa. Pode-se assim realmente demonstrar a partir do material da gente moderna que o impulso a interessar-se no aspecto material da natureza externa brota muito freqüentemente da configuração deste arquétipo, que é o dinamismo que há por detrás da ciência natural. Se o relato bíblico avaliar o fato de repartir o conhecimento ao homem como uma catástrofe, ou como algo desventurado, isto se pode comparar certamente com o fato de que a ciência natural, inclusive a matemática, tendeu do começo mesmo a possuir às pessoas de maneira autônoma, a apoderar-se de seu interesse de maneira totalitária, em uma medida tal como para lhes dar um impulso demoníaco, que altera não só seu equilíbrio pessoal, mas também, até certo ponto, o equilíbrio da civilização.

Este impulso excessivo da ciência natural e de seu aspecto destrutivo é, da visão atual, uma trivialidade tal que não preciso me estender sobre ela, mas que brota do fato de que um único arquétipo está, por assim dizê-lo, saindo da ordem geral dos instintos. Por conseguinte se pode dizer que o mito da origem da ciência natural é, em parte, o mito de uma dissociação dos instintos; o *homo faber* já está dissociado, ou está perigosamente alienado de suas raízes instintivas naturais. Tal é o que diz o mito bíblico, enquanto que este mito de Isis, pelo contrário, se regozija ante o mesmo acontecimento de um

progresso enorme. Se houver dois mitos, um dos quais é mais ou menos o oposto do outro, ou a mesma coisa avaliada de diferente maneira, a única conclusão possível é que no ser humano, e inclusive em sua consciência, há uma incerteza básica; o problema é real, não inventado, e temos que considerá-lo dos dois ângulos.

O anjo leva na cabeça uma vasilha que não está calafetada com breu e contém água brilhante. Esta água, absolutamente transparente ou limpa, diz o texto grego, é na alquimia o símbolo *par excellence* da misteriosa matéria básica. A idéia da água eterna é, como já vocês sabem pelas inúmeras ampliações de Jung, e por associações com outros textos, um dos supremos símbolos alquímicos. É a água divina, que naturalmente não é H₂O, mas sim na realidade é um símbolo da matéria mais básica do mundo, a *prima materia*. Assim, nesta imagem nos diz que o anjo leva o mistério do material básico —do cosmos, diríamos nós—, e é exatamente nisto que pensavam aqueles alquimistas, como os físicos de hoje: em que possivelmente todos os fenômenos materiais se remontavam a um único material básico, cuja busca era para eles o grande *fascinosum*, porque acompanha o sentimento de que se se poderia descobrir este material básico, poderiam, em certo modo, ter um vislumbre da trama divina do cosmos.

Isis insiste em conseguir o segredo, depois do qual o texto segue com o juramento pelo qual se conjura ao Horus a não revelá-lo. Isto concorda com o estilo dos mistérios e as iniciações religiosas tardias, em geral. No mundo helenístico é uma ênfase que mostra que agora o grande segredo foi repartido e portanto Horus, o filho de Isis, tem que dar-se conta de que é só para ele e para ninguém mais, e de que não deve falar jamais do assunto.

Neste antiqüíssimo texto temos algo que voltaremos a encontrar uma e outra vez ao longo da história da alquimia, ou seja, o motivo do grande segredo que não se pode dizer em termos meramente científicos nem pode repartir-se de um indivíduo a outro. Na história da alquimia e da química isto se considerou sempre como uma mutreta para fazer que todo o assunto parecesse importante e misterioso, e para velar segredos. Naturalmente que nisto há certa verdade, porque como vocês sabem, naquela época a alquimia era também química e, entretanto, conhecimento de como fazer ligas e coisas semelhantes, era um segredo comercial pela trivial razão



FIGURA 15

financeira de manter controlado o negócio. Em nossas indústrias modernas acontece o mesmo; inclusive montam sistemas de espionagem dos segredos da fabricação industrial e da metalurgia, porque esse conhecimento, quão mesmo em tempos antigos, significa poder e dinheiro. Por exemplo, se então podiam fazer uma liga que parecesse ouro, graças à indiferença dos controles policiais da época poderiam cunhar dinheiro falso e adquirir rapidamente uma fortuna, de modo que era lógico que o segredo só revelaram aos melhores amigos.

Mas este aspecto corriqueiro não explica a totalidade do fenômeno. Consideremos o que acontece em uma situação analítica. Possivelmente todos vocês tiveram a vivência de que certas coisas só podem dizer ou explicar a uma só pessoa, ou só podem fazer com ela, e em geral, se uma análise alcançar a profundidade suficiente, chega um momento em que analista e analisando compartilham o segredo que ambos sabem que não se poderia compartilhar com ninguém mais e que, portanto, estabelece uma relação peculiar e única.

As pessoas do meio circundante têm disto exatamente a mesma vivência que se tinha em relação com a alquimia, quer dizer que tem que haver algo sujo relacionado com tudo aquilo, porque de outra maneira se poderia falar disso sem reservas. Mas é totalmente impossível dizer e fazer certas coisas a não ser com uma só pessoa; tal é a unicidade e exclusividade de toda autêntica relação humana, e de todo encontro autêntico com o inconsciente. Por isso é tão difícil, e em certo sentido enganoso, usar o material para informe de casos, porque aparecem certas coisas que é impossível dizer, não por razões de discrição nem porque tenham a ver com a sexualidade ou se refiram a um matrimônio ou a um divórcio; nem tampouco porque se relacionem com finanças ou com algum tipo de indiscrição vergonhosa —como sempre tendemos a pensar—, mas sim porque a coisa é *inefável*.

Às vezes a relação ou a análise se dá em palavras ditas pela metade que a outra pessoa entende de uma maneira específica, mas que um não pode repetir quando fala do caso. Podem-se contar os sonhos, e repetir o que alguém disse ao analisando sobre seu significado, mas sabemos perfeitamente bem que não conta mais que a metade da história. Também há coisas que não se podem dizer porque acontecem sem que alguém saiba. Alguém pode dizer depois: «Não recordo o que você disse naquele

momento, mas riu de certa maneira e a mim isso sugeriu algo». Isso pode acontecer sem que nenhuma das duas partes note no momento, e esses efeitos não se podem evitar nem se pode falar deles, embora na realidade possam formar a base do processo analítico e terapêutico.

Está também a simpatia entre duas pessoas, a *sympathia*, que significa que sofrem juntas, que as duas impressionam-se juntas, e esta condição de «estar juntos» que provém de participar da mesma experiência não se pode explicar... não porque queremos fazer dela um segredo, mas sim porque é inexplicável, irracional e muito complexa. De modo que se pode dizer que em todo processo de análise há um segredo, e em geral não se pode falar dele. Quer dizer que se publicarmos um caso, publicamos só em parte; é uma coisa peculiar e única, e embora costumemos ir à casa pensando que agora já sabemos como funciona o processo de individuação, estão completamente despistados, porque se pode garantir que o processo de individuação deles funcionaria de maneira muito diferente. *Per definitionem* é uma individuação, e isso quer dizer algo único.

Por conseguinte, inclusive referir um caso único desorienta, porque involuntariamente generalizamos a partir dele, pensando que agora entendem como se leva a terapia, mas já estão regando fora do texto. Há um verdadeiro segredo, porque logo que se toca a peculiaridade do processo, ou do indivíduo, já não se pode falar mais disso. Muitas vezes, quando me pedem que fale de material clínico, ao percorrer meus casos penso que estaria mal apresentar qualquer deles. O habitual é que não se pode falar mais que dos casos leves, ou dos que vão mal —e isso é humilhante para nossa vaidade—, mas pelo menos de um caso assim se pode falar.

Comentário: Não estará Isis referindo-se a algo assim quando diz: «Você sou eu e eu sou você», depois do qual já não há nada mais que dizer?

M. L. von Franz: Sim, exatamente, a isso apontava. E nisso está o «eu sou você e você sou eu», e esse é o elemento que não se pode dizer. É a *unio mystica*, o que acontece no fundo daquilo que tratamos de rechaçar chamando-o «transferência», com o qual o convertemos em algo técnico. Mas é um verdadeiro mistério, uma experiência mística, que portanto nunca se pode repartir para outra pessoa nem compartilhar com ninguém mais.

Isis jura primeiro em nome de Hermes, que é provavelmente a tradução grega de Thoth, o deus lunar e o deus bonito; depois em nome de Anubis, que não foi traduzido e portanto é reconhecível em sua forma egípcia, e também em nome de Kerkoros; o uivo de Kerkoros se refere ao uivo do cão Cérbero. No texto paralelo, o nome é Kerkouroboros. Ouroboros é a serpente que come a cauda, de maneira que deve referir-se a um demônio em forma de cão que foi confundido com esta serpente e ao que aqui se descreve como a serpente e o guardião do submundo. Ou seja que é uma mescla da figura de Kerberos —daí o «Ker» na primeira sílaba— com certas figuras guardiãs do submundo egípcio, entre as quais encontramos com muita frequência a serpente que morde a cauda.

Lerei agora o texto que fala da serpente Ouroboros, tal como a descreve em certas tumbas egípcias. Na tumba de Seth I, por exemplo, há uma ilustração de uma casa com duas esfinges fora, que

é uma espécie de representação esquemática do submundo, onde tem lugar a ressurreição do deus solar. antes de sua ressurreição, o deus sol aparece representado como um homem ictifálico estendido de costas com o falo ereto, e ao redor dele está a serpente que come a cauda. A inscrição diz simplesmente: «Este é o cadáver». Já vêem, portanto, que no submundo,

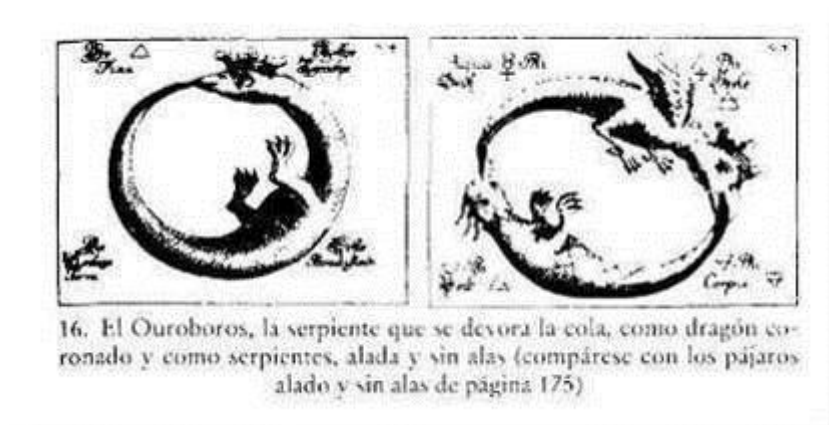


FIGURA 16

quando o deus sol chegou ao momento em que morte e ressurreição se encontram, quando está em sua tumba na profundidade do mundo subterrâneo, o representa rodeado por esta serpente.

De acordo com o texto egípcio, considera-se que a serpente que morde a cauda é a guardiã do submundo, e provavelmente seja esta a serpente que aqui se invoca.

«Você conjuro também em nome do barqueiro Acheron», continua o texto, e mais adiante: «vá ver o camponês Acharontos, e ele dirá todo o segredo». Naturalmente, a primeira coisa que alguém pensa é no Acheron, o rio subterrâneo do inferno grego, mas, como evidentemente a tradução representa idéias e imagens egípcias, temos que ver que deidade ou figura do submundo poderia dar-se a origem de um nome assim.

Em relação com isso encontrei algumas referências muito interessantes. Há um deus —ou um conceito— egípcio chamado Aker, ou às vezes Akerou. A este deus lhe representa com dois leões sentados lombo contra lombo, às vezes com o disco do sol sustentado entre ambos os lombos. A imagem chama-se Rwti, ou o duplo leão, e assim se representa ao deus, ou à palavra Aker. O mostra como o duplo leão, ou o duplo cão, ou como Ontem e Amanhã, porque na mitologia egípcia esta imagem total representa o momento da ressurreição do deus solar. Ontem morreu, amanhã voltará a estar vivo. A meia-noite, quando o sol está em seu ponto mais baixo e começa outra vez a levantar-se, é o momento crítico da morte à vida, do ontem ao dia seguinte. Este momento, o mais baixo da *enantiodromia* e da ressurreição, é Aker, porque «Aker» significa «aquele momento».

Nestas línguas mortas e nas antigas línguas primitivas, Aker não só significa o momento, mas também o lugar e a situação, a situação de morte e ressurreição, de ontem e amanhã, da ressurreição e regeneração do deus solar. Às vezes não se representa ao Aker como este ponto, o mais profundo do submundo, mas sim como a porta para o Mais Além, da qual são guardiães os duplos leões, de modo

que há uma adição e mescla de duas idéias; é a entrada ao Mais Além, o *limem* ou o ponto mais profundo do próprio



FIGURA 17

submundo. Nas tumbas de Tutmosis III e de Amenofis II se encontra a mesma cena que na tumba de Seth I.

Lerei agora algumas das invocações. No Livro das Cavernas, um dos livros dos mortos em suas múltiplas variações egípcias, o deus solar diz quando está no submundo: «Oh, Aker, sigo seu caminho, você cujas formas são misteriosas, abre os braços diante de mim. Aqui estou, aqueles que estão dentro de si me chamam». Quando diz: «aqueles que estão dentro de si me chamam», Aker é simplesmente o submundo inteiro, o espaço no submundo, e os que estão no submundo são os espíritos dos mortos e o deus dos mortos, e os espíritos chamam o deus solar quando este se afunda no submundo. O texto continua: «Vi seus mistérios, meu disco solar e Geb, o deus da terra, são aqueles a quem levo sobre minhas costas. Chepera está agora dentro de seu envoltório». Chepera é a forma do deus solar quando ressuscita, agora que está no ovo, no envoltório, e em um momento mais aparecerá sobre o horizonte. «Abre os braços, receba-me. Eis me aqui, eu tenho que afugentar sua escuridão.»

Na tumba de Ramsés VI, Aker está representado pelos dois leões, e debaixo deles se lêem as palavras: «Olhe que aparência tem este deus. Geb, o deus da terra, e Chepera, o escaravelho, observam as imagens que há dentro dele». Assim, Aker é um espaço que contém os mortos, ou as imagens de tudo o que existe. Não é somente o duplo leão, ou a porta para o Mais Além, a não ser esse espaço misterioso no submundo onde estão os mortos e as imagens. Vigia-os e tem-nos em seus braços. Este grande deus fica abaixo, no submundo, e fala com a grande imagem que transporta seu corpo. Aker é a grande imagem que carrega com o cadáver ou corpo do deus solar, como o pode entender pelo desenho. O deus solar verte luz sobre tudo o que descansa nos braços de Aker, que produz a reunião dos ossos do deus: reúne os ossos dispersos do cadáver.

Um dos grandes motivos do Livro dos Mortos egípcio é que os mortos são desmembrados, como desmembrado foi Osiris, e portanto os tem que reconstruir antes de que possam ressuscitar; os deve tornar a armá-los para que possam levantarem-se e sair do submundo. Aker é o agente que

recolhe os ossos e os membros do deus.

Outra representação que se encontrou na tumba de Ramsés VI é a do duplo leão de pé entre as águas primitivas. Debaixo da inscrição se lê «Aker» e depois há uma elipse, que neste contexto simboliza o submundo, ou o mundo dos mortos; e a inscrição diz que Aker e Shu, o deus do ar, são os dois criadores do mundo. Assim vêem vocês que Aker não só é o agente na ressurreição do deus solar e do submundo todo, mas também um dos agentes da criação do mundo. Às vezes os duplos leões são reempregados, como já os disse, por dois animais que parecem cães, os chacais de Anubis, e então a inscrição que levam debaixo diz: «Estes são os que abrem o caminho, os agentes da ressurreição».

Acredito, por conseguinte, que não seria muito rebuscado conjecturar que Acharon, ou Acharontos, alude a este deus egípcio, porque, como vocês sabem, o conteúdo principal do grande segredo que Isis reparte com Horus é que um leão gera um leão, a cevada gera cevada, o trigo gera trigo e assim sucessivamente; portanto um homem só se gera da mesma

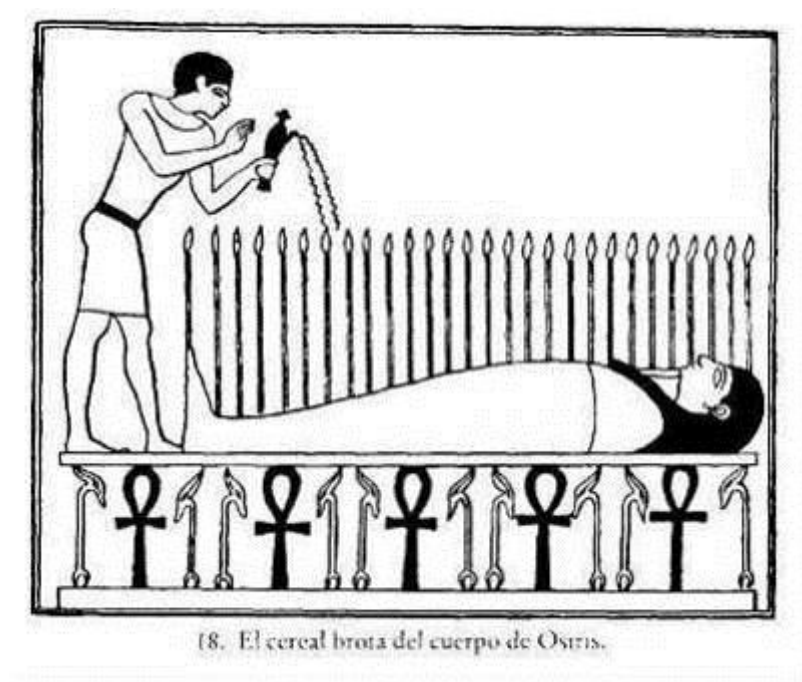


FIGURA 18

maneira e, diz-se também especialmente, um cão gera um cão.

Então, o que ao princípio parece um enunciado natural muito corriqueiro, quer dizer, o segredo da geração sexual, e dos gérmenes, e da geração das plantas, revela-se como algo que na antigüidade tardia da Grécia e Egito tinha uma trama de associações completamente diferente. Todas estas imagens conectavam-se ou associavam-se com a idéia da ressurreição dos mortos, da recriação do deus solar e da recriação do mundo; essa é uma alusão secreta que há no texto.

Como vocês sabem, com freqüência se representou a ressurreição de Osiris mediante o símile —embora seja mais que um símile— da ressurreição do cereal. Na antigüidade tardia —por exemplo, em muitos povos egípcios—celebravam-se rituais durante os quais se cortava e se cavava um tronco de

pinheiro, que representava o corpo de Isis, ou o ataúde; como vocês sabem, o ataúde é a deusa mãe. Nele se punha trigo ou cevada, o regava e o grão, posto ao sol, brotava e representava assim um ritual de ressurreição e da primavera. No museu do Cairo se pode ver ainda esta múmia de trigo. Em uma espécie de caixa plana cheia de areia se semeava cereal na forma de múmia de Osiris, o orvalhava com água, brotava e depois se murchava. Àquelas caixas chamavam-nas os jardins de Osiris, e representavam a ressurreição dos mortos. O processo se repetia em todos os funerais clássicos egípcios: ficava trigo ao lado da múmia e o regava com água; quando o trigo começava a brotar, era sinal de que o morto ressuscitara. Nesta forma, tipicamente primitiva e mágica, todos estes rituais se cumpriam em forma completamente literal sobre a múmia. Quer dizer que na mente do povo, o processo da morte do cereal na terra e de sua ressurreição como trigo ou cevada se relacionava estreitamente com a idéia da ressurreição, primeiro do deus Osiris, e mais adiante de todos os seres humanos.

Agora bem, o que tem a ver tudo isto com a alquimia? Está claro que parece referir-se a certos antigos mistérios tardios dos mortos no Egito da época helenística, e podemos reconhecer a conexão com o famoso mistério arquetípico da morte e ressurreição do jovem deus da primavera. Mas, por que aparece isto como a explicação essencial de todo o mistério alquímico? E sobretudo, por que, no texto que lhes li a última vez, depois desta explicação



19. Mientras Isis le da instrucciones, Anubis unge la momia de Osiris.



20 La resurrección de Osiris, ayudado por Nefthys e Isis.

FIGURA 19 E 20

aparecem umas receitas tão absolutamente corriqueiras? Acredito que para entender no que estava pensando aquela gente se tem que começar acima de tudo por ser sumamente ingênuo e seguir os passos de um pensamento ingênuo.

Suponhamos que vocês pensam em sua própria ressurreição, se é que a esperam, embora possivelmente não possam acreditar nela. Naturalmente, o primeiro que lhes ocorre é o cadáver e o que acontece dele. Comem-no os vermes, ou no crematório o reduzem à cinzas. Se formos ingênuos e sinceros, não podemos apartar a mente da visão imediata do que fica de nós depois da morte, e portanto em todas as civilizações humanas ao cadáver tratam com grande cuidado e com toda classe de rituais, porque representa um mistério. A forma do ser humano que viveu segue ali, mas algo falta, ou mudou. O sentimento ingênuo toma a isso que está ali por nosso pai, ou nosso amigo, ou quem for... e

se não, o que é? Se um espera a ressurreição, se pensar que tal coisa existe, então ao corpo que se desintegrou o tem que voltar a armar de algum jeito. Se seguirmos ingenuamente essa idéia, pensaremos que, se conhecêssemos a matéria básica da qual está feito em sua totalidade o complexo fenômeno do corpo, então o poderia refazer.

Não imaginem que estou lhes pregando isto como uma verdade! Quão único quero é lhes mostrar que seria uma idéia suscetível de ocorrer a uma mente ingênua, e com freqüência, ao tratar de falar com diversas pessoas do problema da ressurreição, vi que efetivamente pensam nesta linha. Falam do corpo glorificado... mas poderia haver uma matéria ou substância básica. Não sabemos o que é a matéria, de modo que a partir dessa base, pelo que nós não sabemos e é o segredo do próprio Deus, por que O não teria que refazer o corpo íntegro? Trata-se de uma crença comum entre muitos cristãos que não pensaram muito profundamente mas que, em um esforço por entender, têm uma idéia geral da ressurreição do corpo, e acredito que detrás destes textos havia pensamentos de ingenuidade similar. Quer dizer que o problema da ressurreição se vincula com o problema do que é a matéria e com a idéia de que, se a matéria tiver uma forma básica, pode transformar-se.

Agora bem, se houver uma matéria básica que se pode transformar em alguma outra coisa, então essa matéria básica é imortal e não pode dissolver jamais. Essa é inclusive a idéia do átomo — aquilo que já não se pode cindir mais—, quer dizer, a partícula ou o material mais básico, que é o que significa a palavra. Significa também o indivíduo, a última unidade. Não pode cindir nem desintegrar, e por conseguinte é imortal, de modo daqui tocamos uma coisa eterna, e se chegarmos ao fundo disso, então teremos o segredo da ressurreição e da imortalidade, e de como fez Deus o mundo.

Essa era a linha de pensamento e a reflexão subjacentes nas idéias contidas neste texto, o que explica que se investigou a composição básica da matéria cósmica. O fato de que para aquelas pessoas o problema da ressurreição dos mortos ligava-se com idéias assim demonstra que a esperança de imortalidade, todo o tremendo impulso emocional que sente o homem em sua nostalgia de imortalidade, canalizou-se naquela época na alquimia, o que explica como chegou a projetar-se neste problema a imaginária do processo de individuação.

Até agora não fiz mais que reforçar e ampliar o que antecede com alguns textos egípcios, mas depois vou ler um texto completamente diferente, do século V, pelo qual verão que pensamentos como estes existiam realmente. Até o momento apenas se aludiu à eles, de maneira que temos que reconstruí-los a partir de outros textos.

Depois da referência ao enunciado segundo o qual um leão gera um leão e um cão um cão, o texto continua: «Depois de ter a sorte de participar do poder divino, podemos proceder agora a preparação de outras coisas. Tome-se portanto mercúrio...», e assim segue. Depois, o texto continua com as receitas, que eu não posso interpretar porque, simplesmente, não sei o que significam. Algumas, como a da urina de um menino ainda não corrompido, podem-se ampliar, porque sabemos que esta desempenhava um papel na magia da antigüidade tardia. Não sabemos a que outras substâncias se

refere, e os historiadores da química fazem conjecturas, sem ficar de acordo, sobre seu provável significado, que em sua maior parte não se pôde estabelecer em forma definida. Só sabemos que são mesclas de metais e outras substâncias, que se usam principalmente para preparar ligas, e que havia certos procedimentos de fusão ou de corrosão lenta nos quais se aplicavam ácidos. Enquanto segue dando este tipo de receitas, Isis expressa: «Agora, meu filho, já conhece o mistério que é o elixir da viúva». Esta expressão demonstra que algumas receitas se referem melhor à elixires curativos, ou à alguns poderosos remédios —no sentido africano da palavra— que à produção de nenhum tipo de metal. Como se relaciona tudo isto para um pensamento ingênuo?

De menina tive uma experiência que possivelmente possa aclarar.

Quando tinha uns dez anos, com freqüência não podia ir à escola mais que de manhã, por adoecer. Pela tarde, quando minha irmã estava na escola, eu estava sozinha e muito aborrecida, sem ninguém com quem jogar. Então, no fundo do galinheiro, estabeleci o que chamava meu laboratório. Uma vez lera que o âmbar se formava quando na água de mar caía resina, que se solidificava depois de muitos anos. Por isso pensei em fazer âmbar. O âmbar, em minha fantasia, não demorou para converter-se em uma pérola amarela, e pensei que faria uma pérola de âmbar, redonda e amarela.

Subindo e caindo uma e outra vez de pinheiros e abetos, recolhi uma quantidade de resma, mas depois pensei que tinha que produzir água de mar. Pelo dicionário me inteirei do que parecia a água de mar, tirei do quarto de banho sal e iodo e mesclei, tão completamente como pode um fazê-lo nessa idade, algo ao que eu chamava água de mar. Depois me ocorreu que o âmbar teria que purifica-lo para que se pudesse produzir a pérola amarela, e comecei a fundi-lo e cozinha-lo para lhe tirar as formigas mortas e coisas assim havia nele, e enquanto o fazia e observava como o âmbar se esquentava e se derretia comecei, em minha solidão, a sentir pena por ele e a pensar que se queimava e que devia apaziguá-lo. Então comecei a falar com a resina, dizendo-lhe que não devia sentir-se desafortunada se a queimava, porque finalmente converte-la-ia em uma maravilhosa pérola amarela, e por isso agora devia suportar que a torturasse com o fogo.

Desta maneira armei toda uma fantasia relacionada com a produção da pérola amarela, uma idéia que se originou muito racionalmente a partir de algo que lera. Mas na solidão da tarefa, a coisa chegou a converter-se em um *opus* alquímico completo, com preces pelo êxito e tudo. Eu rezava ao âmbar, pedindo que não se zangasse comigo por cozinha-lo, e prometi que o converteria em uma pérola, e assim sucessivamente. Isso corresponde a uma mentalidade primitiva ou infantil, e devemos supor que aquelas pessoas tinham uma atitude similar. Terá que recordar que naquela época era muito perigoso fazer experimentos químicos, porque então a um o consideravam um médico bruxo, com todas as conseqüências que aquilo significava. As pessoas inspiravam respeito, mas também ódio e medo, e portanto aquelas eram coisas que teriam que fazer em segredo e solidão, condições que sempre mobilizam o inconsciente.

Poder-se-ia descrever esta ocupação de menina, que se prolongou durante mais de um ano,

como um jogo ou uma espécie de imaginação ativa, realizada com substâncias químicas... mas como, em grande medida, é a alquimia. A imaginação ativa pode exercitar-se com cores; na atualidade o fazemos principalmente pintando ou escrevendo contos, mas também se pode fazer de outra maneira: reunindo e mesclando substâncias. Era o que fazia aquela gente, e assim era como se desviava um pouco do caminho de um mero experimento químico para produzir outro no qual preponderava o material da fantasia, assim como eu comecei racionalmente com a intenção de fazer âmbar, e durante o processo caí na fantasia de fazer uma pérola amarela.

Neste campo de experimentação se produzem, tanto como em outros, acontecimentos sincrônicos, que são vividos como milagres e, naturalmente, confirmam estas fantasias. Que isto acontece nos modernos laboratórios de química prova-se pelo que ouvi contar de um cientista que tentava produzir por síntese química certa vitamina. Tinha tudo calculado e sabia que ao fim obteria o produto, mas parecia que a coisa não queria cristalizar. O momento em que algo cristaliza depende de fatores muito irracionais. É claro que o peso, o calor e a forma da mistura desempenham todo seu papel, mas ainda hoje há fatores que não se podem passar por cima na fabricação química, embora não se sabe do que dependem. Então, contrariamente a todas as expectativas, a condenada mistura não cristalizava. O homem vigiava dia e noite, dizendo que tinha que cristalizar, mas aquilo continuava líquido. O cientista se fartou de vigiá-lo e encarregou a um ajudante que seguisse mantendo determinada temperatura. Quando se foi à sua casa e dormiu, teve um assombroso sonho alquímico no qual uma voz lhe dizia: —Se for agora, verá que cristalizou!

Quando se levantou para telefonar, comprovou que era verdade: cristalizara-se! Quer dizer que o inconsciente daquele homem estava efetivamente conectado com o processo químico que se produzia na retorta, ou informado à ele.

Podem vocês lhe pôr o rótulo de sincronicidade, mas com isso não explicaram nada. É um fato, simplesmente. E demonstra que não sabemos de que maneira conecta-se o inconsciente com a matéria, a não ser só que o está, e que tem um conhecimento destas coisas; como, não sabemos, porque no momento, neste aspecto, nosso conhecimento científico chegou ao cabo da rua. Ao parecer, inclusive nos tempos mais modernos, a química tem uma conexão com o inconsciente da pessoa que faz o experimento, inclusive até o ponto de que aconteçam coisas como a que lhes contei. Aqui voltamos a fazer contato com um segredo, e esta classe de vivências, mas com uma base mais áspera e primitiva, era geralmente a respaldo dos experimentos dos alquimistas.

Se resumirmos o texto que acabamos de comentar, não de um ponto de vista psicológico, mas do histórico, vemos que na alquimia há idéias e concepções religiosas que se remontam ao Egito helenizado, com sua adição e mescla da religião grega e da egípcia tardia. Não posso ler todos os textos, mas em outros há traçados do simbolismo gnóstico e do judeu, e de muitas outras religiões da época. O outro elemento, conectado no pensamento mas não no que se refere aos textos, é o das receitas, sem dúvida vestígios das tradições secretas da arte, que se originaram com os médicos bruxos africanos e se

referiam à preparação de filtros de amor, remédios para assegurar a beleza, ligas e coisas semelhantes. Todas essas receitas eram os segredos dos artesãos do metal e dos médicos bruxos. É provável que durante a civilização egípcia transmitiram-se por certas classes de sacerdotes que, com a permissão do faraó reinante, tinham o monopólio da manufatura de certas ligas ou remédios, cujas receitas deviam conservar em livros secretos que se guardavam nos templos.

Da mesma maneira, no museu do Cairo há atualmente um papiro, achado em uma escavação, que contém todas as receitas para embalsamar cadáveres. As instruções para este complicadíssimo procedimento estão dadas de maneira puramente técnica e química. Era o segredo da classe dos sacerdotes de Anubis, e constituía um conhecimento que só se repartia para os sacerdotes iniciados. Isto se remonta provavelmente a mais antiga tradição primitiva dos médicos bruxos africanos, e ainda a pode descobrir na África em forma mais simples, já que a atitude psicológica e o segredo em que se apóiam tais procedimentos continuam os mesmos.

O texto grego que lhes apresentarei agora introduz um terceiro elemento nestes primeiros escritos químicos gregos, ou seja, a filosofia grega da natureza. Possivelmente um dos maiores acontecimentos históricos da antigüidade tardia fosse na filosofia natural grega, na filosofia pré-socrática, houvesse homens que, como Tales, Anaximandro e Anaxímenes de Mileto, Demócrito de Abdera e Heráclito de Éfeso, fizessem conjecturas sobre as teorias estabelecidas sobre a natureza e fossem os criadores de termos técnicos tais como tempo, espaço, átomo, matéria e energia.

Todos os conceitos básicos da física moderna se remontam, como vocês sabem, à filosofia grega, porque os gregos foram os criadores destes conceitos em seu significado específico, quer dizer científico-natural, embora não experimentaram em grande medida com a matéria. Por exemplo, se Demócrito dissesse que o átomo tem diferentes formas —digamos que a modo de pequenas pirâmides com ganchos nos ângulos que lhes permitem conectar-se— esse seria o tipo de modelo materialista de sua idéia do átomo. Os átomos redondos seriam a alma, e há também átomos de fogo que rodam por entre os espaços do átomo; esse é o modelo da realidade de Demócrito.

Aos gregos jamais lhes ocorreu provar ou demonstrar por experimentação essas coisas, como no procedimento científico comum na atualidade, em que se tivermos um modelo conjectural assim, tratamos de demonstrá-lo com experimentos práticos, comprovando assim se coincidi ou não com os fatos. Isto os gregos não faziam. Mas depois o pensamento grego —desafortunadamente, já em uma fase muito diluída— entrou em contato com as ciências secretas egípcias, que consistiam inteiramente em uma antiquíssima tradição artesanal e prática sobre o comportamento da matéria. Os egípcios sabiam muitíssimo do ponto de vista prático. Sabiam preparar esmaltes e tinta invisível, e conheciam toda classe de ligas complicadas, e quando estes dois mundos se encontraram, no Egito dos Ptolomeus, o contato foi enormemente fértil para ambos, porque o que na tradição egípcia eram receitas e pensamento religioso se encontrava agora com a precisão do pensamento científico dos gregos.

Poderíamos dizer que aquele foi o momento em que nasceu a alquimia, quando os modelos de

pensamento da filosofia grega se uniram com as práticas experimentais das tradições egípcias. Para adentra-los um pouco mais neste ponto, queria lhes ler um breve bosquejo de um longo texto de Olimpiodoro, um alquimista tardio cujo nome encontrarão sem dúvida nos escritos de Jung.

Olimpiodoro foi ministro e funcionário na corte de Bizancio no século V. Foi membro de uma delegação que visitou Átila, rei dos hunos, e escreveu uma história de sua época, bastante famosa, que publicou no ano 425. Alguns de seus biógrafos dizem que ao mesmo tempo conheciam-no como um grande mago e médico bruxo na corte bizantina, e, segundo os textos, estava muito ocupado com experimentos alquímicos. Entretanto, nas histórias da alquimia diz-se que isto não é verdade, porque Olimpiodoro não possuía muitos conhecimentos práticos, e inclusive se realmente realizava experimentos, é seguro que se interessava mais pelos aspectos teóricos ou simbólicos da alquimia.

Sustentava que os objetivos da alquimia não se podiam alcançar de maneira racional, que um podia seguir as receitas tanto como quisesse, mas que jamais chegaria a nenhuma parte sem a ajuda da magia e dos poderes mágicos. Assim começou a ter uma dupla atitude fazia o que se poderia chamar ciências sérias ou práticas e a magia, uma cisão com a que não tropeçamos em textos anteriores. A razão disso é que Olimpiodoro tinha uma educação filosófica grega que tentava aplicar a seus conhecimentos. Eu gostaria de apresentar-lhes o texto, como fiz com o de Isis, em sua estranha confusão literal, para que possam ter suas próprias impressões pessoais. Tomarei uma seção do capítulo XXX, sobre a Arte Sagrada ou Divina, e depois seguirei do capítulo XLI, que oferece, por assim dizê-lo, a essência de seus escritos.

No capítulo XXX, Olimpiodoro fala do chumbo e cita à profetisa Maria, de quem se conta que disse que o chumbo negro deve considerar-se como a base da obra. Ele comenta esta afirmação, e o tema continua no capítulo XLI, que diz: Agora vejamos como se prepara o chumbo negro. Como disse antes, o chumbo comum é negro do começo mesmo, mas nosso chumbo se volta negro, coisa que ao princípio não era. Os experimentos ensinar-lhes-ão, e por eles descobrirão a verdadeira demonstração e prova. As opiniões dignas de crédito são unânimes neste assunto. Agora tentarei abordar nosso objetivo. Se o Asem [uma liga semelhante à prata, embora não se sabe exatamente o que] não se converte em ouro, ou não poderia converter-se em ouro embora seja uma obra, não se tem que desprezar o que diziam os antigos, ou seja que a letra mata mas o espírito leva a vida. [...pois a letra mata, enquanto que o espírito dá vida.» II Coríntios 3, 6.]

Agora, isto está em completa harmonia com tudo dito pelos antigos filósofos e aponta ao mesmo fim, à palavra do Senhor. [Olimpiodoro era cristão e citava a Bíblia, assinalando que não se têm que tomar ao pé da letra as receitas e os textos alquímicos, porque aquilo matava, mas sim se deve entender o espírito do texto e o que isto significa.] Os oráculos de Apolo também estão em harmonia com o que queremos dizer, porque mencionam a tumba de Osiris [Isto amplifica nosso outro texto.] Mas, qual é a tumba de Osiris? Há um cadáver, amortalhado como uma múmia com bandas de linho, com apenas o rosto nu visível, e, interpretando Osiris, o oráculo diz: «Osiris é o sufocado féretro onde

estão ocultos seus membros e cujo rosto somente é visível aos mortais. Ocultando os corpos, a natureza se assombra. Ele, Osiris, é o princípio original de todas as substâncias úmidas. Sujeito como um prisioneiro mantém a esfera do fogo. Ele, por conseguinte, sufocou todo o chumbo».

Outro oráculo, pelo mesmo autor, diz: Tome-se um pouco de ouro ao que se chama o macho de Chrysokolla [seja o que for esta substância] e um homem que fora amassado. O ouro da terra etíope o produz de seus grãos. Certa espécie de formiga leva o ouro à superfície da terra e o desfruta. Fique junto com sua esposa no vapor até que saia a divina água amarga. Quando se tiver espessado, ou colorido de vermelho [cobre vermelho] como suco do vinho dourado do Egito, lubrifique-lhe sobre as folhinhas da deusa que traz a luz [que deve ser a lua] e também do cobre vermelho [«cypris» tanto pode significar «cobre» como «Vênus»] ou da vermelha Vênus [provavelmente se alude à Vênus] e depois faça o espessar até que se coagule em ouro.

Agora bem, o filósofo Petasios, quem fala do começo do mundo alquímico, está em completa harmonia com isto, e ele também se refere a nosso chumbo quando diz



21. La doble faz de la alquimia (laboratorio y biblioteca) corresponde a la naturaleza doble del proceso de individuación.

FIGURA 21

que a esfera do fogo sujeita e sufoca através do chumbo. Depois, interpretando suas próprias palavras, diz: «Tudo isso provém do macho, ou da água arsênica».

A palavra «arsênico» significa «masculino»; não é o arsênico que conhecemos, mas sim se refere a todas as substâncias que levam em si um impulso dinâmico que afeta outras substâncias. Tudo o que parece afetar outras substâncias era masculino porque era ativo, de maneira que não terá que confundir-lo com o que hoje chamamos arsênico. Ao arsênico ao qual ele se refere quando fala da esfera do fogo.

O chumbo está tão possuído pelos demônios e é tão descarado que quem quer aprender algo dele cai na loucura por causa de sua inconsciência. [Vocês encontrarão esta expressão nos livros de

Jung, quem a cita com frequência.

Agora me explicarei sobre os elementos químicos e então isto se esclarecerá. Chamam chumbo ao ovo —refiro-me ao ovo dos quatro elementos é o que diz Zósimo, e por isso na realidade refere-se sempre ao chumbo. Se eles explicarem sua forma, na realidade aludem em segredo à totalidade da coisa, porque, como diz Maria, os quatro elementos são um. Quando se ouvir a palavra «areias» se tem que entender que aquilo significa «formas» ou idéias [em grego pode significar tanto uma coisa como a outra]. Se ouvirem «eide» [formas, idéias], isso significa na realidade «as areias» —o tipo de areia— porque os quatro corpos, ou os quatro elementos, são também as quatro «corporeidades» [esta é uma palavra inventada, mas em grego é igual].

Zósimo explica a quádrupla corporeidade da seguinte maneira: Agora a pobre [em grego o adjetivo é feminino] coisa cai dentro do quarto-corpo no qual está encadeada, e imediatamente troca de uma cor a outra, todas as cores nas quais a técnica deseja atá-la: branco, amarelo, inclusive negro, ou primeiro negro, depois branco e depois amarelo, e quando esta coisa feminina evidenciou todas estas cores, e rejuvenesceu, continua envelhecendo e depois morre no quarto-corpo, que significa ferro, estanho, bronze e chumbo, com cada um dos quais ela morre na *rubedo* —o estado de avermelhar-se— e então é completamente destruída de modo que não possa escapar, um fato que é muito satisfatório para os alquimistas, porque agora ela não pode fugir. E então repetimos toda a coisa, pela qual seu perseguidor também é encadeado [que persegue a esta mulher também é encadeado], todo o qual tem lugar fora do recipiente redondo.

O que é o recipiente redondo? Seja o fogo ou a forma redonda do recipiente impede que ela escape. Assim como em uma enfermidade o sangue fora destruído e agora se renovava, igualmente em seu estado argênteo se vê que ela tem sangue vermelho, e isso é o ouro.

Este é uma longa passagem literal de verdadeira alquimia, pelo qual vocês podem ver quão caridoso foi Jung ao selecionar passagens e publicá-los reunidos em capítulos, porque se vocês lessem o texto original também poderiam ter a loucura do chumbo. Quando se lêem os livros de Jung um pensa que é impossível entender a coisa porque tudo é muito complicado, mas na realidade ele a simplificou enormemente e fez um esforço tremendo por tirar as pérolas do montão de esterco e por lhe dar alguma forma, porque o material original era como o que vimos. Se se acostumaram vocês a seguir esta linha de pensamento, encontrar-se-ão com que toda a coisa é completamente lógica, tem a mesma lógica que um sonho e a podem tomar assim. A primeira vez que vocês ouvem um sonho lhes parece completamente ofuscado, mas se lerem este material como leriam um sonho captarão seu significado.

Por exemplo, Olimpiodoro fala do chumbo negro e está claro que se trata da substância originária e que é por conseguinte o mistério do qual já falamos —a *prima materia*—, a substância básica do mundo, onde reside o segredo divino da vida e da morte. Ele o chama «nosso chumbo», que ao princípio não é negro, e o contrapõe ao chumbo comum, com o qual quer dizer que o que os artesãos ordinários chamavam chumbo (que se usa para fabricar encanamentos, já que na época do Império

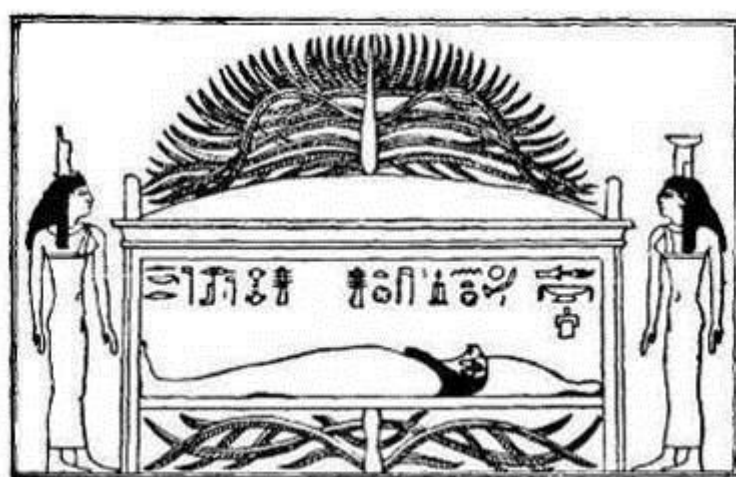
romano a água passava por encanamentos de chumbo) não é ao que eles —os alquimistas— se referem ao falar de chumbo. É uma classe diferente de chumbo, uma substância mais básica com a qual se tem que experimentar, diz-nos, para descobrir a que se referiam os autores anteriores.

Cita depois a Bíblia, dizendo que o texto não se tem que tomar literalmente, o que também é compreensível, e diz que a transformação do chumbo é um segredo. Depois cita um oráculo de Apolo, que deve estar em um escrito mais antigo que se perdeu, diz que este é o féretro de Osiris.

Para entendê-lo, vocês devem conhecer a lenda segundo a qual Seth matou Osiris fabricando primeiro um féretro de *piorno* e depois fazendo que durante uma festa os convidados bêbados se metessem nele com o pretexto de ver quem iria bem de tamanho. Mas quando Osiris entrou no ataúde, Seth se apressou a por a tampa, cobriu-o de chumbo e o jogou no mar. Portanto se poderia dizer que Osiris foi sufocado em chumbo, e se pode pensar que a tumba de Osiris era um ataúde de chumbo, ou um féretro selado com chumbo dentro do qual está o deus morto, ou o espírito divino, na forma que assume na morte.

Este é o significado que se trata de transmitir. Osiris jaz como uma múmia no féretro, com apenas o rosto visível. Vocês viram múmias amortalhadas com bandas de linho e com a máscara que mostra o rosto. O significado disto não está claro, mas se poderia dizer que nisso havia algo de humano e algo de desumano, porque se tivéssemos que interpretá-lo simbolicamente, como um sonho, diríamos que deve referir-se a um ser semi-humano; se o rosto é humano, então em parte se pode entender do aspecto humano, mas há uma parte que não se pode entender.

Olimpiodoro continua dizendo que o próprio Osiris é o féretro sufocado, ou a tumba, que oculta seus membros e só mostra a cara aos seres humanos. Brotois é um nome específico para os seres humanos, que significa «os mortais». Osiris é imortal, ou o imortal mortal, que aos mortais só mostra



22. Osiris en el féretro de cedro cubierto de plomo, que representa el eclipse de la conciencia, la depresión.

FIGURA 22

seu rosto humano, enquanto que o resto de seu corpo é um segredo. «Ocultando os corpos, a natureza se maravilhou, ou ficou assombrada.» Não posso entender isto de tudo, a não ser que deve significar que é parcialmente compreensível porque há um rosto humano, e parcialmente um mistério, do qual até a natureza se maravilha. Não posso dar nenhuma outra explicação. «Esse é o começo de todas as substâncias úmidas», quer dizer, da matéria básica, originária, do ponto de partida (*Arche*). A substância úmida representa o material básico do cosmos, apanhado na esfera do fogo.

Por isso acontece depois se pode ver que havia a conexão seguinte: a matéria ficava em um frasco que se selava firmemente e punha a cozer, e se considerava que isto era um paralelo exato com o espírito divino, Osiris, o homem deus, que jaz morto



FIGURA 23

em seu féretro de chumbo, porque a matéria na garrafa estava exatamente no mesmo estado.

Isso era precisamente o que sentia eu quando torturava a minha resina em minha infância, porque sentia que se torturava pelo fogo em sua garrafa, por assim dizê-lo; não podia escapar, quer dizer, não podia evaporar-se, porque eu também fechava minha garrafa. Então presa tenho-na em minhas mãos e faço algo com ela. A analogia é Seth que apanha Osiris, e agora como este foi apanhado por Seth, pelo poderoso princípio do mal, transforma-se e ressuscita. Essa era, provavelmente, a associação que faziam. Então ele sufocou todo o chumbo. Embora isto não o entendo, parece-me que este aprisionamento em um féretro, ou em um recipiente alquímico, poderia representar um processo de sufocação, a morte da *prima materia* por sufocação.

Sem dúvida, aqui há uma analogia com o que fazemos quando impedimos que um ser humano projete em forma ingênua, e obrigamos essa pessoa a que se enfoque só sobre si mesmo; isso seria

como uma sufocação, porque alguém quer é ir ao analista dizer-lhe: «Assim é como me educou minha mãe». A isso, o analista responde que alguém deveria ver o papel que desempenhou nisso seu próprio complexo, e então tem que aceitar tudo aquilo pelo qual antes culpara à Deus e aos fados, aos pais e ao marido. Tudo isso terá que voltar a aceitar como próprio, e é como uma sufocação, uma espécie de morte, porque o impulso a projetar tudo no exterior viu-se detido.

A vasilha é um símbolo da atitude que impede que nada escape para fora, é uma atitude básica de introversão, que em princípio não deixa escapar nada para o mundo exterior. A ilusão delirante de que todo o problema está fora tem que acabar, e as coisas terá que as olhar de dentro. Essa é a forma em que agora «sufocamos» o *mysterium* do inconsciente. Não sabemos o que é o inconsciente, mas o sufocamos mediante este tratamento concentrado pelo qual se detém toda projeção, intensificando o processo psicológico. É também a tortura do fogo, porque quando o fluxo da intensidade dos processos psicológicos concentra-se, um acha-se, acha-se no que alguém é. Portanto a pessoa que está na tumba e a tumba mesma são a mesma coisa, porque acha-se no que você mesmo é e não em nenhuma outra coisa; ou se poderia dizer que alguém cozinha-se em seu próprio suco, e é portanto a tumba, o contêiner da tumba, que sufoca o que o sufoca, o féretro do deus morto que há dentro.

Que está dentro, naturalmente, não é o eu a não ser todo seu ser, porque você está olhando a todo seu ser e não a seu eu que queria escapar. Agora bem, isto é tão doloroso que todos tentamos escapar. Acredito que em anos e anos não analisei a ninguém que de quando em quando não flertasse com a idéia de abandonar tudo e retornar ao que chamamos vida normal. Portanto, penso que é muito compreensível que o texto, depois de um tempo, fale da mulher que sempre trata de escapar e a quem terá que atar dentro do corpo quádruplo ou do quarto-corpo.

Voltando para o texto, Olimpiodoro fala de tomar certa substância, isto é, a pedra áurea, a que se chama a parte masculina de Chrysokolla —é provável que ele pensasse em algum material específico—, e um homem moldado.

Pois bem, quem é o homem moldado, ou o homem a quem amassaram para lhe dar forma? Olimpiodoro é cristão, e essa é uma definição de Adão! Significa simplesmente tomar duas substâncias químicas —que não sabemos quais são— e fazer Adão. A relação que estabeleceria um homem daquela época seria que o Adão fizeram de barro e portanto, de acordo com a Bíblia, o barro é a *prima materia* do homem, o segredo básico do homem. Agora já não se referiam ao barro, então já sabiam que aquilo não podia referir-se ao barro; seu conhecimento da biologia e da filosofia lhes alcançava para saber que o homem amassado de barro não era mais que um símile. Portanto, o barro aludia à *prima materia*.

O homem feito de barro era, por conseguinte, Adão, que naquela época era um símbolo do Si mesmo ou, poderíamos dizer, do homem que acaba de sair das mãos de Deus, que ainda não se estragou e não aconteceu ainda pelo processo da corrupção.

O homem incorrupto, recém saído das mãos de Deus, é o homem que foi amassado, e por isso ele não fala de Adão, porque Adão associa-se com o pecado, com a corrupção, com Eva e com tudo

isso. Aí aludir desta maneira ao Adão, referia-se ao Adão em sua forma original e não degradada, quando Deus acabava de criá-lo. Evidentemente, isto se refere à *prima materia* que nós chamamos o Si mesmo, e por isso no budismo Zen se diz: «mostre-me seu rosto original». Em um dos *koans*, há um Mestre que se ilumina quando outro Mestre lhe diz isso.

O ouro da terra etíope o gera —ao homem— de seus grãos e ali há uma espécie de formigas que o levam a superfície da terra e o desfrutam.

Isso se refere aos famosos Arimaspos, mencionados também no *Fausto* de Goethe. Na antigüidade tardia houve uma lenda segundo a qual na Índia existiram em certa época umas formigas enormes, tão grandes como seres humanos, que escavavam ouro da terra. Para os gregos, a Índia era a terra da sabedoria e das riquezas, o Paraíso onde o ouro se encontrava nas árvores, nas ruas e em todas as partes, e por toda parte se tropeçava com sábios. Nas descrições da Índia daquela época se menciona a essas enormes formigas legendárias que supostamente eram o segredo da grande riqueza da Índia. portanto, quando Olimpíodoro diz isto, refere-se às formigas.

Se entrarmos no que naquela época era o simbolismo da formiga, encontramos com que



24 Adan, creado del polvo de la tierra

FIGURA 24

de acordo com certas versões as formigas ressuscitavam ao sol empurrando-o todas as manhãs para que aparecesse sobre o horizonte, de modo que eram um cabal paralelo com o escaravelho egípcio que todas as manhãs eleva o disco do sol por cima do horizonte para que se levante. O escaravelho é um

símbolo do sol que se levanta e da ressurreição. Em certas tradições, esta lenda do escaravelho foi substituída na antigüidade tardia por enormes formigas que cumprem exatamente a mesma função. Portanto a referência aponta aqui outra vez à ressurreição do sol, ou a esse momento da primeiríssima criação do deus sol, que de acordo com a interpretação que estamos seria o símbolo da consciência.

Em linguagem psicológica se diria: «Volta para ser humano original que há dentro de si, volta para esse lugar onde as reações do sistema nervoso simpático —ou de seu inconsciente— engancham com a origem de sua consciência». Expresso com mais precisão, seria: «Volta para o ponto original de sua consciência, tenta retornar ao lugar de onde provém sua consciência, à soleira do inconsciente».

Depois reúne a este «Adão» com sua mulher, o vapor, até que brota a amarga água divina. Isto significa que este Adão, a coisa original, une-se com seu oposto, que parece ser uma substância como um vapor, e que juntos dão nascimento a uma substância aquosa e amarga. É o motivo da *coniunctio*, a reunião dos opostos, e o resultado é a mística água divina, a água amarga.

Psicologicamente isso significaria: ponha numa atitude de reflexão em que se pergunta de onde provêm seus processos conscientes, isto liga com o material da fantasia —o vapor que sobe do inconsciente— e isso cria um *insight* [uma visão interior] vivente que é amargo. Geralmente, o *insight* que obtemos ao nos olhar é muito amargo, e por isso é tão pouca gente que o faz; é *pikeros* —amargo— porque corrói as ilusões delirantes da consciência e é muito amargo para elas.

Por isso falamos do «amargo conhecimento», a «amarga compreensão» e também da «amarga verdade», porque no começo, o conhecimento de si mesmo é uma experiência amarga.

De modo que se se faz uma leitura psicológica do texto, tomando-o como se fora um sonho, não é nenhuma tolice, a não ser um pouco completamente lógico. Um dos grandes méritos de Jung é dar-nos uma chave destes textos que os historiadores oficiais da química consideram um absoluto disparate, porque para eles não significam nada absolutamente. Mas para nós está claro o branco aí que aponta Olimpiodoro, quer dizer, uma experiência interior, uma experiência religiosa introvertida que aquelas pessoas tinham em suas meditações e em seus experimentos com fenômenos materiais. Aquela foi a base da alquimia.

Pergunta: A referência ao Adão, situa-o antes ou depois da Queda?

M. L. von Franz: Acredito que antes da Queda, porque de outra maneira o texto diria Adão em vez de usar essa estranha expressão do homem moldado ou amassado». O homem amassado refere-se melhor a um aspecto de Adão, quer dizer a sua criação; o que se destaca é que é feito de barro, e por conseguinte eu diria que o homem feito de barro é o que se deveria ter presente quando se pensa nele, e não o fato de que estivesse com a Eva e a serpente, e tudo isso. Acredito que isso se pode corroborar pelo fato de que Olimpiodoro conhecia Zósimo, quem tinha uma teoria gnóstica referente a que Adão era o homem original impecável, antes da Queda. portanto podemos estar bastante seguros de que a referência é ao Adão antes da Queda.

De modo que a esfera de fogo conserva o chumbo e o sufoca, diz Olimpiodoro, e isso é a coisa

masculina, e o chumbo está demoniacamente tão possuído, é tão desavergonhado, que quem deseje investigá-lo caem na loucura por causa de sua inconsciência, de sua falta de conhecimento da Gnosis.

É provável que, quimicamente, isto aluda ao fato de que o chumbo costuma ser venenoso. Esse seria seu aspecto químico e, naturalmente, coincide com o fato de que no começo (de uma análise, por exemplo), quando um olhe ao inconsciente, emergem geralmente emoções e impulsos instintivos tão fortes que alguém passa por estados que poderiam levá-lo à loucura. É freqüente que os alquimistas expressem que muitos deles perderam a cabeça, e isso se pode tomar ao pé da letra.

Faz muitos anos tive uma experiência interessante, que demonstra que aqui na Suíça há alquimistas loucos. Quando eu trabalhava sobre estes textos na Biblioteca Central, um dos funcionários perguntou-me se estudava textos alquímicos, e quando lhe respondi que sim disse-me que então eu tinha um colega a quem queria me apresentar. Acreditando que seria uma brincadeira muito divertida, conduziu-me para um enrugadíssimo idoso que estava sentado investigando um texto alquímico, a quem me apresentou dizendo que eu era especialista em alquimia. Olhei àquele homem, de cujo nome me esqueci, e quando lhe vi os olhos adverti imediatamente que estava totalmente esquizofrênico. Sentei-me junto dele, e passado um momento perguntou-me:

—Você tem o segredo?

—Não, ainda não —lhe respondi.

—Eu estou muito perto de achá-lo, acredito que em dois ou três meses mais o terei —disse-me então. Quando lhe disse que me parecia maravilhoso, perguntou-me se sabia grego, porque seu problema era que ele não sabia mas que, se podia ajudá-lo com o grego, o conseguiríamos.

—Sim, sim—respondi-lhe—, mas não agora!

Aquele era um verdadeiro alquimista que se tornara presa da loucura do chumbo.

25 H Ouroboros



FIGURA 25

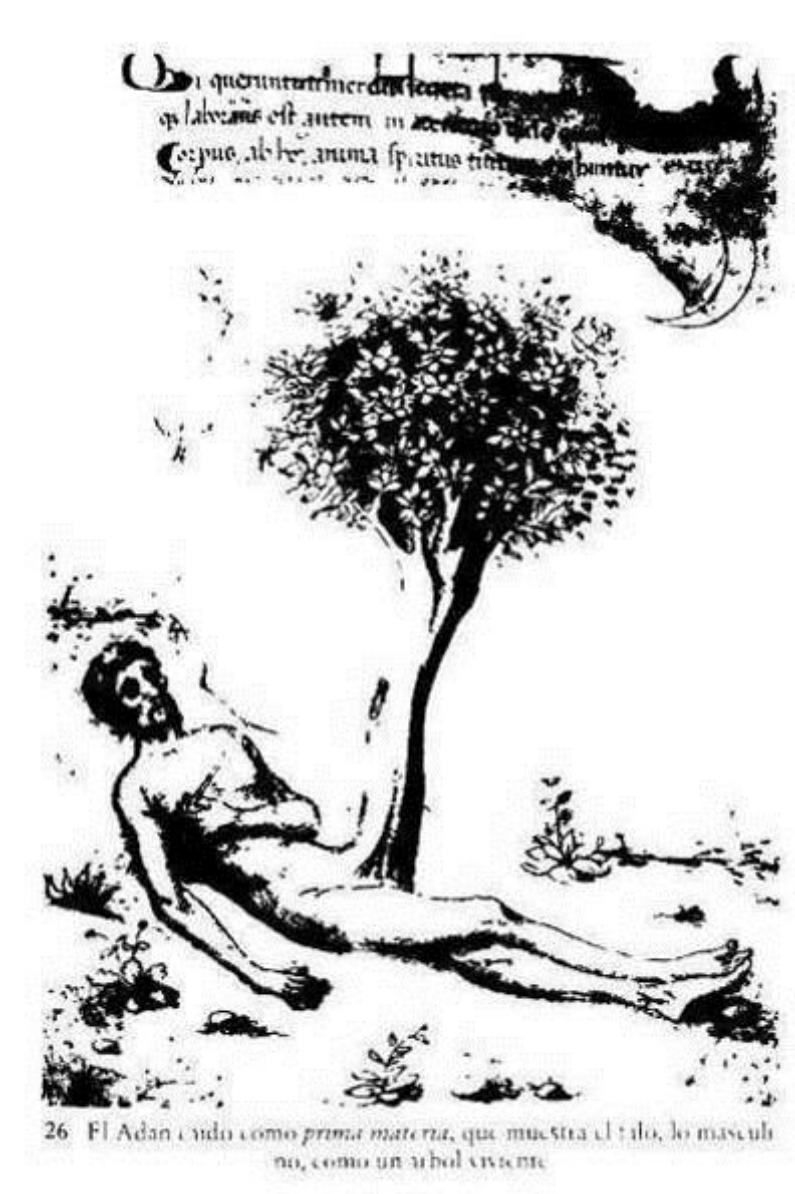


FIGURA 26

Quarta conferência: A ALQUIMIA GRECO-ÁRABE

A última vez terminamos enquanto falávamos de uma passagem muito obscura no texto de Olimpiodoro. A citação mencionada dizia que se tem que tomar a Chrysokolla, a pedra de ouro, a que se chamava o macho, junto com o homem amassado, o que evidentemente se refere ao Adão, que foi amassado ou moldado em barro. Assim, há uma referência indireta ao Adão no Paraíso, o que ficaria confirmado pelo fato de que Olimpiodoro sabia da existência de Zósimo.

Como vocês sabem, em *Psicologia e Alquimia* há uma referência a um texto de Zósimo que se refere ao Adão dizendo que foi criado no Paraíso a partir dos quatro elementos, e depois caiu no mundo. A tarefa da alquimia, para Zósimo, consiste em voltar a unir as faíscas de luz de Adão e levá-lo de volta ao Paraíso. Olimpiodoro, que viveu duzentos anos mais tarde, conhecia este texto de Zósimo, de modo que é evidente que aqui se refere à reconstrução de Adão, à restauração de Adão caído, que

vive como uma faísca de luz em cada ser humano, no âmbito celestial. Por conseguinte nosso texto é uma variação sobre a idéia de que no fundo da matéria está, em uma forma extensa ou dissolvida, ou na figura cósmica de um ser humano, Adão, o primeiro homem, chamado com diferentes nomes, que tem que ser liberado ou redimido da matéria.

Remeto-os à parte de *Psicologia e Alquimia* que se refere ao Adão caído, ao *anima* caído ou homem, onde Jung menciona diferentes textos que mostram que isto é um reflexo do processo de projeção. Recordar-se-ão que diz que o mito de um anjo, ou de Adão, ou da figura de um *anima* cósmica que cai na matéria, representa o momento em que esta figura é projetada na matéria, o que significa que as teorias assim, que provêm do inconsciente, em alquimia contribuem à idéia de que de repente se busca conscientemente o símbolo do Si mesmo na matéria.

Isto é sem dúvida o que acontece com nosso texto anterior, o referente ao ritual funerário de Osiris e a todos os rituais funerários, no sentido egípcio do termo. A busca da imortalidade era de fato a busca de uma essência incorruptível no homem, capaz de sobreviver à morte, de uma parte essencial do ser humano que se pudesse preservar. O mesmo vale para esses poderes desconhecidos que também guiam a vida humana.

Esta busca continuou virtualmente até o século XVII com todas as teorias posteriores do elixir da vida, o *pharmakon* da vida e outras. Se se o traduz em termos psicológicos modernos, algo imortal que tenha que sobreviver à vida poderia expressar-se como um aspecto do Si mesmo, a busca daquilo que há no homem de maior, incorruptível e essencial.

A parte seguinte do texto se ocupa da extração do ouro por obra das formigas do território etíope. No fundo este é o mito dos *arimas-pianos* [na mitologia greco-romana, raça de homens com um só olho que viviam em constante luta com os grifos, no intento de arrebatá-los o ouro do qual estes últimos eram guardiães] da Índia, porque ambos os países —a Índia e Etiópia— carregavam naquela época com a projeção de ser não só os países de onde sucediam milagres, como também aqueles de onde a piedade era mais notória. Nos últimos escritos gregos da época de Alexandre há muitas cartas apócrifas de Alexandre Magno e sua mãe, Olímpia, onde fala da Índia e conta que ali os brahmanes andam nus e que são os homens mais sábios da terra e os mais piedosos. Esta mesma idéia projetou-se também sobre Etiópia. Nas últimas novelas e informes geográficos escritos em grego se diz sempre que as pessoas negras de Etiópia são as mais próximas de Deus e que constituem o povo mais piedoso do mundo. Também se pode dizer que os gregos, ao longo de sua evolução intelectual, perderam certo aspecto da religião primitiva: essa atitude religiosa primitiva e imediata que, na medida em que alcançamos ver, é comum à todas as civilizações primitivas.

Um estudo das civilizações primitivas demonstra que sua atitude religiosa para a vida é algo completamente evidente sem mais. A religião não era algo além do cotidiano da vida profana, mas a base, por si mesmo evidente, de tudo o que se fazia, acreditava e dizia. Em seu estado primitivo, o homem é naturalmente religioso e sua religião transpassa toda sua natureza e a totalidade de suas

atividades. A partir deste estado, a civilização grega evoluiu, passando pela filosofia pré-socrática e pela sofística, seguindo as diversas evoluções da filosofia grega.

Na Grécia, possivelmente pela primeira vez, as camadas altas de uma sociedade cultivada foram apartando-se da atitude religiosa primitiva que a partir de então se projetou primeiro sobre os índios e os etíopes, e mais adiante, de acordo com a literatura grega de épocas posteriores, sobre os egípcios e outros povos afins, a quem se considerou então os mais elevados e mais próximos a Deus, e era em seu âmbito, conforme diz nosso texto, onde se teria que encontrar o mistério alquímico. Retornar à atitude primitiva e evidente para a vida é o requisito prévio à experiência do Si mesmo, que não pode ser achado por mediação da mente consciente nem com a parte evoluída da personalidade, mas sim exige primeiro o retorno àquela primitiva atitude humana.

O texto prossegue: «Fique então à esposa, ou a mulher do vapor com o ouro que extraem as formigas, até que saia a amarga água divina.» De modo que temos aqui o motivo de uma *coniunctio*. Toma o ouro que se extraiu da terra etíope (a substância masculina), e o põe com uma substância feminina a que se denomina a mulher do bafo ou do vapor.

Pergunta: A atitude religiosa primitiva, teria algo a ver com a *participação mystique*?

M. L. von Franz: Sim, é algo que tem todos os sintomas da religião primitiva, quer dizer, a *participação mystique*: a observação dos acontecimentos sincrônicos, a observação dos signos, o não atuar sem ter observado primeiro os sintomas e sinais internos e externos, ou —tal como o definiu— a constante e cuidadosa atenção posta nos fatores desconhecidos.

De acordo com tal definição, a religião significa não atuar jamais exclusivamente em função do raciocínio consciente, porém, prestando uma atenção constante aos fatores desconhecidos que participam tendo-os sempre em conta. Por exemplo, se alguém sugerir que vamos tomar um café depois da conferência, se em quão único penso é em que tenho tempo, porque até às 12h30 não almoço, isso seria um raciocínio consciente, que naturalmente é também correto, mas se for uma pessoa religiosa deter-me-ei um momento a pensar, e tentarei perceber se sentir que está bem fazer o sugerido ou se tiver uma sensação instintiva de rechaço, ou se nesse momento se fecha de repente uma janela ou se der um tropeção, porque então é provável que não vá.

Podemos rir disso e considerá-lo superstição, e naturalmente nesse nível não é diferente da superstição, mas não se trata somente de algo mecânico como a idéia de que se nos cruza no caminho um gato negro mais vale voltar atrás, mas sim melhor de que todo o tempo deveríamos nos concentrar no intento de receber alguma sinal de Si mesmo ou de nosso próprio interior.

Na filosofia da China é o equivalente de prestar atenção constante ao Tao, a se o que neste momento faço está bem, se estiver no Tao. Naturalmente, há também discussões pessoais, um debate os prós e os contras, mas viver de maneira religiosa significaria estar constantemente em estado de alerta para perceber aqueles poderes ignotos que também guiam nossa própria vida. Senão receber nenhuma indicação contrária, posso decidir que tomarei o café, posto que tenho tempo ou porque

gosto. O som de um sino não é sempre uma advertência; mas se o é e ignoramos, então algo anda mal. A atitude religiosa primitiva implica que constantemente se tenham em consideração estes poderes.

Senão me chegar uma indicação em contrário, posso decidir que tomarei o café, porque tenho tempo ou porque gosto. Nem sempre nos soa um timbre de advertência, mas, se soa e não damos conta, então algo anda mal. As atitudes religiosa e primitiva implicam uma consideração constante destes poderes.

Quando Jung esteve na África, o guia de seu safári era um muçulmano, acredito que um xiita. Todas as manhãs, durante o café da manhã, todos os portadores negros comentavam seus sonhos, depois do qual o líder do grupo dizia ao Jung se esse dia continuariam avançando ou não. Jung comprovou que quando diziam que não continuavam, o aspecto geral dos sonhos não fora favorável, de modo que provavelmente sentissem que tinham que esperar um dia mais antes de seguir. Jung aceitava aquelas decisões e inclusive as arrumava para deixar-se arrastar a participar do comentário dos sonhos, e os homens ficaram muito impressionados ao descobrir que ele se interessava pelos sonhos e sabia algo deles, e que inclusive podia interpretá-los melhor, como se pudesse observar o que acontecia. Mas um inglês que algumas semanas depois foi ao mesmo lugar fez, naturalmente, o que fazem a maioria dos brancos: acusou os homens de ociosos e insistiu em que tinham que chegar ao destino em cinco dias, quis impor-se pela força e resultou morto.

Esta anedota exemplifica uma atitude de cuidadosa consideração de todos os aspectos irracionais. Os nativos atuavam daquela maneira porque poderia haver um dia de temporal, ou podiam encontrar-se com um rinoceronte e sofrer um ataque, ou tropeçar com outro imprevisto. Na natureza um se enfrenta constantemente com coisas assim, e nosso inconsciente sabe, e quando se vive em plena natureza prestar atenção a esses fatores é essencial para a sobrevivência. Os animais sempre captam sinais dos terremotos e outros perigos, recebem-nos instintivamente, e se prestarmos atenção nós também os recebemos em nossos sonhos, e por isso aqueles nativos, mostrando uma adaptação muito razoável, prestavam atenção a seus sonhos todas as manhãs.

Outro dia tive um exemplo de algo semelhante quando estava em minha casa de férias. Era evidente que pela parte alta do lago se aproximava uma tormenta. É óbvio, eu não sabia chovia granizo, mas de repente minha cadela levantou as orelhas, precipitou-se dentro da casa, foi ao piso alto e escondeu a cabeça em minha cama. Eu corri atrás dela a ver por que fazia tudo aquilo, e nesse momento se desatou o granizo! São advertências que os animais recebem como por telepatia.

Mas na realidade, telepatia só significa ter conhecimento de algo que está longe, e isso não explica nada, porque telepatia não é mais que uma palavra. Quão único sabemos é que no funcionamento inconsciente e instintivo dos animais superiores, incluído o homem, há uma percepção sobrenatural, ou melhor dizendo sobre-racional, de coisas sobre as quais não poderíamos ter conhecimento racional, e que por conseguinte é útil, saudável e muito importante prestar-lhes atenção. Parece que tais impulsos não só servem à sobrevivência de animais e humanos, mas sim têm uma

extensão maior, a de estar a serviço de uma evolução e uma maturidade superiores, e do bem-estar psicológico da pessoa, e por isso os consideramos como o inconsciente em seu aspecto de preservação e de cura.

Em nossa definição, e em sua forma mais básica, a religião seria simplesmente uma atenção em estado de constante alerta dirigida para estes fatos, em vez de reger e decidir um sua vida mediante uma decisão racional consciente e raciocinando sobre os prós e os contras. Portanto, nas sociedades primitivas a religião impregna toda a vida cotidiana. Antes de que os primitivos saiam a caçar se celebra o ritual da caça, e se durante a celebração se produz um acidente, pois não saem. Não há nisso nada de místico, transcendente nem especial; a atitude religiosa básica se vincula com a idéia de sobrevivência, e entretanto ser religioso é uma vantagem imediata, porque assegura a sobrevivência.

Quando nos vemos enfrentados com o fenômeno da neurose, quando nos entupimos em suas dificuldades, tentamos descobrir o que é que tem que dizer o inconsciente, e o primeiro é guiar aos analisandos a prestar mais atenção à seus instintos, depois dos quais está a totalidade do fenômeno da experiência religiosa e o *insight* religioso. Jung, por certo, começou como todos os médicos —apoiando-se além em seu contato com Freud— com a idéia de ajudar às pessoas a voltar-se mais instintiva, para que assim pudesse ser mais sã, mas depois descobriu que por detrás do instinto estava também a religião, ou que esta última era algo instintivo e completamente natural, porque o homem singelo é homem religioso. Portanto terá que voltar para homem interior, natural e imediato, e a uma atitude religiosa, porque não podemos ter nenhuma destas coisas sem a outra.

Pergunta: A palavra religião, provém de *religare* ou de *religere*?

M. L. von Franz: Em relação a esse ponto se expôs uma discussão etimológica. Naturalmente, *religare* e *religere* têm a mesma raiz, *legere*, *recolher*. Originariamente se referia a recolher ou compilar lenha, mas *legere*, *ler*, tem outra conotação: a de «recolher» «reunir» as letras uma por uma; assim é como lê a gente ao começo, e como aprendem ainda os meninos.

Religare foi aceita como a interpretação oficial da época de Santo Agostinho, apoiando-se na reflexão teológica de que significa ligar, voltar a ligá-lo a um com Deus. Santo Agostinho dizia que o homem fora separado de Deus pelo pecado original e que a tarefa da religião era voltar a estabelecer a ligação. Esta não é, sem dúvida, uma interpretação científica, mas é muito interessante, e reflete bem qual é a idéia cristã da religião. Os etimologistas modernos pensam que é provável que provenha da palavra *religere*, que quereria dizer «consideração cuidadosa», um significado que eu ampliei considerando-o, por exemplo, como um estar alerta aos fatores irracionais, mas estes elementos não estão na palavra mesma, que significa simplesmente consideração cuidadosa. O «re» indica «para trás», quer dizer que significa que um olhe para trás para descobrir se o que está detrás também vem ou se é duvidoso. A gente tem que estar sempre alerta e assegurar-se do que é que têm que dizer as outras forças a respeito de nossa vida.

Pergunta: Poder-se-ia dizer que não é mais que superstição?

M. L. von Franz: Não! A superstição seria a mecanização desta atitude. Em geral se pensa em superstição quando um bate na madeira ou quando diz que ver um gato negro significa má sorte, ou que ver uma aranha pela manhã é mau sinal e deprime. Tudo isso pode ser verdade, mas se o aplica mecanicamente, se os signos se codificarem em vez de considerá-los com cuidado, então começa a superstição. Uma aranha significa fiar, fiar fantasias. A superstição é que a aranha pela manhã significa má sorte, e boa sorte de noite. Evidentemente, isso quer dizer na realidade que se pela manhã um está «frouxo» e com sonho, levanta-se tarde e fica sentado para se vestir, pensando em seus problemas neuróticos, isso seria a aranha da manhã, que certamente traz má sorte. Mas se depois de trabalhar todo o dia um acende um cigarro e senta-se em frente a sua casa, como fazem os camponeses, a deixar voar a fantasia, ou a filosofar sobre a vida, está perfeitamente bem, é uma muito boa maneira de preparar-se para dormir. Portanto a aranha ao anoitecer é propícia, e provavelmente esse fora o significado original desta difundida superstição. A aranha é um símbolo negativo da mãe, é a Maya [a grande ilusão cósmica] e coisas semelhantes. Quando aparece ao anoitecer, ou ao anoitecer da vida, está muito bem, mas é muito mau começar o dia com ela.

Seria entretido se algum de nós escrevesse uma tese sobre as superstições mais comuns e seu significado simbólico. Seria extremamente interessante, e o proponho como tema a qualquer que não saiba sobre o que escrever; tomar algumas das superstições comuns e analisa-las, porque são muito ricas em significados. Quão único é superstição no mau sentido da palavra é sua aplicação mecânica, que não é mais que um hábito estúpido e não tem nada a ver com a atitude religiosa.

Agora bem, em nosso texto, com a substância masculina fica à esposa de vapor, ou a mulher que consiste em um vapor ou um bafo, até que sai a água amarga. Esta é a conjunção do masculino e do feminino, e o filho é a água divina. À esposa a caracteriza como um bafo. Outros textos mostram que em geral ao bafo ou ao vapor o considera como a psique da matéria. Ainda até 1910 no serviço militar suíço costumava-se dar um breve curso de medicina geral, e um professor dizia que o cérebro era como um tigela de macarrão, e que o vapor que saía era a alma! Aquele homem se ajustava ao antigo modelo alquímico! Poder-se-ia dizer que aquela fantasia se remontava dois mil anos, porque nos velhos textos de alquimia a idéia de um vapor ou um bafo conotava sempre a idéia da psique, da matéria sublimada, de um corpo sutil, algo só meio material. Nos informes parapsicológicos, se aparecer um espírito sempre há primeiro algo como um vapor ou uma névoa, de modo que se pode dizer que uma das idéias mais arquetípicas é a de que a psique tem a ver com a qualidade de um vapor ou um bafo, o qual expressa a idéia de que é algo que de algum jeito se relaciona com a matéria sólida, embora não coincida com ela. É provável que nisto intervenha certo fator do *anima*,

27 La araña como el símbolo de Maya,
tejedora de un mundo de fantasía

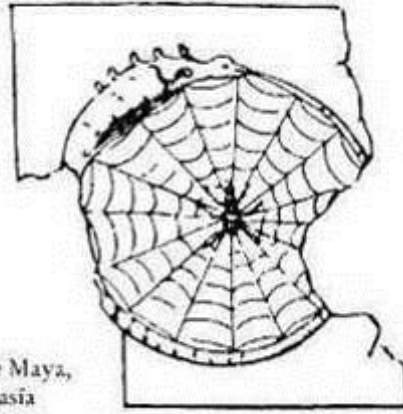


FIGURA 27

porque o texto deve ser escrito por um homem.

Depois da união da substância masculina com o vapor vinha a divina água amarga. A palavra «divina» em grego é *theios*, que também significa enxofre, de modo que o pode traduzir como a água divina, que é a tradução oficial geralmente aceita, ou como uma água sulfurosa, já que o enxofre o considerava uma substância divina. É a água, ou o líquido, da substância divina.

A água em geral, incluindo a urina, recebe a projeção do conhecimento. No simbolismo da Igreja medieval se falava do *aqua doctrinae*, e no dialeto suíço, se alguém sair com um montão de balbúrdias sem sentido, dizemos que está urinando. Com muita frequência, os transtornos psicógenos do rim tem relação com o fato de que se encha dessa água má, porque não tem a atitude correta ou a verdadeira conexão com o conhecimento; simplesmente conversa muito de coisas que não são bem digeridas, e isso é como urinar. Por isso se pode dizer

28 El agua de vida fluye entre los opuestos lo masculino (conciencia solar, azufre) y lo femenino (conciencia lunar, mercurio)



FIGURA 28

que a água tem a ver com o conhecimento extraído do inconsciente, do que tanto é possível abusar como usá-lo em forma positiva.

Na alquimia a água podia ser tanto o grande fator que cura como o que envenena e destrói. Geralmente interpretamos a água como o inconsciente, e diferenciamos seu significado específico de acordo com o contexto. Se no sonho de um paciente a água sobe, ou se houver uma grande inundação, diríamos que tomasse cuidado, porque o inconsciente o está afligindo; ali a água seria negativa, mas em troca, se estivermos no deserto e tivermos sede, a água é água da vida. Cristo é o manancial de vida, e há vários símiles que possivelmente vocês conhecem. Em todas as religiões a água é a substância vital, e isto se reduz ao fato de que a extrato do *anima*, ou esse conhecimento aquoso, é o que tem lugar na interpretação de uma situação psicológica ou de um sonho.

Se alguém vier com um problema, em vez de discutir com essa pessoa nos fixamos no sonho que se refira à situação; possivelmente o possa interpretar de uma maneira que vivifique à outra pessoa e dê-lhe um sentimento de esperança e a sensação de que o problema tem um significado oculto, embora talvez ainda não esteja claro.

Em um caso assim, o conhecimento obtido do inconsciente tem a qualidade da água de vida, porque essa pessoa, por assim dizê-lo, bebeu da água de vida e irá com a sensação de que agora algo está fluindo e o período de estancamento passou. Então há certa tensão até a próxima hora analítica, porque o analisando se pergunta como continuará a aventura interior até fazer que a vida arranque de novo e uma vez mais volte a fluir.

Por outra parte, todos vimos pessoas alagadas no inconsciente, casos esquizóides ou fronteiriços, ou gente que passa por um episódio psicótico e que expressa o conhecimento do inconsciente. Sentados na cama, ou em sua cela do asilo, falam da criação do mundo ou do que é Deus e do que tem que fazer para salvar o mundo, dizendo que todos os médicos do asilo são uns parvos e que eles mesmos são os que sabem, e assim nesse estilo. Isso é conhecimento do inconsciente; é água, e está inclusive cheio de sabedoria, mas o que fala tem a cabeça debaixo da água, e o conhecimento é o que tem à pessoa, não está o conhecimento. Essa pobre pessoa está literalmente afogada na sabedoria do inconsciente, e não quer sair porque sente que se afoga em algo muito bom e maravilhoso, e por isso a maioria deles se negam a curar-se.

Se o vê de um ponto de vista razoável, este estado é muito mau, porque estas pessoas chegam a um grau tal de inadaptação que terá que as manter em confinamento. Têm muita água de vida, embora o que dizem não é disparatado. Se tivermos suficiente conhecimento simbólico, pode-se entender do princípio ao fim o que diz um psicótico, tal como se fosse a fala normal.

Em nosso texto temos a situação normal, quer dizer que a água divina tem que ser produzida como resultado da *coniunctio*, que em termos psicológicos seria o que fazemos todos os dias. Unimos nossa atitude consciente com o inconsciente, por exemplo, quando interpretamos sonhos. Desse modo

alcançamos esse conhecimento vivificante, a sensação de entender, e isso seria a água. Mas aqui se diz que a água é amarga. Por que?

Resposta: Porque é a verdade.

M. L. von Franz: Sim, naturalmente! Muitas vezes não temos uma reação muito feliz, a não ser justamente o contrário, porque com frequência a verdade que provém do inconsciente é muito amarga. É uma pílula difícil de tragar porque contém críticas muito óbvias de nossas atitudes, e esta experiência é amarga. Isso explica além disso a resistência contra a psicologia, porque há muitas pessoas que não querem tomar pílulas amargas. Têm a vaga sensação de que andam muito despistadas, e de que só poderiam recuperar a saúde se se advierem a tragar certas críticas; estão firmemente



29 La *coniunctio*, unión de los opuestos, como un armonioso juego recíproco entre el agua masculina y el fuego femenino

FIGURA 29

decididas a defender-se se a crítica vem de fora, mas é muito difícil e incômodo se a crítica vier de dentro porque nesse caso o analista pode lavar as mãos e dizer que sente muito, mas que o sonho é do analisando, que não se trata de nada que disse o analista, e então o paciente tem que tragar-lhe.

O texto continua que o filósofo Petasios também fala da obra da mesma maneira, dizendo que o que mantém oprimida à esfera de fogo é o chumbo. O mesmo filósofo, em uma interpretação de si mesmo, diz que isto provém da água macho. Olimpiodoro diz que portanto parece que a água macho fora quão mesmo a esfera de fogo, que conforme vimos na primeira parte do texto era a tumba de Osiris, que fora sufocado no chumbo. Quer dizer que temos ao Osiris, à esfera de fogo e à água macho,

e estão os três sufocados no chumbo, o inimigo.

No conhecimento da antigüidade tardia, o chumbo era o metal do planeta Saturno e tinha suas mesmas qualidades: pelo lado negativo, a depressão, e positivamente, a depressão criativa. Saturno é o deus dos mutilados, dos criminosos e dos entevados, mas também o é das pessoas artísticas e criativas. Em nossa linguagem moderna, isso significaria a estranha qualidade de certas depressões nas que alguém se sente literalmente como chumbo. Sem pensar em nenhum símile alquímico, é freqüente que digamos: «Hoje me sinto como [se fosse] de chumbo». Em uma depressão intensa, alguém se sente incapaz de levantar-se da cadeira, e até de abrir a boca para explicar que está deprimido; não faz mais que se sentar como um bloco de matéria inerte. Quando alguém está neste estado, suas confissões têm inumeráveis símiles com o chumbo.

Tal como implica a palavra, em uma depressão a pessoa está esmagada, comprimida, em geral porque uma parte da libido psicológica está baixa e terá que procurar como subi-la; a verdadeira energia da vida escorregou a uma camada mais profunda da personalidade, e só é possível alcançá-la mediante uma depressão. Quer dizer que, a menos que haja uma psicose latente, uma



FIGURA 30

depressão deve-se estimular, dizendo à pessoa que entre nela e deprima-se, em vez de tratar de fugir ouvindo rádio ou lendo Seleções, e se as depressões dizem que a vida não significa nada e que nada vale a pena, pois aceitá-lo e dizer: «bom, e o que?». Escutar, aprofundar e aprofundar, até voltar a alcançar o nível de energia psicológica de onde pode surgir alguma idéia criativa de modo que, subitamente, no fundo, possa surgir um impulso de vida e de criatividade que fora passado por cima.

As pessoas que são profissionalmente criativas, como os artistas por exemplo, sabem que é provável que antes de cada atuação ou trabalho novo tenham uma depressão assim. Também as pode ter em escala menor; eu, por exemplo, sempre me deprimi antes de uma conferência, porque a libido começa por baixar. São ritmos menores de algo que na depressão se produz em grande escala, e significa que alguém passou por cima certos fatores criativos que se configuraram por debaixo do nível consciente e que ao atrair a libido causam indiferença e falta de energia.

Também pode ser um sintoma pré-psicótico, como bem sabem os psiquiatras. O que emerge depois também é um conteúdo criativo, mas aflora em uma medida tal que pode destruir a personalidade. Nestes casos terá que refletir com cuidado antes de animar à pessoa a que se afunde na depressão porque, embora o mecanismo é o mesmo, existe o risco de que o que aflore seja muito forte e faça explodir a personalidade. O chumbo é, portanto, esse peso e indiferença, esse sentimento de um nada que cobre ou sufoca o conteúdo do inconsciente.

Tal como diz o texto que brevemente lhes expus na última hora, neste chumbo existe inclusive o elemento de loucura. Isto se refere a outro fato porque, se se aprofundar nos estados depressivos da gente, em geral no fundo se encontram ou conteúdos criativos, ou um violento desejo que não se chegou a sacrificar.

Com frequência, as pessoas deprimidas sonham com leões vorazes ou com outros animais que as devoram, mas em especial com leões, e isso significa que a pessoa está deprimida porque está frustrada na satisfação de seus desejos selvagens. Querem ter tudo: ocupar o posto mais alto, ter o homem mais arrumado ou a mulher mais formosa, dinheiro e todo o resto. Têm os desejos selvagens de um menino a quem gostaria de comer-lhe tudo, mas ao mesmo tempo têm inteligência suficiente para saber que a vida não é assim, que não podem ter o que querem, de maneira que o desejo se enrosca sobre si e se converte em depressão e asperidade. Uma depressão assim tem a qualidade de um desejo asperamente frustrado, e explica por que, depois de uma relação amorosa desventurada, a gente se afunda em uma depressão terrível. Seu leão se viu frustrado e retornou asperamente a sua guarida.

Algumas pessoas levam dentro de si um menino frustrado. Em geral são muito corretas e corteses, e expõem poucas exigências ao analista, mas ser muito cortês, correto e considerado é sempre suspeito. Sabemos que a essa gente gostaria de devorar-se completamente ao analista, como o leão, lhe impondo exigências infantis e lhe fazendo cenas, seja porque o analista terminou a hora cinco minutos antes, ou porque respondeu o telefone ou lhes trocou a hora, ou esteve com gripe! Estas pessoas de um nível de exigência infantil o compensam sendo muito corretas, sabendo que se admitirem suas exigências fará sua aparição o leão devorador, e o analista devolverá o golpe, algo que lhes aconteceu com frequência na vida quando, depois de esconder seus sentimentos, um dia se arriscam e como resultado recebem um pau na cabeça. Então o menino ferido torna a retrain-se, amargamente frustrado, e aparece a depressão, o leão devorador. É uma parte da natureza primitiva, das reações arcaicas que têm todos os conflitos de querer comer e não poder, de modo que se instala a mania depressiva.

Esse é o simbolismo da loucura no chumbo, mas também contém Osiris, o homem imortal, e somente aceitando essa zona interior, chegará ao conteúdo criativo onde se oculta o Si mesmo. Poder-se-ia dizer que o menino frustrado é um aspecto que encobre uma imagem do Si mesmo, e que o leão que devora também é um aspecto do Si mesmo.

Isto se vê muito claro se se tomar a imagem do leão devorador. Se acreditar que teria que ser o primeiro em tudo, ter o melhor casamento, ter dinheiro, ser feliz e assim sucessivamente, isso é uma fantasia paradisíaca, mas como, o que é? Uma projeção do Si mesmo! De modo que na realidade o infantil é o desejo de experimentar tudo no aqui e agora. A fantasia como tal é totalmente legítima, tem a idéia da *coniunctio*, de um estado perfeito e harmonioso. É uma idéia religiosa, mas, se a projeta sobre a vida exterior e a quer ter ali, no aqui e agora, é impossível. A forma em que a pessoa quer realizar a fantasia é infantil, mas em si a fantasia é valiosa e não há nela nada de mau nem de doente.

Assim precisamente nessa zona louca e não dominada da pessoa, na zona selvagem e problemática, está o símbolo do Si mesmo. Isso lhe dá o impulso, e é por isso que as pessoas nunca sabem o que fazer, porque não podem reprimi-lo; ou, se forem razoáveis e se resignam a renunciar à coisa e se dão conta de quão infantil é e entendem que terá que resignar-se e adaptar-se à vida, então sentem que se curaram, mas que os despojaram de suas melhores possibilidades e se sentem frustrados.

Uma vez tive um analisando que veio à Europa fazer uma análise junguiana, enquanto seu melhor amigo iniciava uma análise freudiana. Passado um ano, decidiram voltar a encontrar-se. O analisando freudiano disse que se curara e que retornaria à seu país; ao dar-se conta do desatino de todas as suas ilusões neuróticas, começaria a ganhar a vida, e queria procurar mulher para casar-se. O outro disse que não se curara absolutamente, mas sim seguia muito louco, em pleno caos, e embora via com um pouco mais de claridade seu caminho, ainda ficava muito por resolver. O paciente freudiano disse-lhe então que aquilo era algo muito estranho, porque embora o liberaram de todos os seus demônios, infelizmente, também desapareceram seus anjos!

A análise pusera uma cobertura na zona louca, mas a fantasia religiosa de perfeição, a fantasia romântica, a fantasia do Si mesmo, todas essas também levavam agora uma cobertura, de modo que esse homem era agora um animal resignado, socialmente adaptado e que funciona, mas todos os seus sonhos românticos de verdade, de vida e de autêntico amor —que indubitavelmente em ambos os jovens eram fantasias infantis— também sepultaram-se.

A grande dificuldade, por conseguinte, para retornar à linguagem alquímica, reside em extrair Osiris do chumbo, em salvar a fantasia que é doadora de vida e ao mesmo tempo podar a infantilidade do desejo de realizar-se. É algo tremendamente sutil. Toda a tarefa consiste em salvar o núcleo, a fantasia do Si mesmo, e despojar de todo o pueril, do desejo primitivo e de todo o resto que o circunda, o que significaria tirar Osiris do ataúde de chumbo. Isso é o que o alquimista fez em forma projetada quando disse que o homem divino terei que o extrair do ataúde de chumbo ou da matéria corruptível.

Acredito que agora podemos passar a um texto árabe, obra de um homem que se chamou

Muhammad ibn Umail al-Tamini, mas é suficiente falar de Muhammad ibn Umail, porque al-Tamini, «o Tamin», refere-se somente à tribo islâmica a qual pertencia. Este homem viveu aproximadamente entre os anos 900 e 960, quer dizer começo do século X, de acordo com nossas datas. Um de seus escritos publicaram em língua árabe em *The Memoirs of the Asiatic Society of Bengal*, que se imprimiu em Calcutá em 1933, segundo um manuscrito que o senhor Stapleton encontrou em Hyderabad. Stapleton expressa que em Hyderabad há aproximadamente outra centena de manuscritos do mesmo autor, com títulos tão interessantes como promissores, como *A pérola da sabedoria*, *A escondida luz da alquimia* e outros semelhantes, mas se se escreve ali para perguntar por eles não se obtém resposta.

Do século XII ou começo do XIII, este homem foi famoso na alquimia européia. O escrito que apresentarei foi traduzido ao latim em fins do século XII ou começo do XIII, e se converteu em um dos escritos medievais mais famosos no mundo alquímico latino. Nestes textos em latim seu nome figura como *Sénior*, e até 1933 ninguém soube quem era *Sénior*. Inclusive o famoso J. Ruska afirmou autorizadamente que *Sénior* não era um árabe, mas sim essa era uma tergiversação latina. Mas Ruska não acreditará nunca, porque está sempre duvidando, e se equivocou por completo ao sustentar que àquele texto tomava erroneamente por árabe. Agora temos o original e sabemos que o nome *Sénior* é simplesmente a tradução latina do *Xeque*, que na realidade quer dizer «o Ancião», e isto explica como Muhammad ibn Umail chegaram a chamá-lo *Sénior*. O texto latino publicou-se com o título *De chemia*, o qual significa que é um livro sobre química, mas o verdadeiro título em árabe é *Água de prata e terra estrelada*. A edição apresenta o texto árabe por um lado e o latino por outro, para que seja possível compará-los. A tradução latina é muito correta e só se desvia em detalhes quase sem importância.

Depois de que Muhammad ibn Umail deixou o país, seu melhor amigo, um xiita, foi queimado como herege. No mundo islâmico, os sunnitas eram a seita oficial e —em termos muito gerais— a cisão entre eles e os xiitas devia-se ao fato de que a interpretação que estes últimos davam ao Alcorão era um pouco mais mística e simbólica. Por exemplo, não se tomavam o Alcorão ao pé da letra, mas sim permitiam uma interpretação simbólica, enquanto que os sunnitas insistiam em uma obediência literal às regras e em sua verdade literal. Os xiitas desenvolveram um amplo sistema místico de interpretação simbólica, e nesse sentido poderiam compará-los com os místicos da Idade Média, que também tentavam interpretar simbolicamente a Bíblia, a diferença de outras tendências.

Poder-se-ia estabelecer uma comparação com o paralelismo da cisão entre tendências talmúdicas e cabalísticas na tradição judia. Os xiitas corresponderiam à tradição cabalística, os verdadeiros introvertidos que se orientavam melhor a uma interpretação simbólica psicológica e a uma vivência pessoal da verdade religiosa, em contraste com as pessoas de mentalidade mais literal, que insistiam melhor no dogma e no texto sagrado.

Dar-lhes-ei o texto árabe tal como é, com todas suas complexidades, como fiz com o texto grego, para que possam experimentar plenamente o impacto desta forma de expressão.

Eu e minha querida Obouail [a terminação é feminina] entramos na Barba. [Barba quer dizer

exatamente isso, e por certo que todo mundo dizia que não se podia entrar em uma barba e ninguém sabia o que significava isso, mas está simplesmente em lugar da *Birba*, quer dizer, pirâmide, que era evidentemente algo que o tradutor não entendera, causando com isso grande confusão.] Eu entrei na *Birba* e em certa casa subterrânea, e depois eu e al-Hassan, ou seja Hassan, vimos todas as prisões ardentes de José, e eu vi sobre o teto as nove águias pintadas com as asas estendidas como se voassem e as patas abertas, e nos talões de cada águia havia um grande arco, como o que usam também os que praticam arco e flecha. Sobre as paredes dessa casa, a direita e esquerda de quem entra, vi as imagens de seres humanos de pé. Não podiam ser mais perfeitas nem formosas, nem terem roupas mais belas de todas as cores. Tinham as mãos estendidas para o centro da habitação e olhavam certa estátua em metade da mesma, perto da parede da câmara interior, que estava de frente a elas. A estátua estava representada sentada em um trono, similar ao trono do doutor, e sobre ele estava a estátua, e sobre a estátua, sobre sua saia e por cima de seus braços estendidos com as mãos abertas sobre os joelhos, havia uma prancha de mármore, que foi extraída disso [de que não se sabe], da longitude de um braço e a largura de uma mão, e os dedos da estátua se dobravam sobre a borda do tablete que esta sustentava. O tablete tinha a aparência de um livro aberto de frente à pessoa que entrava, como se a estátua quisesse ensinar-lhe

Isto soa complicado, mas significa simplesmente que no fundo da habitação havia uma figura sentada que, com os dedos dobrados, sustentava um tablete que parecia um livro aberto que aparentemente a figura queria mostrar à pessoa que entrava.

Nessa parte da habitação aonde estava sentada a estátua havia imagens de infinitas coisas, e letras escritas em uma linguagem bárbara [o que significa simplesmente uma linguagem não árabe]. Este tablete que alguém via na saia da estátua dividia-se por uma linha no meio, que separava os dois lados. Na parte inferior estava a imagem de dois pássaros inclinados um para o outro, um dos quais era alado e o outro não, e cada um sujeitava com o pico a cauda do outro.

Vistos esquematicamente, os pássaros estendiam-se um sobre o outro, cada um com a cabeça para a cauda do outro, um alado e outro sem asas. Era como se quisessem voar juntos ou como se o pássaro sem asas detivesse o outro, isto é, que o pássaro de cima quisesse levar o debaixo, mas o pássaro debaixo o retinha e lhe impedia de levantar vôo. Os dois pássaros ligavam-se um com o outro, eram homogêneos e da mesma substância, e estavam pintados em uma esfera como se fossem a imagem de duas coisas em uma.

Perto da cabeça do pássaro que voava, e por cima dela, representavam o sol e a lua. Isto estava perto dos dedos da estátua, e na outra parte do tablete —quer dizer, para a direita— havia outra esfera ou objeto redondo que olhava para os pássaros, e no total havia cinco ritmos temporários [uma coisa mais que fica inexplicada], quer dizer, debaixo dos pássaros e da esfera. Por cima desta esfera está a imagem da lua e outra esfera. Do outro lado, perto dos dedos da estátua, está a imagem do sol, que emite seus raios como a imagem de dois em um.

Em frente há uma imagem do sol com um raio que cai para baixo e juntos fariam três, quer dizer os dois planetas — o sol e a lua— e o raio dos dois em um, e do raio uma parte descende e chega à parte inferior do tablete que rodeia a esfera negra e divide-se por esta esfera, a que rodeia, o que em conjunto faz dois, três e o terceiro.

O que está claro pelo que antecede é que o sol e a lua estão um junto ao outro, com a lua de frente ao que olhe



FIGURA 31

à direita e o sol à esquerda, e debaixo há uma esfera negra que os raios penetram. A terceira tem a forma de uma lua crescente, cuja parte interna é branca sem negrume, mas está rodeada por uma esfera negra, e a forma é como a forma de dois em um de um sol simples, e essa é a imagem de um em um e esses são outra vez cinco, e juntos fazem dez, de acordo com o número das águias e a terra negra.

Agora disse-lhes tudo isto e descrevi um poema e sem a graça de Deus, cujo nome seja bendito,

não teríamos este segredo. Para que vocês possam entendê-lo e pensar e meditar sobre ele, copiei-lhes a imagem do tablete, e o que as imagens são será explicado em meu poema e depois vocês podem olhar os capítulos e ver o que significava cada figura. Agora já expliquei essas dez figuras e mostrei as figuras em meu poema e certamente não poderíamos fazer nada sem meu poema, mas quero manifestar a vocês algo que todos os sábios ocultaram até agora: quem fez esta estátua nesta casa, em que se descreve toda a ciência em uma figura simbólica que ensina sua sabedoria sobre esta pedra e a mostra a quem é capaz de entendê-la. Eu sei que esta estátua era a imagem de um sábio. [Esta estátua representa ao Hermes, de modo que isso significa que Hermes inventou a ciência e desenhou as figuras.]

Agora temos que encontrar o que tudo isto significa. A estátua é a figura de um sábio, e sobre a saia tem a ciência oculta que descreve por meio de figuras simbólicas para dirigir ao que sabe e entende. O sábio que entende deve olhar para o interior com sutileza, e deve conhecer os termos da sabedoria e deve entender uma linguagem obscura e simbólica. Depois, quando comparar com nossas imagens essa linguagem tão obscura, separará um do outro e converter-se-á no soberano da pedra secreta.

A isto segue outra parte que tem um título novo, *Carta do Sol à Lua crescente*, e que, como verão vocês, é uma carta de amor.

—Em uma grande debilidade darei a luz de minha beleza até que eu alcance a perfeição. [O sol será exaltado à altura suprema.] Primeiro a lua diz ao sol: —Você me necessita como o galo necessita à galinha, e eu necessito suas obras, Oh Sol, sem interrupção, porque você é de caráter perfeito, o pai de todas as luzes, a alta luz, o grande Mestre e Senhor. Eu sou a lua crescente, úmida e fria, e você é o sol, quente e seco.

«Quando nos unirmos na igualdade de posições de nossa casa, na qual não acontece nada mais mas sim o pesado tem consigo a luz, na qual permaneceremos, então eu serei como uma mulher que está aberta a seu marido e que é veraz na palavra, e quando nos unirmos, permanecendo no ventre desta casa fechada, então o adulando receberei sua alma, e você se fará com minha beleza e por mediação de sua cercania emagrecerei e ambos seremos exaltados em uma exaltação espiritual, ou elevados em uma exaltação espiritual.

»Quando subirmos na ordem dos Xeques [ou dos anciões], a substância resplandecente de sua luz se unirá com minha luz, e você e eu seremos como a mescla de vinho e água doce, e eu deterei meu fluir e ficarei depois envolta em seu negrume e isso terá a cor da tinta negra, mas depois de sua dissolução e de minha coagulação, quando entrarmos na casa do amor, meu corpo se coagulará e estarei em meu vazio.

Isso significa provavelmente que a lua minguou por completo, quer dizer, que é a lua nova. A isto o sol replica:

—Se isso fizer, e não me faz mal, Oh Lua, e se meu corpo retorna, então darei uma nova virtude de penetração e depois disso será poderosa na batalha do fogo da liquefação e a purgação e não haverá já diminuição nem escuridão, como acontece com o cobre e o chumbo, e já não se defenderá

mais de mim porque já não será rebelde.

O sol diz, portanto: se não quiser me machucar nesta *coniunctio* —porque a lua poderia fazer mal ao sol— então eu a farei poderosa na batalha do fogo, e você já não será corruptível como o é o cobre, e não se defenderá logo depois de mim, do sol, porque já não terá sentimentos de rebeldia. Então a lua, que se caracteriza porque cresce e decresce e é hostil ao sol, e por ser obscura e corruptível, perderá todas essas qualidades negativas e converter-se-á em uma luz sólida como o é o sol. O sol continua:

—Bendito seja quem pensa em minhas palavras; minha dignidade não será arrebatada e não perderá seu valor, tal como não o perde um leão, ao ser debilitado pela carne [o leão é aqui outra imagem do sol], mas se me segue eu não negarei nem despojarei do crescimento do chumbo, mas sim então minha luz será extinta e toda minha beleza será extinta, mas eles tirarão o cobre de meu corpo puro e da gordura do chumbo verificando-o no silogismo de seu peso, mas sem sangue de cabra, e então faremos uma destilação entre o que é falso e o que é verdadeiro.

»Eu sou o duro, o ferro seco, sou o fermento forte, todo o bom está em mim, a luz do segredo dos segredos por minha mediação se gera, e toda coisa ativa é minha ação. O que tem luz se cria na escuridão da luz [tudo o que brilha foi criado na escuridão], mas depois de ser levado a perfeição me recuperarei de minha enfermidade e de minha debilidade, e então aparecerá esse grande líquido da cabeça e da cauda e essas são as duas qualidades e as dez ordens ou pesos, cinco dos quais são sem escuridão, e cinco delas reluzentes de beleza.

Este é o final da carta. Depois disto *Sénior* promete dar uma explicação, mas o texto não faz mais que seguir da mesma maneira. A explicação que dá é simplesmente o que nós chamaríamos uma amplificação, muito cheia de significado como certo, mas que mesmo assim não é uma explicação.

Atualmente sabemos que Muhammad ibn Umail foi um desses condenados ladrões que violavam as pirâmides e introduziam-se nas câmaras mortuárias. Naqueles tempos os árabes destruíram grande número de pirâmides, roubando todo o ouro que continham, de modo que hoje a maioria delas está vazia; mas *Sénior* —ou Muhammad ibn Umail— não o fez impulsionado pelo afã de encontrar ouro e roubá-lo, como a maioria dos outros o faziam, mas sim porque projetou na câmara mortuária das pirâmides o segredo alquímico.

Tal como veremos em sucessivas partes do livro, ele acreditava que os egípcios sabiam alquimia, e que o que se tinha que encontrar na câmara última da pirâmide era o segredo da alquimia, mas não pôde ler o que estava escrito na antiga linguagem egípcia, e por isso o tacha de linguagem bárbara; como vocês sabem, tudo isso era antes de Champollion. Então, ele acreditava que naqueles misteriosos signos hieroglíficos estava escrito o segredo da alquimia, e, tal como o descreve em outro texto, em um ataúde de ouro encontrou uma rainha mumificada que tinha um par de tesouras e umas pequenas tigelas de ouro, e estava absolutamente seguro de que aquela era a rainha da alquimia, por assim dizê-lo, a sábia profetisa da alquimia, e de que os instrumentos escondidos no ataúde da rainha egípcia eram alusões simbólicas à obra alquímica.

Esta é uma das coisas estranhas da projeção no passado. Muhammad projetou na mumificação a totalidade do simbolismo do *opus* alquímico. Mas o que é ainda mais interessante é que agora sabemos, por que os disse antes, que de fato a alquimia se originou no culto egípcio da morte, que a química da mumificação desempenhou um papel enorme, que na realidade os egípcios mumificavam seus mortos para obter a imortalidade e divinizar à pessoa morta, e que a alquimia tentava fazer o mesmo, quer dizer, produzir o homem imortal, obter a imortalidade. Por conseguinte há um gancho muito bom para que o velho *Sénior* faça sua projeção; ele se limitou a projetar toda a história para trás [no tempo] sobre a mumificação egípcia, e a isso se deve que ajudasse tão apaixonadamente a violar e destruir as câmaras funerárias das pirâmides. Naturalmente, observava tudo o que ali via e tentava descobrir se havia alusões à obra da alquimia.

A imagem dessa estátua que sustenta um tablete é um tópico que reaparece em muitos outros textos alquímicos; não é nada específico do *Sénior*. Todos vocês conhecem, pelas conferências de Jung sobre Zaratustra, a *tabula esmaragdina*, a *Tábua de Esmeralda*. É um texto clássico, cujas sentenças isoladas Jung deu interpretação, de maneira que não preciso me deter nele. A forma mais antiga de um texto assim se encontra nos escritos de Gabir, que seriam do século VII, e a partir da totalidade desta versão, a mais velha do achado da *tabula*, está claro que a história se remonta às fontes gregas. Deve haver um relato grego sobre uma estátua de Hermes encontrada em uma tumba e que tinha o segredo sobre os joelhos.

Essa história se converteu em um tópico dentro da literatura alquímica em numerosos escritos alquímicos, por exemplo no *Kitab al Habib*, ou também no Livro de Krates, e começa sempre da mesma maneira: «Entrei na tumba e encontrei uma estátua com uma tablete, sobre a qual estava...», e a isso segue uma espécie de explicação. Então, na época do *Sénior* aquilo se converteu em um tema da literatura. Isso é um paralelo com a *Tábua de Esmeralda*, e há outras variações novas. *Sénior* acrescenta algo que não encontrei em nenhum dos outros relatos do achado do tablete, ou seja, as nove ou dez águias que, na imagem, disparam com arco e flecha sobre a estátua. Também mudou o conteúdo do tablete, porque o que há sobre ela não são sentenças de sabedoria, como nas outras versões, a não ser dois desenhos simbólicos, um o dos dois pássaros que tratam de apartar-se voando um do outro, e o outro do sol, da lua e a esfera negra, e, até onde eu posso ver, esta é a contribuição do *Sénior*.

Agora tomarei parte da informação que se dá no resto do livro, porque não posso ler tudo. De acordo com ele, as águias representam a substância sublimada ou volátil, e entretanto algo similar à esposa do vapor no texto que já vimos. Às substâncias voláteis como vapores e bafos simbolizava muito freqüentemente com pássaros, porque se dizia que tais substâncias adquiriram qualidades espirituais. O arco e a flecha são muito misteriosos e não os explica nunca em todo o livro, de modo que a alternativa é deixá-los sem explicar ou lhes dar uma explicação psicológica. Hermes está rodeado pelas nove águias que lhe disparam com arco e flecha. Em sua explicação posterior do texto, *Sénior* se limita a ressaltar este motivo, mas a partir do resto do texto se pode conjecturar que as águias

representam as substâncias espiritualizadas.

O que diriam vocês que representam o arco e a flecha? Imaginem que fosse o desenho de um paciente.

O que diriam vocês então das águias que disparam contra Hermes? Temos que começar por amplificar o arco e a flecha. O que lhes sugere isto?

Resposta: Eros.

M. L. von Franz: Sim, é a idéia mais óbvia... O menino Cupido com seus torpes flecha e toda a bibliografia da antigüidade, relacionada com o arco e a flecha; e a forma em que Cupido às vezes até dispara uma flecha ao Zeus em muito mau momento e o tem em seu poder.

Um arco e uma flecha indicariam direção, algo que aponta a um objeto. A libido foi represada, como acontece quando um se apaixona, vai nadando pelo rio da vida e subitamente lhe disparam, e quando um vai à casa está de manhã até a noite pensando nessa mulher, ou naquele homem. De repente toda a libido dirige-se e concentra-se ali. Não queremos pensar nisso, mas depois começa a perguntar-se se amanhã encontrará essa pessoa no mesmo lugar, e assim nesse estilo, porque é aí onde está a energia. Portanto, pode-se dizer que o arco e a flecha têm a ver com a orientação súbita da libido inconsciente; têm a ver com a projeção, porque uma flecha é um projétil, e mediante a projeção a libido fica apontada. É o mesmo que se odiar a alguém. Inclusive há um dito que pergunta —acredito que é um dito hindu— quem está mais próximo a Deus, se o homem que o ama ou o que o odeia. E a resposta é que o que o odeia, porque ele pensará em Deus com mais freqüência e com maior intensidade inclusive que o homem que o ama, porque seu arco e sua flecha estão constantemente apontados: essa é a direção da libido mediante a projeção.



FIGURA 32

pode-se dizer que todas as forças dissociadas do pensamento e da alma estão agora concentradas no que há nesse tablete, quer dizer, que em volta disso concentra-se toda a atenção psicológica. Estão as duas asas do tablete, como duas partes de um livro, e de um lado está o problema dos dois pássaros e do outro o da união do sol e da lua.

Evidentemente, o problema dos dois pássaros é uma variação do Ouroboros como na velha alquimia, porque nos antigos textos gregos encontram um desenho da serpente que come a cauda. Em geral a cabeça tem estrelas e o resto é negro, o qual seria a oposição secreta. No antigo texto grego isso se explica como que a cabeça é diferente da cauda. É uma imagem maravilhosa se dissermos que é uma só coisa, mas que há uma oposição entre a cabeça e a cauda. Daí que haja ditos tais como: «Toma a cabeça, mas cuide da cauda», ou «A menos que a cabeça integre a cauda, toda a substância é nada».

É muito o que se diz sobre a cabeça e a cauda, e a forma em que devem relacionar-se entre si, de modo que descreve bem os opostos que são secretamente um. É uma espécie de *t'ai chi* europeu, como o símbolo do *Yin-Yang*, os opostos em um.

Comentário: As águias me dão a impressão de ter alguma relação com Apolo, porque se diz que podem olhar ao sol, e por certo que Apolo tem o arco, quão mesmo Cupido, o menino alado.

M. L. von Franz: Apolo é o representante do princípio da consciência, mas isso não contradiz a interpretação. O arco e a flecha de Apolo referir-se-iam à atenção prestada por amor, à concentração da libido mental mediante o amor. De acordo com a teoria escolástica do conhecimento, só se pode chegar ao conhecimento pelo amor, o que significa que só se chega a conhecer algo amando-o, estando fascinado por aquilo. Então, o *anima* está sempre por detrás da busca da verdade.

Se tivermos que aprender um tema que não ama, onde não projetou nada, o que significa que não se tem relação com ele, que não significa nada para um e não se conecta com o fluir de sua libido, tem que esforçar-se e suar aprendendo-o para o exame, mas dez minutos depois já tornou a esquecê-lo.



33. Las expectativas y los deseos frustrados son el material básico del trabajo analítico. Las reacciones emocionales pueden equipararse a la imagen alquímica de la salamandra, que como *prima materia* se tuesta en el fuego.

FIGURA 33

Em troca, se fascinamo-nos, o qual significa que se produziu uma projeção, alguém se emociona, muito fácil e rapidamente toma consciência em uma medida enorme. Este é todo o segredo do ensino e da aprendizagem. Pode-se dizer que esses são simplesmente dois aspectos do que como descrição geral poder-se-ia chamar atenção, que se cria seja pela concentração da consciência ou pelo amor, e por detrás de ambos há uma projeção. Na fascinação sempre está em jogo a projeção.

Comentário: Você fala de projeção, mas estas são todas figuras arquetípicas.

M. L. von Franz: Sim, e isso expõe a questão de se os arquétipos se projetarem. Eu acredito que sim. Por certo que em nossa idéia da projeção é assim. Você pensa o que é que na realidade acontece. Sabemos muito bem que nunca fazemos a projeção, mas sim esta se faz sozinha. Por mim mesma não projeto nada; essa é nossa maneira de falar, mas não é verdade. O fato é que de repente me encontro na situação de projetar, e quando vi que era uma projeção posso começar a falar dela, mas antes não. Por exemplo, alguém que projetou a sombra insistirá em que o outro é uma má pessoa e seguirá nesse mesmo tom, mas possivelmente dois anos depois, no curso de uma análise, dar-se-á conta de que projetava sua sombra sobre o outro. Então, quem projetava? Eis aí um grande mistério.

Quando os gregos se apaixonavam, tinham a modéstia suficiente para não dizer que se apaixonaram, mas sim o expressavam com mais precisão ao dizer que o deus do amor lhes disparara uma de suas flechas. E isso é o que realmente acontece: sentimos de repente a dolorosa picada que nós mesmos não fizemos; encontra-se com que lhe dispararam. Portanto, pode-se falar do arquétipo do

deus do amor. Se entrarem vocês na história de Eros, encontrar-se-ão com que é uma variação de Hermes; o Eros da antigüidade é similar ao Hermes Cilenio. Na antigüidade, quando era um deus da fertilidade em Beocia, o representava exatamente como nas estátuas de Hermes.

Por conseguinte, pode-se dizer que os gregos

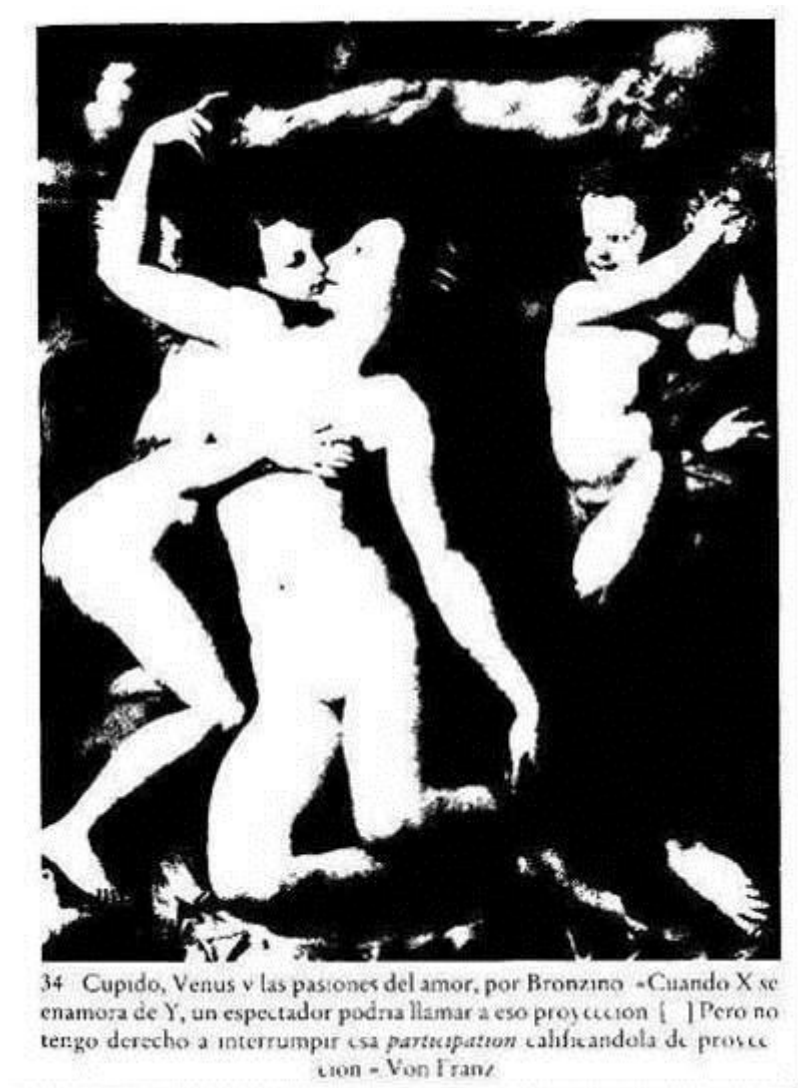


FIGURA 34

aludiam a uma variação do deus Hermes. É um símbolo do Si mesmo, ou da totalidade, que faz a projeção. Acredito que o correto quer dizer assim. Se me encontrar em uma situação de projeção, isso é um pouco forjado pelo Si mesmo.

Comentário: Aqui a águia se relaciona com o Eros, ou com o Apolo, de modo que os deuses estão projetando sobre os deuses.

M. L. von Franz: Sim, você tem razão, e portanto podemos dizer em geral que sempre é o inconsciente, ou algum aspecto dele, o que produz a projeção. É o Si mesmo ou um deus. Sempre é um deus o que produz a projeção, o que significa que é sempre um arquétipo, que não é o complexo do eu

o que o faz.

O passo seguinte é perguntar sobre o que projeta o deus do inconsciente. Geralmente projeta sobre objetos externos, sejam seres humanos ou coisas. Ou pode acontecer que um arquétipo projete sobre outro arquétipo? Eu acredito que sim, que é algo que ocorre com frequência, e isso seria um processo de unificação nos sistemas de religião.

Tomemos por exemplo o politeísmo. Na maioria dos sistemas religiosos politeístas dá-se o conhecimento secreto de que todos são aspectos de um só deus. Até os gregos sabiam; no estoicismo, a filosofia tardia dos gregos, diz-se sempre que na realidade há um só deus e que todos os outros — Ateneu, Hermes e outros — não são mais que aspectos diferentes desse um, de modo que se pode dizer que dentro do politeísmo grego há um monoteísmo latente. O mesmo acontece com o Elohim no monoteísmo judeu. Quando Deus criou o mundo, disse «Façamos», e sempre supõe que o «nós» se referia aos Elohim. Quer dizer que há também um politeísmo secreto dentro do monoteísmo, que aparece também nas figuras de Malak Jahvé, o anjo de Deus. Às vezes Jahvé intervém pessoalmente, e às vezes envia ao Malak Jahvé, que é mais ou menos um aspecto Dele.

Pode-se dizer em geral que em qualquer sistema monoteísta, como no judeu-cristão, há uma tendência secreta para o politeísmo, que até sem ser totalmente consciente nem admitida, existe, assim como nos sistemas politeístas há uma tendência secreta ao monoteísmo, para assegurar que todos aqueles múltiplos deuses na realidade não são mais que aspectos diferentes de um deus único. Se se o expressa em termos psicológicos, isto significaria que a multidão de configurações arquetípicas são todas na realidade uma no Si mesmo, embora de fato na vida prática o Si mesmo se manifeste muito freqüentemente em aspectos isolados que preferimos chamar arquétipos diferentes.

O problema é se houver muitos arquétipos ou se o arquétipo do Si mesmo for na realidade o único. Por exemplo, quando alguém está dominado pelo arquétipo da mãe, fala-se de um complexo materno, mas se entramos no tema encontraremos sempre que nisso está a totalidade do Si mesmo. Um complexo arquetípico conduz sempre ao símbolo do Si mesmo. De modo que aqui há novamente um monoteísmo secreto no politeísmo, seja que a ênfase fique em um ou no outro. Se o múltiplo apontar por volta do um, eu diria que no inconsciente há uma tendência a pôr toda a energia sobre o Si mesmo e a apartar dos diferentes arquétipos isolados. Os múltiplos arquétipos tendem a concentrar-se em torno do único arquétipo, do que se poderia dizer que reflete a tendência do inconsciente mesmo para uma maior consciência.

Poder-se-ia dizer que as águias são como uma assembléia de deuses reunida em volta do único Deus, o que interpretado psicologicamente significaria que muitos arquétipos começam a cair em uma ordem que se concentra no arquétipo do Si mesmo. O arquétipo do Si mesmo começa a ser dominante e a dissociação em múltiplos arquétipos começa a ordenar-se em volta de um centro. Disso seguiria que se na psique de alguém domina um único arquétipo, digamos o arquétipo da mãe, ou o do *anima*, ou o que for, nessa pessoa há certo montante de unilateralidade. É só quando o arquétipo do Si mesmo

começa a fazer-se encargo do processo quando a coisa se unifica e tudo ocupa seu lugar; de fato, eu diria que o sentimento de unidade é uma representação simbólica do momento em que os múltiplos arquétipos começam a ceder sua energia a um só.

Comentário: Pensava um pouco ligeiramente diferente, apartando-me um pouco dos arquétipos e aproximando-me mais à atitude das religiões primitivas, tais como a experiência do deus na árvore, ou o espírito na árvore. O paralelo que eu veria neste caso é o seguinte: possivelmente haja um espírito na árvore e os arquétipos projetem-se na árvore, de modo que Deus esteja realmente na árvore e os deuses projetem em Deus. Isto, por certo, uma conjectura.

M. L. von Franz: Sim, é, e eu não posso lhe dar uma resposta. Você pode acreditá-lo ou não, porque uma coisa assim não se pode demonstrar. Na realidade, isso simplesmente toca a questão, no caso de que se projete realmente uma imagem arquetípica, há também uma realidade transcendental que faça a projeção. Mas não temos meios de verificar uma coisa assim, de modo que é questão de crença, e você pode acreditar ou não. Eu acredito, mas não tenho a intenção de convencer ninguém, porque não tenho provas.

Comentário: Se você voltar para a atitude religiosa primitiva e tratar de analisá-la, dizendo que isso não é mais que uma projeção, então imediatamente algo projetou-se, e não pode tomar mais que nesse nível.

M. L. von Franz: Nisso está completamente equivocado. Se ler a definição de projeção do doutor Jung, verá que diz categoricamente que só se pode falar de projeção quando se expôs a dúvida. Portanto, equivocamo-nos ao dizer que o primitivo projeta na árvore. Essa é nossa maneira de falar, porque duvidamos de que Deus esteja na árvore, e entretanto, podemos dizer que seria uma projeção para nós, mas como no primitivo não se expõe nenhuma dúvida, não temos direito a dizer que ele projeta.

Procure a simples definição que dá Jung da projeção em *Tipos psicológicos*. Ali verá que só se pode falar de projeção quando surgiu a dúvida, e que até então não é legítimo asseverar que haja uma projeção. Só quando sinto insegurança dentro de mim posso começar a falar de projeção, não antes. A projeção implica que eu já não estou de todo convencida, que em certa medida estou já fora da *participação mystique*, ou identidade arcaica; até então não há projeção.

Naturalmente, quem o vê de fora duvida, e por isso se tomarmos um caso moderno, digamos que X se apaixona por E, o espectador dirá que ali há uma projeção do *animus*. Mas para a pessoa a quem lhe acontece não há projeção, e do ponto de vista analítico seria um engano dizer que há; isso seria infestar à outra pessoa com a própria dúvida. Para X esse homem é agora seu amado, e não simplesmente uma imagem do *animus*. Se eu duvidar porque não estou na mesma participação, não tenho direito a envenenar ao outro com essa dúvida. Tenho que esperar até que a paciente comece a sentir certa inquietação, até que o homem que ama não se comporte como ela esperava que o faria. Uma vez que se manifeste esse estado de inquietação, pode lhe dizer que possivelmente projetou nesse

homem algo que é dela. Mas enquanto não haja nenhuma inquietação, não tenho o direito de cortar essa participação dizendo que é uma projeção; esse é um grave engano que se comete com grande freqüência.

Nós já não acreditamos que as árvores e os animais sejam deuses, mas seria um engano afirmar que isso é uma projeção no caso do primitivo, porque o que para nós é projeção, para ele é a vivência total da realidade. É sua verdade.

Se eu tivesse que ir a África e voltar emocionalmente negra, não falaria da projeção dos primitivos na forma em que costumava fazê-lo. Diria que agora vejo que os primitivos têm razão: Deus está na árvore. Mas enquanto permanecer na Europa, e o primitivo diga que Deus está na árvore, enquanto que eu não vejo nele nada de divino... nesse caso poderia falar



FIGURA 35

de projeção. O uso da palavra depende do estado em que eu estou. Quando duvido, posso usá-la, mas se em mim não há dúvida, não; e jamais devo usar essa palavra para envenenar a realidade de outra

pessoa. As projeções morrem em forma autônoma; de repente a coisa desapareceu, e isso acontece sem nenhuma cooperação consciente. Essas coisas são fatos psicológicos *per se*. Depois eu posso dizer que houve uma projeção, mas isso é só uma verdade relativa, não absoluta.



FIGURA 36

Quinta conferência: A ALQUIMIA ÁRABE

Agora vamos analisar o desenho dos dois tabletas porque contém bastante mais que o texto que já lhes li.

Em uma parte do tablete há um pássaro alado e um pássaro sem asas. O pássaro alado está acima e o outro abaixo; o texto diz que o último impede que o pássaro com asas levante o vôo. Cada um come a cauda do outro, de modo que aqui há uma variante da serpente Ouroboros que come sua própria cauda. Por cima dos pássaros, embora isto não se menciona na descrição, estão a lua e o sol, e

debaixo está a esfera a qual o texto dá depois diferentes nomes: a chama a lua e também a terra e o mundo inferior, o mundo debaixo. Por conseguinte, em certo sentido a lua é dupla: acima é a noiva, ou o oposto do sol, mas é também um pouco misturado com o mundo debaixo, ao que se chama a terra. Então, há uma lua que é idêntica à terra e uma que é o casal do sol.

No segundo tablete há dois sóis; emitem dois raios sobre o mundo inferior, e o outro só um. Ambos irradiam para o mundo inferior, onde outra vez está a lua cheia, a que em uma passagem posterior do texto se descreve dizendo que é branca e está rodeada por uma esfera negra; olhando-a de fora não veríamos mais que negrume, mas o interior é branco e tem uma substância lunar branca. Nesta imagem o sol está duplicado e na outra a lua está duplicada, e cada um é o casal do outro.

Em ambas as imagens há uma interconexão entre os mundos inferior e superior, e em meio de ambos está a briga entre os pássaros. O sol irradia sobre o mundo inferior. À esfera debaixo, que é negra por fora e branca por dentro, volta a chamar o mundo inferior —o *mundus inferior*—, que aqui quer dizer este cosmos que há debaixo do firmamento, ou que se eleva até as esferas dos planetas mais longínquos. Na antigüidade e na época medieval, acreditava-se que debaixo estavam a lua e o mundo corruptível, e acima as estrelas e o mundo eterno.

Pergunta: Por que um sol tem um só raio e o outros dois?

M. L. von Franz: É assim, simplesmente! De fato, nos tabletes não se mostram os raios; um velho alquimista que em seu momento foi dono do livro desenhou com tinta dois raios de ambos os lados, mas de acordo com o texto um dos sóis não envia mais que um raio para baixo. Ali se diz que um dos sóis irradia com justiça e o outro sem ela, e essa é a diferença entre os dois. Embora o texto não o diz, eu suponho que o sol com os dois raios é o que irradia com justiça, porque está equilibrado, tem os dois lados. Sol *cum justitia* e *non cum justitia*, como diz a muito torpe tradução latina. Mas ambos os sóis irradiam com seus raios o mundo inferior e o penetram.

Agora temos que tentar —e digo tentar porque muitas partes do texto excedem minha compreensão— entender psicologicamente o texto. Temos que começar por nos referir ao próprio *Sénior* e ler as amplificações que dá ao longo de todo o livro. *Sénior* diz dos dois pássaros que são também o sol e a lua, que a ave sem asas é o enxofre vermelho e sua alma exaltada é o pássaro alado; diz que os pássaros são irmão e irmã, e da coisa inferior diz que é a base dos dois pássaros, tal como a terra é a base da lua, ou o mundo inferior.

Vamos considerar umas poucas amplificações. O enxofre é uma das matérias básicas mais importantes no processo alquímico. No *Mysterium Coniunctionis* Jung escreveu um capítulo inteiro sobre o tema; nele se pode ver que o enxofre é uma substância ativa, uma substância corrosiva, e perigosa por causa de seu mau aroma. Como vocês sabem, no folclore o diabo sempre cheira a enxofre, e quando se vai ou quando o exorcizam sempre deixa atrás de si um ar sulfuroso. O enxofre também produz todas as cores, é o amante da figura alquímica da noiva e assim nesse estilo, e é um ladrão que interfere com o casal amoroso.

Assim, poder-se-ia interpretar ao enxofre como o ver-se impulsionado, como um estado de ser impulsionado. Não seria exato falar do impulso mesmo; é melhor o estado ou qualidade de ver-se miserável ou afligido. Se o considera desde certo ângulo religioso, isso naturalmente seria o diabo; é o sexo, por exemplo, mas no sentido de ser arrebatado pelo sexual, ou seria o sexual em sua forma entristecedora, quer dizer, como algo que um não tem sob seu controle.

O enxofre é a parte ativa da psique, a parte que tem um objetivo definido. Em uma dimensão



FIGURA 37

psicológica; estamos atentos para descobrir onde a libido encaminha-se para seu objetivo. Possivelmente não seja nada sexual, a não ser outra classe de ser levado ou arrebatado; poderia ser a ambição e o impulso de poder, ou alguma outra coisa. Por conseguinte, tem o duplo aspecto de proporcionar o ímpeto original —a matéria masculina, como a chama aqui— e é ao mesmo tempo positivo e negativo. Qualquer que se auto-examine, se for sincero, geralmente se enfrenta primeiro com essa parte da psique que se encontra em um estado assim.

A cor vermelha se refere ao fogo, à qualidade emocional. O pássaro sem asas é o enxofre vermelho; é o pássaro debaixo, e também se faz referência a ele como a fêmea, de modo que temos um paradoxo porque, até sendo miserável ou levado, o considera como a qualidade masculina ativa, mas projetada sobre o pássaro debaixo é a fêmea. De modo que as características feminino-masculino são muito vagas; em alquimia os termos se usam de maneiras muito diferentes. Poder-se-ia dizer que o pássaro sem asas, o enxofre vermelho, é um fator subjacente na vida psíquica, e é sempre o que terá que desenterrar primeiro, porque é *la prima materia*.

Para chegar ao fundo do problema de alguém é necessário começar por encontrar a estrutura ou feitura desses impulsos. Todos levamos dentro e até que os eduquemos e os enfrentemos, temos um

rincão oculto onde eles levam uma vida autônoma. Têm a ver com o inconsciente, e, como vocês sabem, ao Freud impressionou tanto este aspecto que quando descobriu o « enxofre vermelho » acreditou que aquilo era tudo, que se tratava disso.

Em certo sentido tinha razão. Impressionou-lhe a natureza impulsiva do inconsciente, seu aspecto sexual, tal como ao Adler impressionou o aspecto ambicioso ou de poder, de modo que deram com a *prima materia* do enxofre vermelho e desde esse ângulo tentaram explicar o papel do inconsciente. Do pássaro alado se diz que é a alma exaltada do outro, no sentido de que uma vez que alguém tem a *prima materia*, que eu interpretaria aqui como os impulsos instintivos básicos da personalidade, a isso terá que cozinhar, e quando o cozinha despende vapor que « voa » por sobre a matéria; isso seria o que os alquimistas chamam a alma da matéria. Recordarão vocês que já o encontramos antes, como a esposa de vapor, no outro texto. Esta substância volátil, que é como um vapor ou um bafo — a « substância fugitiva que voa », tal como a chama, o que explica por que o pássaro tem asas —, deseja elevar-se durante o processo de cocção.

Expresso em nossa linguagem, qual seria o aspecto psicológico correspondente? Suponhamos que o pássaro sem asas fosse o fato básico da personalidade humana, com o aspecto específico dos impulsos básicos mais fortes. Como cozinhamos os impulsos?

Comentário: Cozinhá-los na análise, certamente.

M. L. von Franz: Sim, mas na prática, como se faz?

Resposta: Fazendo-os conscientes. Deprimindo-se.

M. L. von Franz: Bom, sim, isso seria ir ao encontro dos impulsos. Se um não os conhecer, primeiro tem que se deprimir para encontrá-los. Quando já os encontrou, está tocando fundo e então está na *prima materia*, ali, tocando-a. A gente medita sobre ela e pratica a imaginação ativa, ou busca o significado subjacente.

Suponhamos que alguém está apaixonado, mas que a coisa não parte; como está frustrada, a pessoa se deprime, dizendo que não é possível aceitar a verdade de que o outro não retribui seu amor; isso seria uma tortura contínua. Então diríamos que muito no profundo está o impulso, a dependência, algo que acontece constantemente em uma transferência. Em muitos analisandos irrita a transferência pela dependência que supõe, mas com isso não se pode fazer nada, porque são dependentes; sentem-se arrastados, escrevem cartas,



38. La transformación de Mercurio, en cuanto *prima materia*, dentro de la vasija sellada que se calienta, es comparable a cocinar los impulsos instintivos básicos en su propio afecto hasta que el contenido esencial de su fantasía se vuelva consciente.

FIGURA 38

telefonam vinte vezes ao dia, coisas assim. O assunto, como tal, não é agradável nem para o analista nem para o analisando. Com frequência os afetados, mostrando-se razoáveis, coincidem em que a situação é estranha, desatinada e molesta para os dois, mas o impulso irracional não faz conta, não se inteira do que prega a consciência. Isso sabe qualquer um que alguma vez esteve profundamente apaixonado.

Tomemos a mesma situação no caso de um impulso de poder. Podemos estar loucamente ciumento de um amigo que teve êxito em sua carreira, e discute consigo mesmo, dizendo-se que não deveria sentir ciúmes, que não é justo, mas com suas auto-reprovações não arruma nada; seu impulso ou ambição de poder, que é a causa do ciúmes, não se deixa afetar nem tocar por suas palavras. O enxofre vermelho segue intacto, de maneira que para arrumar isso com este impulso, necessitamos uma medicina mais forte. Em vez de discutir com os impulsos que nos arrastam, preferimos cozinhá-los e decidimos fantasiar sobre eles e perguntar-lhes o que é que querem. Temos que ser muito objetivos, fantasiar sem opiniões e sem condenar o que a coisa tem de irracional.

Tem-se que tentar descobrir amigavelmente o que é que realmente quer o impulso, quer dizer, a que aponta, porque o impulso tem um objetivo.

Isso se pode descobrir mediante a imaginação ativa ou através de uma fantasia, ou experimentando na realidade, mas sempre com a atitude introvertida de observar com objetividade o que é que o impulso necessita ou deseja conseguir. Isso seria cozinhar o enxofre vermelho.

Em geral, dos impulsos fortes emanam um conteúdo fantasiado; o impulso contém um

ramalhete de material fantasiado. O mesmo se poderia dizer de cozinhar algo até que apareça sua alma significa deixar que do impulso emane o material da fantasia, permitir que aflore esse material de fantasia relacionado com o impulso.

Esse seria o aspecto psicológico, e corresponderia ao pássaro alado. Mas quando fazemos isso começa um tremendo conflito. Nosso texto diz que o pássaro sem asas impede que o pássaro alado levante vôo, enquanto que o pássaro alado quer elevar ao pássaro sem asas, de modo que continuam presos, ligados em uma espécie de conflito insolúvel, que o mantém todo detido. Como apareceria isso na realidade?

Comentário: Possivelmente como uma tendência a espiritualizar ou concretizar.

M. L. von Franz: Sim, exatamente, porque se trabalharmos sobre o material da fantasia, desenvolvendo-o, há tendência a chegar à conclusão de que tudo é uma projeção psicológica. Se estiver apaixonada por alguém, posso dizer que é uma projeção do *animus* ou do *anima*, da mãe ou do pai, e dessa maneira espiritualizar ou «psicologizar» a coisa, com o matiz adicional de que é «somente» algo psicológico, e o engano se introduz com essa palavra, «somente».

Como é natural, em nível concreto tenho que me resignar e não começar nada; devo me comportar de maneira convencional e adequada, e todo o resto tenho que guardar isso dentro porque é a projeção de um fator psicológico, é uma fantasia. É a fantasia que me liga ao analista ou à outra pessoa, e se eu introjetar essa fantasia serei livre.

Mas, vocês sabem o que acontece se tentamos fazer isso? O diabo, ou o enxofre vermelho, insiste em que de todo modo há algo de real naquilo, ou deveria havê-lo, porque de outra maneira não é mais que psicológico, e uma relação que seja «somente» psicológica é algo que eu não quero. Quero a coisa real, e isso significa a coisa completamente material —o contato, por exemplo— ou, se se tratar de ambição, um reconhecimento real, uma carreira e todas essas coisas.

A introjeção de uma fantasia referente à ambição se daria da seguinte maneira: alguém em uma situação humilde tem um impulso ambicioso megalomaniaco, deseja estar por cima de todos. Se tentamos descobrir a que aponta essa pessoa, em geral descobriremos que, quão mesmo no caso do impulso sexual, a ambição está submetida ao objetivo do Si mesmo. Um homem assim poderia dizer que ele quer alcançar uma posição de autoridade para poder realizar seus ideais e melhorar o mundo; seu desejo não se apóia no egoísmo nem na vaidade. Ele quer realizar algo, e é freqüente que se entenda que por detrás da ambição há um ideal muito elevado. Mas às vezes, com a ambição, a pessoa terá a sensação oculta de ser muito especial; secretamente sente que seu valor deveria ser reconhecido, e este sentimento se mescla com sua ambição.

O desejo de ser algo especial chega, realmente, devido a um vislumbre ou intuição da individuação; está a vaga idéia de ser um indivíduo único, e sem dar-se conta dessa unicidade não é possível a individuação. Portanto, esse aspecto da fantasia ambiciosa está perfeitamente bem. Mas se alguém diz a alguém de situação humilde que uma ambição tal é muito legítima, que é realmente algo

interior —o impulso, que se deriva da vaga intuição da própria e íntima natureza divina, de ser algo e de chegar a ser algo especial, de realizar-se como um filho ou filha peculiar de Deus—, mas que isso não se pode exteriorizar na forma de querer ser mais que as demais pessoas, uma pessoa assim se sentirá muito aliviada. Uma parte do impulso ambicioso aquietar-se-á, mas então o enxofre vermelho insistirá no outro aspecto, perguntando se realmente temos que passar toda a vida como datilógrafo em um escritório. Acaso tudo está somente em nível interior? Alguma vez se pode ter nada na vida exterior?

Desta maneira se cinde o fenômeno em uma polaridade de opostos: o «somente» psicológico e o concreto. O diabo é aquele que quer a coisa concreta. É o grande realizador, que diz que algo que não tem existência na realidade concreta simplesmente não é real, e então começa o conflito entre a espiritualização do problema e a coisa concreta.

Pergunta: O que significaria a espiritualização de um problema?

M. L. von Franz: A palavra usada foi espiritualização, mas eu acredito que provavelmente se referiam a «psicologizar», isto é, a reduzir um impulso a um fato interior, exclusivamente psíquico. Mas na realidade é a mesma coisa.

Suponhamos que um monge se masturba e em sua fantasia está sempre com uma formosa mulher, mas sente que um comportamento assim não corresponde com os votos que tomou nem com suas idéias morais, e consulta vocês. Dir-lhe-ão que se fixe na fantasia que tem da mulher nessas ocasiões. É virtualmente seguro que fará —em especial se for introvertido, e em geral só os introvertidos tornam-se monges, embora haja exceções— uma formosa fantasia do *anima*, que conterà todo o material da Virgem Maria, da *sophia* [sabedoria] de Deus e outras figuras semelhantes. Então lhe pode assinalar que embora a fantasia comece em um nível inferior —depois de tudo, Cristo nasceu em um estábulo—, na realidade é a fantasia de uma união com a sabedoria divina, e como tal deve ser aceita.

Isto poderia resolver todo o problema, a ponto do homem nem sequer sentir já o impulso de masturbar-se; dá-se conta de que o fator psicológico interior, que aparecia primeiro de uma maneira bastante repugnante, é seu *anima*, e se dispõe a relacionar-se com ela. Essa seria uma espiritualização do fator, seria produzir o pássaro alado.

Mas, como diz Goethe, «*Uns bleibt ein Erdenrest, zu tragen peinlich*», quer dizer que fica sempre um resto de terra, incômodo de arrastar. Até depois do processo de espiritualização mais completo há sempre algo que resiste e que quer a terra, e um monge assim, dez anos depois de estar «curado», possivelmente perguntando-se se, em sua fantasia, não existiria também o desejo de uma mulher real. Essa idéia o acossa de quando em quando, e se ainda continua preso no conceito medieval pensará que é o diabo, algo que ele tem que rechaçar absolutamente.

Pergunta: Por que não tem que ser válido isso também para as pessoas do século XX?

M. L. von Franz: Se você quiser que o seja, é um problema para você; se quiser, pode continuar dizendo que é o diabo.

Pergunta: Mas, não temos todos que viver com esse sedimento dentro?

M. L. von Franz: Não, por certo que não; essa é uma questão individual que tem a ver com o destino de cada pessoa e está aberta a uma decisão consciente. É o conflito fundamental. Há pessoas que não têm paz e para quem é simplesmente desonesto cortar a coisa de raiz e dizer que é o diabo; sentem que é uma falsidade absoluta, enquanto que outras o



FIGURA 39

sentem como uma decisão heróica, a única correta, a qual se propõem aderir durante toda sua vida. Uns encontram a paz mental de uma maneira, e outros de outras, mas isso é algo que nenhum analista pode impor ao analisando; tem que ser uma decisão individual a que cada pessoa chegue por si mesmo. Não há receitas. Por uma parte, amputar isso seria pura covardia, e por outra seria debilidade aceitá-lo. Mas esse é o grande conflito insolúvel.

Comentário: Também depende das palavras que usemos para descrever nossos sentimentos íntimos.

M. L. von Franz: Sim, e do tipo de fantasia que tenhamos, e esse é o problema individual que ninguém pode resolver pelo outro, mas há um tipo geral do mesmo problema do qual é possível falar, e que o alquimista trata de exemplificar desta maneira. Há o enxofre vermelho e a alma exaltada e, como diz o alquimista, é o problema insolúvel pois um dos pássaros atira para baixo, e o outro tenta elevar-se.

Em certa maneira, esta imagem diz que o problema é eterno; circula em si mesmo, e sua totalidade de opostos é a totalidade da coisa. Somos o mundo inferior, que naturalmente se relaciona

com o enxofre vermelho, e o outro é o mundo superior. Acima estão o sol e a lua, e logo interpretaremos a carta de amor do sol à lua, que aparece no âmbito psíquico ou espiritual e não na realidade concreta. Portanto se pode dizer que a parte superior volta a cair em dois opostos, ou seja, o sol e a lua, porque ambos caracterizam a parte superior, enquanto que a terra e a lua formam outro par de opostos na parte inferior. A lua volta a dividir-se na lua celeste e a lua terrestre, dito com palavras do *Sénior*. O texto é ambivalente, em uma passagem fala da lua e em outro da terra e a base dos dois pássaros.

Está, pois, a oposição entre os mundos inferior e superior, e dentro do mundo superior há oposição entre o sol e a lua, e depois estão os dois aspectos da lua. É bastante complicado, mas infelizmente os processos psicológicos são assim. Se chegamos à etapa em que é possível extrair a alma de um de seus impulsos mais fortes, e se encontra esmigalhado entre os opostos do espiritual e o concreto, ou o «somente» psicológico, então avança na parte superior introduzindo o conflito no material da fantasia e fazendo imaginação ativa em volta de seu impulso. Ao pôr por escrito a fantasia, falamos com a figura interior.

Comentário: Nem todos entendem o que é a imaginação ativa.

M. L. von Franz: Infelizmente a psicologia junguiana é tão emaranhada que cada experiência analítica se vincula com todas as demais. Dito em poucas palavras, a imaginação ativa consiste em fazer uma fantasia referente a um impulso quando um se enfrenta com ele. Agora não posso entrar na questão de como fantasiar, mas há alguns aspectos técnicos que se têm que observar porque são importantes. Suponhamos que você está apaixonado por uma formosa mulher e, como não pode tê-la, fica a fantasiar ou a sonhar com ela. Então pode continuar seu sonho encontrando-se e falando com ela em sua imaginação.

Mediante este procedimento esclarece a um o significado de muitas coisas. Entende por que se apaixonou por essa desconhecida, e que grande parte do assunto lhe pertence; é parte de sua pauta e tem significado para um, e então, porque agora já o entende, pode ser que deixe de lado a fantasia. Mas geralmente aparece o problema que mencionei antes, e um se pergunta se possivelmente não deveria telefonar à mulher de carne e osso. Depois de tudo, ela originou toda a fantasia! Podemos dizer que não é mais que curiosidade, mas somos curiosos: Por que foi essa mulher em particular?

O que assim fala é o enxofre vermelho. Mas agora já tem a opção entre duas coisas, seja telefonar à mulher e precipitar-se no mundo debaixo, ou telefonar-lhe em imaginação ativa e dizer-lhe que ela é seu *anima*, que se deu conta disso, já sabe que ela está dentro de si, mas algo ainda chateia e você gostaria de ter um encontro com ela em forma concreta. O que tem que dizer ela a respeito? E então deixa que o *anima* imaginado enfrente-se com o problema concreto.

Isso seria manter a cisão no aspecto espiritual, expondo também o problema concreto, porque incorporar o conflito à sua imaginação ativa significa espiritualizá-lo mais ainda. Se o enxofre vermelho ganhar, e você telefona na vida real e chama à mulher, então cai no mundo debaixo, no *mundus inferior*, a

terra corruptível, que é a realidade, a realidade concreta, e naturalmente todo o drama começa ali.

Comentário: O que você pede a sua imaginação que faça é...

M. L. von Franz: Você não pede nada! Sempre há duas possibilidades.

Pergunta: Alguém deve achar em sua imaginação o que lhe dirá essa pessoa?

M. L. von Franz: Sim, se a gente seguir o caminho ascendente, então eleva seu conflito concreto perguntando à mulher interior o que deve fazer com seu desejo de um pouco mais concreto, e então tem que escutar o que ela tenha que lhe dizer sobre seu conflito, e isso é algo muito difícil de fazer.

Muitas pessoas não podem fazê-lo porque não podem escutar o que diz a figura interior; em vez de escutar realmente, limitam-se a imaginar algo. Isto requer muita prática, mas dessa maneira se pode transpor o conflito e seguir analisando-o em outro nível, e isso seria enfrentá-lo de dentro. Então a fantasia se converte em um conflito e, no intento de esclarecê-lo, um combate com a figura interior em um nível psicológico.

Tomemos o monge que se masturba, e rogo-lhes que desculpem o áspero do exemplo, mas também terá que dar capacidade ao mundo inferior. Suponhamos que o homem vem para ver-me e me diz que tudo isso da *sophia* e do *anima* interior está muito bem, mas me conta que de quando em quando o diabo insinua-se dizendo-lhe que de toda maneira falta-lhe algo em nível real, e pergunta-me o que pode fazer a respeito. Eu responder-lhe-ia que deve perguntar a *sophia* interior!

Comentário: Ao conhecimento interior.

M. L. von Franz: Não, *sophia* é muito mais que isso. *Sophia* é o conhecimento de Deus. Ou mesmo poderia dizer que pergunte a Deus. Eu não posso resolver o problema do analisando; ele deve falar com a imagem da Divindade que há dentro dele, dizer que algo preocupa-lhe e perguntar o que pode fazer a respeito. E depois deve escutar, depois do qual podem acontecer um montão de coisas; uma das mais freqüentes é que se dê conta de que Deus tem duas mãos, e de que foi Ele mesmo quem originou o conflito.

O caso é imaginário, mas suponhamos que o monge tomou consciência da *sophia* interior, e sabe que é a sabedoria de Deus em uma forma que ele encontra dentro de sua própria alma. Mais tarde o enxofre vermelho o move a dizer que não se trata disso, ou que isso não é tudo, que ainda deve ter também a experiência real. Ao qual eu só posso dizer que deveria perguntar à sua figura interior, perguntar à *sophia* que há dentro dele. Não digo que sempre seja assim, mas com freqüência a figura interior responde com paradoxos. Diz que em certo modo é verdade que deve acessar à realidade, que é certo que se perde algo, e ao mesmo tempo diz que tudo é psicológico. A resposta é algo assim, e o pobre homem dirá que ele já não pode mais, porque essa não é uma resposta clara, é paradoxal.

Se for capaz de entendê-lo, dar-se-á conta de que esse é o duplo jogo do Um, de que o conflito é necessário e procurado, e não deve resolver racionalmente. A única forma em que pode manifestar o Si mesmo é mediante o conflito: encontrar o próprio conflito insolúvel e eterno é encontrar-se com Deus, o qual seria o fim do ego com toda sua verborrêia. Esse é o momento da entrega, o momento em

que Jó diz que cobrirá a boca com a mão e não discutirá a respeito de Deus. É a consciência a que cria a cisão e diz: «Uma coisa ou outra».

Vi com bastante freqüência nesses casos que a *sophia* —ou alguma outra figura divina, ou o ancião sábio— responde: se um o considerar com ânimo negativo, em forma evasiva, e se o vê positivamente, em forma de paradoxo. Então o paradoxo do fator psicológico, ou da realidade psíquica, afeta à qualidade da consciência, que sempre quer expor alternativas e falar delas, e quando aparece o Si mesmo, aí se acaba o falar. Então o conflito já não está na cabeça.

É o momento em que o conflito transcende a discussão verbal e converte-se em uma vivência intuitiva da Unidade por trás da dualidade. Estamos entre a mão direita e a esquerda; algo é secretamente um, e entretanto quer que o rasguem, quer sofrer, até que acontece algo que é muito difícil de captar e então se produz uma mudança a outro nível. Se um se deixa rasgar no conflito, então repentinamente a gente muda, muda das raízes mais profundas de seu ser, e toda a coisa tem outro aspecto. É como se a gente torturasse tanto a um animal que este se elevasse de um salto a um nível superior de realização, e isso pode acontecer em formas muito diferentes. Pode-se dizer que é um aspecto do símbolo da cruz, que um tem que ser totalmente crucificado e dizer, como disse Cristo na cruz: «Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?». E então acontece algo que supera o conflito, deixa-o para trás.

Comentário: Se o monge for manter seus votos, tem que deixar de masturbar-se.

M. L. von Franz: Minha hipótese é que faz tempo que já o fez, desde que teve sua fantasia, mas o diabo é muito mais preparado e lhe diz, bom, que agora está curado e tudo está bem, e assim nesse tom, mas mesmo assim, não teria que abandonar o monastério para ter uma experiência «autêntica»? Acaso não evoluiu o suficiente para fazer inclusive isso? Por exemplo, na Idade Média se dizia: «*Ubi spiritus, ibi libertas*». Isto é de São Paulo, que diz: «Onde está o espírito do Senhor há liberdade», II Coríntios 3, 17. Então o diabo poderia perguntar-lhe se, agora que resolveu seu conflito, não é livre de viver.

Comentário: Bom, eu acredito que sim.

M. L. von Franz: Essa é sua opinião, mas para a situação dele não vem ao caso. O tem que esperar até que Deus lhe diga o que fazer; não é você quem tem que lhe dizer o que está bem. «Sim, está bem, acredito que tem que seguir adiante», dir-lhe-ia você, com sua espontaneidade de extrovertido, mas eu não lhe diria isso, dir-lhe-ia que deve perguntar à Deus.

Pergunta: Suponhamos que o monge tem uma intuição muito débil, e tem que procurar sua resposta em alguma outra parte. De onde lhe viria?

M. L. von Franz: Depende da qual você se refira ao dizer isso. Se se referir a que assim é como costuma acontecer, tem razão, mas se o que quer dizer é que deve ser assim, equivoca-se.

Comentário: Você disse antes que a resposta sobreviria em forma intuitiva, mas nem todo mundo é capaz de obtê-la intuitivamente.

M. L. von Franz: Agora você traz a colocação do problema dos tipos, e isso é uma coisa diferente. Em termos gerais, o introvertido necessita uma experiência concreta, uma experiência externa, para sentir que ele está completo e que as coisas são totais, mas o extrovertido não. E isso significa que se o monge for um introvertido deve ter certa experiência, em geral.

Pergunta: Experiência sexual? Com isso se refere você ao que Freud entendia por sexo?

M. L. von Franz: Refiro-me muito simples e concretamente a contato com um ser terrestre e humano, uma mulher.

Pergunta: Refere-se ao contato sexual?

M. L. von Franz: Sim, concretamente, mas digo que em geral isso acontece, e não que deva acontecer. Não acontece em todos os casos, só se pode dizer que é uma tendência estatística média. Mas o que é importante para ele é sua conexão com Deus, não à mulher, de modo que se Deus lhe envia essa experiência ele tem que tomá-la, e se Deus não a envia, não.

Comentário: No que eu insisto, e falo como teólogo, é em que as leis naturais de Deus se relacionam com ele e com sua relação com uma mulher também em função do sexo, e posso dizer dogmaticamente que um teólogo ou sacerdote da Igreja, se sair como sacerdote cristão e tem uma relação com uma mulher fora de seus votos, isso estará mau.

M. L. von Franz: Sim, porque você pode saber o que Deus quer em cada caso, mas nós não. Nós primeiro tentamos sempre perguntar-lhe a Ele de dentro.

Comentário: Bom, eu sei que Ele tem leis naturais que afetam aos seres humanos.

M. L. von Franz: Para nós a experiência de Deus é maior e mais desconhecida, e por isso O consultamos cada vez. Não temos a idéia de que Deus já disse Sua última palavra. Esse é o grande contraste entre a psicologia e a teologia. Pensamos em Deus como uma realidade que pode falar em nossa psique. Nunca se sabe o que Deus pode pedir a um indivíduo, e por isso cada análise é uma aventura, porque nunca sabemos o que é que vai pedir Deus a essa pessoa.

Pergunta: Há limites para isso?

M. L. von Franz: Não, não há; não podem pôr limites a Deus. Nossa atitude é muito mais humilde que a dos teólogos. Simplesmente, dizemos que devemos esperar, para ver o que tem que dizer Deus sobre a situação em cada caso. Não fazemos suposições referentes ao que Ele fará, de modo que cada vida humana converte-se em uma especial aventura espiritual e religiosa, e em um peculiar encontro com Deus. Deus pode estabelecer Suas próprias limitações.

Comentário: Mas o que importa é que ainda não o fez.

M. L. von Franz: Possivelmente não o fez em sua vida, mas espere a que Deus lhe dê uma ordem! Você tem razão ao falar como o faz enquanto Deus não lhe faça pensar de outra maneira, e tem direito a dizer que Ele não interferiu com suas teorias, de modo que isso está muito bem para você, mas não para outros. Há outras pessoas em cujas teorias conscientes Deus interferiu, e muito fortemente, e então tiveram que readaptar-se a uma realidade nova.

Comentário: A atitude que eu sugiro está em nível da experiência, de uma experiência válida.

M. L. von Franz: Se for uma experiência válida —quer dizer, se for autêntica para uma pessoa— já não há mais que discutir. Essa pessoa está de acordo e em paz em certo modo de comportamento que para ela está codificado por Deus, de modo que está em paz com Deus, que é o objetivo supremo da vida humana. Então não há problema.

Comentário: Pense no profeta Oseas. Deus lhe disse que se casasse com uma prostituta.

M. L. von Franz: Dois mil anos mais tarde, depois de ser canonizado como profeta e posto que está nas Sagradas Escrituras, não podemos duvidar de que foi Deus, e tudo está bem. É o comportamento paradoxal de Deus. Mas se isso acontecesse hoje a você, e você vai dizer a um colega que Deus lhe ordenara que se casasse com uma prostituta, o que lhe responderia seu colega? Provavelmente lhe pergunte se está seguro de que é Deus, porque pensará que Deus não lhe pode dar semelhante ordem, e portanto não pode ser Deus. Como demonstraria você que era Deus?

Comentário: Eu quereria estar seguro de que seu motivo era autêntico e saber quem era a mulher, coisas assim.

M. L. von Franz: Perguntei-lhe por você, mas não importa. Então, com o julgamento razoável de seu eu, você decidiria se era Deus ou não?

Resposta: Não seria meu julgamento, a não ser o Seu. Quão único eu poderia fazer seria ajudar ao homem a elaborar a decisão.

M. L. von Franz: Então, você leva tudo ao nível do raciocínio consciente.

Comentário: Não só do raciocínio consciente, mas também implicaria ao sentimento e a intuição e tudo.

M. L. von Franz: Esse é o caminho humano, racional e consciente. O verdadeiro mistério de Deus está fora disso.

Comentário: Eu não me proponho tomar a decisão de Deus por Ele; é Deus quem tem que decidir.

M. L. von Franz: Mas então você O seduz para que Ele tome Sua própria decisão em vez de relacionar-se com Deus.

Comentário: Acredito que em alguma medida Deus se relaciona por intermédio de mim, e de todos.

M. L. von Franz: Isso é inflação. Por que não tem que relacionar o homem diretamente com Deus?

Comentário: Porque não pode; humanamente, tampouco eu posso. Não posso manter uma conversação com Deus dentro de mim. Isso é humanamente impossível.

M. L. von Franz: Seriamente?

Comentário: Sim, tenho que ter algum contato humano mediante o qual me relacionar com Deus.

M. L. von Franz: Há pessoas que não podem arriscar-se à solidão da experiência. Têm que estar sempre no rebanho e ter contato humano, como o chama você.

Comentário: Eu não negaria a eficácia da prece quando eu e Deus colaboramos, mas isso não implica somente a mim e a Deus, mas também às pessoas com quem vivo, minha família e outras, em relação

com Deus, o Espírito Santo.

M. L. von Franz: Aí menciona você o principal, mas o Espírito Santo respira onde quer. Você, o teólogo, identifica-se com uma posição consciente e toma como absoluta. Deste ponto de vista, pode falar de algo, mas não se dá conta de sua identificação inconsciente. Se questionar você durante o tempo suficiente seu ponto de vista consciente, estou segura de que um dia o Espírito Santo virá a lhe sussurrar algo a respeito.

Para nós, nunca existe mais que o indivíduo e sua vivência ou experiência de Deus, e todo o resto é secundário. Em terapia não somos nós quem conecta o indivíduo com Deus, e isso seria inclusive uma presunção megalomaniaca do psicoterapeuta... embora muitos presumem de fazê-lo, e nessa medida tornaram a converter-se em teólogos furtivos. Se você estiver com um analisando, a única forma em que possivelmente possa ajudá-lo é dizendo: «Não sei, mas vamos perguntar



FIGURA 40

à Deus». Assim impedimos que o analisando tire conclusões conscientes precipitadas ou seduza ao analista, convencendo-o de que ele as tire, e por conseguinte toda experiência religiosa se converte em um acontecimento especial e único. Em cada experiência se vive a Deus ou se experimenta em uma forma peculiar e específica, e isso inclui até o enxofre vermelho, o que quer dizer que se você expuser ante Deus a questão do enxofre vermelho, Lhe dará Sua própria resposta em cada caso.

Comentário: Eu acredito que Deus já deu Sua própria resposta em cada caso.

M. L. von Franz: Aí é onde diferimos. Você pensa que Deus publicou as regras gerais a que Ele mesmo se ajusta, e nós acreditamos que é um espírito vivente que aparece na psique humana e que sempre pode criar algo novo.

Comentário: Dentro do marco referencial do que já publicou.

M. L. von Franz: Para um teólogo, Deus limita-se à Seus próprios livros, e é incapaz de continuar publicando. Aí é onde discrepamos.

Mas voltemos para nosso texto. Se levarem vocês o conflito ao âmbito do desapego psicológico interior, o problema dos opostos se esclarece: a Unidade se faz visível no campo psicológico, e damos conta de que seu conflito se dá entre dois aspectos da psique. Mas há um fator insatisfatório, porque cortamos a lua em dois. O elemento feminino continua dividido, há uma cisão entre o que chamaríamos o inconsciente, ou o *anima*, e o que se poderia chamar o mundo concreto. Esta continua uma questão aberta, o que significaria que em análise um se dá conta do conflito, mas ainda não pode vinculá-lo de todo com a vida exterior concreta. Logo que se trata de problemas na vida exterior e concreta, há incerteza.

Sénior não dá conselho algum sobre como prosseguir a partir daí, mas sugere outra possibilidade. Nunca se tem que esquecer a divisão em dois, os dois aspectos do mesmo problema. O expõe desta maneira porque só o pode descrever atacando-o de ambos os lados, e agora tenta abordá-lo pelo outro. Em uma imagem o sol com seus dois raios ataca ao mundo inferior, como faz o sol com um só raio, sem justiça. O mundo inferior é uma dualidade secreta: é uma esfera negra por fora, com uma lua branca e brilhante por dentro.

Em geral o sol representa um princípio masculino da consciência coletiva, o fator psicológico desconhecido que cria a consciência coletiva. Vemos que ali onde os seres humanos se congregam, ali se cria um fenômeno de consciência coletiva. Por exemplo, as palavras de uma linguagem têm para cada indivíduo um significado similar médio, e graças a este meio da linguagem se repartem e intercambiam muitos conhecimentos e forma-se uma reserva da consciência coletiva.

É muito difícil dizer o que é a consciência própria de um indivíduo, e quanto há nela de coletivo. No começo da infância vêm-se faíscas de reações conscientes individuais, por exemplo nas maravilhosas expressões dos meninos e nas perguntas que fazem. Em tudo isso o menino faz um esforço para a consciência individual. Também estão as perguntas encantadoramente torpes: «Avó, quando vais morrer?», e coisas semelhantes, porque então o menino fala em forma muito ingênua e muito individual. Mas quando vai à escola produz-se a confrontação com a consciência convencional; as escolas têm que ser assim, e se uma fala do leão ou do urso, e diz aos meninos que escrevam uma pequena composição sobre estes animais, haverá um máximo de três em uma classe que digam algo individual.

Quando era professora eu costumava desafiar os meninos, pedindo-lhes que escrevessem o que pensavam e não o que eu lhes dissera, e então vi que os meninos tinham uma dificuldade tremenda, porque a função da escola e a tendência evolutiva desses anos apontam ambas a formar a consciência coletiva. A assimilação da consciência coletiva é, de fato, a função da escola e, entretanto, a originalidade da consciência individual geralmente se desvanece e ao chegar aos vinte a gente é um saco

de conhecimento coletivo. Se um lhes pedir sua opinião sobre o que seja, limitam-se a repetir o que dizem seus pais ou seus amigos, ou o que têm lido no periódico, e a gente tem uma dificuldade enorme para voltar a conseguir deles uma reação consciente, pessoal e única.

Então, podemos dizer que o sol é essa luz interior dentro da qual todos nadamos, é a luz de todos os nossos dias. Acreditam que somos conscientes, mas não é verdade; somos conscientes no âmbito do coletivo e nem sequer sabemos quão pequena é nossa consciência individual. É necessário procurar muito para encontrar, embora não seja mais que fragmentos de consciência que sejam pessoais.

Se analisamos um indivíduo, o sol sempre está brilhando; isso é a consciência coletiva em que está encerrada a consciência individual, e o conflito se dá então seja contra o inconsciente ou contra a realidade. Quando temos um conflito, ou brigam com a realidade exterior —fora as coisas estão más, e eles querem corrigir—, ou estão em dificuldades com seu inconsciente. Algo de dentro ou algo de fora está em oposição. Com toda razão se diz que o inimigo com quem se vê confrontada a consciência é secretamente duplo, porque as pessoas vêm analisar-se dizendo que tem um conflito exterior, mas descobrem que é interior, ou acontece justamente o contrário.

Se houver dois sóis, então há dois princípios de consciência coletiva. Em uma sociedade, isso significaria duas formas de relação com Deus, por exemplo o catolicismo e o protestantismo; uma delas vive à luz de um sol, e a outra à luz do outro. Para um grupo, algumas verdades são completamente evidentes; jamais as discute, porque a este grupo parecem tão claras como o sol, e o mesmo vale para o outro grupo em relação com suas próprias verdades. Então há já uma diferenciação, uma cisão ou algo em oposição, interior ao âmbito da consciência coletiva. Isso se referiria em geral a algum tipo consciente de conflito coletivo: dois «ismos» ou duas atitudes coletivas chocam, mas ambas são coletivas, porque o conflito é comum à muitos na mesma forma.

No texto do *Sénior* as atitudes em conflito caracterizam-se como um sol que dirige dois raios para seu oposto —a coisa obscura— e um sol que dirige um raio, e se diz que o de um raio é o sol sem justiça. Que princípio da consciência coletiva não tem justiça para o mundo debaixo, enquanto que o outro sol tem justiça? O que quereria dizer isso?

Está claro que há duas possibilidades de consciência, ou seja, uma rígida e outra que tem uma atitude paradoxal e por conseguinte faz justiça ao fator paradoxal do inconsciente. Esta última seria o que se poderia chamar um sistema conscientemente aberto, uma *Weltanschauung* aberta que está sempre disposta a aceitar seu oposto, ou a encontrar o oposto e aceitar suas contradições. Se tivermos uma atitude consciente que está disposta a aceitar o oposto, a aceitar o conflito e a contradição, então se pode conectar com o inconsciente. Isso é o que tentamos obter. Tratamos de produzir uma atitude consciente



41. La *connectio* como una fantástica monstruosidad, es comparable psicológicamente con la unión inconsciente de lo masculino y lo femenino.

FIGURA 41

com a qual a pessoa possa manter aberta a porta para o inconsciente, o que significa que um nunca deve estar muito seguro de si mesmo nem de que o que alguém diz seja a única possibilidade; nunca deve estar muito seguro de uma decisão.

Sempre se tem que ter um olho e um ouvido abertos para o oposto, para a outra coisa. Isto não significa debilidade, nem incapacidade de defender-se. Significa atuar de acordo com a própria convicção consciente, mas tendo sempre a humildade de manter a porta aberta a risco de que a um demonstrem seu engano. Essa seria a atitude de uma consciência em um contato vivente com o outro lado, o lado obscuro. O sol injusto é aquela atitude da consciência que sabe exatamente o que é cada coisa, uma atitude rígida que obstrui o contato com o inconsciente, enquanto que o sol de dois raios tem um efeito moldador e formativo sobre o inconsciente; este último seria o que tem justiça, e o primeiro o que não a tem. Acredito que é muito significativo.

Se pensarmos neste homem, *Sénior*, que viveu sua vida entre os xiitas e os sunnitas, imagino, embora não seja mais que conjectura, que em seu material os dois sóis representariam aquilo.

Em todo caso, a consciência tende sempre a ser unilateral e a estar segura de si mesmo, e isso deteriora o mistério da vida. Mas a consciência pode ter a dupla atitude, e então ilumina o mistério da vida, em vez de danificá-lo. A atitude humilde que mantém sempre a porta aberta é a aceitação necessária do fato de que alguém pode equivocar-se, no moral ou no científico, ou de que alguém pode saber até certo ponto, mas sem estar seguro, e que inclusive a maior das certezas pode não ser mais que negativa, ou só algo verossímil de acordo com o qual atuo.

O que se requer é uma atitude consciente conectada com a atitude religiosa, emprestar sempre

humilde e cuidadosa consideração ao fator desconhecido, ou seja, dizer: «Acredito que isto é o que corresponde fazer», e seguir atento a um sinal que nos advirta que não tivemos tudo em conta. A consciência é essencial para o inconsciente, porque sem ela o inconsciente não pode viver. Mas a consciência não é mais que um bom canal de comunicação através do qual o inconsciente pode fluir se tiver uma atitude dupla, paradoxal.

Então o inconsciente pode manifestar-se, e se pode evitar o endurecimento da atitude consciente contra a do inconsciente, que significa uma cisão na personalidade... e na civilização.

Aqui há, no objeto, uma dualidade secreta. Em forma muito aproximada podemos dizer que este escuro mundo debaixo é o inconsciente, porque é o desconhecido; é aquilo que não posso penetrar mentalmente para dizer que já sei o que é. O «inconsciente» é um conceito que se refere simplesmente àquilo que não é claro para a consciência. Isso inclui todo um conglomerado de coisas. Há dois aspectos, duas incógnitas finais, das quais se ocuparia especialmente um alquimista, e às que me referi na introdução. Ainda nos vemos frente a dois mistérios não resolvidos que, de uma maneira estranha, são interdependentes embora ainda não saibamos como. São a psique e a matéria. A ciência da física, em última instância, postula a matéria como algo inconsciente, quer dizer, algo do qual podemos chegar a ter consciência. Por definição, o inconsciente é a mesma coisa: algo psicológico do qual não podemos chegar a ter consciência, e jamais sabemos de que maneira se combinam nossas descrições do inconsciente com a matéria, o qual gera todo o conflito entre o interno e o externo.

Em última análise, é a consciência a que cria o conflito entre o interno e o externo, ao projetar um dos termos como materialmente real e o outro como psicologicamente real, porque não conhecemos a diferença entre a realidade material e a psique. De fato, se o considerarmos de um modo imparcial, encontramos-nos com um pouco desconhecido que às vezes aparece como matéria e às vezes como psique, e a forma em que os dois se relacionam não a conhecemos ainda. Os alquimistas não sabiam e nós tampouco. É um mistério da vida, ao que parece, manifesta-se tanto psicológica como materialmente. Se o descrevermos de fora com um enfoque estatístico extrovertido, aparece como matéria, e se o abordamos de dentro aparece como o que nos agradamos em chamar consciência.

Pergunta: Não há também uma dualidade entre objeto e sujeito?

M. L. von Franz: Sim, exatamente. Fora está a *nigredo*, e esse seria o aspecto destrutivo do inconsciente tal como o experimentamos muito freqüentemente, pelo menos ao começo, em nossos primeiros contatos. Todos nossos sonhos são críticos ao princípio; o inconsciente está cheio de impulsos e de fatores de dissociação, fatores destrutivos, e depois, se aprofundarmos e penetrarmos mais, vemos algo muito claro e cheio de sentido. A iluminação pode provir desse lugar escuro; quer dizer, se dirigirmos sobre ele o raio da consciência, se o esquentarmos com nossa atenção consciente, então disso sai algo branco, e isso seria a lua, a iluminação que provém do inconsciente.

Em ocasiões um tem um sonho desagradável que lhe repugna quando acordado; é indecente ou obsceno, tremendamente tolo ou estúpido, e é irritante. A gente queria um maravilhoso sonho

arquetípico, e eis aqui o que vem! Mas então eu digo: «A ver, um minuto, vamos investigar, descobrir o que significa», e em geral são precisamente esses sonhos os que mais nos iluminam, se formos capazes de chegar ao significado. O significado não o conheciam, mas tinha um conteúdo

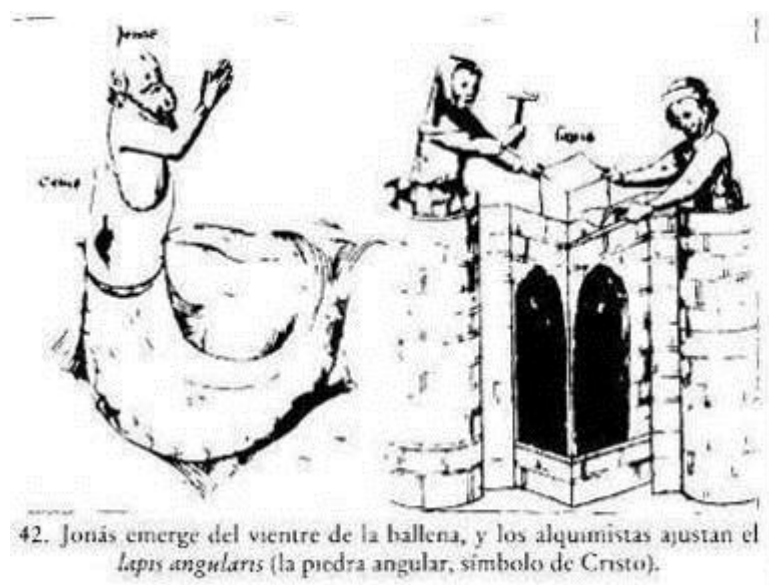


FIGURA 42

dinâmico que o enriquece muito. São precisamente esses os sonhos mais valiosos; têm uma casca inabordável e repugnante de negrume que deprime, mas dentro está a luz do inconsciente. Com frequência, é nos motivos deprimentes do sonho onde se pode encontrar a luz, e naturalmente a achará também nos impulsos escuros, que estão cheios de significado se formos capazes de investigá-los com amor, com uma atitude que aceite o paradoxo.

Parece que, chegado a essa etapa, *Sénior* tivesse um conflito consciente entre duas atitudes para o inconsciente; seria um conflito vital, mas dá a impressão de que tudo estivesse bem no que se refere aos pontos de vista conscientes. Possivelmente a vida mesma pressente o conflito, por um lado na esfera da lua, e por outro na esfera do sol; um é o conflito consciente, o outro inconsciente. Em geral estão entretecidos, têm algo em comum e não são mais que dois aspectos da mesma coisa, quer dizer, da dualidade paradoxal fundamental de todos os fenômenos psicológicos.

O que não se diz na imagem mas está contido no texto, se lerem vocês o livro, é que a totalidade da coisa descreve a pedra filosofal, a obra alquímica. Diz-se que o um é a primeira etapa da obra alquímica, e com o aplique do segundo se faz a pedra filosofal, porque o conflito vital se tornou consciente. Esta é a etapa final do *opus*. Quando já nos relacionamos com o inconsciente, aparece o problema, cada vez mais sutil, de como manter bem a relação em vez de voltar a cair em nossa unilateralidade. Até pessoas que fazem uma longa análise junguiana tendem a codificar seu processo de individuação. Embora tiveram experiências tremendas e reações vitalizadoras, não fazem mais que ficar com isso e codificar o que experimentaram —por exemplo, se disserem que só pregam a outros suas próprias experiências—, então não evoluem. A isso se deve que todo fenômeno consciente se desgaste.

Por isso, o conflito é eterno e deve ser corroborado; a unilateralidade da consciência dever ser continuamente confrontada com o paradoxo. Isto significa que cada vez que uma verdade foi vivenciada como tal, e se manteve um tempo viva em nossa psique, terá que fazer um giro de cento e oitenta graus, porque essa verdade já não é válida. Como diz Jung, qualquer verdade psicológica não é mais que uma verdade pela metade, e essa tampouco é mais que uma verdade pela metade! O próprio analista tem que manter-se sempre ao ritmo de seu próprio inconsciente, tem que estar conscientemente disposto a atirar pelo muro tudo o que se obteve até agora, e isto corresponderia a uma dupla atitude constante.

Portanto, possivelmente o sol com os dois raios esteja melhor adaptado para influir sobre o inconsciente, e também para assimilá-lo, em virtude de uma atitude aberta, como se houvesse uma segunda consciência por detrás da consciência..., como se tivéssemos a consciência em seu modo de operação ordinário no primeiro plano da mente, enquanto que no fundo há algo que se dá conta de que isso não é mais que uma parte da vida.

Assim, há uma consciência móvel, uma «consciência por detrás da consciência» que se limita a observar e sabe que, no momento, a coisa é assim. Jung o descreve, em um nível emocional, como estar precisamente no mais tormentoso do conflito, e ao mesmo tempo fora dele, observando-o com serenidade.

Voltemos agora para a carta de amor do sol à lua crescente, onde o sol diz: «Em grande e definitiva debilidade, darei desde minha beleza a luz mediante a qual alcança um a perfeição».

De um ponto de vista puramente astronômico, o sol tem luz, enquanto que a lua se limita a recebê-la dele; isto é, o sol dá luz à lua, e para isto há uma base bem natural. O sol, em sua forma radiante, imanente, tenta repartir parte de sua luz à lua para que esta possa alcançar a perfeição.

Temos que nos dar conta do que era o que significavam para as pessoas de então o sol e a lua. O sol em geral é uma imagem da Divindade; mais adiante, no texto se diz inclusive que o sol é a divindade espiritual, e que esta em sua beleza emana bondade, possivelmente sem sombra. É formoso e reparte sua luz à imperfeita lua. Agora bem, a lua é feminina, é um receptáculo para os mortos, é responsável por todos os fenômenos em que algo cresce e decresce na terra: do crescimento das plantas e de seu murchar, da menstruação das mulheres, do fluxo e vazante das marés, do suceder e do morrer, e rege, por conseguinte, ao mundo corruptível.

Brevemente expresso, isso seria o que aquelas pessoas pensariam da lua, de modo que esta é o fenômeno da vida terrestre em suas paradoxais marés, em sua irracionalidade que ainda parece ter um significado secreto. Para um homem, a lua representaria um aspecto da personificação feminina de seu inconsciente, enquanto que para a mulher seria a personificação de sua base na vida vegetativa, de sua vida instintiva.

O sol diz então que por sua mediação se chega a qualquer altura, que um se eleva a qualquer altura; quer dizer, que o sol é aquilo que eleva. Na antigüidade e em outras épocas às pessoas intrigava-

lhes o fato de que o sol fizesse subir a água esquentando-a, de maneira que se formavam nuvens, e que quando o sol desaparecia viesse a chuva, de modo que com frequência se falava do sol como do princípio de elevação espiritual. É, por conseguinte, o que faz perfeitas as coisas, exalta-as até as alturas e retorna-as visíveis.

Então diz a lua ao sol: «Você me necessita tal como o galo necessita à galinha, e eu necessito constantemente seu efeito sobre mim, porque sua ética é perfeita, você, o pai de todos os planetas, você é a alta luz, o grande Senhor». O sol indicou em alguma medida sua qualidade superior ao dizer à lua, de maneira muito digna, que lhe dará a luz desde sua beleza. De modo que



FIGURA 43

a lua se inclina a assinalar que o sol necessita dela tanto como o galo necessita à galinha, que sem ela não é nada, que embora ela seja a receptora, a coisa imperfeita que recebe a luz, entretanto o sol a necessita também, porque do que serviria um sol que não pudesse derramar sua luz sobre outra coisa? Sua luz desapareceria no espaço, porque a luz necessita um objeto material onde possa fazer-se visível por reflexão.

Portanto a lua, com toda sua feminina humildade e submissão, assinala a absoluta igualdade de seu direito à existência: o sol necessita o recipiente vazio onde possa derramar sua luz, necessita a escuridão onde possa resplandecer a luz, necessita a matéria onde possa fazer-se visível o espírito. A lua

usa um símile muito vulgar e ordinário —como o galo necessita à galinha— que é uma alusão ao fato de que entre os dois princípios há também uma atração puramente instintiva e inclusive sexual. A lua diz que necessita incessantemente o efeito do sol sobre ela, porque o sol é perfeito, é o pai de toda luz. *Perfectus moribus*, as palavras latinas se referem principalmente à perfeição ética, que é algo que a lua não tem.

Na mitologia da lua, a lua é perversa, porque não é digna de confiar. Os alquimistas citavam com frequência um salmo que diz que na escuridão da lua nova os perversos disparavam suas flechas contra os justos, o que significa que a lua nova protege aos ladrões e os maus quando estes atacam às pessoas honradas. Assim a lua tem toda a peçonha maligna e a informalidade típicas do *anima* em sua condição original e também dos seres femininos em geral, não só do feminino no homem, porque no feminino se dá essa astúcia felina e suspeita, e essa ética incerta a que se poderia chamar a ambigüidade da natureza. A lua diz que ela é a lua crescente, úmida e fria, e que o sol é quente e seco, e quando estão emparelhados em um estado de equilíbrio, ela é como uma mulher que se abre a seu marido.

Aqui está o conflito entre o princípio da consciência e a natureza, quer dizer o inconsciente, desconhecido. O conflito entre o masculino e o feminino se amplifica em uma quaternidade porque ambos contêm duas qualidades: a lua contém as qualidades da umidade e o frio, e o sol as da secura e o calor. Isso alude aos ensinamentos da antigüidade tardia e medieval, para os quais há quatro elementos —água, ar, fogo e terra— e quatro qualidades básicas: calor, secura, umidade e frio. Durante toda a Idade Média considerou-se básico este princípio e as categorias nas que se podia observar a matéria básica, os quatro elementos e as quatro qualidades.

É, certamente, um belo mandala, porque o fogo é quente e seco, e o ar é úmido e frio. Há muitas variações diferentes para a disposição dos elementos e as qualidades. Isto não era assim em função da realidade material, nem sequer para as pessoas da época, que se davam conta de que era uma simplificação dos fenômenos materiais que não coincidia com a realidade. Tão pouco se o pensa mais em profundidade, a coisa não se enquadra, como acontece com todos os esquemas arquetípicos da ordem quando os projeta, e até os primeiros alquimistas diziam que não teriam que pensar que aquilo se dissesse em forma concreta, que não era mais que uma maneira de ordenar nossas idéias. É o que diz Zósimo, por exemplo, o que significa que alguém vê claramente uma imagem da totalidade através das quatro qualidades projetadas sobre a matéria; inclusive naqueles dias era simplesmente uma rede simbólica que a mente humana projetava sobre a matéria para introduzir nela alguma ordem.

Podemos comparar isto com o uso moderno de conceitos tais como os de partícula, energia, contínuo espaço-tempo, e fenômenos eletromagnéticos. Os físicos sabem que estes conceitos estão vagamente entretrecidos, e que não são tão simples e claros como nós acreditamos, mas sim foram criados só como meios de expressão.

As quatro qualidades aparecem agora e completam a dualidade do sol e da lua. É o mesmo que quando duas pessoas se encontram: há quatro, ele e seu *anima*, ela e seu *animus*. Em uma discussão

analítica sempre há quatro elementos, dois no nível consciente e dois no inconsciente. Toda asserção consciente configura já seu oposto, quer dizer, a negação. Se disser que uma planta é uma planta e um cão é um animal, isso parece bastante simples, mas é uma contraposição de duas coisas e contém algo mais, porque se disser que uma árvore é uma árvore, expresse o fato de que não é um mineral nem nenhuma outra coisa que uma árvore. Tudo o que digo leva já em si a sombra do que está excluído. Portanto, cada vez que a consciência produz algo, embora sejam duas palavras, sempre há quatro, porque o inconsciente também está sempre ali; está em jogo um pouco desconhecido, e isso também se tem que ter em conta.

Tomemos as posições opostas da física e a psicologia. Ao ver o que fazem os físicos, a psicologia descobre que o físico está cheio de projeções inconscientes, isso se vê imediatamente. Mas quando é o físico quem nos olha, como é natural vê de um aspecto físico o que descobrimos psicologicamente e diz que não temos consciência desse aspecto, e que a isso se deve que nossa consciência não esteja suficientemente evoluída para serem capazes de manter a atenção posta em uma contradição, algo muito difícil de conseguir, e que, entretanto, deveríamos fazer.

Toda polaridade contém seu oposto, mas isto se faz mais óbvio quando dois seres humanos discutem, como na análise. Então há sempre quatro, porque também está presente o inconsciente de cada um. Assim que se disponha a verdadeira atenção ao problema da relação, esse mesmo fato o complica porque sempre estão em cada um dos dois as duas qualidades.

Suponhamos que em forma projetada isto se refere a esse problema. O sol e a lua dizem que se se emparelharem de maneira equilibrada, então é como um homem e uma mulher que estão completamente um pelo outro. De modo que está o problema da *coniunctio* com todos seus aspectos, onde há dois fatores conhecidos e duas incógnitas. Mas quando todos eles se relacionam, alcança-se um estado de equilíbrio e perfeição.



FIGURA 44



45 La *coniunctio* como encuentro del rey y de la reina. La reina está de pie sobre un globo para indicar su conexión con la tierra, el rey, de pie sobre el fuego, muestra la atracción emocional.

FIGURA 45

Sexta conferência: A ALQUIMIA ÁRABE

Continuarei com a carta de amor do sol à lua. Na lua se expôs um conflito, porque aparece em duas formas, uma no céu e uma na terra. O sol também aparece em duas formas. De um sol descende somente um raio sobre a terra, e a este o chama o sol que brilha sem justiça; um segundo sol emite dois raios, e o chama o sol que brilha com justiça.

O sol é um aspecto da consciência, assim que fenômeno parcialmente vinculado com o eu e parcialmente com o Si mesmo. Um aspecto do sol está aberto ao inconsciente, porque os dois raios implicam um princípio de consciência capaz de abranger os opostos, enquanto que o outro sol é um «sistema fechado»; é unilateral, e entretanto destrutivo. No *Mysterium Coniunctionis* Jung descreve ao sol como uma imagem da divindade espiritual, isto é, o Si mesmo por um lado, e um aspecto do eu pelo

outro.

O eu é idêntico ao Si mesmo na medida em que é o instrumento da autorealização do Si mesmo. Só um eu inflado pelo egoísmo se encontra em oposição com o Si mesmo. Em sua legítima função, o eu é a luz na escuridão do inconsciente, e em alguns sentidos idêntico ao Si mesmo. Parece que os dois sóis exemplificam este contraste entre os aspectos destrutivo e positivo da conscientização do eu. O sol com um raio representa um princípio consciente e egocêntrico, injusto com o inconsciente ou a realidade e oposto ao Si mesmo. O sol com dois raios, por outra parte, simboliza ao eu assim que instrumento de realização para o Si mesmo, e neste sentido funciona com justiça.

O eu de uma pessoa individualizada, por exemplo, seria uma manifestação do Si mesmo, estaria aberto ao inconsciente. Um eu assim manifesta ao Si mesmo ao ter uma dupla atitude para o inconsciente —e ao estar constante e humildemente aberto a ele—, e oferece assim uma base de realização para o Si mesmo. Para ser real, diz Ángelus Silesius, Deus necessita de nosso pobre coração.

Assim, o duplo sol no texto do *Sénior* mostra um conflito entre uma atitude equivocada do eu para a terra, ou o inconsciente, e uma atitude do eu que permite que o Si mesmo se manifeste. O objetivo seria encontrar esta atitude consciente do duplo raio, ou seja, uma capacidade para suportar os opostos. E isso não significaria oscilar entre os opostos, mas sim melhor manter a tensão entre eles.

A tendência a desviar-se e unilateralizar-se é inata na consciência, está vinculada com sua necessidade de clareza e precisão. Costumamos dizer, por exemplo, que o doutor Jung não escreve com muita clareza, mas é que ele o faz a propósito: escreve com uma dupla atitude, fazendo plena justiça aos paradoxos do inconsciente. Descreve os fenômenos psíquicos de um ponto de vista empírico. Buda disse uma vez que tudo o que ele dizia devia entender-se em dois níveis, e os escritos de Jung também têm esta dupla dimensão, estes dois níveis.

Estamos, por assim dizê-lo, entupidos no *visuddha chakra*, acreditamos nas palavras e não somos capazes de captar a coisa mesma. Mas Jung usa um método descritivo, que adotado agora também na física nuclear, com o que os fatos se descrevem desde dois ângulos complementares, que se contradizem entre si, mas que entretanto são necessários para que se possa captar a coisa em sua totalidade. As palavras não são mais que instrumentos, não a coisa mesma.

Pergunta: O *Sol niger*, alude ao aspecto negativo e injusto da consciência?

M. L. von Franz: Sim, o *Sol niger* seria o aspecto obscuro e sombrio da consciência. Assim o deus sol, na mitologia, tem com frequência um aspecto destrutivo oculto. Apolo, por exemplo, é o deus dos ratos, os ratos e os lobos. O aspecto negativo do sol percebe-se especialmente nos países quentes, onde o sol ardente do meio-dia destrói todas as plantas. Nos países quentes os fantasmas saem a meio-dia, e na Bíblia, por exemplo, há o demônio do meio-dia. O lado escuro, ou a sombra do sol, é demoníaco.

O compulsivo, a sensação do eu de impulsionar-se detrás, exemplificaria o lado escuro e demoníaco do sol, e abusa-se da consciência ao justificar o impulso quando o eu não tem a força suficiente para decidir apoiando-se nos fatos objetivos, mas sim se vê miserável pela debilidade de suas

paixões: o medo, o poder ou o sexo. Também a perfeição, em si mesmo, é hostil à natureza. Em Indochina conta-se que uma vez que o sol esquentava muito, um herói



46 Saturno como el *Sol niger*, la sombra del sol (o el lado oscuro de Dios), devorando a sus hijos

FIGURA 46

derrubou-o. Assim o *Sol niger*—Saturno— é a sombra do sol, o sol sem justiça, que é a morte dos vivos.

O homem, com sua consciência, é um fator de perturbação na ordem da natureza; realmente, poder-se-ia questionar se o homem foi, ou não, um bom invento da natureza. Existe o mito de um deus embusteiro que é especialmente estúpido, e, desde certo ângulo, o homem é muito estúpido e não tem bastante sentido comum para estar em equilíbrio. Assim que animal, está perturbado e reproduz-se em excesso. Que seja um engano da criação, ou sua culminação, depende do funcionamento de seu sol com justiça ou sem ela. Se a consciência funcionar como deve, está ao serviço da vida, mas quando se descarrila torna-se destrutiva.

Um objetivo da análise é conseguir que a consciência volte a funcionar de acordo com a natureza. A inflação é um sintoma de funcionamento injusto. Se uma consciência extremamente concentrada



FIGURA 47

sente-se arrastada, então a gente tem um sol escuro. A gente usa a consciência para convencer-se um ao outro de que tem razão em fazer mal. Cada um de nós nasce em um estado imperfeito e questionável: estar equivocado e cindido, isso é a natureza humana. O mito de Adão no Jardim do Éden foi o modelo original desta situação, o que nos demonstra como a condição humana coxeia do começo mesmo. Quando não o apóia, o Si mesmo se expressa em uma neurose, quer dizer, a sombra do Si mesmo entra em ação, e Deus e a natureza se convertem em inimigos do homem.

Uma consciência que funciona mal recebe o lado escuro de Deus. Se a consciência funcionar de acordo com a natureza, a negrume não é tão negra nem tão destrutiva, mas se o sol fica quieto, fica rígido e calcina a vida, e então, de acordo com certos índios, tem-se que sacrificar o coração para que o sol continue movendo-se. Cada vez que estabelecemos uma regra, temos que fazer uma exceção, porque de outra maneira, a consciência e a vida não estão de acordo.

Duas luas e dois sóis são quatro. Quando duas pessoas estão juntas, sempre está presente um

quaternário, quer dizer, o homem e seu *anima*, a mulher e seu *animus*. A *coniunctio* se produz, de acordo com nosso texto, no ventre da «casa fechada», que seria o receptáculo alquímico onde se unem o sol e a lua. O féretro egípcio é uma casa fechada, onde o rei desposa a sua mãe: Isis e Horus, ou Hathor e Horus. Ao enclausurar a porta da câmara funerária, o sacerdote diz: «Agora fica em amorosa união com sua mãe». E também um Mestre *Zen* japonês diz: «Tem a porta de seu coração enclausurada para que ninguém possa adivinhar seus sentimentos». Um se converte em um mistério para os outros, devido a sua unidade com o Si mesmo.

Quando podemos adivinhar as reações de uma pessoa, é porque ainda esta funciona coletivamente. O sentimento de: «Eu sei como se sente», apóia-se em reações coletivas similares. A empatia, o perceber de dentro o estado da outra pessoa, apóia-se em qualidades coletivas. Estabelecemos contato com a maioria das pessoas em nível coletivo, e conhecemos as qualidades que compartilhamos, como o ciúmes e o amor, e sem empatia não podemos nos relacionar, mas tudo isso não é a peculiaridade do indivíduo. É qualidade do gênio produzir o inesperado; o surpreendente é o que nos faz um «clique», e entretanto não é corriqueiro. Jamais se pode adivinhar o que sairá de uma pessoa criativa, porque é uma criação nova e não há maneira de saber o que será. Da mente provêm idéias e da dimensão sentimental brotam reações que em uma pessoa assim são absolutamente únicas.

O processo de individuação conduz a uma criatividade peculiar em cada momento, e a câmara fechada se refere a esse centro secreto da personalidade, à secreta fonte da vida. É a câmara fechada do coração, a única e peculiar criatividade em cada momento da vida. Ali onde o processo de individuação conduz a tomar consciência desta unicidade, outros já não podem nos adivinhar nem nos ler, porque não podem ver o interior da câmara fechada do coração, de onde brotam as reações inesperadas e criativas.

Eu diria que as reações criativas inesperadas provêm da unidade com o Si mesmo. É o Si mesmo o que tem esta qualidade peculiar de criatividade em cada momento da vida, e por isso o Mestre japonês diz que já não é possível adivinhar os movimentos de seu coração. Isso significa que se o Mestre *Zen* disser ou fizer algo, será sempre algo imprevisível e criativamente surpreendente. A câmara fechada se refere a esse segredo, porque em última instância o indivíduo é um sistema único e fechado, uma coisa única que se centra em volta de uma fonte imprevisível de vida. Se isso chegar a ser real em um indivíduo, a gente sente o mistério de uma personalidade única. Isso tem a ver fechando a casa, algo que significa separação dos vínculos com o coletivo e de sua contaminação, não só externamente, mas também internamente, separando-se um, dentro de si mesmo, pelo que é ordinário e não a gente mesmo.

Pergunta: Como se reúne isso com a experiência do *satori* no budismo *zen*, onde a abertura para a natureza e o coletivo e a unidade com eles constituem um dos objetivos?

M. L. von Franz: Pois essa é um dos paradoxos. Na última das «Dez imagens do pastor do boi», do budismo *zen*, o ancião vai ao mercado. Sorri docemente, e esqueceu-se até de sua iluminação. Aí têm

vocês ao homem completamente coletivo, que vai ao mercado com seu discípulo e sua tigela de mendigo, e esqueceu inclusive sua vivência de *satori*. Isto significa que, subjetivamente, ele não se sente único, mas a história acrescenta que a cerejeira floresce quando ele passa, e isso é algo que um não se imaginaria quando um velho barrigudo vai ao mercado mostrando um sorriso bastante insípido. A peculiaridade brota dele como um ato criativo, mas ele não a tem intencionalmente presente. Não se sente único; é único, embora subjetivamente o mesmo ancião diria que ele é um



48. Él entra en la ciudad y sus manos derraman bendiciones; la última de las «Diez imágenes del pastor del buey» del budismo zen, representa la culminación del proceso de individuación: «Y habiendo ahora pasado por la etapa del vacío, y también habiendo visto a Dios en el mundo de la naturaleza, el individuo puede ver a Dios en el mundo de los hombres. Cuando en su iluminación se mezcla en el mercado con los "que beben uno y los carniceros" (publicanos y pecadores), reconoce en todos la "luz interior" o la "naturaleza búdica". No necesita mantenerse apartado ni se siente aplastado por un sentimiento de deber o de responsabilidad, ni obligado a seguir un conjunto de pautas de otros santos, ni a imitar al pasado. Está tan en armonía con la vida que está contento con no hacerse notar, con ser un instrumento, no un líder. Simplemente, hace lo que le parece natural. Pero aunque en el mercado parezca que es un hombre ordinario, algo le sucede a las gentes con quienes se mezcla. También ellos se vuelven parte de la armonía del universo». -Suzuki, *Manual del budismo zen*.

FIGURA 48

pobre velho, e perguntaria o que é que querem dele. Essas pessoas têm uma extrema humildade natural, através da qual sua peculiaridade se manifesta.

É outra vez o paradoxo do eu e o Si mesmo. O eu deve ter a atitude de um ser humano entre

outros seres humanos, e então a unicidade, se chegou a encontrar dentro, emanará de um modo involuntário. É precisamente o contrário de inflar-se com a própria unicidade, de sentir-se tão diferente de outros e fazer esse tipo de comentários principescos como: «É que eu sou tão sensível que ninguém me entende». Isso não é assim, e quando me dizem isso, eu sempre lhes digo que já sei que há muita gente assim, e não o digo por maldade; é a pura verdade, é uma qualidade muito comum ser tão sensível que ninguém o entende. Está muito difundida, em especial entre os introvertidos, que se sentem especiais, mas não o são. O iluminado não se sente especial, a não ser muito humano, e por isso se pode dizer que essas pessoas estão muito abertas ao mundo e são muito humanas com todos, ou paradoxalmente se pode dizer que são imensamente únicas e incompreensíveis.

Comentário: Acredito, para dizê-lo de outra maneira, que o objetivo é estabelecer uma separação entre o sujeito e o objeto, enquanto que ao mesmo tempo se discrimina sinceramente entre sujeito e objeto.

M. L. von Franz: Sim, exatamente. Isto é o que exemplifica o ventre da casa fechada; quer dizer, o mais intimamente criativo está protegido pela natureza e não por nenhum ato artificial. Também tem a ver, em forma muito concreta e corriqueira, com o problema da discrição analítica. Assim que um toca, em uma análise, a peculiaridade do outro, a discrição se impõe. Antes não era mais que uma regra convencional, realmente desnecessária, mas quando se chega à unicidade é natural que nunca se fale disso com um terceiro. Alguém se dá conta de que isso é único, algo do que jamais se deve falar com ninguém mais. Não é possível, e isso tem a ver com o mistério do encontro com o individual e único em qualquer relação amorosa, porque então a casa se fecha naturalmente, por si só.

Atrás da porta fechada a lua recebe sua alma do sol, e o sol se leva a beleza da lua, que fica muito magra e débil. Isso significa que a *coniunctio* tem lugar na lua nova, no submundo. Vocês sabem que a lua é nova quando está próxima ao sol. Quando está em oposição com o sol, então toda a lua está iluminada, e temos a lua cheia, mas quando está perto do sol, então os raios deste não a ferem. É um fato interessante, sobre o qual tem escrito Jung no *Mysterium Coniunctionis*: que a *coniunctio* não se produz durante a lua cheia a não ser durante a lua nova, o que significa que tem lugar no mais escuro da noite, onde nem sequer a lua brilha, e nessa noite fundamentalmente escura se unem o sol e a lua.

Aqui há um matiz muito interessante, porque no simbolismo da Igreja medieval o sol simboliza Cristo e a lua à Igreja —a *Ecclesia*— e a *coniunctio* do sol e da lua se interpreta como o encontro de Cristo com a Igreja redimida. Mas nenhum dos autores assinalou o fato de que quando se uniram a lua desaparecera, ou se escurecera e apagara por completo. É um detalhe que evitaram delicadamente, ou possivelmente nunca se perguntaram por que.

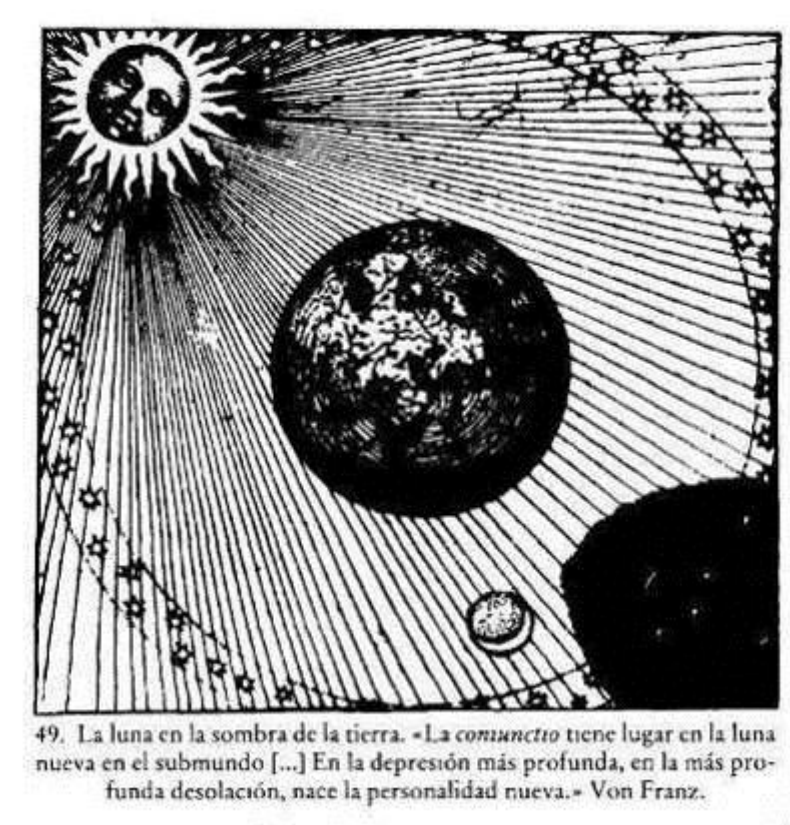


FIGURA 49

A *coniunctio* acontece no submundo, acontece na escuridão quando já não há nenhuma luz que brilhe. Quando a gente já não está e a consciência se foi, então algo nasce ou se gera; na depressão mais profunda, na desolação mais profunda, nasce a personalidade nova. Quando a gente está ao fim de suas forças, esse é o momento em que tem lugar a *coniunctio*, a coincidência dos opostos.

O sol dá sua luz à lua, mas nesse momento a lua apagou-se, desvanece-se e emagrece, de modo que se pode dizer que, aproximando-se o sol faz mal à lua. Depois o sol diz: «Se você não me fizer mal na *coniunctio*, Oh Lua», de modo que acontecerá uma coisa e a outra. Então a *coniunctio* é aparentemente perigosa, porque o sol causa algum dano à lua, e a lua pode danificar ao sol. Isso possivelmente se poderia evitar, mas quanto mais se aproximam essas duas luminárias, maior é o perigo de que se destruam uma à outra em vez de unir-se, o que provém do fato, ao que já nos referimos antes, de que tanto o sol como a lua têm uma sombra.

Ambos têm um lado escuro e destrutivo, e quando se unem é como duas pessoas que se amam e quanto mais aumenta o amor tão mais aumentam também a desconfiança e as dúvidas; é muito freqüente que alguém tenha medo, porque se abrir seu coração, o outro pode lhe fazer muito dano. Se, por exemplo, um homem demonstra seu amor por uma mulher, fica exposto ao *animus* dela. Se não a ama, diz simplesmente que isso é seu condenado *animus*, mas se a ama, então lhe dói quando ela faz observações horríveis que vêm de seu *animus*. O mesmo vale para a mulher, porque se reconhecer seu amor por um homem, a peçonha do *anima* dele pode feri-la. Portanto, na situação do amor humano está sempre esse medo tremente de aproximar-se do outro, refletido simbolicamente no processo de

unificação do sol e da lua.

Se tomarmos a *coniunctio* em um nível puramente interior, pode-se dizer que quando as personalidades consciente e inconsciente se aproximam uma à outra, há duas possibilidades: ou o inconsciente devora à consciência, e então há uma psicose, ou a consciência destrói ao inconsciente com suas teorias, e isso significa uma inflação da consciência. A última, geralmente, aparece também quando há uma psicose latente, e então a gente escapa dela dizendo que o inconsciente «não é mais que...», com o qual esmaga ao inconsciente e seu mistério vivente, ou o faz a um lado. Muitas pessoas deixam o processo analítico quando se dão estas condições. Aproximam-se cada vez mais ao inconsciente, e então se dão conta gradualmente de algo desagradável; o trabalho torna-se difícil e a pessoa lhe põe fim, dizendo que já entende tudo e que não é «nada mais que». Em um caso assim, o sol destruiu a lua. Se o inconsciente afligir à consciência e se produz um intervalo psicótico, a lua destruiu ao sol.

Sempre, quando se encontram consciência e inconsciente, em vez de amor pode haver destruição. Aqui, na carta de amor, as duas luminárias tratam de evitá-la. O sol diz: «Se você não me fizer mal, eu te ajudarei», e a lua diz o mesmo. E conseguem manter bem a relação; a lua em certo momento emagrece até apagar-se, mas depois ambos se exaltam e se incorporam à Ordem dos Anciões. Como a palavra que se usa é *Seniores*, deve referir-se aos Xequés.

Embora seja uma parte estranha, tratei de interpretá-la. Não posso dizer que esteja segura de obter uma boa interpretação, mas há um texto paralelo aonde se faz referência à Ordem dos Anciões chamando-a Ordem dos Vinte e Quatro Anciões, o que alude aos vinte e quatro anciões da revelação de São João, os vinte e quatro anciões de Israel que dia e noite sentam-se em volta do trono de Deus. Isto se referiria à casa do dia e da noite, no sentido de que o sol e a lua passam por todas as etapas das vinte e quatro horas.

A Ordem dos Anciões na seita xiita, o movimento místico do Islã, também tem a ver com a tradição secreta do ímã. Em cada geração há um xeque que é o iniciador espiritual e a quem se conhece como «o Ímã». Quando leva a luz da Divindade, representa a encarnação da Divindade e é o gurú secreto, o professor destas seitas místicas islâmicas. Isto acontece com os xiitas e os drusos, e com algumas outras seitas diferentes que têm diferentes classificações e que brigam por quem deve ser o líder espiritual, mas em todas existe a idéia do condutor único, o iluminado, em quem se encarnou principalmente a luz da Divindade.

Como temos que nos ver com um texto árabe, poderia haver algo dessa classe aqui também, o que também se conectaria com as outras interpretações, quer dizer um aspecto múltiplo do Ancião Sábio em diferentes etapas ou fases. Virtualmente, isso significaria que o arquétipo do ancião sábio, um aspecto do Si mesmo, aparece multiplicado em conexão específica com o tempo, na idéia de que um Ímã chega em cada tempo especial ou período mundial, ou o compara com as vinte e quatro horas do dia e da noite, o que é também um simbolismo temporário. A mesma idéia reaparece no simbolismo

cristão como Cristo e os doze apóstolos, que foram atribuídos aos doze meses e às doze horas do dia.

Acredito que tem a ver com o simples fato de que a realização do Si mesmo, ou o processo de individuação, só alcançou a realidade quando aparece em cada momento deste tempo sideral. Muitas pessoas se dão conta pela primeira vez do que é o Si mesmo em forma intuitiva, lendo um livro ou mediante a interpretação de um sonho, mas isso não resolve a questão do que deveriam fazer esta manhã e amanhã de noite, o que significa que essa compreensão ainda não entrou no tempo. Têm uma conexão intuitiva com o Si mesmo e com a sabedoria do inconsciente, mas isso ainda não entrou no tempo e no espaço de sua vida, de sua vida pessoal.

Só é real se a cada momento —pelo menos em teoria, porque na realidade jamais se chega a essa etapa— um está em conexão com isso, expressando-o constantemente e sabendo o que é. Portanto se pode dizer que o Si mesmo só se tornou real quando se expressa nas ações da pessoa no espaço e no tempo. Antes de chegar a essa etapa não é de todo real, mas depois se converte em algo cambiante.

Por exemplo, o que está bem para hoje pode estar mal para amanhã, e por isso alguém que chegou a esta etapa da consciência será imprevisível e sempre atuará de maneira diferente nas mesmas situações. Hoje a coisa é assim e a pessoa reagirá de uma maneira, e amanhã se dará a mesma situação e a reação da pessoa será diferente. Já não há regras, porque cada momento é diferente, e entretanto o movimento adquire uma qualidade criativa; cada momento do tempo é uma possibilidade criativa e já não há repetição alguma.

Então, quando o sol e a lua se unem começam ao mesmo tempo a percorrer um ciclo que tem a ver com o tempo. Na alquimia oriental, isso se simboliza mediante o processo da circulação da luz; depois de ter encontrado a luz interior, esta começa a rodar por si só. Em *O segredo da flor de ouro*, e na alquimia, a isto lhe diz a *circulatio*, a rotação, e há muitos textos diferentes em alquimia nos quais se diz que a pedra filosofal tem que circular. Em geral, isto se relaciona com o simbolismo do tempo, porque dizem que a pedra filosofal tem que acontecer o inverno, a primavera, o verão e o outono, ou que tem que percorrer todas as horas do dia e da noite. Tem que circular através de todas as qualidades e de todos os elementos, ou tem que ir da terra ao céu e depois voltar para a terra. Está sempre a idéia de que, depois de ser produzida, começa a circular.

Psicologicamente, isso significaria que o Si mesmo começa a manifestar-se no espaço e no tempo, que não se converte em algo em certo momento para depois retornar à antiga forma de viver, mas sim tem um efeito imediato sobre a totalidade da vida; então a ação e a reação estão constantemente de acordo com o Si mesmo, real e manifesto em seus próprios movimentos. A pedra, ou a nova luz, o Si mesmo, também pode mover-se. Naturalmente, temos que escutá-lo, mas se o fazemos, então pode mover-se e produzir impulsos autônomos.

Pergunta: Mas, são necessariamente os impulsos corretos?

M. L. von Franz: Não há um julgamento definido do que está bom e o que está mau. Muita gente dirá

que estão maus, e outros dirão que estão bons, e, subjetivamente, alguém o sentirá às vezes bom, e outras mau.

Se me permitem dizer algo muito pessoal, diria que não é questão de bom nem mau, porque se a gente for um com o Si mesmo, já não lhe importa. Se estiver mau, então terá que pagar por isso, mas o principal é a conexão, porque a separação é a morte espiritual. Conectar-se com o Si mesmo é a vida espiritual; se o Si mesmo diz a um que faça algo que se considera mau, todo mundo o atacará, e se a gente começar a pensar que possivelmente estivesse mau, então ainda pode dizer que valeu a pena porque estava em relação com o Si mesmo.

Acredito que se a gente fizer algo a partir de uma conexão vivente com o Si mesmo, pagar o preço vale a pena, o preço de que o acusem de fazer mau e possivelmente de passar pelas etapas de pensar que está mau. Subjetivamente, a gente nunca sente que está mau, mas deve admitir que a gente o diga e ser tolerante. Mas se a gente estiver feliz e se sente vivo, isso é o único do qual ninguém poderá despojá-lo. Se eu disser que sou feliz, o que pode dizer alguém mais sobre o tema? Se a gente estiver em harmonia com o Si mesmo há uma sensação de paz e de felicidade absolutas, e outros podem julgá-lo tanto como queiram, a partir de teorias intelectuais destrutivas; isso não lhe faz nenhum dano, porque ao sentir-se próximo ao Si mesmo, isso o torna indestrutível. Naturalmente, isso se perde de quando em quando, porque é muito difícil mantê-lo durante muito tempo.

A carta de amor continua, quando a lua diz ao sol: A luz de sua luz entrará em minha luz; será como uma mescla de vinho e água, e eu interrompereí meu fluir e depois me encerrarei em seu negrume de tinta e logo me coagularei.

Temos ali a mescla de duas luzes comparadas com a mescla de vinho e água, um simbolismo melhor conhecido na tradição cristã, em que na missa se mescla vinho com água, o que representa o aspecto divino



FIGURA 50

de Cristo e do humano, Sua humanidade e Seu aspecto espiritual.

O vinho pertence naturalmente ao sol e a água à lua, porque a lua rege todas as coisas úmidas, de acordo com a antiga maneira de ver as coisas. É uma idéia da *coniunctio* em um sentido amplo e geral, não só na tradição cristã mas também no mundo árabe: a conexão mística da substância espiritual com a Divindade. Nos poemas aparentemente embriagados de al-Hafis, ou al-Roumi, a água costuma ser corruptível, o feminino, um aspecto do fluir da vida e do inconsciente. Se estes dois se unirem, então a lua deterá seu movimento e se coagulará, e, de acordo com o final do texto, isso é algo positivo.

Isto significa, pois, que até o momento da *coniunctio* a lua fluía, o que teria algo a ver com seu constante crescer e decrescer, seu fluir constante, mas também produz o rócio, de acordo com sua teoria, e a umidade, e além disso, é óbvio, a menstruação nas mulheres e a instabilidade no feminino. Mas dado que a menstruação se interrompe com a concepção de um filho, está a idéia de que o fluir se detém quando as duas luzes se uniram e nasceu a luz nova.

Algo corruptível e desagradável, que tem a ver com a natureza cambiante do feminino, detém-se e chega a seu fim. Isso se refere direta e imediatamente à totalidade do processo alquímico, que como vocês sabem é a produção da pedra filosofal, um objeto de substância dura, algo que não flui, e que em alquimia é o símbolo supremo da divindade.

Se o considerarmos ingenuamente, é estranho que em alquimia o produto final seja algo que na ordem da natureza consideramos de um valor ínfimo, quer dizer, uma pedra, algo cuja qualidade é simplesmente estar aí. Uma pedra não come nem bebe nem dorme; só fica aí por toda a eternidade. Se a chutarem, fica ali onde a chutaram, sem mover-se. Mas em alquimia esse objeto desprezado é o símbolo do objetivo. Temos que aprofundar na linguagem mística do Oriente e da alquimia, e de certas

obras místicas cristãs, para fazer uma idéia do que isto significa.

Se lutando e enfrentando-se com o inconsciente um sofreu durante o tempo suficiente, estabelece-se uma espécie de personalidade objetiva; na pessoa se forma um núcleo que está em paz, tranqüilo inclusive em meio das maiores tormentas da vida, intensamente vivo mas sem atuar nem participar do conflito. Essa paz interior costuma chegar às pessoas quando já sofreu bastante tempo: um dia algo se rompe e o rosto adquire uma expressão tranqüila, porque nasceu algo que se mantém no centro, fora ou mais à frente do conflito, que já não continua como era.

Claro que dois minutos depois tudo volta a começar, porque o conflito não se resolveu, mas perdura a vivência de que há uma coisa que silenciosamente está mais à frente do conflito, e a partir desse momento o processo já é diferente. Não procuramos, sabemos que a coisa existe, experimentamos durante um momento. No sucessivo, o *opus* tem um objetivo: o de voltar a encontrar esse momento e tornar-se lentamente capaz de retê-lo, para que se converta em algo constante.

Em todos os conflitos da vida há sempre uma coisa que está mais à frente do conflito; como tão belamente o descreve Jung em seu comentário em *O segredo da flor de ouro*, é como se estivessemos de pé sobre a montanha, por cima da tormenta. Vemos as nuvens negras e o raio e a chuva que cai, ouvimos os trovões, mas há algo que está por cima de tudo aquilo e podemos limitar-se a olhá-lo. Em certo modo estamos também nisso, mas em outro sentido estamos fora. Em uma escala menor ou mais humilde, alguém o alcançou se em uma tempestade de desespero ou na crise destrutiva e dissolvente de um conflito pode manter durante um segundo o senso de humor..., ou, possivelmente, sentindo-se uma vez mais miserável por um *animus* negativo, de repente alguém diz a si mesmo que já ouviu antes essa cantilena.

Possivelmente não possa escapar de seu *animus* destrutivo, possivelmente este seja ainda muito forte, mas algo em si sorri e diz que já ouviu antes essa cantinela tola; você gostaria de rir de si mesmo, mas o orgulho não lhe permite isso, e segue adiante com o *animus* negativo que volta a apropriar-se de si. Esses são os momentos divinos em que algo está claro e vai além dos opostos e do sofrimento. Em geral não são mais que fugazes momentos, mas se continuarmos trabalhando com suficiente perseverança sobre si mesmo, a pedra cresce lentamente e se converte, cada vez mais, no núcleo sólido da personalidade, que já não participa do circo de macacos da vida.

Isso é provavelmente o que quer dizer aqui: a lua, que é a que rege a vida como um circo de gorilas, detém seu fluir e aparece algo que é eterno e está mais à frente do conflito. A lua se «coagula», e o processo vital se vê como algo eterno fora da vida. A vida mesma se coagula e sai de seu próprio ritmo, o qual deve ser a preparação para a morte, já que a morte é o término natural da vida, o fruto que cresce da vida: a vida vivida cria a atitude eterna que transcende a morte.

Então a lua diz: «Quando entrarmos na casa do amor, meu corpo se coagulará em meu eclipse», e o sol responde:

—Se o fizer assim e não me fizer mal, meu corpo voltará [provavelmente a sua forma original] e

dar-lhe-ei a virtude da penetração, e será poderosa ou vitoriosa na batalha do fogo, da liquefação e a purgação, e seguirá sem diminuição nem escuridão, e não terá nenhum conflito porque não será rebelde.

Então o sol só confirma o que diz a lua e acredito que pelo que disse antes isto está claro: agora a lua, inclusive na luta do fogo —o que significa inclusive nos ataques destrutivos das emoções de dentro e desde fora—, permanece firme e transcendendo-os, e já não se rebela contra a consciência. Inconsciente e consciente estão reciprocamente em paz.

—Bendito seja o que pensa no que digo e minha dignidade não se separará dele e o leão não falhará nem diminuirá seu valor, debilitado pela carne.

O leão é um bem conhecido símbolo do solstício, quando o sol está —falando astrologicamente— em seu ponto mais alto, mas é também um símbolo de ressurreição. Recordarão vocês que o tivemos em nosso primeiro texto grego, aonde o leão gera o leão. Dava-lhes o desenho dos duplos leões, e recordarão vocês o que disse então sobre o leão, que é também um símbolo do devorar apaixonado, do poder impulsivo, não só no sentido estrito da palavra, mas também em geral do desejo de possuir. As garras estendidas e os focinhos abertos são a imagem do leão, da natureza poderosa e ardentemente apaixonada. Representa a ressurreição, mas também pode estar debilitado pela carne.

Esta é uma alusão à sombra da lua, ou seja, que se o poder e a paixão se entopem no nível concreto, empenham-se em querer isto ou aquilo e são incapazes de sacrificar esse desejo, então essa mesma libido apaixonada que é precisamente a base do processo de individuação se debilita, volta-se destrutiva e se autodestrói.

«Se você me seguir», diz então o sol à lua, «não a separarei do crescimento do chumbo». A idéia é que o chumbo, de que falamos em uma conferência anterior, é o material básico, o material da paixão, e agora cresce por si mesmo. Isso se refere a uma etapa da alquimia a que se costuma a descrever como crescimento. Por exemplo, dizem que a primeira parte é trabalho duro, que é lavar a roupa branca, ou lavar areia, ou cozinhar coisas, ou matar ao leão, ou produzir a *coniunctio*, mas depois, em certo momento, converte-se no que descrevem inclusive como um jogo de meninos, e a gente não tem mais que regar o jardim ou limitar-se a jogar. Não se necessita nenhum esforço, porque a partir de agora a coisa cresce sozinha; não faz falta mais que cuidar e observar o processo, sem os dolorosos esforços que terá que fazer antes. Isso é o *augmentum plumbi*, como o chamam aqui.

É como o crescimento do menino dentro da mãe: enquanto o menino cresce dentro dela, quão único ela pode fazer é ocupar-se de estar sã e de fazer o menor esforço possível. É um símile que usam com frequência os alquimistas, que depois de que alguém transcendeu a etapa do conflito vem a outra em que alguém é como uma grávida que espera o nascimento de seu filho, uma etapa em que uma não precisa pensar se o que faz está bem ou não. Os chineses o chamariam fazer nada, deixar simplesmente que as coisas aconteçam; prestar uma constante e amorosa atenção ao processo é quão único agora se necessita.

Depois o texto diz:

—Minha luz se desvanecerá e minha beleza se extinguirá e eles tirarão dos minerais de meu corpo puro e da gordura do chumbo purificado na harmonia de seu peso, e sem sangue de cabra, e uma diferença pode-se estabelecer entre o que é verdadeiro e o que é falso.



FIGURA 51

Supunha-se, na realidade, que o sangue de cabra, ou de bode, tinha um efeito corrosivo sobre tudo, e na antigüidade tardia a interpretava simbolicamente como sensualidade. O sangue do bode é a essência da sensualidade, da lascívia, do impulso sexual que é muito óbvio e que destrói tudo. A força do impulso sexual destrói tudo, exceto o adamante [pedra imaginária de dureza impenetrável; este nome se deu em certa época ao diamante]. Uma antiga lenda diz que o adamante é a única pedra preciosa que o sangue de cabra não pode dissolver, e por conseguinte simboliza a firmeza da personalidade que resiste ao impulso da sensualidade.

Aqui achamos o mesmo simbolismo, ou seja, a *coniunctio* de duas substâncias de igual peso. Isto se referiria a um estado de equilíbrio psicológico no qual não há sangue de cabra, quer dizer, onde a sensualidade já não varre com a personalidade. Então a gente é capaz de distinguir o verdadeiro do falso: dentro da personalidade surge ou cresce o que se poderia chamar o instinto da verdade.

Em geral, a vida é tão complicada que se a gente tiver que pensar nas coisas, sempre chega muito tarde. Neste aspecto, eu não tenho remédio. Se alguém me telefonar para dizer que tem que me

ver essa noite, ou que necessita uma hora para amanhã, eu não tenho a rapidez suficiente para decidir dizer sim ou não, ou para encontrar uma desculpa e dizer que não tenho tempo. Ganha minha natureza, minha função inferior; digo que sim, e depois já estou presa, está tudo mal. E então digo-me: «Tudo por água abaixo, fui outra vez muito lenta». Teria que dizer que não, mas o instinto da verdade não me funcionou de todo bem. O instinto da verdade estava aí, algo insistia em que dissesse que não, mas a reflexão e a função inferior se intrometeram e uma vez mais fui muito lenta. Depois tenho um mau sonho que me dá um bom pau na cabeça e fico pensando se sairei alguma vez dessa limitação e terei a rapidez suficiente para não cair sempre na mesma armadilha.

Há uma aceleração desta possibilidade mediante o desenvolvimento do instinto da verdade, quer dizer, quando o Si mesmo está tão presente e é tão forte que o instinto da verdade se faz ouvir rapidamente, como um radiotelegrama, e a gente reage corretamente sem saber por que, é algo que flui através de um, e a gente faz o que está bem. Diz que sim ou que não —às vezes uma coisa e outra, a outra—, e pode seguir adiante sem interferências, porque a consciência, com sua reflexão, já não é uma moléstia. Esta é a ação do Si mesmo quando se torna imediato, e só o Si mesmo pode fazê-lo. Em um nível superior, é o mesmo que ser completamente natural e instintivo, quando a gente pode discernir entre o falso e o verdadeiro. Por isso alguns teólogos chamaram ao Espírito Santo o instinto da verdade, e a descrição é muito boa. O texto continua: —Eu sou o ferro duro e seco e o fermento forte, todo o bom vem por minha mediação e por mim se gera a luz do segredo dos segredos, e nada pode afetar minhas ações. O que tem luz se cria na escuridão da luz. Mas quando alcança sua perfeição, recupera-se de suas enfermidades e debilidades e então aparecerá esta grande corrente da cabeça e da cauda.

Acredito que a primeira parte está clara. Refere-se à geração de uma luz nova, a uma terceira coisa que nasce ou que se gera na *coniunctio*. É uma luz nova que nasce na escuridão, e então se vão todos os sintomas neuróticos e a enfermidade e a debilidade; aparece a coisa nova, a que agora se chama *illud magnum fluxum capitis et caudae*.

Aqui é mister recordar ao Ouroboros, que come a cauda, onde os opostos são um: a cabeça está em um extremo e a cauda no outro. São um, mas têm um aspecto oposto e quando a cabeça e a cauda, os opostos, encontram-se, nasce uma corrente, que é ao que os alquimistas se referem ao falar de água mística ou divina, o que eu descrevi como o fluir significativo da vida. Com ajuda do instinto de verdade, a vida prossegue como uma corrente significativa, como uma manifestação do Si mesmo. Tal é o resultado da *coniunctio* neste caso. Em muitos outros o descreve como a pedra filosofal, mas, como dizem também muitos textos, a água da vida e a pedra são uma mesma coisa.

É um grande paradoxo que o líquido —a água relatório da vida— e a pedra —a coisa mais sólida e mais morta— sejam, de acordo com os alquimistas, uma e a mesma coisa. Isso se refere àqueles dois aspectos da realização do Si mesmo: além das desigualdades da vida, nasce algo firme, e, ao mesmo tempo, nasce algo muito vivo que participa do fluir da vida, sem as inibições nem as restrições da

consciência.

Acabou-se já o tempo que podíamos dedicar a nossos textos árabes, e a próxima vez passaremos à alquimia européia. Lamento não lhes dar mais que um texto árabe, mas acredito que este alquimista xiita, *Sénior*, foi um dos homens maiores na alquimia.

Pergunta: Você mencionou o instinto da verdade. A que se refere com isso?

M. L. von Franz: É o que me dá a verdade sem reflexão alguma; algo dentro de mim conhece a verdade por reação imediata, sem que tenha que pensar nisso nem expressá-lo. O instinto da verdade, por exemplo, é algo muito similar ao conhecimento telepático. «Telepatia» em grego significa simplesmente «sentir desde longe»,



FIGURA 52

o que não explica nada porque a telepatia é um mistério, não sabemos o que é.

Por exemplo, se alguém lhes propuser que participem de algum negócio que parece muito bom, limpo e sem complicações, e pelo aspecto exterior não vêem nada de estranho, naturalmente diriam que sim, aceitariam participar daquilo. Mas então algo lhes diz de dentro que não, que não o façam, e *après le coup* descobrem que de toda maneira havia algo estranho ou turvo no assunto. Vocês não podiam sabê-lo, mas «algo» soube, «algo» cheirou mal.

Isso seria o instinto da verdade. O instinto sabia algo que vocês não sabiam. Seu inconsciente, ou sua personalidade instintiva, sabia. Neste caso não me refiro à verdade religiosa de uma doutrina, a não ser a uma verdade momentânea. Por exemplo, se alguém nos oferecer um bom negócio que na realidade é uma fraude, o instinto da verdade saberia. Ou é a verdade de uma situação determinada,

pelo que a um dizem. Alguém pode nos contar um conto longuíssimo, e temos a sensação de que não é assim, embora não possamos dizer o que é que tem de falso. Ou nos falam de um problema matrimonial e sentimos que nisso há algo que não é verdade, embora não saibamos o que. Em outros casos, temos a sensação imediata de que nos dizem a verdade.

Agora bem, se a gente julgar em forma instintiva, há algo dentro de um que decide, e se isso demonstra que sempre funciona bem, a gente pode decidir-se a confiar nessa voz interior. Seria um discernimento da verdade, mas em um nível instintivo que não tem nada que ver com a cabeça.

Pergunta: Que diferença há entre isso e a intuição?

M. L. von Franz: A intuição pode acertar em cinquenta por cento e equivocar-se em cinquenta por cento. Jung usa um símile maravilhoso para referir-se às pessoas intuitivas. Diz que ou acertam no branco sem refletir sequer, ou lhes desvia a flecha ao bosque, vinte quilômetros do outro lado. Por isso é necessário que cultivem outra função, porque às vezes com um só olhar à situação já viram completa, mas às vezes se equivocam meio a meio.

É melhor não confiar sempre na intuição, porque pode estar desfigurada pela projeção. Se o intuitivo não tiver problemas com a sombra, ou com o *animus* ou o *anima*, é fantástica a forma em que acerta no branco. Mas se intervier o *anima* ou o *animus*, se se intrometer a projeção, então o mesmo intuitivo pode jurar que sabe que as coisas são assim e assim, porque acredita que pode confiar em sua intuição, mas objetivamente se equivoca; a flecha foi ao bosque.

Quer dizer que a intuição acerta em partes iguais; é uma função e, como todas as funções, só às vezes acerta. Em troca a verdade instintiva é uma manifestação do Si mesmo e não tem nada a ver com uma função. É algo que opera em todos os seres humanos, algo que com discreta rapidez o Si mesmo nos sussurra ao ouvido e que geralmente somos muito lerdos para ouvir, ou às vezes estamos tão ocupados falando conosco mesmos que não podemos ouvi-lo.



FIGURA 53

Sétima conferência: *AURORA CONSURGENS*

Esgotamos todo o tempo de que dispúnhamos para a alquimia árabe, e durante as três últimas conferências nos ocuparemos da alquimia européia. Tenho três propostas para lhes fazer, e lhes pedirei

que votem por elas:

1. O texto da *Aurora consurgens*, sobre o qual escrevi no terceiro volume da edição alemã do *Mysterium Coniunctionis*, mas do que se disse que é tão complicado e difícil que necessita uma introdução.
2. Parte de um texto de Petrus Bonus, um italiano do século XIV, que nos oferece uma imagem típica da alquimia medieval.
3. Uma combinação dos dois.

Também me sugeriram que tomasse um texto de Paracelso, mas é um autor a quem evitei por causa da quantidade de explicações específicas que requer, devido às muitas palavras estranhas que usa. Em Paracelso terá que se abrir passagem com esforço, quão mesmo em Jakob Boehme, e por isso não acredito que se pudesse tirar muito proveito de um breve extrato.

Se lhes interessar um texto que, em minha opinião, foi escrito a partir de uma experiência religiosa imediata do inconsciente, aconselhar-lhes-ia a *Aurora consurgens*. Mas se preferissem uma introdução ao sentido e ao pensamento, e ao estilo em termos mais gerais, da alquimia da Europa medieval, dir-lhes-ia que votem pelo Petrus Bonus, porque a *Aurora consurgens* não é um texto típico, mas muito peculiar, e que transborda qualquer classificação. Se escolherem a terceira possibilidade, uma combinação das duas, dar-lhes-ia uma breve introdução sobre Petrus Bonus e depois seguiria com a *Aurora consurgens*. Cronologicamente estaria mal, mas eu preferiria fazê-lo dessa maneira.

[Ao fazer a votação, foi escolhida a *Aurora consurgens*.]

Alegro-me muito da decisão de vocês, porque me parece que, das três possibilidades, esta é a mais interessante.

As palavras *Aurora consurgens* aludem “à aurora que se eleva». O descobrimento deste texto recorda um pouco a uma novela policial. Em uma antiga coleção de livros, o doutor Jung tropeçou com o texto de *Aurora consurgens*, Parte II, uma obra de química bastante desanimada, que levava no começo uma breve nota em que se explicava que aquela não era mais que a segunda parte do texto, e que o impressor omitira a primeira porque era blasfema.

Isto despertou a curiosidade de Jung, quem dedicou algum tempo a seguir a pista. Ao fim descobriu que no monastério que há na ilha de Reichenau, no lago Constanza, houvera um manuscrito com esse nome, que se encontrava então na Biblioteca Central de Zurique. Está incompleto, e começa na metade do texto que agora publicamos. Jung comprovou que o texto não se podia ler naquela forma, porque estava escrito na taquigrafia latina que se utilizava no século XV, e por isso me entregou isso.

Depois de entrar laboriosamente nele, descobri que havia um manuscrito completo em Paris, outro em Bolonha e um terceiro em Veneza, de maneira que lentamente pudemos reunir várias versões e, onde alguma passagem não era clara, completava um texto com outro. Na maioria dos manuscritos se atribuía o texto à São Tomás de Aquino, possibilidade que eu não considerei nem por um momento, pensando que era habitual acrescentar a um tratado assim o nome de um famoso, e que facilmente o manuscrito podia ser obra de alguém mais. Esta foi também a reação geral entre outros estudiosos.

É um texto muito surpreendente, formado por um mosaico —um quebra-cabeças— de citações da Bíblia e de alguns escritos alquímicos precoces. Se o considerasse como um quebra-cabeças que alguém poderia fazer para entreter-se, não teria interesse algum, e é possível que alguns o tenham lido levemente, entendendo-o e aceitando-o desta maneira. Mas, como logo verão, é impossível explicar esse fenômeno de semelhante maneira, devido ao tremendo interesse e emoção que transmite o texto.

A conclusão seguinte foi que era obra de um esquizofrênico, já que sonha bastante como se o fora, e isso se aproxima muito mais à verdade. Entretanto, eu não acredito que seja só isso, embora provavelmente fora escrito por alguém dominado pelo inconsciente. A situação clássica de alguém que se encontra nesse estado se descreve como um episódio psicótico, mas, na opinião do doutor Jung —que a emitiu em sua condição de médico, como um diagnóstico—, este texto representaria ou o começo de uma psicose, ou uma fase em uma psicose maníaco-depressiva, ou a descrição de uma situação anormal escrita por uma pessoa normal que naquele momento em particular estava invadida pelo inconsciente.

Eu me inclino a coincidir com a terceira teoria, embora a partir do documento não é possível chegar a uma conclusão definida. Interpretei-o simbolicamente, como se fora um sonho, e cheguei à conclusão de que é o texto de alguém que morre. A totalidade do simbolismo e do problema gira em torno do problema da morte e concentra-se nele, e ao final há uma descrição do matrimônio místico, ou da experiência amorosa, expressa de uma forma, ao que parece, tem a ver com as experiências que, conforme se sabe, têm muitos moribundos, e cujo resultado é a tradição de que a morte é uma espécie de matrimônio místico com a outra metade da personalidade.

Depois de traduzir, estudar e interpretar o texto, o doutor Jung decidiu de repente que deveríamos publicar esse documento único. Perguntou-me se eu poderia escrever uma breve introdução histórica —o resto já estava terminado— em que desse as datas, dissesse quem podia ser o autor e coisas assim.

Comecei com o suposto de que embora o texto fosse atribuído à São Tomas de Aquino, aquilo era impossível. Propunha-me continuar dizendo que o manuscrito pertencia ao século XIII, mas depois pensei que como sobre Tomas de Aquino não sabia nada mais que umas poucas superficialidades, não tinha por que escrever isso.

Então, por pura escrupulosidade, decidi lançar um olhar em outros escritos dele e, para estar mais segura, ler uma biografia, o que entretanto me deixou mais insegura, porque ao fazê-lo encontrei com que ao final de sua vida, poucas semanas antes de sua morte, São Tomas sofreu uma alteração de personalidade muito estranha. Durante longo tempo trabalhara excessivamente e por isso, além de algumas outras razões psicológicas que eu gostaria de estudar logo mais detalhadamente, começou a ter distrações e desorientações estranhas. Por exemplo, uma vez que rezava missa publicamente em Nápoles, de repente, e embora entre os presentes havia um cardeal, deteve-se em pleno ofício e

permaneceu durante vinte minutos em uma espécie de êxtase ou ausência, até que alguém o sacudiu, perguntando-lhe o que lhe passava, depois do qual voltou em si e se desculpou.

Diz-se geralmente que aquilo foi o começo de sua enfermidade, enquanto que alguns dizem que, junto a seu racionalismo, deve haver em sua personalidade uma veia mística, que de quando em quando fazia irrupção naqueles estranhos acessos de abstração e ausência. Esses estados se fizeram mais freqüentes durante seus últimos anos —morreu aos quarenta e nove ou aos cinqüenta e um, não se sabe com segurança porque se ignora a data exata de seu nascimento—, e depois aconteceu algo que nunca se explicou. Costumava levantar-se muito cedo todas as manhãs, para ler missa a sós na capela de qualquer monastério onde estivesse de visita, porque viajava continuamente. Tinha um amigo, Reginaldo de Piperno, um monge muito humilde que o acompanhava como servidor pessoal, um homem que o adorava e que é uma das principais fontes biográficas sobre São Tomas.

Este monge relata que uma manhã, como sempre, São Tomas foi dizer missa e quando voltou estava muito pálido. «Pensei que se tornou louco», diz literalmente o relato latino de Reginaldo. O santo foi a seu escritório, pôs de lado a pluma com que estava escrevendo o capítulo sobre a penitência de sua *Summa*, apartou todos seu equipamento de escrever e passou todo o dia ali sentado em uma espécie de estado catatônico, com a cabeça entre as mãos. Reginaldo de Piperno perguntou-lhe por que não estava escrevendo, e ele se limitou a replicar: «Não posso». A situação se manteve durante vários dias. Reginaldo voltou a aproximar-se para lhe perguntar por que não continuava escrevendo, e sempre obteve a mesma resposta: «*Non possum*» —Não posso—. Uns cinco dias depois tentaram de novo descobrir o que era que lhe passava, porque não fazia nada todo o dia, nem trabalhar nem pregar, a não ser simplesmente sentar-se com ar enlouquecido, e disse que não podia escrever porque lhe parecia que tudo o que escrevera era como palha (*palea sunt*).

Em biografias posteriores, escritas por pessoas que não estiveram presentes, acrescentaram-se as palavras: «em comparação com as visões magníficas que tive», mas essas palavras não figuram nas fontes originais.

Reginaldo de Piperno inquietou-se muitíssimo pelo estado de São Tomas, e, como ele sempre tivera conversações com uma prima, uma condessa italiana, levou a São Tomas a que a visse, pensando que com ela poderia abrir-se e dizer o que lhe passara. Mas a condessa teve a mesma impressão e disse:

—Meu Deus, o que acontece ao padre Tomas, parece estar louco.

O próprio São Tomas não disse uma palavra durante toda a reunião, mas depois, lentamente, voltou para seu estado de ânimo anterior, até o ponto de que pôde voltar a participar da política da Igreja e em coisas semelhantes, e acessou a concorrer a um congresso da Igreja em Milão ou no sul da França.

Fez a viagem em burro. São Tomas era então um homem gordo e robusto, e pelo caminho golpeou a cabeça contra o ramo de uma árvore e caiu. Era um dia de verão muito caloroso e limitou-se a levantar-se sem dizer nada do acidente. Aquela noite ficaram no pequeno monastério da Santa Maria

de Fossa Nuova, na porta da qual voltou a sentir-se subitamente doente; sentiu-se enjoado e, tocando o batente da porta, disse:

—Sinto minha morte que vem; daqui não sairei —e foi diretamente a deitar-se.

Os monges da Santa Maria de Fossa Nuova, convencidos de que contavam com alguém maravilhoso, o famoso padre Tomas, insistiram-lhe para que desse um seminário, apesar do estado desastroso em que se encontrava. Forçado a cumprir com suas obrigações cristãs, com suas últimas forças empenhou-se em fazê-lo e, conforme contam as tradições mais antigas —embora isto também omitiram em relatórios posteriores—, deu um seminário sobre o Cântico dos Cânticos de Salomão... E em metade disso, enquanto explicava as palavras «Vêem, meu amado, saíamos aos campos», morreu.

Nunca se encontraram notas deste seminário, e já em 1312, no momento de sua canonização, este último episódio foi mais ou menos passado por cima; ninguém demonstrou o menor interesse em suas últimas palavras, embora em geral às últimas palavras de um santo lhes cabe um importante papel em sua biografia. Entretanto, neste caso todo foi lavado e purificado com água de rosas. Tudo isto não o encontrarão vocês em uma biografia oficial, a não ser nas *Acta Bollandiana*, as fontes latinas originais e os informe das primeiras testemunhas do processo de canonização.

Depois de ler o que antecede, despertou a terrível suspeita de que, efetivamente, a *Aurora consurgens* poderia originar-se nas notas do último seminário de São Tomas. Como verão vocês, o texto é uma paráfrase do Cântico dos Cânticos de Salomão, e o último capítulo termina exatamente no mesmo lugar onde, segundo a tradição, morreu o padre Tomas.

Eu estava muito ansiosa por meu descobrimento, porque pensava que me faria muito impopular se dissesse o que encontrara. Mas depois de enfrentar-me com minha própria vaidade e com a sensação de que me poria em ridículo se dissesse tais coisas, publiquei o livro tal como está, dizendo que não havia provas objetivas, mas que a evidência interna estava melhor em favor que contra minha teoria. Até o momento [1959] não se produziu reação alguma de parte da Igreja, nem positiva nem negativa. A reação oficial ao que disse no livro foi até agora um silêncio absoluto; nem um só especialista publicou um artigo dizendo que não são mais que tolices, que a autora não tem nem a mais remota idéia da vida de São Tomas, nem nada do estilo.

É claro que eu tomei todo o cuidado possível em fundamentar minhas afirmações, mas ninguém aceitou nem rechaçou o que escrevi, que não foi recebido mais que com um silêncio incômodo. Quando os periódicos falam do tema, é sempre em relação com os dois primeiros volumes do *Mysterium Coniunctionis*, os do doutor Jung; do terceiro, o meu, diz-se que é um documento muito interessante, e do último capítulo, onde falo das coisas que lhes digo agora, simplesmente não se faz nenhum caso. Ainda espero para ver o que acontece..., parece que fora uma bomba de tempo! Além disso, recarreguei tanto o livro de eruditas notas ao pé de página que isso intimida o bastante, e parece que a maioria das pessoas não se incomodam em ler até o final. Mas o fiz de propósito. Era como pôr, silenciosa e discretamente, uma bomba de tempo no Vaticano!

Há uma exceção: um padre dominicano, professor de teologia, reagiu de forma muito positiva. É especialista em São Tomás, e diz que lhe pareceu completamente coerente, que se a gente tinha amplitude de espírito, não havia nada que não pudesse aceitar em uma hipótese assim.

Pergunta: Não há maneira de saber se o último Papa o viu alguma vez?

M. L. von Franz: Não, não acredito que o visse. De fato, pensei lhe enviar um exemplar dedicado, mas não o fiz. Tive que lhe escrever pedindo permissão para usar a Biblioteca Vaticano, dirigindo a carta «à Sua Santidade», e impressionou-me muito ter que me dirigir dessa maneira à ele, mas não era mais que uma formalidade.

Pergunta: Não é verdade que conhecia os escritos de Jung e estava bem disposto para ele? Na vida simbólica, Jung diz que tinha a bênção papal.

M. L. von Franz: Isso é bastante indireto. Quão único posso lhe dizer é que se falou muito e que disso o doutor Jung não me disse nada. É certo que o defunto Papa tinha uma atitude positiva para a psicologia em geral; em uma de suas introduções a um Congresso de Psicologia em Roma expressou que recomendava o estudo da psicologia, e entre as diferentes psicologias, a freudiana e outras, parece inclinar-se melhor para a junguiana.

Agora eu gostaria de lhes dar uma breve tradução de algumas partes do texto. Não poderei fazê-lo com a totalidade, porque chega a umas cinquenta páginas, mas posso fazer um extrato das partes mais importantes.

Os primeiros cinco capítulos dedicam-se à aparição de uma figura feminina chamada a Sabedoria de Deus. Nos Livros da Sabedoria —que são todos materiais tardios do Antigo Testamento, influenciado pelo pensamento gnóstico e pelo gnosticismo, desde mais ou menos o século II a.C. até o I da era cristã—, em todos esses diversos escritos, como os Provérbios, há uma personificação da Sabedoria de Deus que aparece como uma figura feminina. Ela estava com Deus e atuava ante Ele antes de que fossem criados o mundo e a humanidade. Esta Sabedoria de Deus se mescla com a idéia gnóstica da *sophia*.

Esta personificação feminina era uma figura incômoda para os teólogos cristãos. O que é? Nos últimos escritos do Antigo Testamento aparece uma espécie de noiva ou mulher de Deus... Certamente, há uma figura feminina, mas quem era? A atitude medieval habitual era identificá-la com o Espírito Santo, dizer que não era mais que um aspecto feminino, e ali onde se falava da Sabedoria de Deus terei que entender realmente o Espírito Santo, mas alguns a viam



54 Sapientia (*sophia*, la Sabiduría de Dios) como madre de los sabios

FIGURA 54

como a alma de Cristo —*anima Christi*—, que existia já antes da encarnação de Cristo, e dessa maneira era idêntica à forma de Cristo como palavra eterna, o *logos*, que está com Deus desde toda a eternidade e antes de sua encarnação como Jesus Cristo, mas aqui se considerou que a Sabedoria de Deus é a mesma coisa, e para explicar sua feminilidade usa-se a expressão «a alma de Cristo», *anima Christi*.

A terceira explicação, que em minha opinião é a mais interessante, é que representa a soma de todos os arquétipos (e isto é linguagem medieval, não projeto as palavras junguianas), os *archetypi*, quer dizer, as idéias eternas na mente de Deus quando criou o mundo. Explicam-no assim: quando Deus criou o mundo, à maneira de um bom arquiteto concebeu primeiro um



55. Dios Padre como el *Logos* creador del zodiaco. El *Logos* representa el elemento estructural del inconsciente.

FIGURA 55

plano no qual todas —as árvores, os animais, os insetos, tudo— estava presente como idéia. Antes de que houvesse milhares de ursos no mundo, estava a idéia de um urso na mente de Deus, e antes de que houvesse milhões de carvalhos, esteve a idéia de um carvalho.

A idéia de um carvalho na mente de Deus seria o *archetypus* ou *radones aeternae o ideae*, os planos eternos ou idéias. Deus concebeu o mundo e depois plasmou sua idéia na matéria e criou o mundo real. Se o traduzirmos à linguagem psicológica, significaria que a Sabedoria de Deus representa o inconsciente coletivo, a soma de todas as idéias de desenhos originais da realidade..., mas isso seria o lado feminino da Divindade.

Pergunta: Como se reúne isto com a idéia de que a palavra, a idéia, o *logos*, relaciona-se com o masculino, enquanto que o feminino se conecta com a matéria, com a materialização? Certamente, aqui se deveria fazer uma diferenciação entre o arquétipo e a imagem arquetípica.

M. L. von Franz: Não acredito que isso entre em cena ainda. Eu diria que na idéia do *logos* fica a ênfase na unidade e na ordem espiritual, e no paralelo feminino a ênfase está sobre o tipo multiplicado e mais concretizado em imagens. Esse é o matiz. A imagem arquetípica não está em jogo ainda; na realidade, essa é uma etapa posterior. Falando em termos da escolástica medieval, isso seria o *unus mundus*, uma existência puramente espiritual que ainda não se converteu em imagem em mente alguma, a não ser na de Deus.

Eu faria melhor esta distinção: algumas pessoas experimentam o inconsciente, e ficam mais impressionadas por ele, pela via de seu ordenamento espiritual, por exemplo no significado de um sonho..., e dito seja de passagem, isto é mais próprio do tipo pensante. Embora eu interpreto muitos sonhos ao dia, com diferentes pessoas, sempre me deixa pasmada a maravilhosa estrutura do sonho. Há uma exposição e depois, de uma maneira muito artilosa, as imagens se mesclam e o significado se esclarece. Como eu sou de tipo pensante, admira-me o pensamento no inconsciente, com sua maravilhosa estrutura.

Se fosse melhor de tipo sentimental, possivelmente com inclinações artísticas, então —como o vejo com freqüência em meus analisandos— impressionar-me-ia mais a beleza de uma imagem onírica, o valor sentimental de um elemento do sonho. Quando eu comento que um sonho está maravilhosamente estruturado, é provável que o analisando me diga que sim, mas que lhe impressione mais a imagem tão vívida ou o tom emocional tão definido. A um tipo mais lógico e racional impressiona-lhe a estrutura maravilhosa de algo que alguém poderia esperar que fora completamente irracional. A lógica de um sonho é algo que sempre me assombra, a lógica fantástica que há nessa série de imagens.

Portanto, eu diria que o *logos* representaria o elemento estrutural do inconsciente —de estrutura e de significado—, enquanto que na especificação feminina está melhor a idéia de sua manifestação emocional e pictórica. Eu melhor os compararia entre si dessa maneira, mas ambos aludem ao inconsciente em nossos termos, e inclusive os autores escolásticos dizem que não é mais que uma

maneira de falar; pode chamar-lhe *sophia* ou *logos*, porque para eles são uma e a mesma coisa, ou dois aspectos da mesma coisa, e poderíamos estar completamente de acordo com este tipo de ensino.

A terceira teoria, que existia já na Idade Média, vem-nos dos árabes. O famoso filósofo árabe Ibn Sina, conhecido na literatura européia como Avicena, desenvolveu a idéia aristotélica referente ao chamado *nous poietikos*, que é a seguinte: dentro da realidade cósmica do mundo há uma inteligência criativa que existe nas coisas mesmas; existe no cosmos, é criada por Deus. Deus criou o mundo, e nele criou um espírito criativo ou, como o interpreta geralmente, uma inteligência criativa que é responsável pelo significado e a importância dos eventos cósmicos. Este caráter significativo —o fato de que o cosmos não seja nem um caos nenhuma máquina que simplesmente parte de acordo com leis causais, mas sim é também um mistério no qual podem dar-se sincronicidades significativas— foi atribuído ao *nous poietikos*.

São Alberto, o Grande, e São Tomas, seu discípulo, desenterraram os escritos de Avicena e se meteram em grandes dificuldades porque estavam absolutamente fascinados pela idéia do sentido do cosmos, a noção de que o cosmos tem uma inteligência, e não sabiam como reconciliar tudo aquilo com suas idéias cristãs. São Alberto era um intuitivo e um grande gênio, mas não um pensador muito cuidadoso, e limitou-se a assinalar alegremente que aquilo era algo assim como o Espírito Santo. São Tomas, que era do tipo pensante, não podia tragar inteiro tudo aquilo e, portanto, cortou em dois o *nous*, dizendo que em parte o *nous poietikos* não estava no cosmos, a não ser na mente humana, cuja base constituía —em termos modernos diríamos que era a base do mistério da consciência—, e a outra metade, dizia São Tomas, era simplesmente a Sabedoria de Deus.

Assim cortava em duas partes o conceito islâmico, atribuindo uma ao homem e outra à Sabedoria de Deus. Isto é muito interessante, porque originariamente se projetava fora a inteligência, o significado ou a ordem espiritual do mundo. A gente medieval, como os primitivos, não se dava conta de que a ordem é algo que vemos por meio da mente. A casualidade não é algo que exista; é simplesmente a forma em que nos explicamos a seqüência dos acontecimentos, quer dizer, uma categoria filosófica. O mesmo se aplica a sincronicidade, mas a conexão da seqüência dos acontecimentos em si mesmos não é algo que nós conheçamos.

Na época medieval, as pessoas ainda pensavam que a casualidade e outras categorias existiam objetivamente no mundo exterior e, por conseguinte, que este tinha uma inteligência, a qual não era uma idéia tão estúpida. A idéia da inteligência do mundo os impressionou muito, e graças a ela puderam entender por que Deus criara o mundo com suas interconexões significativas. Depois São Tomas introjetou ou recuperou esta projeção e deu-se conta de que, em parte, é algo que depende de nossas próprias operações mentais, porque o significado não existe enquanto não o vejamos, e se ninguém descreve a casualidade, pois não existe. Ambos são algo que depende da mente que observa e é capaz de descrever.

Assim, São Tomas deu o moderno passo de introjetar as teorias da ciência natural, dando-se

conta de que os termos que usamos provêm de nossa própria mente. Como era um grande pensador, foi mais longe inclusive e perguntou-se por que nossa mente produzia idéias tais como conexões significativas, e o atribuiu ao *nous poïétikos*. Este é o estado de consciência do homem que possivelmente escreveu o texto que agora consideramos.

O texto continua: Todas as coisas boas chegaram-me por mediação dela, a Sabedoria do Sul [literalmente, do vento sul], que se queixa nas ruas, chamando às pessoas, e fala à entrada da cidade: «Venham para mim e sejam iluminados e suas operações não lhes serão recriminadas. Todos os que me querem serão repletos com minhas riquezas».

Venham, meus filhos, e escutem, porque eu lhes ensinarei a Sabedoria de Deus, que é sábio e entende aquilo do qual diz Alphidius que os adultos e os meninos ouvem na rua, que os animais guias de ruas o afundam dia após dia no esterco, e do qual diz *Sénior* que nada é exteriormente mais desprezado e nada de natureza mais preciosa, e que

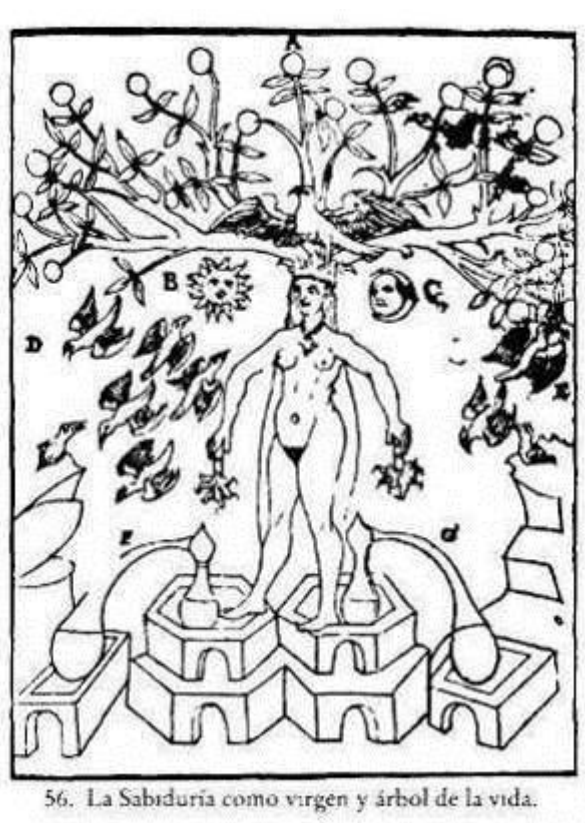


FIGURA 56

Deus não nos deu isso para que fosse comprado com dinheiro.

Ela, a Sabedoria, é aquilo do que Salomão diz que tem que usar como uma luz, e que ele colocou por cima de toda beleza e de toda salvação, porque nem sequer o valor das gemas e dos diamantes era comparável com seu valor. O ouro em comparação com ela é areia, e a prata em comparação com ela é argila. Isso é muito certo, porque consegui-la é mais importante que o ouro e a prata mais puros. Seus frutos são mais preciosos que as riquezas do mundo inteiro, e tudo o que possa

querer não pode comparar-se com ela.

Saúde e longa vida estão em sua mão direita, e glória e riquezas imensas na esquerda. Suas obras são belas e dignas de elogio, não desdenháveis nem más; e sua marcha, mesurada e não pressurosa, mas conectada com um trabalho duro, contínuo e persistente. É a árvore da vida para todos os que a entendem, e uma luz que nunca se extingue.

Benditos aqueles que a entenderam porque a Sabedoria de Deus nunca passará, do qual dá testemunho Alphidius quando diz que o que uma vez encontrou esta sabedoria receberá dela legítimo e eterno alimento. Hermes e outros filósofos dizem que se um homem tivesse este conhecimento [aqui a palavra conhecimento está usada em vez de sabedoria] durante mil anos e tivesse que nutrir diariamente a sete mil pessoas, ainda seria suficiente, e *Sénior* diz que um homem assim é tão rico como o que possui a pedra filosofal, da qual se pode conseguir, e igualmente dar, fogo a quem se deseje. [Sabe-se que se a gente tiver uma pedra de fogo, então sempre pode reproduzir sem falta o fogo.]

Aristóteles diz o mesmo no segundo livro, *Sobre a alma*, onde escreve que há limites para o tamanho e o crescimento de toda coisa natural, mas que o fogo, em troca, pode crescer eternamente se o alimentar. Benditos sejam os que encontram esta ciência [agora usa ciência em vez de sabedoria, mas quer dizer o mesmo] e a quem a inteligência de Saturno alaga. Pensa nela de todas as maneiras e ela mesma o conduzirá.

Sénior diz que só o sábio, o intelectual, e o homem que pensa com precisão e o que é criativo, podem entendê-la, e só depois de que seu espírito clarificou pelo livro da agregação. Porque então a mente de uma pessoa assim começa a fluir e a seguir seu desejo [aqui se usa em vez de desejo a palavra concupiscência, muito chocante para um monge medieval]. Benditos sejam os que têm em conta minhas palavras.

E disse Salomão: «minha filha, pendure isso no pescoço e inscreve-a nos tabletes de seu coração e a achará». Diga à Sabedoria que é minha irmã e chama-a sua amiga. Pensar nela é uma perfeição sutil que segue por completo à natureza e aperfeiçoa a sabedoria. [De repente o texto muda, e o homem tem que acrescentar perfeição à sabedoria, à Sabedoria de Deus. Ela é a coisa mais perfeita, e em que pese a isso o homem tem que lhe acrescentar sabedoria.]

Quem permanece acordado dia e noite logo estarão seguros. Ela é muito clara para quem tem penetração e jamais se desvanece nem se extingue. A quem a conhece parece-lhes fácil, porque ela mesma procura quem é digno dela. Vai para ele cheia de prazer e o encontra em cada providência, porque seu começo é a mais autêntica natureza, da qual não provém engano.

Observe a jubilosa linguagem bíblica e as muitas alusões à diferentes citações bíblicas. Quem conhece bem a Bíblia, sentirá constantemente ressonar nos ouvidos. As citações são principalmente da Vulgata e portanto, naturalmente, formulam-se em termos um pouco diferente que na Bíblia inglesa.

No começo a um surpreende um pouco encontrar-se com uma paráfrase das palavras da Sabedoria de Deus. Ela aparece nas ruas e chama aos homens. Isso, como vocês sabem, tirou-se da

Bíblia. Está principalmente no Livro de Jesus Sirach e nos Provérbios. Depois, se se escutar com cuidado, percebe-se algo muito estranho. Ou seja, primeiro está a Sabedoria de Deus, uma entidade feminina que chama as pessoas para ela convidando-as a que a escutem. Depois, a idéia modifica-se, e nos diz: «Esta é a coisa pisoteada pelas ruas, desprezada por todos».

Trata-se de uma citação alquímica que no texto original refere-se à pedra filosofal. De modo que quem conhece a citação sabe que do começo mesmo do texto, o autor identifica a Sabedoria de Deus com a pedra filosofal, que para ele são uma e a mesma coisa. Deve ter uma experiência em relação à qual sentia que o que entrara nele, e que se apropriou dele, era o que os alquimistas chamam a pedra filosofal.

Segue logo citando alguns outros alquimistas, entre eles *Sénior*, que dizem que ela é muito preciosa mas que as pessoas ordinárias desprezam-na, e há uma longa comparação para demonstrar quanto mais preciosa é ela que os bens mundanos. Vem depois uma alusão, não bíblica, ao fato de que para encontrá-la terá que trabalhar durante muito tempo, e a que é uma espécie de nutrimento eterno, ou algo como o fogo que pode acender outros fogos, e então de repente diz que para encontrá-la não se necessita mais que uma coisa, ou seja, uma percepção sutil da verdadeira natureza.

Isto segue-se de uma citação mais surpreendente ainda, de nosso amigo *Sénior*: «Se isto fizer, então sua mente começará a fluir e seguir a sua concupiscência». Na linguagem escolástica medieval, concupiscência refere-se aos apetites ordinários: desejos sexuais, desejo de comer e coisas semelhantes, mas principalmente ao desejo sexual, a base plana e vulgar do amor superior. O próprio São Tomas tinha uma teoria do amor, que para ele começava sempre com a concupiscência e devia sublimar-se até chegar a ser amor de Deus.

Ante este texto, ou não podemos entender nada, e nos limitamos a dizer que está além de nosso alcance, ou devemos abordá-lo como se aborda um sonho. Podemos tomá-lo como se fora um documento do inconsciente, em cujo caso seu significado se esclarece: o inconsciente coletivo irrompeu na mente do homem e a invadiu, em forma de uma personificação feminina que ele sentiu como a Sabedoria de Deus... E já verão vocês logo que pensa que a Sabedoria de Deus e Deus são um. Um aspecto feminino de Deus o alagou, e ele diz que a isso se chega observando a natureza de maneira sutil e seguindo o próprio desejo interior, quer dizer, que é uma verdade sutil que pode encontrar qualquer que tenha a simplicidade mental de seguir seu próprio desejo. Se isto significar algo, significa uma entristecedora vivência do inconsciente encerrada na forma de uma personificação feminina.

Pela sensação que me dá o texto, acredito —e espero que estarão vocês de acordo comigo— que aqui não se trata de uma invenção do intelecto. Dá-me mais a sensação de que fosse escrito por alguém que se viu primeiro aniquilado por uma vivência assim, e depois tentou expressá-la mediante essas citações bíblicas e alquímicas. Uma coisa assim se pode observar, por exemplo, ao começo de uma psicose.

Uma das síndromes mais destrutivas em um intervalo psicótico ocorre quando estamos

invadidos por vivências emocionais ou alucinatórias e não as podemos expressar. Assim que são capazes de contar a alguém, já não estão completamente psicóticos, e a primeira etapa passou. Se podem dizer algo a respeito e descrever sua vivência embora seja gaguejando ou em forma simbólica, se de algum jeito podem tirá-la fora, já não estão perdidos e o processo de cura iniciou-se.

O pior é quando a coisa é tão entristecedora que simplesmente ficam em branco, metem-se na cama e tornam-se catatônicos. Sabem que passam pelas experiências íntimas mais tremendas, mas



FIGURA 57

externamente os vê ficar na cama como um bloco de madeira, negando-se a comer. Quando começam a mover-se e a gaguejar e a falar do que viram, isso já é uma melhoria, porque encontraram um modo de expressar-se.

Por isso é extremamente importante, se tiverem vocês de verem-se com uma possibilidade assim, que tratem essas pessoas como se tivessem uma psicose latente e ofereçam-lhes uma quantidade enorme de conhecimento simbólico. Se se suspeitar uma possível invasão ou irrupção do inconsciente coletivo, terá que lhes subministrar forçadamente estas pessoas tanta informação simbólica quanto puder, fazendo-lhes ler, tanto quanto seja possível, Jakob Boehme, textos alquímicos e mitologia. Os pacientes não saberão por que, e até pode ser que lhes pareça estranho, mas então, se sobrevier a vivência entristecedora, possivelmente possam expressá-la, ou ao menos descrevê-las. Se podem fazer suficientemente bem esta preparação do terreno mediante um entendimento simbólico adiantado, por mais que eles não lhe vejam utilidade, quando sobrevier a experiência contarão com uma rede com a qual poderão pescá-la e dar-lhe nova expressão.

O doutor Jung contou-me que tivera o caso de uma doutora estrangeira, muito racional e de mentalidade estreita, que estudara psiquiatria e queria fazer uma análise de capacitação. Ele deu-se conta imediatamente de que a mulher tinha uma psicose latente, e de que a situação era bastante perigosa. Em vez de lhe dar uma análise de capacitação padrão, abarrotou-a de tantos conhecimentos simbólicos

quanto pôde: história das religiões, mitologia, tanta alquimia quanto ele podia saber naquele momento, e mais nesse estilo. Devido a sua forte transferência, ela trouxe tudo aquilo, mas sem ver nem remotamente o que tinha a ver com ela.

Então retornou a seu país e de repente a coisa estalou e a mulher atirou-se pela janela do hospital onde trabalhava. Rompeu ambas as pernas, mas quando a ingressaram no hospital estava louca de atar, totalmente perdida em um episódio psicótico. O médico que a tratou escreveu ao Jung informando-lhe da evolução do caso, e descreveu-lhe como depois de três dias de estar, ao que parece, completamente louca, articulando um discurso totalmente psicótico, começou a recordar algumas das coisas simbólicas que lera e o que Jung lhe dissera a respeito delas. Começou a pôr em ordem tudo aquilo e em volta disso formou o núcleo de uma nova personalidade ígnea.

Passadas três semanas, saíra do episódio e estava completamente normal, o que ouvira e lera antes ajudou agora em seu resgate, e permitiu-lhe conter aquela experiência emocional entristecedora no marco de um entendimento psicológico simbólico. A mulher recuperou-se e, de acordo com a correspondência que Jung manteve com ela durante muitos anos —já que jamais voltou a vê-la em pessoa, porque vinha de um país muito longínquo—, jamais teve uma recaída; aquele foi seu único episódio psicótico, e há toda classe de razões para acreditar que a coisa está agora realmente integrada, e que ela está curada.

Já vêem vocês, pois, como o conhecimento do simbolismo é, por assim dizê-lo, uma rede na qual se pode ao menos apanhar o mistério inexpressivo de uma vivência imediata do inconsciente. Acredito que nosso autor teve uma destas vivências indescritíveis e entristecedoras do inconsciente e que, de maneira bastante caótica, tentou capturar e descrever o que acontecera mediante um *potpourri* de citações bíblicas e alquímicas.

Comentário: Penso como reconciliar o que você acaba de dizer sobre ser capaz de expressar estas vivências com o que disse em um curso anterior, acredito que o ano passado, quando assinalou você apenas que se os psicóticos falassem, ninguém se inteiraria de nada.

M. L. von Franz: É muito singelo. Referia-me a que não deveriam falar dessas coisas com as pessoas em geral, mas que estaria muito bem que o fizessem com seu analista. Se nosso autor se pôs a proclamar pelas ruas que a Sabedoria de Deus descera sobre ele e que agora ele conhecia seus segredos, isso não seria adequado, mas ao que parece escreveu um artigo ou deu um seminário sobre o tema ou, se era o último seminário de São Tomás, então ele estava em coma e limitou-se a falar aproximadamente dessa maneira. Não acredito que São Tomás pudesse escrever, de modo que isto deve ser reconstruído a partir de notas tomadas, o que concordaria com o fato de que os manuscritos são muito diferentes, alguns mais ricos e outros mais pobres. Inclusive nos manuscritos mais antigos há uma diferença muito grande.

Temos notas de outras conferências que deu São Tomás. Naquela época era comum tomar notas nos seminários, e de vários escritos seus não há mais testemunho que as anotações de seus

alunos; imagino que falava, como diz o relatório original, meio como em êxtase e, quando estava muito débil, sobre o Cântico dos Cânticos. Em um caso assim não se poderia dizer que deveria conter a língua, mas o resultado foi que mais adiante, simplesmente deixou de lado essa parte de sua vida e o que naquela época disse. Guillermo de Tocco e Reginaldo de Piperno, os primeiros biógrafos, registraram os fatos, mas as biografias posteriores não os mencionam, porque como era possível que, nem sequer estando pouco menos que em coma, esse grande homem, com sua mente maravilhosamente clara e racional, dissesse coisas assim em seu leito de morte?

As pessoas normais ou os que não estão encerrados em um hospital, se tiverem uma experiência assim a reservarão para si, ou a contarão à umas poucas pessoas capazes de entendê-las. Se a gente teve já um episódio psicótico e está em Burghölzli ou em outro hospital para doentes mentais, é melhor se o conta a alguém disposto a escutá-lo que ficar na cama sem dizer nada, que me parece muito mau indício. Um caso está muito mais «ido» que o outro. Além disso, esse tipo de discurso não se dirige a nenhuma pessoa em particular, é como uma espécie de anúncio, uma anunciação enlevada: «Agora lhes comunicarei a Sabedoria de Deus...». É um estilo que se reconhece! Mas o que usa uma linguagem assim não está necessariamente no outro lado da fronteira, porque esse é o estilo do inconsciente.

Lembro-me que quando fazia uma de minhas primeiras práticas de imaginação ativa apareceu-me uma figura que me dava uma sensação maravilhosa, e que fazia anúncios como esses, e eu simplesmente não podia escrevê-los! Produziam-me tanto rechaço que ficava obstruída, mas o doutor Jung disse-me que esse era o estilo do inconsciente. Segundo como o julgue um, é de muito mau gosto. A um jovem que trabalhava a imaginação ativa apareceu-lhe pessoalmente o Espírito Santo, falando-lhe como alguém se imagina que deve falar, e o pobre homem esteve a ponto de vomitar por ter que escrever semelhantes pomposidades.

Em nós e em nossa natureza terrestre e na prática há um cepticismo que não o agüenta, mas esse é o estilo do inconsciente, e o que explica por que, quando caímos nesse estado, fala com convicção e começa a ter esse estilo pomposo e emocionalmente grandeloqüente. Está transportado pela emoção e é um estilo ritualista ou sacramental, como essas formosas canções dos índios norte-americanos, que repetem muitíssimo os três «amém» e coisas pelo estilo. Quando se toca aos níveis emocionais mais profundos, isso é algo que terá que aceitar. Um ainda pode observar desapaixionado, mas se se tem que permitir que essas coisas se expressem em sua forma originária, terá que lhes deixar essa maneira de falar tão emocional e pomposa. E acredito que por isso isto está escrito nesse estilo enlevado e de discurso.

Preferiria pular o capítulo seguinte porque é muito desagradável. Diz que se tem que amar a luz da sabedoria porque quem a ama dominará o mundo, que é um sacramento de Deus que não se tem que compartilhar com as pessoas comuns porque todos ficariam ciumentos, e coisas assim. Só ao final é um pouco melhor, quando explica que, se a gente encontrar este segredo, então diz: Sê feliz, Jerusalém, te recolha no prazer porque Deus teve piedade dos pobres e *Sénior* diz que há uma pedra que se alguém

a encontrar a porá sobre os olhos e jamais a atirará porque é o elixir que afugenta todo sofrimento e, salvo Deus, não tem o homem coisa melhor.

O que aconteceu aqui ao homem? Provavelmente vocês vejam do que se trata porque fala de governar ao mundo e diz que não lhes tem que dizer às pessoas comuns. Quem fala dessa maneira?

Resposta: Alguém com uma inflação.

M. L. von Franz: Sim, neste capítulo está com uma inflação. A experiência da Sabedoria de Deus foi entristecedora, e agora, assim que é o que teve essa experiência e sabe tudo o que terá que saber dela, naturalmente é o grande homem. Captam-se imediatamente os matizes arrogantes de que foi eleito e sente que todos outros são tolos e estão ciumentos. São os sintomas típicos de uma inflação, inevitáveis depois de uma experiência assim. Não acredito que nenhum ser humano possa ter uma vivência semelhante sem passar



FIGURA 58

em algum momento por uma etapa assim; é parte da experiência, e a questão é simplesmente quanto tempo fica um nela.

O capítulo seguinte é até pior. Fala daqueles que não conhecem esta ciência e que a negam.

A esta ciência de Deus e ensino dos santos, o segredo dos filósofos e elixir dos doutores, desprezam-na quão tolos não sabem o que é. Rechaçam a bênção de Deus e é melhor que não a recebam porque todo o que não sabe disto é seu inimigo, e por isso é pelo que *Speculator* diz que burlar-se desta ciência é a causa de toda ignorância, e que não se tem que dar salada aos burros que se conformam com cardos nem arrojar margaridas aos porcos, etc. Com os parvos se tem que falar como falaria um com pessoas que dormem, sem pô-los nunca no mesmo nível que ao sábio. Sempre haverá pobreza e infelicidade no mundo porque o número de parvos é imensamente grande.

Ali a inflação alcança o topo. Depois vem um capítulo bastante seco que mostra uma mudança na situação psicológica. Muito prosaicamente, o autor diz que o título de seu livro é «A aurora que surge» por quatro razões: Primeiro, a palavra *aurora* se poderia explicar como *áurea hora* [a hora dourada], porque há certo bom momento neste *opus* quando a gente pode alcançar seu objetivo; segundo, a aurora está entre o dia e a noite e tem duas cores, ou seja o amarelo e o vermelho, e assim nossa ciência, ou alquimia, produz as cores amarela e vermelha, que estão entre o negro e o branco.

Este é o conhecimento alquímico clássico sobre *nigredo-albedo-rubedo-citrinitas*, as quatro etapas da cor, e a aurora seria o advento da cor amarela-vermelha, a culminação da obra alquímica.

Terceiro, ao amanhecer quão doentes sofreram durante toda a noite geralmente se sentem um pouco melhor e dormem, e assim, na aurora de nossa ciência, os maus aromas que perturbam e infectam a mente do alquimista em seu trabalho desaparecem tal como o expressa o salmo: «Se de noite pranto, à aurora alegria» (Salmo 30, 5). E em quarto lugar, a aurora chega ao final da noite, como o começo do dia ou a mãe do sol, e a culminação de nossa obra alquímica é o término de toda a escuridão da noite como se um homem parte, tropeça (S. Juan 10, 10), pelo qual nas escrituras diz: «Um dia passa ao outro a palavra, uma noite à outra dá notícia» (Salmo 19, 2), e «... a noite brilha como o dia: a escuridão e a luz para ti são o mesmo».

Esta última citação (Salmo 39 da Vulgata) é o salmo que canta a noite antes do dia de Páscoa na Igreja católica, onde a noite se converte em luz e torna-se tão luminosa como o dia, e assim. Então, por certo devemos suspeitar que inclusive senão for São Tomas, este grande homem é um sacerdote católico, porque provavelmente ninguém mais citaria com tanta segurança a Bíblia. Aqui alude à missa da noite de Páscoa, e compara a aurora da ciência, a aurora que surge, com a noite antes da Páscoa, o momento do renascimento e a ressurreição de Cristo.

Por isso se refere ao estado do autor, já vêem vocês que agora o estilo enlevado desapareceu por completo e tornou-se ligeiramente pedante. À Aurora a chama de tal e tal maneira por quatro razões. Portanto, eu diria que o homem saiu de sua inflação, que voltou para um estado de consciência



59. El alquimista como sacerdote. A la izquierda la Madre Tierra amantando al niño-Mercurio la naturaleza cuida de lo que es suyo

FIGURA 59

de relativa sobriedade, e que agora tenta pôr ordem em sua experiência.

Como é típico, este é uma ordem quádrupla. Dão-nos quatro explicações —quatro razões— da palavra «aurora». Cada vez que a consciência tenta estabelecer-se, impõe às coisas uma ordem quádrupla; esta é a rede com que apanha as coisas e põe-nas em ordem, e agora nosso homem tenta dar uma quádrupla explicação da aurora que surge. A aurora é a sabedoria de Deus, como veremos logo, de modo que o autor do texto que comentamos tenta pôr certa distância entre o que lhe aconteceu, e procura ver o que é; encontrou-se com a aurora que surge e pode descrevê-la com quatro razões.

A mim sua explicação parece muito superficial. Primeiro faz um trocadilho —*aurora, áurea hora*— e depois a compara com o amanhecer quando os doentes dormem depois de passar uma má noite. O que pensam vocês disto?

Resposta: Parece como uma compensação intelectual do excesso emocional.

M. L. von Franz: Sim, mas é que vai muito longe. Isso acontece muito frequentemente nas etapas esquizofrênicas. Há um trocadilho, depois aparecem vulgaridades e uma alegria súbita muito desagradável. É uma compensação por ser miserável muito profundamente às emoções. É compreensível como um ato de compensação ou para escapar da emoção, mas para quem o vê de fora não é mais que repugnante. Um ser humano teve a mais profunda das experiências íntimas, em que um participa com seu sentimento, e depois essa mesma pessoa vem um dia a dizer que tudo isso são tolices! Observei esta reação virtualmente cada vez que alguém cai muito na profundidade do inconsciente. É o mecanismo de defesa de uma consciência débil contra uma experiência muito entristecedora. Eu gostaria de descrevê-la como esquizóide —tomar as coisas sérias muito às pressas, descartando-as com uma risada pouco menos que cínica—, mas essa é a compensação por ver-se muito miserável às profundidades. Aqui temos uma dessas reações desvalorizadas.

Nos casos extremos se produz o que médicos e psiquiatras inclusive querem alcançar, quer dizer, a «restauração regressiva da pessoa», quando a gente diz que tudo o que viram era parte de sua enfermidade e que jamais voltarão a pensar naquilo. Enterram toda a experiência e dedicam-se ao intento de adaptar-se socialmente; buscam trabalho em um despacho e não querem que lhes recordem sequer o que diziam e pensavam naquela época. Em geral mudam para não encontrarem com as mesmas pessoas, e se falarem daquela época é como de algo que lhes passou quando estavam doentes.

A experiência é muito ardente, e por isso a rechaça absolutamente. Seu efeito foi muito forte ao princípio, e depois, quando possivelmente mediante uma terapia de choque saíram daquele estado, o mais comum é que sobrevenha a atitude de desvalorizar. Quando sem terapia se tira às pessoas de um estado assim, seja com o Largactil ou algum remédio parecido, ou com *electroshock*, então a reação costuma ser essa. São pessoas que se envergonham de seu passado, quando estavam loucas, que se adaptam à realidade de uma maneira superficial e, se alguém fala com elas, aborrecem-se. A gente tem a sensação de que se tornaram aborrecidas normalmente; todo o sal e a vitalidade da personalidade desapareceram.

Aqui, graças a Deus, não se trata mais que de uma fase transitiva, e isso é algo que acontece freqüentemente e que se pode entender. É um ritmo normal nas reações humanas, exemplificado por exemplo na dramaturgia clássica antiga, em que três tragédias seguem-se por uma comédia. Não podíamos ir pra casa depois de ver o *Edipo Rei* e outras duas peças de Sófocles; ao final tinha que haver alguma das comédias de Aristófanes para que todo mundo desse risada. Também está o mecanismo típico, quando em metade de um funeral muito solene um vê de logo algo gracioso e uma reação nervosa provoca-lhe vontade de rir. O que se converte em vontade de rir é a culminação da emoção; não podemos agüentar muito uma situação tão exageradamente trágica e por isso em momentos sentimos forçados a burlar-se dela.

Isto explica também as paródias da missa na Idade Média. Durante trezentos e sessenta e quatro dias ao ano, à missa e à hóstia tomava muito a sério, mas um dia tomava em brincadeira. Ou como no ritual dos índios norte-americanos, no clã dos *thunderbird* há um palhaço que se burla das cerimônias mais santas, fazendo comentários obscenos e toda classe de brincadeiras; isto demonstra como, nas pessoas normais, a culminação da emoção gera o desejo de compensá-la de algum jeito. Quer dizer que a reação do esquizóide que se vê ameaçado pelo inconsciente é completamente normal.

Em casa temos uma moça que vê fantasmas e pode falar de maneira muito gráfica de suas experiências. Para ela, essa é a realidade absoluta em que vive, e passa horas falando com os fantasmas. É um grande segredo, no qual primeiro um tem que se admitir, e depois ela pode falar do tema com grande emoção, mas jamais termina uma conversação assim para voltar para seu trabalho na casa sem dizer: «Bom, já se sabe que os fantasmas não existem, tudo isto são tolices». E então, com um grande sorriso, volta para seu trabalho. Esse comentário é simplesmente um *rite de sortie*, porque ela não pode acontecer imediatamente de suas experiências com os fantasmas a pôr a ferver as batatas; o *rite de sortie* é

sua forma de liberar-se de algo que a comoveu profundamente. A maioria das pessoas, se tiverem algum senso de humor, quando se puseram muito dramáticas fazem algo parecido.

O capítulo seguinte intitula-se *Estimulando ao ignorante à busca da sabedoria*.

[Pergunte-lhes] senão ouvir à Sabedoria e senão for compreensível o engenho nos livros dos sábios quando ela diz: -Chamo-lhes, Oh, homens, e chamo os filhos do entendimento. Entendam a parábola e sua interpretação, entendam a palavra dos sábios e seu enigma. Os sábios usaram todo tipo de expressões fazendo comparações com todas as coisas da terra para aumentar esta sabedoria. Se um sábio ouvir os sábios voltar-se-á mais pormenorizado e saberá».

Esta é a Sabedoria, Rainha do Sul, que veio deste como a aurora que se eleva para ouvir e entender a sabedoria de Salomão. Em sua mão estão o poder, a honra, a glória e o reino. Tem sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas resplandecentes, como uma noiva ornamentada para seu prometido, e sobre sua túnica há uma inscrição dourada em grego [provavelmente em árabe] e em latim: «Como rainha governarei e meu reino não terá fim para aqueles que me encontrem com sutileza e espírito de criatividade e perseverança».

Agora o autor tenta enfrentar de outra maneira sua experiência: de repente entende que todos os textos simbólicos que leu antes, na Bíblia e em alquimia, apontam à mesma experiência. Provavelmente agora é capaz de ler textos alquímicos e de sentir que sabe o que querem dizer, porque pode vinculá-los com sua própria experiência e pensa que toda a Bíblia e toda a tradição alquímica são algo simbólico, uma espécie de símile ou de descrição simbólica das vivências que ele acaba de ter.



FIGURA 60

Aqui vêm vocês que o que eu lhes descrevi se produz agora: ao amplificar com outros textos, ele trata de apanhar, consolidar e entender suas experiências íntimas. Vê amplificações possíveis na Bíblia e na literatura alquímica. E agora esta figura, que é realmente a figura chave de toda a experiência —quer dizer, a Sabedoria, Rainha do Sul, ou a Aurora que Surge— volta a aparecer, e ele a elogia. Ela é a rainha que reinará eternamente em seu reino. Chama-se a Rainha do Meio-dia, ou o Vento do Sul — em latim, *auster* significa ao mesmo tempo «vento do sul» e «meio-dia» — e isso se refere ao texto bíblico em Mateus 12, 42: «Rainha do sul comparecerá no julgamento com esta geração e a condenará; porque ela veio dos limites da terra para ouvir a sabedoria de Salomão, e aqui há um que é mais que Salomão».

Este texto, que é mais ou menos o mesmo que Lucas 11, 31, refere-se à famosa Rainha de Sabá que visitou ao rei Salomão e teve com ele, como vocês sabem, um encontro amoroso do qual provêm ainda os reis da dinastia abisinia atual. A Rainha de Sabá era etíope, uma rainha pagã, que convertida por Salomão à religião verdadeira. Com suas faxineiras negras deitou-se com ele e depois, grávida, retornou a seu reino e deu a luz ao primeiro rei da Abisinia. Este episódio amoroso do envelhecido Salomão converteu-se no grande tema da literatura amorosa na Europa.

No Oriente, como vocês sabem, em especial no misticismo persa e em parte no islâmico — sobretudo o da tradição xiita, a qual pertencia *Sénior*—, há livros dos quais se poderia dizer que constituem a bibliografia da *coniunctio*, quer dizer, a união de um homem importante, um rei, com uma rainha ou algo assim, da qual se diz que é uma imagem da união da alma com Deus, já que à alma do homem considera-a feminina: o *anima* se casa com Deus no momento do supremo êxtase religioso, e portanto nesse momento o místico é uma noiva que se desposa com a Divindade. Dos muitos terrestres e compreensíveis poemas de amor al-Hafis diz-se que se devem ler com um sentido místico e que al-Hafis não fala de um episódio amoroso ordinário com uma mulher, mas sim se vale dessa linguagem para descrever a *unio mystica* da alma com Deus. O mesmo é válido para al-Roumi.

A carta de amor do sol à lua é uma variação típica deste tipo de literatura amorosa, em que se pode dizer que o problema do fenômeno da transferência com o processo de individuação está unido e expresso em linguagem simbólica da maneira mais formosa. A experiência do *anima* para o homem e do *animus* para uma mulher é, na realidade, totalmente alheia a uma experiência real com um casal humano. A medida em que o casal humano desempenha um papel — seja só como uma imagem remota ou como uma conexão autêntica— varia de um caso a outro, mas esta é a vivência culminante que conduz à experiência do Si mesmo.

Por conseguinte, pode-se dizer que em toda vivência amorosa profunda está implícita a experiência do Si mesmo, porque do Si mesmo provêm a paixão e o fator de avassalamento entristecedor. Esta experiência foi muito melhor entendida e cultivou-se mais nos âmbitos não cristãos, que têm uma atitude mais equilibrada para o princípio feminino; no judaísmo e na tradição oficial cristã este tipo de literatura amorosa e o problema da união amorosa com Deus foram bastante rechaçados, com poucas exceções. Na tradição judia é principalmente a Cabala a que retomou o tema, e na tradição cristã há uns poucos místicos, como São João da Cruz e seu famoso poema, que é uma paráfrase do Cântico dos Cânticos, e onde torna a usar esta linguagem. Provavelmente São João da Cruz, que viveu na Espanha, soubesse muito sobre literatura islâmica.

Em nossa civilização, pelo resto, houve uma cisão. A Igreja não estimulou este tipo de literatura religiosa e mística, que portanto afetou profundamente à literatura semi-religiosa das novelas medievais, em especial à poesia do ciclo do GRAAL e às lendas do GRAAL. Nelas penetrou a totalidade do que poderíamos chamar o misticismo amoroso, e coube-lhe um importante papel à lenda da Rainha de Sabá. Por esta época, a história da Rainha de Sabá já deu origem a uma novela muito romântica da que

havia diferentes versões etíopes, abisinias e islâmicas. O texto foi elaborado como uma experiência de conversão através do amor místico, e esse tema foi recolhido pelas novelas medievais de cavalaria e influenciou enormemente sobre todas as formosas histórias de amor das novelas da Idade Média, que de fato a Igreja não rejeitou, embora as olhasse com olhos bastante desconfiados.

A Rainha de Sabá tem, portanto, uma longa tradição. Na tradição cristã, representa uma figura do *anima* não tão sublime como a da Virgem Maria. Para o aspecto sublime do *anima*, a Virgem Maria continua o símbolo adequado, mas onde poderia projetar um homem o aspecto menos sublime? A Rainha de Sabá com sua sombra de negra, sua faxineira negra, converteu-se em um objeto adequado para lhe projetar esse aspecto do *anima*, e por conseguinte muitas novelas elaboraram o tema da história de amor do rei Salomão.

Um tema além muito legítimo, porque de caminho para o rei Salomão, a Rainha de Sabá chegou a um rio onde havia uma pequena ponte feita parcialmente com a madeira que mais adiante chegaria a ser da cruz, e ela, com mediúnica clarividência, negou-se a pisá-lo e preferiu molhar os pés ao atravessar o rio antes que pisar naquela madeira. Viu com antecipação que aquela madeira se converteria na cruz. Depois, nas lendas medievais, considerou-a como uma das profetisas, como uma vidente que previu a vida de Cristo e sua morte na cruz e com isso abriu a porta pela qual pôde entrar na literatura cristã. Com aquele ato ficou legitimada, embora nele estavam implícitos sua sombra de negra e todos seus amores terrestres com o rei Salomão. Tudo aquilo era passível porque chegara a prever a morte de Cristo.

De modo que a Rainha de Sabá é uma figura do *anima* extremamente interessante na época medieval; é a alusão que há em Mateus 12:42, e aqui nosso autor alude desta maneira a ela. Para ele a Sabedoria de Deus é também a Rainha de Sabá que é a aurora que surge.

O começo do capítulo seguinte, conhecido como a primeira parábola, deixará vocês pasmos.

Olhando à distância, vi uma grande nuvem que absorvida pela terra coberta de negrume, e cobria minha alma, em que as águas entraram de modo tal que se corromperam por obra do aspecto do mais profundo inferno e a sombra da morte porque a inundação me alagara.

Então os etíopes caíram de joelhos ante mim e meus inimigos lamberam minha terra. Nada são há já em meu corpo, e pela vista de meus pecados meus ossos têm medo. Gritei durante toda a noite, até enrouquecer. Quem é o ser humano que vive, que entende e que sabe, que possa salvar minha alma dos infernos?

Aquele que me ilumine terá a vida eterna e eu dar-lhe-ei a comer do bosque da vida que está no Paraíso, e deixar-lhe-ei compartilhar o trono de meu reino; que me extrai da terra como à prata e me adquire como a um tesouro, e seca-me as lágrimas dos olhos e não se mofa de minha vestimenta, que não me envenena a comida, que não profana meu leito com prostituição, e sobretudo o que não danifica meu corpo, que é muito delicado, e mais ainda quem não me danifique a alma, que é sem amargura na beleza e em que não há mancha, que não danifique meu trono, aquele por cujo amor

suspiro, em cujo fogo me derreto, em cujo perfume vivo, de cujo sabor me volta a saúde, com cujo leite me alimento e em cujo abraço todo meu corpo se dissolve e desaparece, dele serei o pai e ele será meu filho.

Sábio é o que contribui com júbilo a seu pai, a quem darei o lugar supremo entre os reis da terra e com quem em todo momento mantereí minha aliança; que renega de minhas leis e não parte de acordo com minhas ordens e não cumpre meus mandamentos, esse será afligido pelo inimigo e o filho da iniquidade far-lhe-á muito dano, mas quem quer que respeite minhas ordens não temerá a frieza da neve porque em sua casa terá objetos de linho e de púrpura.

E esse dia ele rirá, porque eu me sentirei satisfeito e minha glória aparecerá porque ele não comeu o pão do ócio. Por conseguinte os céus abrir-se-ão para ele e como o trovão ressonará a voz de que viu as sete estrelas em suas mãos, cujos espíritos são enviados a dar testemunho a todo mundo [sobre o Apocalipse].

Quem crê e foi batizado será bendito, mas o que não crê se condenará. O sinal dos que acreditaram e foram batizados quando o rei celestial os julgue é o seguinte: serão tão brancos como a neve sobre o monte Zalmon e como as plumas da pomba que resplandecem como prata e cujas asas são radiantes como o ouro. Ele será meu filho amado; olhem, porque sua forma é mais bela que qualquer das dos filhos dos homens, ele a quem o sol e a lua admiram. Ele tem o direito de amor, e nele os seres humanos depositam sua confiança e sem ele nada podem fazer.

Que tenha ouvidos para ouvir ouvirá o que o espírito da sabedoria diz ao filho sobre a doutrina das sete estrelas por cujo intermédio se realiza a obra sagrada. Sobre estas fala *Sénior* da seguinte maneira em seu capítulo sobre o sol e a lua: «depois de que tenham distribuído estes sete [metais] através das sete estrelas, e os tenham atribuído às sete estrelas, e limpado nove vezes até que pareçam pérolas, esse é o estado de brancura (*a albedo*)».

Dar-lhes-ei um breve comentário para que não fiquem sozinhos com a surpreendente impressão deste capítulo. Começa com alguém que se acha em estado de desespero. Às vezes parece como se fora o autor, mas às vezes dá melhor impressão de que fora a Sabedoria de Deus, o ser feminino, e então, depois de um processo, o capítulo termina com a enunciação de que algo foi branqueado, de que se chegou à etapa do embranquecimento.

Quer dizer que, partindo do elogio de uma personificação do inconsciente que irrompeu no âmbito consciente do autor, o texto se converte agora em um esforço por descrever um processo, uma seqüência de acontecimentos. Já verão vocês nos capítulos seguintes como isto acontece constantemente. Cada capítulo inicia-se com um estado negro e caótico, e termina com uma nota positiva. Portanto, o autor está agora começando a digerir a experiência na forma de um processo. Antes descreveu o impacto do que lhe acontecera; agora tenta expressar o que acontece, mas o único que pode fazer é começar uma e outra vez a explicação e terminar da mesma maneira.

Poder-se-ia dizer que agora tenta ver de todos os ângulos possíveis o significado da experiência.

É o que passa quando um se vê primeiro afligido pelo inconsciente; depois sobrevém uma inflação, logo ri de tudo isso, mais tarde recupera o equilíbrio e diz-se que deve enfrentá-lo e atrás disso começa a refletir e tenta descrever como começou, o que aconteceu e qual foi o resultado. Quando começamos a recuperar a consciência, ao princípio não podemos dar mais que um traço, mas depois, quando estão um pouquinho mais conscientes, começam a repetir historicamente o que aconteceu.

Por exemplo, se for um episódio psicótico, as pessoas dirão que ao princípio se sentiam cansados e depois apáticos e então ouviram uma voz e logo depois... o que lhes passara. Assim podem voltar atrás e digerir o acontecido. Aqui a experiência foi tão fascinante e tão entristecedora que São Tomas usa sete capítulos para ruminar o mesmo processo, descrevendo-o sempre de um ângulo diferente; é o comportamento típico de alguém cuja psique se viu aniquilada pela invasão de um conteúdo do inconsciente.

É o mesmo mecanismo que se vê em escala menor quando tivemos alguma experiência que comove, um acidente de carro na rua, por exemplo. Contaremos pelo menos três vezes esse mesmo dia, precisamos narrá-lo uma e outra vez. Mediante a repetição, a comoção se assimila, e portanto se sofremos um impacto psicológico tende a digeri-lo por repetição até que integrou todos seus aspectos e recuperou o equilíbrio. É o que acontece aqui. O mesmo aconteceu a São Nicolas de Flüe, que depois de ter sua aterradora visão da Divindade tentou digeri-la pintando-a e explicando à várias pessoas, uma e outra vez, até que conseguiu assimilar o impacto. Até sua morte, o único que lhe preocupou a partir desse momento foi a assimilação da comoção produzida por sua visão de Deus.

Tenho um analisando, uma mulher que tem tremendas experiências da Divindade, que me perguntou outro dia quantos anos necessitaria para as digerir. Respondi-lhe que imaginava que necessitaria pelo menos dez anos. «Tanto?», perguntou-me. Ficou pensativa e depois me disse que provavelmente eu tinha razão. A gente não pode digerir imediatamente uma experiência assim, e neste caso significa que cada vez que volto a vê-la temos que falar de um ângulo diferente. Isso não é nada anormal. É o normal em uma situação excepcional.



FIGURA Sem Número



61 La *prima materia*, o *massa confusa*, una nube negra y caotica, un estado de confusion consciente tipica del comienzo tanto de la obra alquimica como del proceso de individuacion

FIGURA 61

Oitava conferência: *AURORA CONSURGENS*

Como recordarão, li à vocês brevemente o texto da primeira chamada parábola, que começa de forma muito diferente dos cinco primeiros capítulos. Estes se ocupavam da aparição de uma personificação feminina da Sabedoria de Deus, que aparecia ao autor de forma avassaladora. Pelas diferentes formas em que a descrevia, deduzimos que ao princípio São Tomas se sentiu muito afligido e depois se identificou com a imagem e sofreu uma ligeira inflação, dizendo que agora falaria delas às pessoas e coisas assim. Depois a inflação se converteu em uma espécie de desdém pelos não iniciados, por aqueles que não sabem e que não entenderam, e logo saiu da inflação para cair em um estado plano prosaico.

Então descreveu a mesma experiência mas de maneira bastante prosaica, o que é típico das pessoas que voltam para a superfície depois de ver-se arrastadas a inundar-se no inconsciente; há uma espécie de desilusão de todo o assunto, que compensa a inflação. Isto se faz muito mais óbvio depois de um intervalo psicótico interrompido com o Largactil ou *electroshock*, ou com algum tipo de medicação

física.

Na parábola que lhes li a última vez, o próprio autor entra no quadro. Antes, escrevera no estilo de uma regozijada e pomposa anunciação da verdade, típica da identificação com os conteúdos do inconsciente, o que explica que o use na literatura religiosa primitiva, em certo tipo de poesia e neste documento. Agora vejamos o efeito que aquilo teve sobre o autor.

De longe vi uma grande nuvem que sombreava a terra inteira de negrume; absorvera a terra que cobria minha alma, as águas entraram em minha alma, que se corrompera por obra do aspecto do mais baixo dos infernos e a sombra da morte porque a inundação me alagara. Então os etíopes se inclinaram ante mim e meus inimigos me lambeirão o pó. Nada está são em meu corpo, e pelo aspecto de meus pecados meus ossos se assustam. Gritei toda a noite até cair; minha garganta está rouca. Quem é o homem que vive entendendo, e quem salvará minha alma da mão dos infernos...

Quando diz que viu uma grande nuvem negra, a gente sente que deve ser o autor que de cima vê a nuvem negra que cobriu a terra. Entretanto, mais adiante essa pessoa, que pergunta quem é o homem que pode salvá-la, é a Sabedoria de Deus. Uma das coisas mais interessantes neste texto é que o «eu», como se vê pelo contexto, em uma linha é o autor e duas linhas depois a Sabedoria de Deus. Quer dizer que há uma autêntica confusão e vemos como o autor se identificou com a Sabedoria de Deus e cai no inconsciente.

Primeiro vê como se abate sobre a terra a nuvem negra que cobre tudo. A nuvem negra é um conhecido símbolo alquímico do estado ao que se chama *nigredo*,



FIGURA 62

o negrume que com muita freqüência é o primeiro que acontece no *opus*; se destila, o material se evapora e durante um momento não se vê nada mais que uma espécie de confusão ou nuvem, que o alquimista comparava com a terra quando a cobre uma nuvem negra.

Na linguagem da antigüidade, a nuvem também tinha um duplo significado, já que às vezes a comparava com a confusão ou com a inconsciência. Há muitos textos herméticos tardios onde se diz que à luz de Deus não a pode encontrar antes de sair da nuvem negra da inconsciência que cobre às pessoas e que é a conotação negativa com que freqüentemente tropeçamos na linguagem religiosa. Na linguagem cristã, à nuvem produz o diabo que está no norte, e cujas narinas exalam constantes nuvens de confusão e de inconsciência que se dispersam pelo mundo. Mas à nuvem encontra-se também em primitivos textos medievais com uma conotação positiva, quer dizer, como o aspecto desconhecido e desconcertante da Divindade.

Provavelmente alguns de vocês conheçam *The Cloud of Unknowing* [*A nuvem do desconhecer*], um texto místico medieval que descreve o fato de que quanto mais se aproxima a alma do místico à Divindade, quanto mais obscuro e mais confuso se sente este. Os textos como este dizem, efetivamente, que Deus vive na nuvem do desconhecer, e que é necessário que alguém se despoje de qualquer idéia, de qualquer concepção intelectual, antes de poder aproximar-se daquela luz que está rodeada pela escuridão de uma total confusão. Aqui a nuvem tem o mesmo duplo significado: descreve um estado de confusão total, de infelicidade completa, que ao mesmo tempo é o começo da obra alquímica.

O aspecto do mais profundo dos infernos e —como se diz pouco depois— o aspecto de seus próprios pecados assustaram ao autor, e atrás disso se faz menção dos etíopes. Isto se refere ao Salmo 72: 9, que fala de vitórias sobre os inimigos e de que os etíopes se inclinam ante os israelitas. Mas aqui o etíope tem, é óbvio, um significado clássico, que aparece também muito temporariamente na alquimia grega, e representa a *nigredo*.

Recordarão vocês que em um dos textos gregos já apareceu antes a terra etíope. Etiópia era o país cujo povo carregava com a projeção coletiva de uma total piedade e ardor religioso por uma parte, e pela outra, aos etíopes os considerava pagãos inconscientes. Aqui na alquimia, Etiópia é com frequência o símbolo da *nigredo*, e é óbvio o que isso significaria em linguagem psicológica, já que não é muito diferente da forma em que os negros aparecem ainda hoje no material inconsciente dos brancos, quer dizer, como o homem primitivo e natural em sua ambígua totalidade. O homem natural que há em nós é o homem autêntico, mas é também o que não se ajusta às pautas convencionais, e o que em parte está muito movido por seus instintos.

Os etíopes aparecem nesta *nigredo*, e depois está a questão: «Quem é o ser humano de entendimento que me salvará da mão dos infernos?», e esse mesmo ser afogado, de quem alguém se imaginou primeiro que era o autor, mas que depois resulta ser a Sabedoria de Deus, diz: «A quem me ilumine lhe darei a vida eterna, ele receberá do lenho da vida que está no Paraíso e compartilhará meu trono em meu reino», e por esse estilo. Depois vem a passagem que lhes li a última vez: «que não se burle de mim e não me faça mal e não



FIGURA 63

profane meu leito», depois do qual vem a declaração de amor.

É o próprio Cristo, assim que Cristo é Deus, quem promete compartilhar Seu Reino, de modo que devemos chegar à conclusão de que a pessoa que fala —e os adjetivos que aqui se referem ao «eu» são sempre femininos— é a Sabedoria de Deus, em absoluta identidade com Deus e com Cristo, que fala da escuridão da *nigredo* e pede socorro, clamando por um ser humano que salve sua alma dos infernos. Isto nos demonstra o tremendo giro que se produziu, porque de repente é a Sabedoria de Deus quem pede auxílio das profundidades da terra, e quem necessita que um ser humano a saque da escuridão. Primeiro aparecia como um fator entristecedor e divino que vinha de cima, e agora clama debaixo como um ser feminino necessitado que necessita a compreensão da alma humana.

Estas é uma das passagens mais surpreendentes e exemplifica o que Jung descreveu também em *Psicologia e Alquimia* como um dos grandes temas mitológicos do pensamento alquímico, quer dizer, a idéia de que a alma divina, ou a Sabedoria de Deus, ou o *anima mundi* —uma espécie de figura

feminina— desprende-se do homem original, de Adão original, cai na matéria e então deve-se resgatar.

Possivelmente vocês recordem que Jung explica que isto representa o que acontece quando algo se projeta, quer dizer que está a idéia arquetípica do homem divino, ou da Divindade feminina, e esse arquétipo é projetado na matéria, o que de fato significa que a imagem cai na matéria. Esta classe de mitos amplificam o que os alquimistas não sabiam conscientemente ou sabiam só em parte: que na realidade estavam em busca do inconsciente, ou da imagem da Divindade feminina, ou da experiência do homem divino na matéria. Isso era o que procuravam, como tentei explicá-lo com o texto alquímico grego.

Isso corresponderia a um homem moderno que conhece uma mulher, sente-se muito atraído para ela e então sonha que uma imagem da deusa a penetra. A imagem da Divindade antes levava ele dentro, e agora entrou nessa mulher. Assim é como o inconsciente trabalha com uma projeção; não é nada que façamos, nem sequer algo do que nos damos conta, mas simplesmente nos acontece, e com frequência sonhos assim demonstram que houve uma projeção. Aqui a imaginária alquímica diz que isso aconteceu e que o alquimista está, inconscientemente, procurando uma figura assim.

Na religião judia, como vocês sabem, este processo se iniciou já, porque, embora do começo não houve uma deidade feminina, a expressão hebréia que designa o caos primitivo é: «Tohu wa bohu», que na realidade é uma alusão ao Tiamat, a divindade feminina babilônica. Poder-se-ia dizer que na tradição judia a grande deusa mãe não aparece personificada na Bíblia, mas sim só existe em forma oculta nestas poucas alusões.

O feminino reapareceu na fantasia gnóstica tardia da Sabedoria de Deus, mas na Bíblia só aparece um aspecto divino sublime desta deidade feminina, e o aspecto feminino da Divindade não está adequadamente representado na tradição judeu-cristã. Há umas poucas alusões obscuras a uma sombria massa-mãe caótica e subterrânea, que é idêntica à matéria, e a uma figura feminina sublime que é a Sabedoria de Deus, mas inclusive ela foi eliminada do



FIGURA 64

cristianismo, porque Deus declarou idêntico ao Espírito Santo ou à alma de Cristo, e da matéria se supunha que se regia pelo diabo.

Esta pronunciada carência de uma personificação feminina do inconsciente foi compensada, por conseguinte, pelo materialismo radical que pouco a pouco se deu procuração da tradição cristã. Poder-se-ia dizer que virtualmente nenhuma religião se iniciou com um acento espiritual tão unilateral e tão elevado para terminar —se se pensa no comunismo como a forma final da teologia cristã— em um aspecto materialista tão absolutamente unilateral. A oscilação de um extremo ao outro é um dos fenômenos mais surpreendentes que conhecemos na história da religião; deve-se ao fato de que no começo houve uma falta de consciência, uma atitude desequilibrada para o problema da deidade feminina e por conseguinte da matéria, porque a Divindade feminina em todas as religiões projeta-se sempre na matéria e liga-se com o conceito de matéria.

Ontem, sem ir mais longe, tive isto em mãos é uma espécie de digressão, mas é muito interessante— um livro de Hans Marti, *Urbild und Verfassung*, que se poderia traduzir como *Arquétipo e constituição*. Marti demonstra que desde que o homem concebeu pela primeira vez a constituição de um estado democrático — preocupa-lhe em especial a constituição da Suíça— produziu-se uma mudança secreta do conceito patriarcal do Estado —o Estado jurídico, o Estado como conceito jurídico, uma espécie de espírito paterno— ao que ele chama o Estado de Bem-estar. A democracia da Suíça em seu começo, digamos até os últimos cinquenta anos [recorde-se que estas conferências são do ano 1959],

esteve administrada principalmente por um Clube formado por homens —vocês sabem que na Suíça as mulheres ainda não podem votar [o direito de voto concederam-lhes em 1971]— e a base da Constituição era certo número de leis, cujo principal objeto era garantir a liberdade do indivíduo, a liberdade religiosa, o livre acesso à propriedade e outras propostas semelhantes.

Neste esquema infiltrou-se pouco a pouco, como o demonstra belamente Marti, outra idéia, a do Estado de Bem-estar, um arquétipo materno em que o Estado tem que se ocupar da saúde das pessoas, de seu bem-estar material, as pensões à velhice e assuntos desse tipo. Marti assinala com clareza que isto é uma mudança, que o Estado já não é o pai, mas converteu-se na mãe, e em sua condição de tal, interessa-se pelo bem-estar físico de seus filhos. O autor demonstra como, de acordo com a lei a Suíça, o Estado tem agora o direito de impor certas regulamentações à posse de terras, com o fim de proteger as zonas agrícolas, por exemplo.

Faz alguns anos, o Estado assumiu o controle dos direitos sobre as águas —a água é um símbolo feminino— a fim de proteger ao povo, porque, ao voltar a água tão poluída e insalubre, o Estado adquiriu o direito de promulgar leis dirigidas a combater as epidemias. Se houver, por exemplo, alguma classe de praga, ou um foco de raiva, o Estado pode promulgar regulamentações que antes não existiam. Antes a humanidade não estava tão interessada pelo bem-estar físico e material do povo. Morriam de peste, ou mordidos pelos cães raivosos, isso era uma parte não muito importante da vida; a ênfase ficava na liberdade espiritual, enquanto que se descuidava bastante o bem-estar físico. Durante os últimos cinquenta ou sessenta anos, o bem-estar físico converteu-se gradualmente em uma preocupação estatal importante, e com isso chegou por etapas a ser cada vez mais portador da projeção da mãe, e menos da imagem do pai. Lentamente e sem adverti-lo, deslizamo-nos para uma situação matriarcal.

Marti mostra como é que estão em jogo certos fatores emocionais, como a gente concebe ao Estado



FIGURA 65

de uma maneira vagamente arquetípica e, a partir desse ponto de vista, vota por certas leis. Mas o que parece ser evidente, quer dizer, que o Estado deveria cuidar de seus filhos, na realidade é a projeção da imagem da mãe, e isso não é evidente. O autor termina seu livro de maneira muito inteligente, dizendo que deveríamos tomar consciência do que é o que projetamos sobre o Estado e iniciar uma verdadeira *Auseinandersetzung* ou confrontação, e não trocar nossas leis pela mera projeção de uma imagem materna.

Este livro descreve um pequeno aspecto de um lento giro que em grande escala produziu-se em toda a civilização cristã, e que poderíamos considerar como um retorno secreto e não muito visível ao matriarcado e ao materialismo. Esta *enantiodromia* tem a ver com o fato de que a religião judeu-cristã não enfrentou de forma verdadeiramente consciente com o arquétipo da mãe, mas sim até certo ponto excluiu a questão. É bem sabido, além disso, que quando o Papa Pio XII declarou [1950] o dogma da *assumptio Maria* seu objetivo consciente era ferir o materialismo comunista elevando a objeto de culto na Igreja católica, por assim dizê-lo, um símbolo da matéria, com o fim de desinchar as velas da nave comunista. Há implícito algo muito mais profundo, mas essa foi sua idéia consciente, quer dizer, que a única maneira de combater o aspecto materialista seria elevar a uma posição superior o símbolo da Divindade feminina, e com ele a matéria. Posto que o que se eleva ao Céu é o corpo da Virgem Maria, o acento está posto no aspecto material físico.

Aqui temos a imagem da Divindade completamente caída na matéria, de onde reclama socorro. Se tomarmos como o drama pessoal de nosso autor, o que significaria isto?

Resposta: Que o *anima* se perdeu no mundo material, porque ele não tinha relação com ela.

M. L. von Franz: Sim, devemos tirar a conclusão de que este autor não tinha relação com o princípio feminino antes. É de todo óbvio pelo texto que é homem de igreja, e imagino que tinha um complexo materno negativo e por essa razão, ou por alguma outra, não tinha relação com o princípio feminino, o que significa nem com seu próprio aspecto feminino nem com as mulheres. Em um caso assim se produziria um influxo entristecedor da Divindade feminina.

Há um paralelo surpreendente com o famoso místico Jakob Boehme, que como vocês sabem era muito pobre, um barqueiro, e em alguma medida um caso fronteiro, mas que tinha as mais tremendas experiências religiosas e era capaz de expressá-las em seus difíceis escritos. Este homem era um intuitivo introvertido do tipo profético. Seu matrimônio foi muito desventurado, uma relação em que não havia mais que ódio e desprezo recíprocos, coisa compreensível por ambas as partes, já que sua esposa, que era uma mulher prática, pensava que melhor faria ele em remendar sapatos e ganhar dinheiro que em escrever livros sobre o Espírito Santo, enquanto ela e seus seis filhos não tinham nada que comer. Por isso lhe montava constantemente cenas, dizendo que deveria ocupar-se de dar de comer a seus filhos em vez de escrever livros sobre a Divindade.

Ele, por outra parte, sentia —bem naturalmente— que ela era uma mulher mundana e uma carga para ele, alguém que obstaculizava sua criatividade espiritual. Era uma dessas tragédias clássicas.

Boehme rechaçou completamente o feminino —refiro-me a que não tinha para isso mais que uma atitude negativa— até as últimas fases de sua vida. Pouco antes de sua morte, viu-se subitamente afligido por completo pela imagem da Sabedoria de Deus, a *sophia*, essa mesma imagem, e deixou um texto no qual elogiava essa figura nos termos do mais apaixonado êxtase; a tal ponto que é inclusive bastante desagradável, porque em sua canção de amor à Sabedoria de Deus ressona uma fortíssima nota sexual e percebe-se toda a lama que antes fora rechaçado e que emerge à superfície com esta grande experiência.

Suponho que nosso autor encontra-se em um estado similar; que não tivera relação alguma com o princípio feminino e agora se vê aniquilado por ele, em sua forma mais entristecedora. Essa seria uma compensação típica do escárnio e do desprezo que até então deveria sentir pelo feminino. Em casos assim, o inconsciente irrompe com uma ênfase tão tremenda que já não é possível seguir evitando-o.

O que para a consciência é chegar à compreensão de uma imagem arquetípica, para esta é, em troca, uma grande queda. Imaginem ao eu com seu campo de associações, como uma aranha em seu tecer. Quando a imagem arquetípica aproxima-se do campo da consciência, isso é para o eu um estado de grande iluminação, de júbilo e outros sentimentos positivos como vimos nos cinco primeiros capítulos de nosso texto, mas para o pobre arquétipo é precisamente o oposto, porque se despenha em algo muito pequeno e muito inadequado. Por conseguinte, visto de um lado, o episódio é uma grande realização, um lucro, e do outro, uma queda muito grave.

Muitos mitos da criação descrevem a criação do mundo como a Divindade que cai do Céu, como o exemplifica também tipicamente um sonho de Gérard de Nerval, um poeta francês cujo livro *Aurelia* descreve o começo de sua própria psicose. Um dos sonhos mais aterradores que teve durante essa época foi que ia ao pátio traseiro de um típico hotel de Paris, cheio de velhos recipientes de lixo onde os gatos reuniam-se a comer. Esses pátios sombrios encontram-se por toda parte em Paris. Em um pátio assim, no fundo de seu hotel, De Nerval viu com horror a um anjo de Deus, uma tremenda e imponente figura arquetípica, com as asas multicoloridas, que caíra no pátio e estava entupido naquele restrito espaço.

Pelo que o poeta deu-se conta subitamente com horror foi de que se o anjo queria liberar-se, se fizesse um mínimo movimento, todo o edifício derrubar-se-ia, o que para ele significaria o começo de sua esquizofrenia, que com efeito se iniciou pouco depois. Sua concepção da vida era muito estreita em comparação com seu gênio. De Nerval tinha um grande gênio inconsciente, tal como o punha de manifesto o anjo, e seu conceito da vida era exatamente o do racionalista francês típico de Paris e de seus sórdidos pátios. Sua mentalidade consciente não se adequava, pois, a sua autêntica feitura humana nem a seu próprio destino íntimo.

É muito freqüente que a razão da esquizofrenia não seja tanto a invasão do inconsciente, mas sim isso acontece a alguém que é muito estreito, seja mental ou emocionalmente, para essa experiência. Para a gente que não tem uma mentalidade ampla nem tampouco a generosidade e o coração que se

necessita para abrir-se ao que venha, a invasão é demolidora.

A vida de Gérard de Nerval é um exemplo muito claro: apaixonou-se por uma moça e foi preso dos sentimentos mais emocionais e românticos, mas em vez de aceitá-los rebelou-se contra eles, dizendo-se: «*C'est une femme ordinaire de notre siècle*» —é uma mulher vulgar de nossa época— e fugiu dela. Depois se sentiu extremamente culpado, mas ela não o perdoou. Sua consciência culpada provinha do fato de que o poeta fugia de seus próprios sentimentos. Durante essa época foi quando sonhou com o anjo, mostrando que sua idéia estreita, racional e atrasada da vida e do amor não estava à altura de sua experiência, pelo qual ao fim terminou enforcando-se.

Só menciono este sonho como exemplo do fato de que o que em nível consciente se vê como uma realização do arquétipo, para o arquétipo é um precipitar-se na matéria. É o mesmo que acontece no ensino teológico com a *kenosis* de Cristo, que se refere à citação bíblica em que Cristo se desprende de sua plenitude para descer como servidor a encarnar-se em um homem. Sobre isto edificaram os teólogos a teoria de que Cristo era idêntico a Deus Pai e ao Espírito Santo, que vivia em plenitude e expansão no Céu e que foi um tremendo autosacrifício esvaziar-se e reduzir-se à dimensão humana para encarnar-se. Aquilo, de Seu lado, era uma humilhação e um menoscabo de sua condição. Como arquétipo, seria a Divindade, o *logos*, que ingressava na miserável vida humana, mas para a humanidade foi uma revelação da luz de Deus.

Não é o único caso. Toda vez que um arquétipo aproxima-se da realização humana, isso significa uma grande diminuição para o arquétipo, o que explica as visões e sonhos catastróficos da queda de um ser divino sobre a terra. Como se pode ver muito claramente pelo caso de Gérard de Nerval, em ocasiões assim o entendimento é o fator essencial. Se ele entendesse o que era que lhe aproximava quando teve aqueles sentimentos tremendos e aquelas fantasias de jovem que amava, não perderia a cabeça, mas pareceu-lhe que tudo eram loucuras e estupidez que teria que reprimir, e o resultado foi a catástrofe.

Em nosso texto, a queda Sabedoria de Deus clama por um ser humano de entendimento que a resgate. Pergunta onde está o ser humano que vive e está disposto a entendê-la, e promete a vida eterna a essa pessoa: àquele a quem ela ama e em cujo abraço todo seu corpo funde, tudo isso. Assim se entrega a uma apaixonada declaração de amor ao desconhecido que a entenda e que a resgate da matéria.

Depois há uma virada do mais surpreendente, posto que diz: «Ele, em cujo abraço todo meu corpo se funde, de quem serei o pai e que será meu filho» tirou-se de Hebreus 1:5, como vocês provavelmente sabem, e é o que Deus disse a Cristo. Quando se lê o texto é fácil passar por cima estas alusões estranhas, mas aqui a Sabedoria diz claramente que ela mesma é Deus Pai e que quem quer que a salve é o filho do próprio Deus. Esta oração é a chave de tudo o que segue no texto. A Sabedoria de Deus é simplesmente uma experiência do Próprio Deus, mas em Sua forma feminina, e o amado prometido desta aparência feminina de Deus é o autor que substitui a Cristo e chega a ser como Cristo.

O próprio Cristo predisse que mediante a difusão do Espírito Santo muitos fariam obras maiores que Ele, apontando à idéia da semelhança a Cristo de cada indivíduo. Cristo não foi o único caso da encarnação de Deus, mas por mediação do Espírito Santo isto continuaria e se difundir entre muitos, e cada indivíduo, em certa medida, converter-se-ia em Cristo e seria por conseguinte deificado. Isso o predisse na Bíblia o próprio Cristo, mas na interpretação teológica não lhe fez caso porque é um enunciado pouco feliz e não quer dizer, nem mais nem menos, mas sim cada indivíduo humano poderia, potencialmente, viver o mesmo destino de Cristo e ser idêntico à Divindade.

A teologia medieval não fez caso deste aspecto nem o tirou a luz; ficou com muito cuidado em não falar dele porque não é outra coisa que o processo de individuação. Significa que seguir a Cristo não é seguir regras externas, não é uma imitação do de fora, mas sim é assumir cada um em sua própria forma a total experiência de Cristo: passarmos nós mesmos pelo mesmo processo, em sua totalidade. Como isso era muito difícil, ou não estávamos à altura de semelhante tarefa, não se fez conta, e por isso reaparece aqui como uma pressão inconsciente na forma de Deus, que, assim que mulher, escolhe como seu prometido a um ser humano, a um humano que a entenda. Como diz o texto, esta é a relação de Deus Pai com Deus Filho.

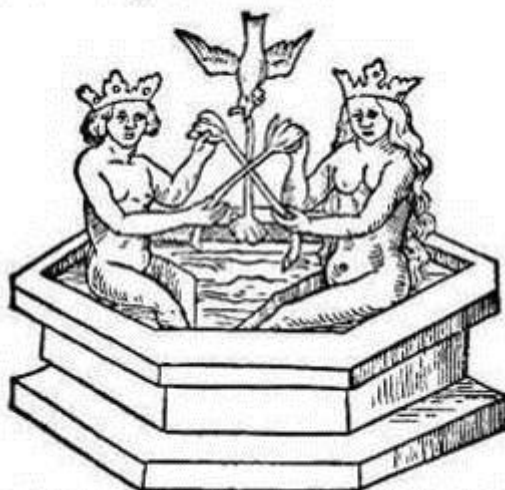
Ela diz então que se pode encontrar um noivo assim lhe aparecerá em sua glória e se manifestará em toda sua beleza, e neste contexto cita a aparição de Deus ao final dos dias, como no Apocalipse. Também se compara ela mesma com uma pomba, reluzente como prata. O texto termina, bastante claro e sinceramente, com as palavras: «e tudo isto é que simplesmente a gente tem que lavar a substância nove vezes até que tenha a aparência de pérolas, e isso é o branqueamento». Aqui há um retorno súbito à linguagem puramente química, que diz que na prática toda a experiência indica que alguém tem que lavar as estrelas, como diz o texto, até que estejam brancas como pérolas.

Quero comentar brevemente a parte que segue: Quem tem ouvidos para ouvir, ouvirá o que o espírito da ciência diz aos filhos da doutrina sobre as sete estrelas por cuja mediação se cumpre a obra divina. *Sénior* diz em seu livro no capítulo sobre o sol e a lua: «Quando tiver distribuído esses sete com as sete estrelas e os tenha atribuído às sete estrelas e depois os tenha purificado nove vezes até que pareçam pérolas, isso é o branqueamento».

As sete estrelas foram mencionadas antes em nosso texto; são as sete estrelas que a Divindade sustenta em Suas mãos quando aparece no Apocalipse e nessa época se referiam naturalmente aos sete planetas.

Aos sete planetas atribuem-lhes os sete metais, e é costume em alquimia que os sete metais

Perfectum non alteratur, sed corrumpitur.
Sed imperfectum bene alteratur, ergo corruptio
unius est generatio alterius.



66. Inmersión del rey y la reina en el baño, con la paloma (espíritu) como símbolo unificador. Las imágenes alquímicas de lavar, limpiar, destilar

FIGURA 66

—estanho, cobre, chumbo, ferro, etcétera— sejam atribuídos aos sete planetas, mas são mais que isso; são, por assim dizê-lo, a mesma coisa que os sete planetas. O ferro é quão mesmo Marte e o cobre quão mesmo Vênus; no céu, por conseguinte, podemos chamar ferro ao terrestre Marte e cobre à Vênus terrestre, e assim sucessivamente. Naquele tempo era uma maneira comum de falar dos metais assim que as sete estrelas são realmente os sete metais, que há na terra, e estas estrelas terrenas, por sua vez, têm que ser destiladas e purificadas nove vezes, momento no qual se voltam completamente brancas, que é o processo da *albedo*.

Na literatura alquímica costuma-se dizer que o grande esforço e penúria continua da *nigredo* a *albedo*; diz-se que essa é a parte difícil e que depois tudo torna-se mais fácil. A *nigredo*, que é a negrume, a terrível depressão e o estado de dissolução, tem que ser compensada pelo duro trabalho do alquimista, e esse duro trabalho consiste, entre outras coisas, em um lavar constante; portanto no texto se menciona inclusive o trabalho das lavadeiras, ou a destilação constante, que se faz também com o propósito da purificação, porque o metal se evapora e depois se precipita em outro recipiente, retirando assim as substâncias mais pesadas.

A analogia psicológica estabelece-se evidentemente com a primeira parte difícil de uma análise onde terá que lavar a Vênus, o problema do amor, quão mesmo a Marte, o problema da agressão, e assim seguindo. Em geral, todos os diferentes impulsos instintivos e seu fundo arquetípico aparecem primeiro em uma forma perturbada na terra, quer dizer na forma de uma projeção: a pessoa ama ou odeia a alguém, ou tem um chefe que a deprime e não sabe como defender-se.

Se a projeção estivesse no exterior significaria que Marte cai na matéria: o princípio de agressão e tudo o que este abrange se aparece em fulano ou sicrano, ou Vênus cai nas desigualdades de uma relação amorosa e de suas dificuldades sexuais, e naturalmente o analisando quando vem pela primeira

vez diz à vocês que é isso, porque para ele a coisa está totalmente fora. Primeiro terá que tirar da matéria, assim que o analista lhe diz que deveriam deixar fora do assunto à senhorita tal e qual e olhar o que é que está passando no analisando.

Essa é a *prima materia* que terá que lavar e destilar constantemente, e daí que a primeira atividade do *opus* seja destilar, lavar e purificar, uma e outra vez. Aqui diz nove vezes, outros dizem quinze vezes, e alguns dizem dez anos. Na realidade é um processo muito longo e às vezes significa ensaiar interminavelmente o mesmo problema em seus diferentes aspectos. Por isso também nos textos alquímicos se alude sempre ao fato de que esta parte se pode alongar durante muito tempo e caracteriza-se por intermináveis repetições..., da mesma maneira que, infelizmente, uma e outra vez voltamos a cair em complexos que não foram resolvidos e que terá que voltar a olhar uma e outra vez. Mas mediante este duro trabalho a matéria branqueia-se.

A brancura sugere purificação, não estar já poluído pela matéria, o que aludiria ao que tecnicamente, e tão às pressas, chamamos retirar nossas projeções. E não é uma coisa fácil de fazer; é algo muito complicado e difícil, porque não é como se a gente entendesse o que projetava e então já não fizesse. Necessita-se um longo processo de evolução e de realização interior para retirar uma projeção. Quando a retirou, o fator emocional perturbador se desvanece.

Logo que se retirou realmente uma projeção, estabelece-se uma espécie de paz; alguém se tranqüiliza e pode contemplar a coisa de um ângulo objetivo. Pode-se considerar o problema ou fator específico de uma maneira objetiva e tranqüila, e possivelmente fazer com ele um trabalho de imaginação ativa sem estar constantemente dominado pelas emoções ou sem voltar a cair no matagal emocional. Isso corresponde a *albedo*. É, em certo sentido, a primeira etapa de um chegar a estar mais tranqüilo e mais desapegado, com um desapego mais objetivo e mais filosófico. A gente tem um ponto de vista *au dessus de la mêlée*; pode estar de pé no topo da montanha, observando a tormenta que há por debaixo, e que é óbvio ainda segue, mas que alguém pode olhar sem temor, ou sem sentir-se ameaçado por ela.

Então, o que o alquimista simbolizava com a idéia do branqueamento era que o material sobre o qual trabalhara, alcançara agora uma forma de pureza e de unidade, e que agora podiam iniciar o trabalho sintético. Depois que os metais foram extraídos por fusão dos minerais, é mister purifica-los, o que seria o trabalho analítico, e então pode começar a síntese química; um paralelo exato do que acontece em primeira análise com o aspecto analítico e depois com o sintético. A *albedo* caracteriza-se por algo maravilhoso porque, como dizem os alquimistas, a partir de agora a gente tem que cuidar simplesmente do fogo, mantê-lo vivo, mas a parte difícil do trabalho aparece. Só que, como verão vocês, o processo de passar da *nigredo* a *albedo* repete-se muitas vezes. Aqui o descreve sete vezes.

A parábola seguinte volta a começar com a *nigredo*, e de novo descreve a totalidade do processo até que volta outra vez a *albedo*; é a mesma coisa vista de um ângulo diferente, que é exatamente o que experimentamos. Quantas vezes, em análise, saiu-se um pouco do problema, sentindo-se realmente em

paz e em alguma medida em unidade consigo mesmo, de modo que parece que o pior passasse? Mas três semanas depois tudo volta a começar como senão se fez absolutamente nada. Requerem-se muitas repetições antes de que a experiência se consolide, até que ao fim a obra se mantém.



67 El alquimista medita durante el estado inicial de *nigredo*, que corresponde psicológicamente a la reflexión sobre sí mismo inducida por el conflicto y la depresión

FIGURA 67

Pergunta: Quando começaram os alquimistas a ter dúvidas sobre a projeção?

M. L. von Franz: Eu diria que nosso autor ainda não tem nenhuma dúvida. A dúvida apareceu pela primeira vez em final do século XV ou começo do XVI. Essa, naturalmente, não é uma maneira muito exata de formulá-lo, porque há alquimistas medievais inclusive depois do século XVI, mas alguns tinham dúvidas desde antes. Poder-se-ia dizer que, em geral, a dúvida iniciou-se na época do Renascimento, depois do qual o simbolismo alquímico converteu-se em uma alegoria, não já em uma autêntica experiência simbólica, e dos velhos textos fala-se alegoricamente.

Basilius Valentinus, por exemplo, e Michael Maier, e mais adiante os rosa-cruzes e a evolução dos franco-maçons são outros tantos exemplos. Os franco-maçons usam o simbolismo, quão mesmo os rosa-cruzes, mas para eles é uma alegoria. Explicam de uma maneira totalmente racional o que significa cada coisa; outros continuaram por linhas químicas, mas sem falar de coisas tais como a noiva e o noivo, ao que pontuavam de linguagem florida.

Outros usavam linguagem simbólica, mas sem referência à química. Ali se poderia dizer que havia uma projeção, porque agora se incorporou o elemento de dúvida. Na realidade já não acreditavam que a coisa se tivesse que encontrar na matéria, ou acreditavam só pela metade, ou o fingiam ante si mesmos, mas não era uma atitude limpa, e por isso se produziu o que tanto descrédito causou à alquimia, quer dizer o estilo desagradavelmente jactancioso e meio religioso do fazedor de ouro. Neste

texto há uma inflação, mas não há charlatanismo, enquanto que nos escritos de Basilus Valentinus há um estilo arrogante do fazedor de ouro. Mas Gerhard Dorn, de fins do século XVI, continuava um alquimista autêntico. Eu diria que foi por então quando se expôs a primeira dúvida. Aqui está ainda o que do ponto de vista deles chamaríamos uma identidade arcaica: a Sabedoria de Deus realmente estava na matéria, e essa crença real produzia-se por mediação da identidade arcaica.

A segunda parábola refere-se à inundação e a morte causadas pela mulher e que ela volta a fazer desaparecer.

Quando a multidão do mar se tornou para mim e suas torrentes alagaram-me o rosto, e quando minhas flechas embriagaram-se de sangue e minhas celas perfumadas de vinho maravilhoso, quando meus celeiros se acharam repletos de trigo, e quando o noivo com as dez virgens prudentes entrarem em minha câmara nupcial, e quando meu corpo fora impregnado pelo toque de meu prometido, e depois que Herodes tenha matado a todos os meninos de Presépio, e Raquel tenha chorado a todos seus filhos, e quando a luz tenha saído da escuridão, e quando o sol de justiça tenha aparecido no Céu, então se terá completo o tempo, então Deus enviará a Seu filho, tal como o disse, a quem Ele fez herdeiro do universo e por mediação de quem criou o mundo e a quem em uma ocasião disse: «Você é meu filho, este dia o engendrei», a quem os três reis trouxeram dons preciosos.

Esse dia que o Senhor criou seremos felizes porque hoje Deus se compadeceu de minha tristeza, o Deus que reina em Israel. Hoje a morte gasta pela mulher foi desterrada por ela, e os ferrolhos dos infernos abriram-se. A morte já não governará e as portas do inferno não lhe oporão porque o décimo dracma que se perdeu foi encontrado, e a centésima ovelha trazida a casa do deserto, e o número de nossos irmãos entre os anjos cansados foi completamente restabelecido. Hoje, meu filho, deve ser feliz porque não haverá mais pranto nem dor, porque as coisas primeiras passaram.

Ao que tenha ouvidos para ouvir lhe deixe ouvir o que o espírito da doutrina diz aos filhos da sabedoria sobre a mulher que introduziu a morte e depois a afugentou, ao que os filósofos aludem da seguinte maneira: «leve sua alma e devolva-lhe porque a corrupção de uma coisa é a geração da outra», o que significa levar umidade que corrompe e incrementá-la mediante a umidade natural, e isso será sua perfeição e sua vida.

De novo, ao começo há uma catástrofe que se descreve como um dilúvio, e parte dela é a matança dos meninos em Presépio. Mas como vocês vêem, embora tudo volta a começar com a *nigredo*, e portanto com um desastre, o relato detém-se mais nos aspectos positivos. Está a descrição de uma união amorosa, do noivo que entra na câmara nupcial e da gravidez da figura feminina, e depois uma longa alusão, bastante convencional, ao nascimento de Cristo a quem os três Magos contribuem seus dons, e por fim o triunfo de que com esse nascimento fora vencida a morte.

Então, pode-se dizer que embora o processo repita-se já há um aspecto mais leve, que não se mencionou até então, quer dizer, que a catástrofe aconteceu no momento de um nascimento, que precisamente quando a *nigredo* estava no pior, no inconsciente, teve lugar um nascimento secreto.

Dentro da catástrofe, em meio da depressão e da confusão, nascia o novo símbolo do Si mesmo. Nascia no inconsciente, de modo que o autor não se deu conta ainda do acontecido, e só vagamente compreende que embora ele tenha caído nessa depressão terrível, e a figura do *anima* se precipitou à terra, algo nasceu.

Como vocês sabem pelos comentários do doutor Jung sobre o menino divino, quando nasce um herói —e o nascimento de Cristo não é exceção— há sempre um estalo das potências destrutivas. Por isso, se em uma pessoa há uma tendência suicida, esta sempre será mais forte no momento que poderíamos chamar a crise de cura. Em uma depressão profunda ou em uma confusão completamente esquizóide, só estranha e excepcionalmente é grande o perigo de suicídio, por mais que exista em certas circunstâncias. Mas se um caso assim chega quase a seu término, se estiver na soleira da cura, digamos, então existe freqüentemente



FIGURA 68

um perigo agudo de suicídio. Então devem vocês vigiar dia e noite o caso, como bem se sabe nos asilos.

Naturalmente, isto não é mais que um exemplo extremo de algo que também é válido em um nível menos dramático no trabalho analítico, e que é o que eu chamo o ataque final do diabo. O diabo vê que perde a partida e lança um último ataque desesperado. É o mesmo quando em seu combate com um *animus* destrutivo a mulher começa lentamente a defender-se e a brigar com ele, mas a batalha ainda não está ganha porque ele ronda à volta da esquina; o diabo não foi de todo expulso e possivelmente ainda põe um pouco mais de fogo na coisa e então lança um ataque final, que costuma a ser tão mau que parece como se tivesse que começar tudo de novo porque as coisas estão tão mal como ao princípio: tudo se perdeu e o diabo segue tão furioso como em qualquer outro momento.

Em geral, este é um sinal muito bom, porque significa simplesmente que agora o inferno perde seu poder e, portanto, há um último ataque, o diabo esgota suas últimas munições. Despedir-se de uma atitude neurótica é algo muito triste, e ninguém saiu nunca dela sem sentir-se triste, porque infelizmente uma neurose é um estado com o qual alguém se afeiçoa, e dói separar-se dela. Por isso quando chega à etapa final, em que, de uma vez por todas, é necessário dizer adeus a certo infantilismo ou a uma opinião do *animus* e coisas semelhantes, sempre há alguma forma de crise. É o que a mitologia ilustra com o fato de que quando nasce o menino salvador, todos os poderes da escuridão atacam com mais força que nunca, e em nosso próprio mito cristão o vemos na forma da matança dos inocentes em Belém. Como é lógico, o menino divino sempre se salva; é a última irrupção das trevas contra algo já tão poderoso que, até sendo recém-nascido, já não o pode suprimir.

Aqui o autor o exemplifica dizendo que é a luz nascida na escuridão. Recordarão vocês que ao final da carta de amor, a do *Sénior*, do sol à lua, dizia-se também que a luz nascia na total escuridão, quando Deus enviava Seu filho, e depois vinha o que poderíamos chamar a adoção de Cristo por Deus. Quando São João Batista batizou Cristo, os céus abriram-se e desceu a pomba e a voz de Deus

333

disse: «Este é meu filho amado em quem me regozijo». Nesse momento fez-se manifesto que Cristo era o filho de Deus.

Aqui Deus é feminino, está representado pela Sabedoria de Deus, e o filho é o autor. Então é uma repetição da vida de Cristo, mas é o autor que se aceitou como o filho pela Sabedoria de Deus, o que significa que a figura arquetípica que irrompeu o adotou como filho. Ele converte-se em filho da Sabedoria de Deus, e depois sintetiza a experiência dizendo que esta é a morte que a mulher atraiu e que a mulher expulsou.

Na alegoria oficial da Igreja a mulher que trouxe a morte ao mundo foi Eva, mediante a maçã do Paraíso, e a Virgem Maria afugentou a morte quando deu nascimento à Cristo. De modo que na tradição patriarcal há duas mulheres: Eva, que trouxe a morte a este mundo, e a Virgem Maria, que a afugentou. Nosso texto é excepcional para o século XIII assim que alguém se animou a dizer que a mulher que trouxe a morte ao mundo e a mulher que a expulsou dele eram uma e a mesma. Não há mais que uma mulher: Eva e Maria são uma.

Está tão confuso no texto que a menos que alguém o medite, poderia não advertir ou não dar-se conta do que o autor diz, mas isso é típico deste autor. Diz as coisas mais pasmosas e chocantes, mas em uma linguagem bíblica tão formosa que alguém se pergunta aonde aponta na realidade, e depois se dá conta das coisas terríveis que diz, de um ponto de vista medieval.

Acredito que isso se deriva do fato de que falava inconscientemente; estava afligido pela imagem do inconsciente e proclamava sua verdade compensatória sem dar-se conta cabal da enormidade do que dizia. Limitava-se a sentir sua própria experiência, que uma imagem de uma mulher que ele considerava a Sabedoria de Deus o matara e depois o devolvera à vida, e por isso a descreve

como a mulher que introduziu a morte e que depois restaurou a vida. E o amplifica em linguagem puramente química ou alquímica ao dizer: «Leve sua alma e devolve sua alma. Leve a umidade destrutiva e nutre-a com a umidade natural e isso será a perfeição».

A *extractio animae*, a extração da alma, significa em linguagem química uma destilação. Se se evaporar uma substância química, toma uma forma de vapor; isso é sua alma, e se torna a precipitar ou a coagular, então retorna ao corpo. O símile é óbvio. Também intervém o símile da umidade, porque mediante o fogo a umidade corruptível tem que se destilar, e então, verte-se a umidade vivificante.

O processo foi descrito em outros textos alquímicos, por exemplo, dizendo que terá que reduzir tudo à cinzas, a substância mais seca que existe. Se alguma vez jogaram vocês água sobre cinzas já saberão quanto pode absorver, de modo que dizem que tudo tem que se reduzir à cinzas para assegurar-se de que até a última partícula de umidade destrutiva abandonou a substância; então se tem que verter sobre elas água pura, para as devolver à forma sólida.

Verter água sobre às cinzas pulverizadas estaria nutrindo-as com água de vida. Isso corresponde a nosso trabalho analítico, porque de fato é o que fazemos quando expulsamos a umidade corruptível, que em linguagem prática significa todos os tipos diferentes de inconsciência, todos os pontos de cegueira e inconsciência que obstaculizam a existência. Nem sequer sabemos de quantas maneiras obstruem-nos a plenitude da vida nossos supostos ou sentimentos inconscientes. Isso é algo mais óbvio para a outra pessoa que para o indivíduo afetado, mas se encontrar de repente um desses pontos inconscientes em outra pessoa, esta última dirá: «Mas eu pensava...», porque há algo que acaba de supor ou por aceitar.

Por exemplo, há muitas pessoas que vivem muito abaixo de seu nível espiritual porque supõem que não são ninguém, e estão tão seguras disso que nunca lhes ocorre sequer questioná-lo. Parece-lhes tão evidente que nem lhes ocorreria falar disso com o analista, porque não acreditam que haja nada de que falar. Mas então, um dia um sonho descobre o que pensam, e ficam totalmente pasmas, porque acreditaram que na verdade não eram ninguém. Essa seria a umidade corruptível, um ponto de inconsciência que se infiltrou no sistema; no caso das mulheres, na forma de opiniões do *animus*, ou impulsos da sombra, ou o que for. É a tal ponto evidente que a um nem sequer lhe ocorre tirá-lo, e descobrir coisas assim é tarefa da análise dos sonhos. É todo um impacto dar-se conta de que alguém pensou sempre algo sobre o qual poderia pensar de diferente maneira.

Este é um dos milhares de exemplos possíveis do que significa a consciência corruptível. O sentimento inconsciente —ou o pensamento, em certa medida— é uma umidade corruptível que não advertimos, e o objetivo do *opus* é expulsar tudo aquilo, cozendo-o. Os sonhos assinalam o fato, e ao interpretar e integrar o que nos dizem liberamos lentamente essa umidade corruptível. Mas se seguirmos durante muito tempo, sobre-analisando-nos, perdemos certo momento muito decisivo no processo, que só deve ser contínuo durante certo tempo, porque se o continua muito perde espontaneidade.

É provável que vocês conheceram alguma dessas pessoas sobre-analisadas que perderam toda classe de espontaneidade na vida. Antes de que o saudassem sequer, dizem a um que sabem que lhe projetarão seu *anima*, ou lhe saem contando que odeiam a fulano e que estão seguras de que é uma projeção da sombra. Mas, por que não tem que lhe desgostar alguém a um? Sobre-analisar, continuar muito tempo o processo, cria uma segunda neurose, que é uma enfermidade muito geral e muito difícil de curar. Naturalmente, é também uma espécie de inconsciência. Portanto, poderíamos chamá-la segunda fase, o retorno à água de vida, o retorno à espontaneidade, o retorno a uma maneira de viver imediata, natural e espontânea sem esquecer-se do que alguém aprendeu.

Sair da água e sentar-se ao sol e depois ter que voltar a mergulhar na água é algo muito perigoso. Pode-se voltar simplesmente para cair no estado anterior, mas isso não tem nenhum mérito. Alguém deve retornar, mas mantendo a segunda forma de consciência analítica, mantendo a consciência da sombra e do *anima* e tudo isso. De modo que a segunda fase é a espontaneidade consciente na qual a participação da consciência não se perdeu, e isso é algo muito difícil, porque é mais fácil seguir sobre-analisando, ou voltar a deslizar-se no estado anterior de inconsciência.

Pergunta: Se a gente se sobreanalisa, a culpa não é do analista? Quero dizer, não lhes dá muitas interpretações sem deixar que o analisando faça seu próprio processo?

M. L. von Franz: Eu não diria assim. Acredito que isso poderia contribuir a um estado tão desafortunado, mas em geral, segundo minha experiência, não é essa a única razão.

Conheço analistas que são completamente passivos e se especializam em não interferir, e entretanto podem produzir analisandos sobre-analisados, porque isso o fazem eles mesmos! Porque o que era positivo em um princípio, quer dizer, a necessidade de descobrir o que acontece e de refletir sobre isso e de dar-se conta, experimenta-se como um pouco muito liberador. Os analisandos saíram de um problema graças à reflexão, e naturalmente, como aquilo começou teve essa qualidade liberadora, seguem com o mesmo e se equivocam de momento.

Eu inclusive acredito que é necessário que cada caso chegue a ter um período de sobreanálise, que essa é uma fase necessária do trabalho, uma etapa a que terá que chegar para que depois possa ter esse lugar retorno à consciência, quer dizer, o dar-se conta de que terá que voltar para a espontaneidade, e voltar para ela constantemente, porque de outra maneira um volta inconscientemente.

O alquimista Gerhard Dorn diz que o *anima* preso no corpo de um homem e ele tem que fazer um esforço mental para liberá-la, mas então o corpo está morto. Essa é a forma em que ele o descreve. Diz que seria como se um monge se retirasse do mundo a meditar e mediante o ascetismo tirasse seu *anima* do corpo; desse modo diz, se seguisse no mesmo simplesmente estaria morto. Se um rechaça o corpo não pode viver, assim terá que recuperar o corpo.

Imaginem a mente, a alma e o corpo como entidades; para o cristão a mente é um pouco superior, representa as boas intenções, um programa de vida positivo e coisas semelhantes. Uma pessoa

assim poderia resgatar seu *anima* mediante um período de ascetismo. Dorn o compara com o monge que medita em lugar de viver. O que acontece é que a mente atira o *anima* para cima, e abaixo o corpo fica morto. O corpo não tem nada mais que dizer porque a projeção foi completamente retirada e isso representaria um estado de introversão mental completa, a *unio mentalis* entre a mente e o *anima*. Dorn diz que ele não quer deter-se ali, porque o que passará o pobre corpo? Diz que agora se aproxima um perigo terrível porque o corpo também deve redimir-se, mas se a mente e a alma se vão só um pouquinho para o corpo, caem a chumbo dentro dele; é como um ímã que atrai o ferro, e então todo o trabalho está mal.

Por conseguinte a isto terá que aproximar-se com prudência, e Dorn o faz mediante um ato químico da imaginação: em vez de voltar para corpo em um abrir e fechar de olhos, o corpo também terá que se elevar um nível superior, e então os dois estão unidos, mas não no estado anterior. Isso corresponderia a dizer que alguém esquecerá da projeção e da sombra e de tudo isso para viver e nada mais.

Por isso penso que o estado de sobreanalisado é necessário; é uma etapa que terá que alcançar para que esta *unio corporis* realize-se da maneira devida, e não de acordo com a antiga pauta. Em uma forma indireta, o analista permite que haja um engano, mas em certas circunstâncias um tem que permitir que assim seja



FIGURA 69

para fazer o retorno como é devido. Acredito que o engano que pode cometer um analista é não saber que é necessário o retorno, e então, quando os sonhos anunciam a necessidade da mudança, passá-la por cima.

Lembro-me o sonho de um analisando que se sobreanalisava e que sonhou que estava perto da água, onde havia um homem pescando. Na água via um formoso peixe dourado, e dizia ao pescador que o tirasse, mas o outro, um homem muito natural e simples, dizia-lhe que não, que era o sonhador quem tinha que saltar à água a unir-se com o peixe! Eis aqui um formoso exemplo que ilustra que agora chegou o momento do retorno; o inconsciente não poderia falar com mais clareza. Saltar à água a unir-se com o peixe em vez de pescá-lo seria completamente *contra natura*, mas o processo não poderia estar melhor ilustrado. Esse era alguém que tivera oito anos de análise, começando com um analista freudiano, e agora devia nadar com o peixe. Acredito que isto tem a ver fazendo desaparecer a umidade corruptível e devolver a umidade natural, o que significaria reincorporar-se ao fluir da vida.

A parábola seguinte diz: que rompe os ferrolhos de minhas portas e se leva a luz de seu lugar, e o que afrouxa os grilhões de minha prisão de escuridão e dá trigo e mel à minha alma que está sedenta, e me convida para jantar para que eu possa descansar em paz, de modo que os sete dons do Espírito Santo descansam sobre mim, esse terá piedade de mim. Alguém me recolherá de todos os países e derramará sobre mim água pura, de maneira que eu purifique-me de meu maior pecado e do demônio do meio-dia.

Das plantas dos pés até a cabeça não há em mim saúde. Alguém me limpará também de manchas ocultas



FIGURA 70

alheias para que eu possa esquecer todos meus pecados, pois Deus me batizou com azeite e me deu a capacidade de penetração e de liquefação no dia de minha ressurreição quando for glorificado por Deus. Porque esta geração vem e vai, até que venha aquela que deve ser enviada e que me libere do jugo de minha prisão em que estivemos durante setenta anos perto das águas de Babilônia, chorando e pendurando nossas harpas porque as filhas de Jerusalém eram orgulhosas e altivas e flertavam com seus

olhos.

Então o Senhor deixará calvas as cabeças das filhas de Sião, e a lei virá desde Sião e a palavra do Senhor de Jerusalém. Esse dia sete mulheres apoderar-se-ão de um homem e dirão: «comemos nosso pão e nos cobrimos com nossas próprias roupas, por que não defende você nosso sangue que se derrama como a água em Jerusalém?». E receberam a resposta divina: «Esperem ainda um pouco até que o número de nossos irmãos seja completo, e o que então ficará em Jerusalém será salvo e a imundície das filhas de Sião será lavada pelo espírito da sabedoria e da penetração. Dez acres de vinhedos darão um cubo cheio de vinho, e as trinta medidas de trigo, três *bushels*».

Que isto entenda será inalterável na eternidade. Que tenha ouvidos ouvirá o que o espírito da doutrina diz aos filhos da sabedoria sobre o cativo babilônico, que durou setenta anos e que os filósofos amplificam com as seguintes palavras: «Múltiplos são os aspectos das setenta prescrições».

Este capítulo não é tão interessante como os outros, de modo que posso terminá-lo brevemente. Está de novo a idéia de uma prisão que se abre pela força, e depois se fala das filhas de Jerusalém que foram arrogantes e luxuriosas e têm que ser lavadas e castigadas pelo espírito da sabedoria e da penetração. Depois está a idéia do cativo babilônico em que alguém tem que permanecer durante setenta anos até que seja liberado dele, e depois vem uma alusão ao fato de que este ser cativo experimentará uma ressurreição. «No dia de minha ressurreição sairei quando for glorificado por Deus», diz. A analogia com os capítulos anteriores é clara, mas antes era primeiro a nuvem escura a coisa negativa, depois a água e Herodes com a matança dos inocentes; agora está o aspecto de estar em uma prisão e ser castigado por arrogância, e que dessa espécie de cativo, que dura certo tempo, também será liberado.

Provavelmente observaram vocês a repetida menção do número sete. Antes tínhamos as sete estrelas e agora estão os setenta anos do cativo babilônico e coisas assim. Isto tem a ver com o fato de que do ponto de vista do simbolismo dos números aos sete o considerava o número da evolução, pelos sete planetas —os cinco planetas então conhecidos, mais o sol e a lua—, que são os constituintes de cada totalidade humana representada no horóscopo. A idéia é que há sete dias na semana e depois o ciclo volta a começar; sempre está a idéia de que o sete tem a ver com um processo de evolução lenta no tempo. E por isso aqui o fator tempo ocupa o primeiro plano: é um problema de ter que permanecer na prisão durante certo tempo, que se caracteriza pela evolução, depois do qual se produzirá uma ressurreição.

Isto compensa o que todos sabemos por nossa própria experiência do inconsciente, quer dizer um tremendo sentimento consciente de impaciência onde a gente sempre se pergunta por que não progride, e se ainda não podem fazer isto ou o outro. Temos que lhe dizer às vezes às pessoas que tem que continuar em sua

71. En la flor alquímica, los siete peta-
los simbolizan los siete planetas y las
siete etapas de la transformación.



FIGURA 71

depressão e em suas dificuldades enquanto aquilo dure. Pergunta-se quanto tempo levará para liberar-se de seus sintomas ou de seus problemas ou do que seja, e o único que alguém lhes pode dizer é que será quando se produzir a evolução; encarado do ponto de vista de um tempo sideral, ninguém sabe quanto tempo demorará isso. Pode ser longo ou curto, porque, como diz o doutor Jung, não resolvemos conflitos: deixa para trás. Por conseguinte, sair de um problema significa uma evolução, seja esta longa ou curta.

O problema aqui, em nosso texto, é certamente um problema que não se pode resolver; só pode ser superado mediante uma transformação interior do autor. Este é o significado da repetição interminável do mesmo problema, que está ligado a um número que representa a evolução. Este homem cai em um problema que não pode resolver intelectualmente, e isso é destino. Foi golpeado pelo fado e só pode superar aquilo quando recuperar o equilíbrio, se ainda há tempo..., mas, se São Tomas foi o autor, então morreu na metade do processo.

Os motivos da morte e da ressurreição depois da morte começam a aparecer, junto à idéia da vida eterna. Por exemplo: «que isto ouça será inalterável na eternidade». Quando a gente ressuscita, diz a figura, então tem o poder de penetração no dia da ressurreição. «O poder de penetração» é uma expressão muito estranha neste texto porque da época grega em diante diz-se que a pedra filosofal tinha a capacidade de penetrar qualquer outro objeto, e isso se vincula com a idéia do ritual funerário egípcio e as idéias sobre a vida depois da morte.

No Egito pensava-se que se alguém não cumpria adequadamente com o processo de ressurreição, então depois da morte essa pessoa estaria aprisionada na câmara mortuária, enquanto que alguém que passasse pelo processo de converter-se no Osiris e em um ser divino, quer dizer, que passasse por todo o ritual da ressurreição, seria capaz, como dizem os textos dos papiros, de aparecer qualquer dia com qualquer forma. Isso significava que os mortos podiam abandonar a câmara mortuária; podiam sair da tumba da pirâmide e passear à luz do dia e podiam mudar de forma. Podiam aparecer como um crocodilo e estender-se ao sol junto ao Nilo, ou podiam voar, tomando a forma de um íbis.

Considerava-se que o objetivo supremo da ressurreição era esta capacidade para ser completamente livre de mudar de qualquer forma e de mover-se através de algo deste mundo material,

uma espécie de ser fantasmagórico que podia atravessar portas fechadas e manifestar-se em qualquer forma que desejasse. Este é o objetivo supremo da vida depois da morte, de acordo com os papiros das preces egípcias pelos mortos, e os alquimistas relacionaram esta idéia com seu conceito da pedra filosofal, esse núcleo divino no homem que é imortal e ubíquo, e capaz de penetrar qualquer objeto material. É uma experiência de algo imortal que perdura além da morte física. Vocês sabem que nos informes parapsicológicos também se menciona às vezes isto como uma qualidade típica da alma de um moribundo.

Lembro-me a história de um homem a quem submeteram a uma operação grave. Despertou da anestesia e como se sentia muito bem se levantou e pôs-se a andar pelo hospital. Advertiu, sem surpreender-se muito, que podia atravessar as portas fechadas, embora não tomou muito a sério, nem recuperou de todo a consciência. Seguiu caminhando até sair à rua e de repente uma voz lhe disse: «Se quer voltar vá depressa, que este é o último momento!». Preso do pânico, retornou rapidamente ao hospital e nesse momento realmente despertou da anestesia e ouviu que o médico dizia: «Por Deus, esteve a ponto de ir-se». O coração falhara e fizeram-no reagir com uma massagem cardíaca, mas subjetivamente ele tivera a vivência de caminhar e a experiência específica de fazê-lo através das portas, algo que em forma semi-consciente pareceu-lhe bastante estranho.

De modo que já vêem vocês o que é o corpo sutil em forma parapsicológica, o fantasma de quão mortos já é capaz de passar através das portas fechadas. Estes relatórios terá que os pegar como vêem, não podemos discuti-los psicologicamente. Podemos acreditá-los ou não; não podemos insistir em coisas assim porque são informes de situações irrepetíveis, mas é provável que de vivências assim surgiu a idéia, geralmente difundida, de que os fantasmas dos mortos, a alma sobrevivente, pode atravessar objetos materiais; uma crença que se encontra em todos os países aonde se acredita em fantasmas. A isto se considerava e considera-se como uma prova do aspecto imaterial e imortal da psique.

Se tomarmos isto não como uma experiência do processo da morte, mas sim como a experiência de um ser vivente, poderia ser a influência do inconsciente sobre o meio circundante; não uma influência intencional, mas sim, ao estar um conectado com o Si mesmo, o Si mesmo começa a ter certos efeitos sobre outras pessoas. Quando tentamos exercer uma influência assim, esta costuma desaparecer, mas é indubitável que pode produzir uma influência não intencional. Se a gente conecta-se interiormente com o Si mesmo, então pode penetrar em todas as situações vitais. Na medida em que um não esteja preso nelas, passa através delas; isto significa que há um núcleo central e íntimo da personalidade que se mantém desapegado, de modo que inclusive se acontecerem as coisas mais horríveis, a primeira reação de um não é um pensamento nenhuma reação física, mas sim melhor um interesse no significado.

É como se uma parte da consciência alerta da personalidade permanecesse constantemente concentrada no caráter significativo de cada acontecimento da vida, de modo que a gente nunca esteja

perdido ou preso inconscientemente nele. O cativeiro psicológico é um fator emocional. Estar preso é simplesmente prender-se em algo emocional ou instintivo. Se estamos presos em uma projeção, um sentimento de amor ou de ódio, não podemos sair dele, e por isso sempre dizemos: «Sinto-o muitíssimo, mas não posso evitá-lo».

Isso é uma prisão, porque uma prisão é qualquer classe de fator psicológico em que alguém se sinta apanhado, enquanto que, se tem consciência do Si mesmo e está constantemente alerta a ele, já não está preso em nada; há uma parte íntima da personalidade que permanece livre e já não se pode prender. O estado de abandono em que alguém está preso por seus próprios processos interiores se detém, o qual equivale a uma tremenda estabilização do núcleo mais íntimo da personalidade; isso é algo comparável com a pedra filosofal, que é simbolicamente o que se forma com a experiência interior estável.

Pergunta: Relacionaria você isto com o que disse antes sobre a pessoa sobreanalizada que tinha que jogar-se na água com o peixe dourado? Porque essa pessoa também mantinha-se fora da experiência.

M. L. von Franz: Sim, mas se agora volta a nadar com o peixe não pensará que é um peixe nem ficará presa na existência do peixe. Retorna à experiência, à experiência ingênua, mas já não continua preso nela. Retornar à água, para usar a metáfora do sonho, significaria entrar completa e espontaneamente na experiência enquanto que ao mesmo tempo algo se mantém fora, como se uma segunda parte da personalidade observasse a experiência.

Se nos valermos de termos orientais, poderíamos dizer que alguém vive espontaneamente, mas uma parte do um está todo o tempo dependente do *Tao*. Não está preso pelo que acontece, mas está orientado para o *Tao*, e se pode desapegar-se até esse ponto da vida, alcançou a imortalidade; isso é algo que nem sequer a morte pode alterar, porque a morte se converte em um fato aleatório que não afeta ao *nuclens* da personalidade, de modo que, ao menos subjetivamente, é uma vivência de ser imortal.

Pergunta: Jogar-se na água é como arrojarse conscientemente dentro do inconsciente, verdade?

M. L. von Franz: Não, nem sempre; nesse caso eu diria que significa arrojarse conscientemente em alguma experiência, em uma experiência vital. Com um introvertido seria assim. Neste caso não era saltar dentro do inconsciente —isso já o fizera há algum tempo—, a não ser dentro da vida, começar a viver de novo sem estar sempre pensando «Isto é meu *anima*» e coisas do estilo.

Comentário: Refere-se ao rio da vida.

M. L. von Franz: Sim, a meter-se no rio da vida.

Pergunta: Mas a espontaneidade não é incompatível com a consciência?

M. L. von Franz: Não, esse é o paradoxo que terá que alcançar: a espontaneidade consciente. É ser espontâneo, mas com um ligeiro retardo. A consciência converte-se em algo assim como uma espontaneidade retardada. Em termos práticos, suponhamos que está você em uma situação em que se zanga e quer deixar sair sua irritação porque é o que sente espontaneamente, e não deixará de ser espontâneo. Entretanto, não é o mesmo que ir às nuvens, porque então a cólera apropria-se de você.

Assim, melhor você tê-la em suas mãos. Detém-se em considerá-la um minuto, a dizer-lhe que sim ou que não, avaliando o momento, e então a deixa sair. Então dá-se o paradoxo da espontaneidade consciente.

O outro pode acusá-lo é de que está montando um número, dizendo-lhe que na realidade você não se zangou; mas sua irritação era sincera, só que a consciência o tinha absolutamente em suas mãos e dessa maneira estava conscientemente ativa. É um paradoxo porque é conscientemente ativa e, até mesmo, espontânea. Isso é o que eu chamaria espontaneidade consciente, uma espontaneidade completa que, entretanto, sabe sempre o que faz.

Comentário: A água era transparente no sonho, de modo que não podia ser o inconsciente.

M. L. von Franz: Assim é, no caso deste homem a água não era inconsciência, significava a vida. Era um introvertido e sobreanalisa-se tanto que já não vivia e tinha que aprender simplesmente a deixar-se ir e viver apesar de tudo o que sabia.

Por exemplo, em sua profissão tinha um chefe terrível, um oficial militar brutal a quem gostava de gritar às pessoas senão lhe entregava pontualmente o trabalho. Tratava-os como a cães, o que naturalmente tinha um efeito castrador sobre outros homens. O sentimento espontâneo de meu analisando era devolver os golpes, mas isso era uma coisa que não podia fazer. Sempre dizia que para ele seu chefe devia ser uma figura da sombra, sempre analisava sua agressão. De maneira que jogar-se na água significava, entre outras coisas, simplesmente ser agressivo, mas calcular bem o momento, porque poderia golpear àquele homem deixando-o inconsciente, mas fazer isso ao chefe não seria uma boa idéia, porque depende dele para ganhar vida! Teria que fazer da maneira adequada, de modo que uma vez respondeu por sua vez gritando e disse-lhe que não admitia que o tratassem assim, levantou-se e foi-se da habitação dando uma portada.

O resultado foi que o chefe convidou-o para jantar. Disse-lhe que era um homem de verdade e fez-se amigo dele. Esse foi o resultado de arrojá-lo de uma vez à água e vivido, em vez de estar sempre analisando sua própria agressão e quão terrível era sua sombra agressiva... Mas tinha que fazê-lo conscientemente, porque sua reação espontânea e ingênua seria socar-lhe os dentes daquele homem, e isso seria quiçá demasiado!

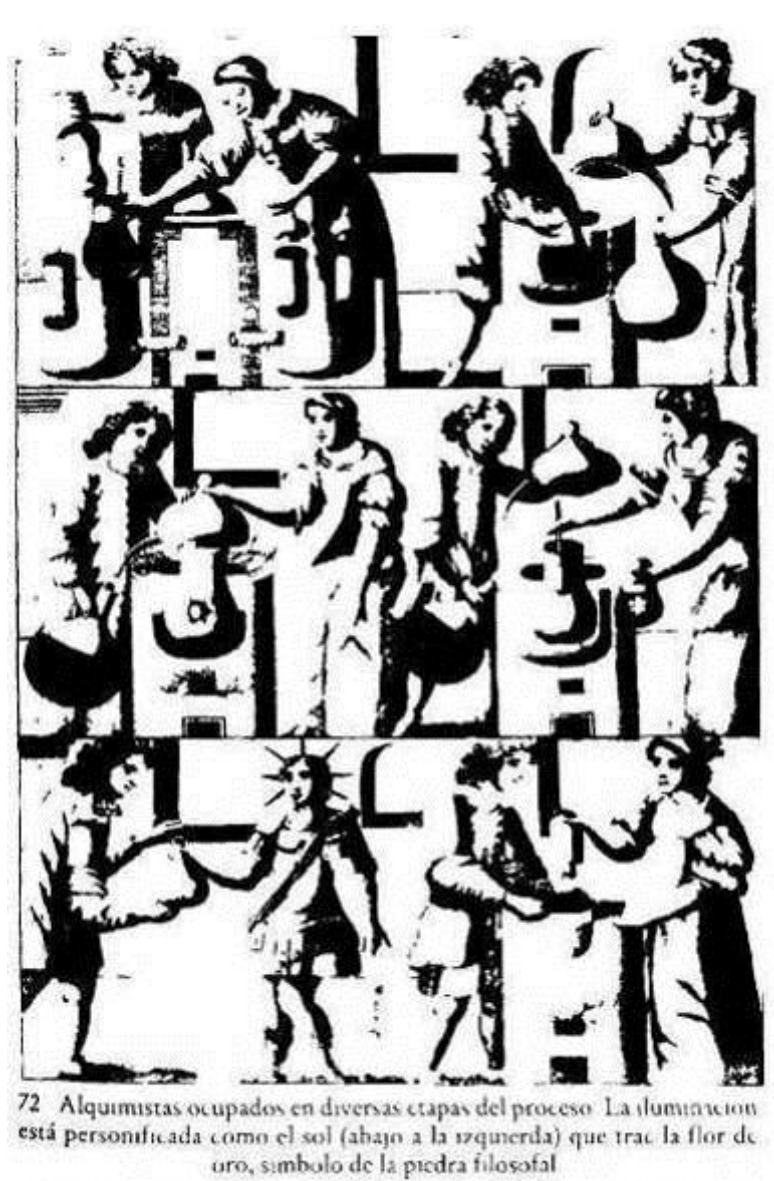


FIGURA 72

Nona conferência: *AURORA CONSURGENS*

Como vocês recordarão, estávamos no meio do processo circular aonde cada capítulo parece começar com uma situação similar —com uma *nigredo*, para usar uma expressão alquímica— seguida de uma descrição de certo tratamento da matéria, e ao final de cada capítulo há um aspecto da *albedo*. Isto se mostra primeiro na forma da nuvem negra que cobre a terra e a alma ou a mulher a quem se redime dela, e depois aparece na forma de uma inundação que cobre a matéria e de uma mulher que conduz a morte e depois volta a afugentá-la, depois do qual aparecem as pérolas brancas.

No último capítulo que comentamos, a *nigredo* tomou a forma do cativeiro babilônico, que durou setenta anos e do qual depois são redimidas as filhas de Jerusalém e de Sião. O processo descreveu-se seja como uma lavagem, em que se lava repetidas vezes a matéria, ou na forma de uma unção com a água da Igreja, a crisma, de modo que o poder de penetração entra no objeto tratado.

O grande problema é, precisamente, qual é o objeto tratado; às vezes se diz que a *prima materia* é

a matéria tratada no processo alquímico, mas depois fica claro que é a Sabedoria de Deus o que, por assim dizê-lo, cai na matéria e tornou-se idêntico à ela, e, além disso, às vezes é o próprio autor, já que fala em primeira pessoa: «Chorando estou na noite...». A partir disso temos que concluir que tanto o espírito na matéria como o autor estão às vezes poluídos; a diferença entre ambos é incerta, e o alquimista tornou-se literalmente idêntico ao objeto místico que cozinha em sua vasilha.

A situação esbarra num estado psicótico —ou se aproxima muito a ele—, no que é típico que a consciência do eu seja devorada ao identificar-se com certos complexos do inconsciente, geralmente de natureza arquetípica. Acontece também no que Jung chama uma psicose voluntária, quer dizer na imaginação ativa. Por conseguinte não sabemos, nem podemos julgá-lo de todo pelo próprio escrito, se nos encontrarmos frente a uma psicose involuntária ou com uma que poderíamos chamar voluntária, quer dizer com o produto de uma forma de meditação como esta.

Se minha hipótese for correta e este documento foi escrito por São Tomas de Aquino em seu conflito com a morte, nenhuma destas duas coisas é totalmente verdade. Mas há uma terceira possibilidade, isto é, que neste caso haja uma irrupção de um conteúdo arquetípico do inconsciente a que não se possa qualificar de episódio psicótico, mas sim melhor de uma invasão pré-mortal do inconsciente, por assim dizê-lo, que também pode assumir formas similares, às quais se chega não pela meditação mas sim por uma intrusão súbita do inconsciente coletivo no racional sistema mental de uma personalidade excepcional. Então, estes capítulos mostrar-nos-iam como em sua luta com a morte a personalidade ainda trata de assimilar este impacto, de digeri-lo e de encontrar uma atitude correta ante ele, de integrar o conteúdo que o invadiu. Essa é minha hipótese do texto. Não é mais que uma hipótese; só posso dizer que é provável, mas não afirmar como uma certeza.

Eis aqui o capítulo seguinte: Aquele que faz a vontade de meu Pai e arroja este mundo no mundo, sentar-se-á comigo no trono de meu reino sobre a cadeira de David e os tronos do povo de Israel. Essa é a vontade de meu Pai, [para] que um possa ver que Ele é veraz e que não há nenhum outro que dê abundantemente, sem mesquinharia nem vacilação, verdadeiramente à todas as nações, e Seu único filho engendrado, Deus de Deuses, Luz de Luzes, e do Espírito Santo, que provém de ambos e é co-igual com o Pai e o Filho. Porque no Pai está a eternidade e no Filho a igualdade, e no Espírito Santo a união de eternidade e igualdade.

Posto que se diz que tanto o Pai como o Filho e o Espírito Santo, estes três são um, quer dizer corpo, espírito e alma, porque toda perfeição funda-se sobre o número três, isto é, medida, número e peso, porque o Pai é feito de ninguém, o Filho é do Pai e o Espírito Santo procede de ambos.

Ao Pai atribui-lhe sabedoria pela qual Ele rege e ordena todas as coisas em moderação, cujos caminhos são incompreensíveis e cujo julgamento está mais à frente do entendimento.

Ao Filho atribui-lhe a verdade [mas com o matiz da verdade realizada] posto que quando Ele morou entre nós aceitou algo que Ele não era, Deus perfeito e ao mesmo tempo homem gerado de semente humana e alma racional; obedecendo a ordem de Seu Pai e apoiado pelo Espírito Santo, Ele

redimiui ao mundo perdido por obra do pecado dos pais.

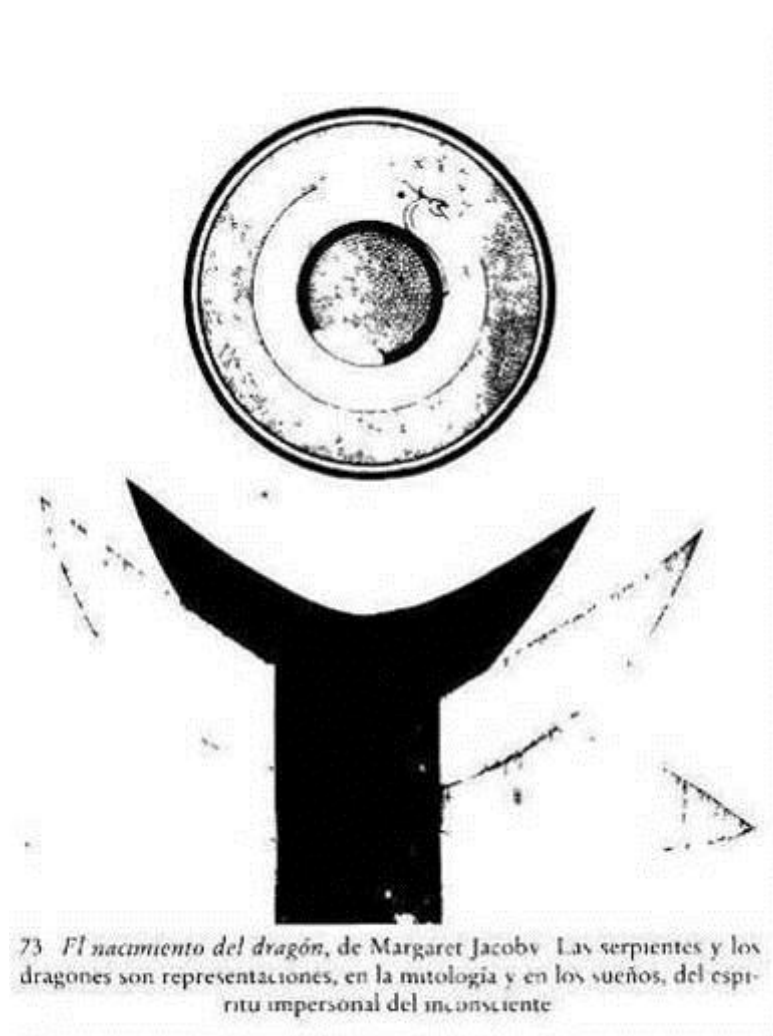


FIGURA 73

Ao Espírito Santo atribui-lhe o amor que transforma toda coisa terrestre em celestial, e isto em três aspectos: batizando-a na água, com sangue e em ardentes chama. Na água ele anima e purifica, lavando de toda sujeira e tirando da alma tudo o que seja «humoso».

Tal como disse: Você faz frutificar as águas para a vivificação das almas. Porque a água nutre todos os seres vivos, portanto a água que desce do Céu embriaga à terra que recebe o poder pelo qual se podem dissolver todos os metais. De modo que a terra deseja água, dizendo: Envia seu *pneuma* espiritual, isto é, a água, e será renovado e você cria de novo a face da terra, porque ele insufla seu fôlego à terra e a faz tremer e quando ele toca as montanhas elas fumegam, mas quando ele batiza em sangue nutre e alimenta.

Tal como disse: A água de bem-aventurada sabedoria nutriu-me e seu sangue é a verdadeira poção, porque a alma situa-se no sangue. Como diz *Sénior*: A alma permanece imersa em água que é similar a ela em indiferença e umidade e na qual consiste toda vida. Mas quando ele batiza com fogo

ardente, então verte na alma e a dota com a perfeição da vida. Porque o fogo dá forma e perfeição ao todo. Tal como está escrito: Instila-lhe nas nuances seu fôlego vivente e o homem que antes estava morto se converte em alma vivente.

Do primeiro, segundo e terceiro efeitos dão testemunho os filósofos que dizem: A água conserva o embrião durante três meses dentro do útero, o ar o nutre e o sustenta durante três meses, e durante os três últimos o preserva o fogo. E o menino não sairá à luz antes de que se cumpriram todos estes meses, mas então nascerá e receberá a vida do sol, que é o ressuscitador de todas as coisas mortas. Portanto atribui a este espírito devido a sua perfeição e ao sétuplo dom de que ele tem sete poderes em seu efeito sobre a terra.

Como este capítulo é muito longo pularei uma parte. Primeiro ele esquenta a terra.

Tal como disse: O fogo penetra e refina mediante seu calor, e Caled Menor diz: Esquentem a frieza de um com a calidez do outro. Como diz *Sénior*: Ponham o macho sobre a fêmea, isto é, o calor sobre a frieza. Em segundo lugar, o espírito extingue o fogo interior, do qual o profeta diz: E o fogo foi atizado em sua reunião e a chama consumiu aos ímpios sobre a terra, e Caled Menor extinguiu o fogo de um com a frieza do outro.

Há algumas outras citações que significam o mesmo, quer dizer que terá que extinguir o fogo com fogo.

Em terceiro lugar, o espírito abrande e dissolve a dureza da terra. No processo emitirá sua palavra e os liquidificará, seu *pneuma* soprará e a água fluirá. E em alguma outra parte se diz: A mulher dissolve ao homem, como o homem congela à mulher, isto é, o espírito dissolve o corpo e o abrande, e o corpo permite que o espírito se solidifique.

Em quarto lugar, o espírito ilumina, porque felpa toda escuridão do corpo, tal como se expressa no hino: Purifica as horríveis escuridões de nossa mente, permite que os sentidos se iluminem. E o profeta diz: Conduz-lhes toda a noite na luz do fogo e a noite será tão brilhante como o dia. Como também observou *Sénior*, ele torna brancas todas as coisas negras e vermelhas todas as brancas, porque a água branqueia e o fogo dá luz. E no Livro da Quintessência está escrito: Você contempla uma luz maravilhosa na escuridão.

Em quinto lugar, o espírito segrega o puro do impuro, porque separa da alma todas as coisas acidentais, os vapores e maus aromas, e tal como disse: O fogo separa o que é diferente e adiciona o que é similar. Portanto o profeta diz: Você pôs-me a prova no fogo e nenhum mal achara em mim. E Hermes diz: Você separará o denso do sutil e a terra do fogo. E Alphidius diz: A terra torna-se líquida e transforma-se em água, a água torna-se líquida e transforma-se em ar, o ar torna-se líquido e transforma-se em fogo, o fogo torna-se líquido e transforma-se em terra glorificada. E a este efeito é ao que aponta Hermes quando diz em seu segredo: Você separará a terra do fogo, e o sutil do denso, e isto se tem que fazer sem tropeços.

Em sexto lugar, o espírito eleva o que é baixo, porque leva a superfície a alma que está

profundamente oculta na terra, da qual o profeta diz: Ele libera os prisioneiros em seu poder; e também: Você libera minha alma do Inferno mais profundo. Isaías também afirma: O *pneuma* do Senhor elevou-me. E os filósofos dizem: Quem quer que possa fazer visível o oculto entende toda a obra, e quem quer que conheça nosso Cambar [quer dizer, fogo] é um verdadeiro filósofo.

Em sétimo e último lugar, ele confere o espírito vivente, espiritualizando com seu fôlego o corpo terrestre, do qual se diz: Você espiritualiza ao homem mediante seu fôlego. E Salomão diz: O espírito de Deus enche a terra. O profeta também diz: E pelo *pneuma* de sua boca toda a terra existe. E Rasis diz em *A Luz das Luzes* [um texto árabe]: O pesado só pode ser elevado pelo leveiro e o leveiro só o pesado pode fazê-lo descer. E em *La Turba* [outro texto] diz-se: Faz o corpo imaterial e o sólido volátil.

Tudo isto se faz com nosso espírito porque só ele pode purificar aquilo que se concebeu de semente impura. Acaso não dizem as escrituras: Lavem-se e serão puros? E à Naaman disse-lhe que se inundasse sete vezes no Jordão e que ficaria limpo. Porque há só um batismo para a ablução dos pecados, como atestam o Credo e os profetas. A quem tem ouvidos para ouvir, deixem-lhes ouvir o que o espírito da doutrina diz aos filhos da ciência sobre o efeito do sétuplo espírito, do qual todas as Escrituras estão repletas e ao que os filósofos aludem com estas palavras: Destila-o sete vezes, e então obterá a separação de toda a umidade destrutiva.

Possivelmente advertiram vocês que o tom do texto já não é enlevado. De quando em quando há formosas citações poéticas, mas neste capítulo há em geral um tom bastante monótono, e ao começo, como certamente notaram, há uma repetição quase literal do credo do *symbolum*: Pai do Filho, Luz de Luzes, Deus e Homem, e assim seguindo; as expressões podem variar nos diversos credos, mas não há grande diferença. Aqui, naturalmente, temos a versão católica.

Como recordarão, ao começo do processo havia uma entristecedora invasão positiva da Sabedoria de Deus, a quem o autor elogiava em seu júbilo; depois parecia cair em uma inflação em que desdenhava àqueles que não sabem nada de uma experiência tal e ficava agressivo contra as pessoas ignorantes, e logo descia a algo bastante aborrecido e fazia um trocadilho com *aurora, aurea bora*.

Depois dessa primeira fase começa o que eu chamaria a circulação de uma espiral: sempre começa com um processo escuro e descreve o que se fez, e depois termina com um resultado positivo, e isto se repete. Aqui estamos na metade da espiral, mas o que diriam vocês que foi o típico deste capítulo, comparado com os anteriores? Há um retorno surpreendente à atitude oficial cristã! No começo o autor repete inclusive, literalmente, o *symbolum* do Credo, a Confissão de Fé, a versão oficial de tudo isso: Creio em Deus Pai, e tudo isso. Por que o faz? O que demonstra assim?



74. La trinidad alquímica. Mercurio alado, el espíritu del inconsciente (o sea, el Espíritu Santo), sentado entre el rey y su hijo

FIGURA 74

Resposta: Que está mais ou menos de volta em si mesmo.

M. L. von Franz: Sim, volta a ser consciente; trata de retornar a sua anterior atitude consciente ou, poder-se-ia dizer, de apartar-se da inundação que o alagou, e aí vêem vocês para que serve um credo ou uma atitude religiosa oficial: é um bote onde a gente pode refugiar do ataque dos tubarões.

A gente pode sair a banhar-se no inconsciente, mas se aparecerem os tubarões está o bote para voltar para ele, e essa é a razão de que à Igreja a tenha comparado com um bote ou uma ilha onde alguém se pode refugiar quando a influência do inconsciente se faz muito forte. Se não conto mais que com minha razão humana e digo-me que tenho que ser razoável, com isso não basta para manter a raia o influxo do inconsciente, mas ter uma crença que existe na consciência é como um bote, é um lugar onde a gente pode refugiar-se.

Portanto, devemos chegar à conclusão de que nosso autor não era um herege e não duvidava de seu Credo, mas sim acreditava nele, como cabia esperar de um clérigo do século XIII. Era realmente um católico crente, um cristão medieval, e por conseguinte agora tenta refugiar-se em sua crença, mas há uma mudança! Se vocês se fixarem, primeiro confessa que acredita no Pai, Filho e Espírito Santo, e isso se mantém mais ou menos durante as dez primeiras linhas da primeira página, mas o resto do capítulo, em sua totalidade, dedica-se aos efeitos do Espírito Santo. É surpreendente. O Espírito Santo enche a totalidade de um dos capítulos mais longos de todo o livro; o autor só se interessa em seus diferentes efeitos alquímicos. Assim, a ênfase total de seu Credo desprende subitamente para o Espírito Santo.

Aqui apanhamos *in flagrante*, por assim dizê-lo, o que aconteceu naquela época, quer dizer entre os séculos XII e XIII. Se conhecermos a história da evolução espiritual do cristianismo, sabemos que naquela época as seitas do Espírito Santo apareceram por toda parte. Algumas eram heréticas, enquanto que outras tentavam manter-se dentro da Igreja, mas de repente o Espírito Santo converteu-se na ocupação e preocupação das pessoas.

Houve muitas discussões teológicas e muitos movimentos, como o dos Irmãos do Espírito Santo «os Humilhados», os Pobres de Lyon, o Coração Leal, o Grande Coração dos Terciários e outros semelhantes, e todos confessavam que estavam especialmente consagrados à adoração e o seguimento do Espírito Santo.

Vocês recordarão que na Bíblia o próprio Cristo predizia que depois de Sua morte Deus enviaria um Consolador que consolaria às pessoas de Sua partida da terra e de Sua morte, e que aqueles que recebessem ao Espírito Santo poderiam fazer obras ainda maiores que as Dele mesmo. O Espírito Santo foi pois, do começo mesmo, um aspecto muito áspero da imagem cristã de Deus, porque de acordo com a Bíblia, dele se diz que entra diretamente no indivíduo. Com Cristo um já não pode comunicar-se diretamente, porque depois de Sua ressurreição retornou ao Céu. O próprio Deus não baixou jamais à terra..., coisa que não é verdade exatamente, porque os três são um, mas agora falo como se não fossem. Mas, de acordo com a Bíblia, supõe-se que o Espírito Santo desce uma e outra vez sobre os indivíduos, e que isso não está restringido pelo tempo. Ouvimos falar de contemporâneos que se encontram uma e outra vez com Cristo, mas não podemos nos comunicar com Ele agora, a não ser mediante visões ou pela oração. Por outra parte, ao longo da história se supõe que o Espírito Santo é capaz de descer sobre as pessoas; isso transmite a idéia de um indivíduo que se enche diretamente com o espírito de Deus ou, como o viram com claridade certos teólogos, que inclusive continua a encarnação de Deus. Deus só se encarnou «oficialmente» uma vez, na pessoa de Jesus Cristo, mas por mediação das obras do Espírito Santo qualquer indivíduo da comunidade cristã pode voltar a converter-se em receptáculo do espírito divino, o que seria uma encarnação de uma partícula da Divindade.

As conclusões de certas seitas medievais, quando estas idéias cobraram de improviso tanta importância emocional, eram muito surpreendentes. Por exemplo, há um dito de São Paulo: *ubi spiritus, ibi libertas*, quer dizer, onde opera o espírito —se entende o Espírito Santo— há liberdade, e portanto eles pensavam que estavam plenos do Espírito Santo já não precisavam obedecer à Igreja nem confessar-se, porque mediante o Espírito Santo tinham sua própria conexão direta com a Divindade. Esta interpretação, como é natural, converteu-se em um perigo para a organização da Igreja.

Além disso, alguns sectários disseram que se a gente estava pleno do Espírito Santo podia ler por sua conta as Sagradas Escrituras e entendê-las diretamente, e que então a interpretação da Igreja já não era necessária. A Bíblia podia-se entender simbolicamente e tomada espiritualmente, isto é, simbolicamente. Por isso estas pessoas começaram a ler a Bíblia e a interpretá-la por si mesmos. Outras

seitas chegaram ao ponto de dizer que se a gente estava repleto do Espírito Santo podia cometer qualquer pecado sem que estivesse mal —o adultério, por exemplo— porque «onde está o espírito, há liberdade».

Podem vocês imaginar que a Igreja não aprovou semelhantes interpretações e portanto algumas seitas do Espírito Santo foram parcialmente condenadas e inclusive muito perseguidas, e em sua maioria tiveram que fechar-se. Antecipavam-se, como já se viu faz tempo, à evolução da Reforma, em cujo começo houve também um intento de afirmar que cada indivíduo tinha o direito de comunicar-se diretamente com a Divindade, sem ter como intermediário nenhuma organização humana. À estes movimentos os denomina em geral pré-reformistas, porque compartilham a idéia de uma comunicação individual e direta com Deus, embora em outros sentidos eram, naturalmente, diferentes.

Portanto, se nosso autor, que passou por uma experiência religiosa, quer manter sua atitude cristã, tem que se referir ao Espírito Santo, como se a situação ficasse salva se ele podia entender que sua experiência lhe fora transmitida pelo Espírito Santo; deste ângulo, ainda podia integrar sua experiência com seu ponto de vista consciente.

Por isso se aferra emocionalmente a esta idéia como fator de salvação. Descreve ao Espírito Santo primeiro em três formas de batismo: pela água, pelo sangue e pelo fogo, e logo descreve os sete processos nos quais o Espírito Santo afeta à matéria. Depois o texto muda em forma pasmosa, porque de repente o Espírito Santo se converte em uma espécie de agente químico que cozinha, limpa, purifica e sutiliza a matéria alquímica. Aqui o concebe como uma espécie de energia, algo como o fogo ou a eletricidade, que tem um efeito sobre a matéria. Aqui a idéia do espírito retorna a sua forma original e arquetípica, quer dizer, o *mana*.

Pela história comparada das religiões sabem que um dos conceitos mais antigos do Divino em muitas religiões primitivas é o conceito de *mana*, *mulungu* e outros semelhantes, a idéia de um poder divino, que muitos etnólogos equipararam com algo assim como uma eletricidade mística. É como uma energia divina, que penetra certos objetos e fere determinadas pessoas. Um rei tem *mana*, um chefe também o tem, quão mesmo as mulheres quando menstruam e quando acabam de dar a luz, e também uma árvore ferida pelo raio.

Ao *mana* o deve tratar sempre com respeito, seja mantendo-se afastado dele mediante tabus, ou aproximando-se dele de acordo com certas regras. Pode ser destrutivo ou positivo. Uma mulher menstruada, por exemplo, tem *mana* negativo e terá que se manter afastada da tribo e dos rituais tribais durante o período, porque está, por assim dizê-lo, carregada de eletricidade destrutiva. O *mana* também pode ser neutro, porque se o chefe de uma tribo tem *mana* pode outorgar fertilidade à tribo, ao gado e ao chão de seus domínios; ou, se o abordarem com irreverência, pode enfeitiçar às pessoas e fazer que adoçam, por exemplo.

Esta é uma idéia arquetípica. Psicologicamente, poder-se-ia dizer que era uma representação dos efeitos do Si mesmo, ou da energia psíquica que neste nível não se vivencia como uma imagem

personificada de Deus, mas sim melhor como um aspecto impessoal do poder divino. Em variantes religiões posteriores, e às vezes geograficamente diferentes, há outros aspectos do Divino, sejam deuses, demônios, espíritos ancestrais ou o que seja, que estão todos mais ou menos personificados; são figuras mais ou menos antropomórficas que também representam o poder do inconsciente, mas que têm uma forma, e das quais se fala como se fossem, em parte, personalidades. A culminação disto se encontra na religião grega, onde os deuses têm forma humana e são representações dos arquétipos, e na judeu-cristã, onde Deus se concebe também como um ser de forma humana e com reações semi-humanas.

Na arte cristã, por exemplo, a Deus costuma representar como um ancião de barba branca; essa é a forma clássica. O aspecto de *mana*, o aspecto da Divindade como uma espécie de poder não personificado, reaparece subitamente no cristianismo na forma do Espírito Santo, que é água, vento e fogo: um vento encheu a casa, sobre as cabeças dos apóstolos no Pentecostes aparecem chamas, e no batismo aparece também como água. Por conseguinte, aqui a idéia arquetípica reaparece na interpretação do Espírito Santo como um poder impessoal com um aspecto semi-material.

A esta idéia se adere nosso autor quando muito ingenuamente descreve ao Espírito Santo como uma espécie de agente físico semi-material que atua sobre a *prima materia*: primeiro lavando-a e depois enchendo-a de sangue —quer dizer, vivificando-a— e por fim esquentando-a com fogo, o que seria lhe dar vida e ressurreição. Isto o amplifica inclusive comparando-o com o nascimento de um menino, que durante três meses está preservado em água, nutrido pelo ar durante outros três e logo três meses mais pelo fogo, até que nasce. De maneira que a atividade do Espírito Santo, o impacto que este tem sobre a matéria, põe em jogo ao mesmo tempo a geração e o parto, a nutrição do menino divino e ajudá-lo a nascer.

Aqui vêem vocês que nosso texto é uma descrição típica da forma em que se produz a pedra filosofal, porque com freqüência a compara com o processo do nascimento; é o Si mesmo que nasce dentro da psique como um menino divino. Também vimos já alusões ao motivo da *coniunctio*. Agora se



75. La unión de los opuestos, masculino y femenino («lo cálido sobre lo frío»), como proceso espiritual interior, simbolizada por el rey y la reina alados.

FIGURA 75

diz: cobrir a frieza de um com o calor do outro; ponham o macho sobre a fêmea, o quente sobre o frio. Aqui está a idéia da *coniunctio oppositorum*, o acoplamento do varão e da mulher, e há também uma despersonalização mediada pela atribuição de qualidades, de maneira que o quente e o frio se reúnem, o que seria um acoplamento de potências opostas. No medieval era uma idéia generalizada a de que, fisiologicamente, os homens eram quentes e as mulheres frias.

Depois vem uma idéia mais sutil, a de que esta reunião dos opostos significa que secretamente são um, porque o fogo tem que ser extinto pelo fogo, ou tem que ser refrescado, refrigerado, pelo seu fogo interior. Psicologicamente, como interpretariam isto?

Resposta: Soa algo assim como o Ouroboros.

M. L. von Franz: Em certo modo o é, mas em um nível mais primitivo porque o Ouroboros é o processo natural daquilo, enquanto que aqui está no recipiente tal como saiu. Sim, em certa medida, mas psicologicamente, o que diria você que é? O que é o fogo?

Resposta: A emoção.

M. L. von Franz: Sim, mas o que é o positivo na emoção? Transforma, cozinha e ilumina; essa é a forma em que o fogo contribui com luz. Se estiver emocionalmente preso por algo posso entendê-lo; se não me debato emocionalmente com meus problemas, ou com o que seja, da luta não resulta nada.

Onde não há emoção não há vida. Se tiverem que aprender algo de cor, e esse algo não lhes interessa, não há fogo; não lhes gravará embora o leiam cinquenta vezes. Mas logo que há um interesse emocional, uma vez que o leiam já sabem. Por conseguinte, a emoção é a portadora da consciência; sem emoção não progride na consciência.

O aspecto destrutivo aparece nas brigas e conflitos; ali nos devora. A outra pessoa diz que é

terrível quando a gente deixa sair sua própria emoção destrutiva, mas é que senão deixamos sair a emoção nos devora.

Vocês sabem quão prazenteiro é guardar-se para um afeto; mas se o que não deixamos sair é uma emoção negativa, carcome-nos de dentro. É como ter dentro, durante horas, um cão que grunhe.

Eis aqui uma alusão à emoção perversa: «O fogo foi reavivado na reunião e a chama consumiu aos ímpios da terra». É a queima dos ímpios, dos pecadores. E depois se diz: «Ele extingue o fogo em sua própria medida interior».

Psicologicamente isto é muito revelador. Em análise, os pacientes repetem uma e outra vez ao analista que estão apaixonados por alguém ou que o odeiam, embora declarem saber que aquilo é de todo irracional. «Não estou louco —dizem—; posso me comportar e ser razoável, mas isto não me passa, o que posso fazer? Por favor, me ajude! Não me basta saber que tudo é uma tolice.»

A resposta a isto é difícil de aceitar: o fogo tem que queimar o fogo, a gente tem que se queimar na emoção até que o fogo se extinga e se equilibre. É algo que infelizmente não se pode evitar. A gente não pode tirar de cima o ardor do fogo, da emoção; não há receita para liberar-se dela: terá que suportá-la. O fogo tem que arder até que se consumou a última impureza, que é o que todos os textos alquímicos dizem em diferentes variações, e tampouco encontramos nenhuma outra maneira. Não o pode impedir, a não ser só sofrê-lo até que o que é mortal ou corruptível ou, como diz tão belamente nosso texto, até que a umidade corruptível, a inconsciência, consumou-se. Esse é o significado: é a aceitação do sofrimento.

Se a gente estiver cheio de dez mil demônios não pode fazer mais que se queimar neles até que se aquietem e se acalmem, e expor ao analista, ou a quem é, a exigência infantil de que nos ajude com alguma espécie de



FIGURA 76

mutreta consoladora não serve para nada. Se um analista fingir que pode fazê-lo, não é mais que um enganador, porque tal coisa não existe, e de toda maneira não teria sentido. Se tenta tirar os analisandos dos sofrimento significa que os priva do que é mais valioso; os consolos baratos são um engano, porque assim a gente aparta às pessoas do calor, do lugar onde se efetua o processo de individuação.

Ficar assando-se no Inferno é o que produz a pedra filosofal; como se diz aqui, o fogo se extingue com sua própria medida interior. A paixão tem sua própria medida interior; não existe uma libido caótica, porque sabemos que o inconsciente mesmo, como natureza pura, tem um equilíbrio interno. A falta de equilíbrio provém do infantilismo da atitude consciente. Se um se limitar a seguir sua própria paixão de acordo com suas próprias indicações, jamais chegará muito longe, sempre o conduzirá a sua própria derrota.

A paixão desordenada busca a derrota. As pessoas que têm uma natureza desordenadamente apaixonada, uma espécie de natureza diabólica, procuram amorosamente uma pessoa ou uma situação

contra a qual possam dar-se de cabeça, e desprezam a qualquer casal ou situação em que sua própria paixão ganhe. Instintivamente procuram a derrota. É como se algo dentro deles soubesse que a esse demônio terá que golpeá-lo na cabeça, e essa é a razão de que, se um se mostrar amistoso ou débil ou pomenorizado com um fogo semelhante, não ajuda à pessoa; em geral, então essas pessoas se vão e abandonam a um, porque não é isso o que querem. O fogo da paixão procura aquilo que a extinga, e por isso a necessidade de individuação, enquanto que é uma urgência natural desordenada, procura situações impossíveis; busca o conflito e a derrota e o sofrimento porque busca intensamente sua própria transformação.

Digamos que alguém está possuído por um poder demoníaco. Se pode dominar às pessoas que o rodeiam não é feliz, mas sim continua inquieto; domina toda a família e segue dominando fora, e em sua vida profissional, mas ainda está inquieto. Na realidade está em busca de alguém que possa vencê-lo; isso é o que deseja, embora naturalmente não gosta. É uma atitude ambígua, porque a odeia e ao mesmo tempo anseia que alguém ou algo o vença e ponha término a seu poder. É muito importante isto saber no tratamento dos casos fronteirizos, porque estes pacientes revistam sofrer emoções tremendas e sempre tentam fazer que todo o impacto se descarregue sobre o analista, esperando e temendo que ele lhes devolva o golpe; isso é porque o fogo conhece sua própria medida interior.

Depois nosso texto diz que o espírito rompe ou modifica o que é duro e endurece o que é débil. Isso parece compreensível, mas como o interpretaríamos?

Resposta: É a *coniunctio* entre macho e a fêmea.

M. L. von Franz: Sim, a dureza seria o masculino, é uma conjunção de opostos, mas como se apareceria isso na vida, abrandar o que é duro e endurecer o que é débil?

Pergunta: Tem a ver com as quatro funções? A função principal é o que é forte, e a quarta função é débil.

M. L. von Franz: Sim, mas a função principal nem sempre é dura.

Pergunta: O duro não poderiam ser as resistências?

M. L. von Franz: Sim, as resistências ou, por exemplo, uma atitude rígida em algum rincão onde um literalmente se endurece, que é uma reação complexa típica. Quando por exemplo, um analisando se nega a falar de algo, isso seria um endurecimento e está encobrindo uma debilidade; a obstinação e a rigidez são duras, e por isso, em geral, tem a ver com experiências infantis destrutivas e negativas. Por exemplo, essas pessoas cancelam o amor ou alguma outra coisa, e no processo chegam inclusive a cancelar-se a si mesmos. Põem seu empenho no êxito ou no dinheiro ou em algo dessa classe, e interiormente estão como congeladas.

É muito freqüente que o processo analítico consista em suavizar os ângulos duros da personalidade, que costuma sofrer uma dolorosa câibra. Endurecer-se é um sintoma de debilidade, portanto, solidificar o que é fraco seria parte do mesmo processo, porque é onde alguém se sente fraco onde fica rígido, enquanto que onde é forte se mantém flexível. A rigidez gera-se nas debilidades e no

medo; o medo os põe rígidos e os faz fechar-se, por isso ao mesmo tempo a debilidade deve ser fortalecida, seja a debilidade do eu ou um sentimento de debilidade ou o que for, pois há muitas debilidades. Então o processo psicológico costuma consistir em afrouxar partes da personalidade que se puseram rígidas e solidificar o núcleo da personalidade, o Si mesmo, e isso seria reunir os opostos do macho e da fêmea.

Então chega o quarto efeito, a iluminação. É quando a gente experimenta a sensação de compreender, quando certos problemas se esclarecem. Chama-se também a coloração e o branqueado, porque as coisas esclarecem-se e a vida começa novamente a fluir. O espírito segrega a forma pura da impura, de modo que todas as coisas acidentais desaparecem: maus aromas e coisas assim.

Para comentá-lo alquimicamente: é muito freqüente que a pedra filosofal esteja rodeada de material estranho que não lhe pertence e que, por conseguinte, terá que lavar ou queimar até que desapareça. É um fato que no processo alquímico nem tudo tem que ser integrado; há algo ao que se chama seja a terra condenada, *terra damnata*, ou *res extraneae*, coisas exteriores ou externas, que terá que desprezar em vez de integrar. Terá que as atirar, sem razão. Com freqüência a gente que leu um pouco de psicologia junguiana acredita que tudo o que acontece, seja o que for, pertence ao processo e deve ser integrado, mas isso é verdade só *cum grano salis*; é um fato que nem tudo pertence. Como todas as verdades psicológicas, tudo pertence em um sentido, e para nada absolutamente em outro. O que são essas coisas externas que terá que atirar?

Resposta: As atitudes coletivas.

M. L. von Franz: Sim, as atitudes coletivas que estorvam ao desenvolvimento do indivíduo, ou a identificação com outras pessoas. Muita gente não chega a si mesmo devido a sua admiração por alguma outra pessoa, possivelmente do mesmo sexo; sempre se reforçam por ser como essa pessoa e por isso perdem a oportunidade de chegar a ser eles mesmos. Como uma serpente olha fixamente a um coelho, assim olham eles a outro, ou a uma idéia coletiva; isso é algo externo, não é o que eles são, não lhes pertence, e essas coisas não têm que ser integradas.



FIGURA 77

Os sonhos dirão a um que se além disso, que o deixe, que não é dele e não tem por que lhe interessar.

Portanto, a individuação significa também separação, diferenciação, o reconhecimento do que é nosso e do que não o é. O resto, terá que deixar em paz. A libido e a energia não se têm que desperdiçar em coisas que não nos pertencem. Portanto, pode-se dizer que há tanto separação como integração, e isso seria regeneração através do fogo até que, como diz o texto, um alcance um estado de tranqüilidade, porque quando as pessoas podem renunciar à ideais ou à atitudes coletivas que não lhe correspondem, de repente se sentem em paz. De repente relaxam e dizem: «Graças a Deus, sempre acreditei que tinha que ser brilhante e agora me dou conta de que não tenho por que». Só estiveram olhando fixamente a alguém que o era. Dessa maneira se redime um do esforço constante por obter algo que na realidade não lhe pertence.

Depois se descreve a totalidade do processo como a terra que se converte em água, a água em ar, o ar em fogo e o fogo em terra. Aí têm vocês a idéia clássica da *circulatio*, de mover-se através dos quatro elementos, de repetir novamente o processo, mas sempre em outro nível. É a idéia clássica de rodear o Si mesmo através dos diferentes elementos e das diferentes formas; é, entre outras coisas, a *circumambulatio*, o processo de individuação através das quatro funções e de diferentes fases da vida.

No processo de individuação é muito freqüente que emergem uma e outra vez os mesmos problemas; parece que estavam resolvidos, mas depois de um tempo reaparecem. Se o virmos sob uma luz negativa, desalentamo-nos e dizemos: aqui está outra vez o mesmo, a mesma quinquilharia; mas quando se olha mais de perto a gente costuma ver a *circulatio*, porque a coisa simplesmente reapareceu em outro nível. Por exemplo, agora pode converter-se em um problema de sentimentos.

Tomemos os tipos intelectuais e intuitivos que percorrem muito rapidamente um processo analítico e parece que entendem muito de psicologia junguiana e do que lhes acontece interiormente. Assimilam muito, mas para eles não se converteu em um problema ético; o sentimento fica fora, e com isso se omite o aspecto ético, o que significa que em seu comportamento ético no mundo mantêm o mesmo velho uso, possivelmente acorde com a razão ou com a influência coletiva ou com alguma outra coisa. Falam do processo de individuação como se chegassem ali e o conhecessem muito bem, o que em certo sentido é verdade, porque o assimilaram, digamos, em fogo, mas ainda não em terra. De modo que o fogo tem que se mudar em água e a água em terra, e depois têm que voltar a viver toda a coisa uma vez mais como problema ético.

Às vezes essas pessoas descobrem de improviso que estão de novo no começo, que não aprenderam nem sequer o abecedário do problema da sombra ou de algo semelhante, e dizem que agora por fim entendem o problema, porque até então só o entenderam de um modo parcial.

Isto acontece constantemente com a compreensão psicológica; há muitas camadas, e algo sempre se pode entender em um nível novo e mais profundo. Alguém o entende com uma parte de si mesmo e então a moeda continua caindo, digamos, e um se dá conta da mesma coisa, mas em um nível

muito mais vivo e mais rico que antes, e isso pode continuar indefinidamente até voltar-se completamente real. Inclusive se a gente sentir que se deu conta de algo, deveria ter sempre a humildade de dizer que assim é como o sente no momento; uns anos mais tarde possivelmente diga que antes não sabia absolutamente, mas que agora pode entender o que aquilo significava.

Isso é o que me parece tão formoso neste trabalho: que é uma aventura que não termina nunca, porque cada vez que dá um a volta a uma esquina lhe abre uma visão totalmente nova da vida; a gente nunca sabe nem o deixa completamente claro, nem sequer no caso das coisas que no momento sente que tem bem ordenadas.

A última seção refere-se ao espírito vivente e a espiritualização do corpo, fazendo o corpo imaterial e o espírito concreto. É outro aspecto de uma *coniunctio*, de uma união dos opostos, mas de novo tem um matiz diferente. Como considerariam vocês isso? O corpo, a coisa material, espiritualiza-se, e o espírito por sua vez torna-se concreto. O que significaria isso na prática?



FIGURA 78

Resposta: O final da cisão entre corpo e espírito.

M. L. von Franz: Sim, mas que aspecto tem isso?

Resposta: Seria uma atitude totalmente diferente para o corpo.

M. L. von Franz: Em que sentido?

Resposta: Seria introduzir a experiência analítica ou espiritual na vida real.

M. L. von Franz: Sim, isso seria solidificar o espírito. Se a gente puser em prática o entendido psicologicamente, está encarnando o que era espiritual. Se reconhecer que algo está bem e o põe em ação, então se torna real. Agora, a outra parte, o que implicaria?

Resposta: Uma atitude da consciência que se retira em parte da experiência espontânea, ao tempo que a considera simbolicamente... uma espécie de espiritualização da experiência.

M. L. von Franz: Sim, seria entender simbolicamente uma situação concreta. Se puder ater ao que diz Goethe: «*Alles Vergangliches ist nur ein Gleichnis*» —Todo o perecível não é mais que um símile—, se inclusive em uma situação material completamente concreta posso ver seu aspecto simbólico, tomando distância ante ela, então a espiritualizo, converte-se em um símile de algo psicológico. Todos os

acontecimentos externos na vida não são mais que símiles em certo sentido; não são mais que parábolas de um processo interior, simbolizações sincrônicas. Terá que os olhar desse ângulo para entendê-los e integrá-los, e isso seria espiritualizar o físico.

Pergunta: Não existe o perigo de, por exemplo, perder o sabor de um bom rosbife?

M. L. von Franz: Certamente, e por isso terá que tornar a solidificar o espírito! Terá que fazer as duas coisas. É o que dizia o Mestre *Zen*: «No começo do processo a água é água e as montanhas são montanhas e os rios são rios». Esse é o gosto de um bom bife, mas para o eu isso não serve. Terá que entrar em um estado em que as montanhas já não são montanhas, os rios não são rios e a água já não é água, o que significa que alguém os vê como símiles. Mas ao final do processo as montanhas são outra vez montanhas, e ali é onde joga a resolidificação do espírito.

O mau é ficar entupido no meio, de uma maneira ou de outra. O processo necessita ambos os movimentos para não se tornar destrutivo, e isso está muito belamente exemplificado na alquimia. O corpo tem que ser espiritualizado e o espírito tem que se encarnar, devem acontecer ambas as coisas. Aqui, neste documento, podem ver um exemplo do que diz Jung: que a alquimia compensa a unilateralidade da espiritualização cristã. É esse movimento subjacente, que não é anti-cristão, mas sim completa ao cristianismo aproximando mais os opostos, trazendo a vida física e o relacionado com ela mais dentro do campo da observação e da atenção.

Comentário: Observei com frequência que na análise junguiana existe o risco de intelectualizar o espírito.

M. L. von Franz: Sim, e então se emagrece espantosamente! O espírito se converte em conceitos intelectuais e perde sua qualidade originária emocional e comovedora, e então acontece exatamente o que você diz. Esse é o grande perigo, porque então o espírito fica tênue e engarrafado.

Pergunta: Não se poderia dizer que toda vez que há uma verdadeira experiência espiritual deveria fazer-se manifesta?

M. L. von Franz: Nestas coisas não há «deveria». Acredito que uma verdadeira experiência espiritual —embora não sei exatamente o que você entende ao dizer isso— manifesta-se. *Mythos* significa comunicação. Se você está aniquilado por uma experiência espiritual, ela mesma quer que você a comunique, quer dizer, que a manifeste; esse é o significado da palavra *mythos*. Não há experiência religiosa ali onde não há necessidade de falar dela; isso é natural, mas não é necessário acrescentar a palavra «deveria». Se for verdadeira, tornar-se-á real, seu fluir natural será para a realidade.

É algo que está muito belamente exemplificado no *Black Elk Speaks*. Aos nove anos, em uma espécie de coma, *Black Elk* [*Alce Negro*] teve uma tremenda experiência espiritual, da que não falou com ninguém até que lhe apareceu uma fobia aos trovões. Então foi ver um médico bruxo que lhe disse: «Essa experiência não foi dada só para si; deve-a à sua tribo». Quando falou de suas visões com sua tribo, a fobia desapareceu.

Eu diria que uma verdadeira experiência espiritual se derruba naturalmente na comunicação,

mas não há nisso um elemento de «deveria». Se for real manifestar-se-á involuntariamente; inclusive se a gente tratar de guardar escapatória, e assim se manifesta na realidade, porque é real. Se a gente tiver que dizer às pessoas que um sonho significa algo, que se tem que atuar de acordo com ele, já isso é mau.

Uma das experiências mais positivas em análise é quando um analisando traz um sonho cujo significado um lhe diz, mas sem comentar-lhe limita-se a interpretar o sonho, e à sessão seguinte o analisando lhe diz: «Sabe o que aconteceu? Você me deu a interpretação daquele sonho, e como resultado eu fiz tal e tal coisa!». Não é necessário ficar no papel da governanta e dizer que alguém deveria fazer o que diz o sonho; essa não é a maneira adequada. Em geral, se uma pessoa for moralmente sã, esse resultado dar-se-á de forma natural.

Digamos, por exemplo, que um filho adulto trata de tirar dinheiro da mãe, e que ela é muito branda e não pode lhe dizer que não; como pensa que talvez esteja com fome, envia-lhe sem tardança o dinheiro. Suponhamos que uma mãe assim sonhasse que enviar dinheiro a seu filho significava que o envenenava. Não é necessário lhe dizer que não lhe envie dinheiro, mas sim lhe explicando: «O sonho diz que se lhe enviar dinheiro, você envenena ou castra seu filho», ao mesmo tempo a mulher virá lhes contar que por fim se decidiu e já não lhe enviará mais dinheiro.

Assim acontecem as coisas se a gente for moralmente sã, e então há esperança. Às vezes tropecei com casos nos que pensei que virtualmente não havia esperança, casos horríveis, mas se tinham essa qualidade eu estava segura de que sairiam da passagem, e inclusive sem demora. Essa classe de integridade moral e ingenuidade que diz simplesmente «Sim» acelera tudo. Na Bíblia se diz: «Que sua comunicação seja, Sim, sim; Não, não». Essas pessoas são moralmente sãs. O oposto seriam aqueles que entendem, dizem que sim a tudo com a cabeça, mas sabe o céu quantos *electroshocks* necessitam, de dentro e de fora, antes de dar-se conta de que têm que fazer algo a respeito.

As mães dizem que sabem que não devem comer seus filhos, mas nunca lhes ocorre mudar o comportamento. Nem sequer se dão conta do que estão fazendo. Outro dia soube por uma filha que sua mãe telefonara-lhe três vezes no domingo dizendo-lhe que devia ir imediatamente à casa. Essa mesma mãe me jurou durante a hora analítica que jamais expôs exigências a sua filha, e que lhe permitia uma liberdade total. Olhou-me diretamente aos olhos e jurou-me que não lhe reclamava nada. Como o que a filha me dissera era confidencial, eu não podia usá-lo como exemplo. Estava furiosa, mas não podia fazer nada.

«Está segura?», perguntei-lhe, e me respondeu: «Sim, absolutamente».

Ali o espírito jamais se materializa. Essas pessoas podem analisar-se durante anos sem o mínimo resultado. Podem falar de psicologia junguiana como se conhecessem a fundo, mas não mudam.

Saltarei à parábola seguinte para me ocupar da que se refere ao credo filosófico apoiado no número três, que continua a tendência que apareceu no último capítulo, quer dizer, uma confissão da imagem trinitária de Deus. Estão os três efeitos do Espírito Santo, as três etapas da obra alquímica, e assim seguindo. Três vezes, três meses está o menino no útero materno, e depois vem o simbolismo de

um sétuplo processo que em um sentido é muito similar ao processo anterior, com o nascimento do menino, a circulação através dos elementos, os efeitos do Espírito Santo, etcétera, como temas principais.

O capítulo seguinte é a quinta parábola, «O tesouro que a sabedoria constrói sobre a rocha». Vocês conhecem em São Mateus o famoso símile da casa construída sobre areia e a construída sobre rocha, e sabem também que em Provérbios 9, 1-5, está o símile de que a Sabedoria construiu sua casa sobre sete pilares e convidou aos israelitas a comer nela.

A Sabedoria construiu uma casa e os que nela entrem serão benditos e encontrarão alimento, de acordo com o testemunho do profeta. Embriagar-se-ão com o que transborda de sua casa, porque em seus átrios um dia vale mil (Salmo 84: 10). Benditos são os que moram em sua casa. Peçam e lhes dará, procurem e encontrarão, golpeiem e lhes abrirão. A Sabedoria clama às portas e diz: «Olhem que estou na porta e golpeio; se qualquer que ouça minha voz, e abre a porta, entrarei e jantarei com ele, e ele comigo».

Que grande é a plenitude da doçura que você reserva escondida para os que entram nesta casa, uma doçura que o olho não viu nem o ouvido ouviu, nem entrou no coração do homem. Aqueles que abrem esta casa terão santidade e a plenitude dos dias, porque está construída sobre uma firme rocha que só será aberta pelo sangue do bode, ou quando a golpear três vezes a vara de Moisés, quando a água emana abundantemente e a congregação bebe e suas bestas também.

Aqui vêem vocês que isto é solidificar o que é débil. A rocha representa a firmeza da personalidade, que vem de um longo processo de assimilação do inconsciente. Se a gente experimentou durante o tempo suficiente as grandes desigualdades que leva consigo o encontro com o inconsciente, então se forma lentamente um núcleo inalterável. Acredito que nem sequer uma cura ou uma evolução psicológica, que é a mesma coisa, troca o conflito nem parte de um problema; o que na realidade troca é a capacidade de suportá-lo melhor, e essa é a verdadeira evolução.

Às vezes a situação externa pode seguir tal qual, ou certas dificuldades de caráter, o que se chama neurose de caráter, mantêm-se até certo ponto. Se, por exemplo, alguém tem um temperamento muito apaixonado, ou uma tendência a deprimir-se, geralmente isso continua durante longo tempo. Necessitar-se-ão pelo menos vinte anos para erradicá-lo; não se pode trocar em seguida, porque está muito enraizado na natureza de um. Mas o primeiro passo é ser capaz de suportá-lo melhor, sem deixar-se dissolver por aquilo; desapegar-se e ter um ponto de vista, saber que essa é a debilidade que um tem, a qual não quer ceder, e que finalmente passará.

O primeiro passo é que já não é idêntico a seus próprios pontos loucos. Por exemplo, se um paranóico disser: «Acredito, mas claro, é provável que não seja assim, que...», isso demonstra que agora tem algo firme, uma rocha, além de seu sistema paranóide; embora ainda não se liberou de sua fantasia, pelo menos já pode dizer que possivelmente o esteja imaginando. É o começo da formação de terra sólida; fora do conflito, algo se escapou que diabo.

Ou se o *animus* ou alguma emoção sempre fez perder a um o equilíbrio, e começa a haver períodos em que se volta razoável, embora depois possa voltar a estar possuído pela paixão, esses momentos são o começo da formação da rocha interior. O pouco de terreno sólido onde a gente faz pé se vai fortalecendo e lentamente se converte em algo sólido, de modo que a gente tem cada vez mais a sensação de que provavelmente nada do que possa vir voltará a destruí-lo.

Pode-o descrever de maneira mais pessimista, mas continua a mesma coisa positiva: a gente sofreu tanto, ou se precipitou tão profundamente em seu próprio inferno que, graças a Deus, já não pode cair mais baixo, e isso dá certo sentimento de segurança. Se estiver meio doido no fundo do inferno já não há nada mais abaixo, e ali é onde começa a rocha sólida. Ou alguém pode dizer que sempre teve medo de enlouquecer, mas agora que chegou aos quarenta sem que lhe passasse, o mais provável é que já não lhe aconteça nunca. Se lhe disserem isso, em geral pode assentir sem má consciência. Se chegarem a ir tão longe sem quebrar-se, não é provável que se quebrem, porque algo se coagulou dentro, tornou-se sólido; e sobre isto, que é o objetivo da obra, a gente pode retirar-se à mansão interior da sabedoria, que está construída sobre uma rocha e é inalterável; o texto diz, inclusive, na eternidade.

Vocês podem perguntar se isso não é endurecimento; não volta a ser a rigidez? Mas a resposta é «não». De uma rocha assim emana a água de vida; é a rocha de onde Moisés, por um milagre, obteve a água de vida. É uma rocha que é também um poço, e portanto é a coisa mais líquida, o oposto da rigidez ou do endurecimento.

Significa ser flexível mas inalterável, e por isso o doutor Jung diz que o processo de individuação, se se produzir inconscientemente, faz que o indivíduo seja duro e cruel com seus semelhantes, e que se for um processo consciente, conduz à pedra filosofal: não a um endurecimento da personalidade, a não ser à firmeza no sentido positivo da palavra. Um já não se dissocia facilmente nem se deixa levar pela emoção, não perde seu ponto de vista por obra da pressão coletiva nem nada disso, mas isto não significa um endurecimento que escapamento de toda influência.

Isso é provavelmente o que significa a alusão à rocha sobre a qual está edificada a casa da Sabedoria. Nela tem lugar, como diz o texto, a visão da plenitude do sol e da lua. Isto se refere ao motivo de que nesta casa tem lugar a *coniunctio*; portanto se faz referência a ela como o recipiente alquímico, que é a casa aonde se unem o sol e a lua. Em nosso capítulo a casa está construída sobre quatorze pilares. Os pilares representam as quatorze qualidades que deve ter o alquimista.

As qualidades não são só éticas, mas sim incluem



79 El horno alquímico. El trabajo de transformación puede estropearse por exceso de calor, así como el proceso de individuación no puede ser forzado

FIGURA 79

toda classe de hipóteses sobre o que deve ter um ser humano: saúde, humildade, santidade —pela descrição, isso parece querer dizer «integridade» ou pureza—, castidade, virtude —no sentido de efetividade ou eficiência—, uma fé que tenha a capacidade de confiar nas qualidades espirituais que não se podem ver —ou entendê-las—, esperança —uma das coisas piores no trabalho interior é a desesperança; é terrível quando a gente abandona a partida declarando que não tem remédio; esse é um dos discos raiados do *animus*—, caridade, compaixão, bondade —uma espécie de benevolência—, paciência —que é muito importante—, moderação —um equilíbrio entre os opostos—, disciplina ou poder de penetração e obediência.

Em relação a isto diz que a décima quarta pedra ou pilar é *temperatia*, o que significa um temperamento equilibrado, do qual se diz que nutre às pessoas e a conserva em saúde porque quando os elementos se encontram em um estado de desequilíbrio a alma desfruta vivendo no corpo, mas quando estão em conflito, não. Portanto o equilíbrio é a mescla correta dos elementos, do calor e o frio, do seco e o úmido, de modo que nenhum desequilibre o outro, que é a razão pela qual os filósofos recomendavam vigiar que o mistério não se evapore nem o ácido se converta em vapor. «Prestem atenção para não queimar ao rei e à rainha com muito fogo.»

O processo interior pode sobrecozer-se com muito fogo, como acontece aos que se esforçam no processo de individuação. Dizem que não podem ir a uma festa, por exemplo, porque «tenho que ficar em casa fazendo meus mandalas». É o desejo de forçar o processo, mas a um processo de crescimento não o pode forçar. É uma tolice enfurecer-se com um pequeno carvalho e dizer-lhe que cresça mais rapidamente, porque isso é *contra natura*. Seria melhor regá-lo e pôr um pouco de adubo na terra. Há coisas no processo interior que não é possível acelerar, e nas quais não serve de nada impacientar-se.

Quer dizer que a instrução de não queimar ao rei e à rainha alude a não tratar de forçar a *coniunctio* interior. Nisso intervém sempre o eu; é uma atitude voraz e imatura que, naturalmente, conduz ao engano, e por isso os alquimistas fazem sempre a advertência de não superaquecer o processo. Alguns recomendam inclusive que nunca se tem que usar calor mais alto que o do esterco fresco de cavalo, que seria aproximadamente a temperatura do corpo humano, a temperatura interior de uma criatura de sangue quente; deve ser um pouco adequado ao ser humano, e tudo o que seja *extra modum*, como diz o texto, está mau. Inclusive o bom, se se passar da medida, é mau. Tudo o que contém o impulso infantil de empurrar é um engano; o pode sentir, e a gente sabe que não levará a nenhuma parte, embora a intenção seja boa. Essas são as pedras da casa da Sabedoria.

A sexta parábola refere-se ao Céu e a Terra e à situação dos elementos, e aqui há um mito cosmogônico. Descreve o nascimento de todo o cosmos. Psicologicamente aqui está o que os alquimistas chamam a união do mundo cósmico, o que significa ir mais à frente do microcosmos do ser humano e estar aberto à vida mesma, em si mesmo: relacionar-se com a totalidade da vida observando o processo da sincronicidade.

Inclusive a mais elevada e importante das ocupações relacionadas com a própria evolução interior tem uma qualidade narcisista, tem que tê-la. Durante um tempo um tem que se encerrar no recipiente e ocupar-se de suas próprias coisas, e em alguma medida, durante esse período, não tem que abrir-se à vida; isso é necessário e inevitável. Mas no estado que agora se descreve, toda a natureza do cosmos volta a ser incluída, e isso é relação para Deus.

A última parábola é a conversação do amado com sua noiva: Volte para mim com todo seu coração e não me rechace porque seja negro, porque o sol se levou minha cor e o abismo cobriu meu rosto. A terra está poluída em

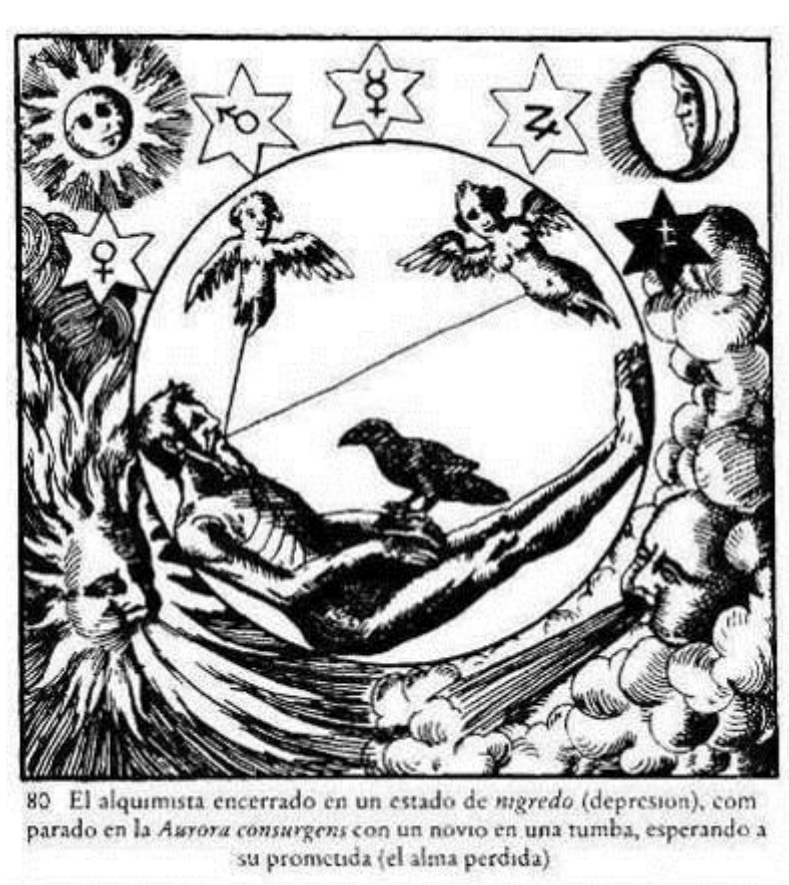


FIGURA 80

minhas obras, a escuridão se estendeu sobre a terra, eu estou no fundo do abismo e minha substância ainda não foi aberta.

Clamo da profundidade e do abismo da terra, elevo minha voz a todos os quais acontecem, atendem-me e olhem-me se houver alguém como eu. Dar-lhe-ei a estrela da manhã. Vejam como esperei em meu leito durante toda a noite que alguém me consolasse e não encontrei a ninguém. Chamei e ninguém me respondeu.

Já vêem vocês que aqui começa outra vez com a depressão mais profunda.

Levantar-me-ei e irei à cidade a procurar pelas ruas e ruelas se posso encontrar uma virgem casta, bela de rosto e corpo e mais belamente embelezada, que retire a lápide de minha tumba e me dê plumas como a pomba, e com ela irei voando ao Céu. E lhe direi que agora vivo na eternidade e descansarei nela, porque ela ficará de pé a minha direita vestida com uma túnica de ouro. Ouça, minha filha, inclina para mim o ouvido e escuta minha oração, porque com todo meu coração tive saudades de sua beleza.

Esse é o noivo que chama desde sua tumba. Quer que o ressuscitem; está encerrado em sua tumba e agora reclama a sua noiva, que é um ser semelhante a um pássaro, com plumas e que se encontra no Céu. De modo que é um espírito, um ser espiritual.

Falo em minha linguagem: diga-me [qual será] meu final e o número de meus dias, porque Você circunscreveu meus dias e minha substância é como nada ante si. Você é a que me entrará pelo ouvido,

a que entrará em meu corpo e me vestirá com uma túnica de púrpura, e depois me adiantarei como um noivo desde sua câmara, porque Você me decorará com gemas e pedras e me vestirá com os objetos da felicidade.

Entrar pelo ouvido é algo muito estranho. É uma alusão a certas teorias medievais segundo as quais Cristo concebeu-se através do ouvido da Virgem Maria. O anjo da Anunciação apareceu-lhe e disse-lhe que conceberia e teria um filho; alguns teólogos interpretaram no sentido de que Cristo concebeu-se de maneira sobrenatural mediante a palavra que lhe entrou pelo ouvido, e a isso se chamou a *conceptio per aurem*, a concepção pelo ouvido. Há um noivo morto no abismo, em desespero na tumba, e que agora reclama a sua noiva, que voa no Céu com asas. Primeiro ela abrirá sua tumba e depois entrará no ouvido; então ele ressuscitará e dar-lhe-á um objeto de ressurreição e de júbilo.

Vêem vocês aqui muito claramente que é um processo interior da *coniunctio*, é a união com o *anima*. Ela entra pelo ouvido, é entendida e integrada, e isso emana como uma nova atitude. Em termos alquímicos é o começo da *rubedo*. Primeiro está a *nigredo* ou negrume, depois a brancura, e agora começa a *rubedo*, o estado vermelho, razão pela qual aqui o noivo recebe um objeto vermelho.

O problema é quem é o noivo. Aqui o compara com o próprio Cristo, porque as palavras «sairei da câmara como um noivo» aludem a Cristo. Ao mesmo tempo, é sem dúvida o autor. Aqui há outra vez uma descrição do processo da *coniunctio* no qual o autor participa com sua parte divina, uma expressão autêntica da experiência do que Jung chama «Tornar-se como Cristo». O próprio indivíduo converte-se aqui em um Filho de Deus, e portanto no prometido da Sabedoria de Deus. É uma união mística com a Divindade, e a Divindade, como verão vocês, é feminina. Roga-lhe que lhe diga quem é para que todos possam sabê-lo, e ela replica: Escutem todas as nações, percebam com seus ouvidos; meu noivo vermelho falou. Pediu, e recebeu.

Eu sou a flor do campo e o lírio dos vales. Sou a mãe do amor formoso e do santo reconhecimento e da esperança sagrada. Sou o fértil vinhedo que produz frutos doces e aromáticos, e minhas flores são as flores da honra



81 «El análisis debe liberar una experiencia que nos atrapa o cae sobre nosotros como desde arriba, simbolizado por la Anunciación» Jung. En terminos alquimicos, este es el comienzo de la *rubedo*

FIGURA 81

da beleza. Sou o leito de meu amado, em volta de quem há sessenta heróis que contra os horrores da noite levam a espada em volta do quadril. Eu sou formosa e sem mancha.

Miro pela janela e através da grade vejo meu amado. Feri seu coração com um de meus olhos e em um cabelo de meu pescoço. Sou a fragrância dos ungüentos. Sou a mirra escolhida. Sou a mais desperta entre as virgens que se adiantam, como a aurora, ao amanhecer matutino, escolhida como o sol e formosa como a lua, sem mencionar o que está dentro. Sou como os grandes cedros e ciprestes do monte Sião. Sou a coroa com que será coroado meu noivo no dia de suas bodas e de seu júbilo, porque meu nome é como um ungüento que se verte.

Sou o vinhedo escolhido onde o Senhor enviou trabalhadores a cada hora do dia. Sou a terra de promessa aonde os filósofos semearam seu ouro e sua prata. Se este grão não cair dentro de mim e morre, então não produzirá o triplo fruto. Sou o pão do qual comerão os pobres até o fim do mundo e

nunca voltarão a ter fome.

E então vêm as palavras de Deus como na Bíblia, pelas quais é completamente manifesto que este ser feminino é Deus.

Eu dou e não peço nada em troca. Dou alimento sem falhar nunca. Dou segurança sem temer alguma vez. Que mais tenho que dizer a meu amado? Sou a mediadora entre os elementos que medeiam entre o um e o outro.

O que é quente o refresco e o que está seco o umedeço e vice-versa. O que é duro o abrando e vice-versa. Sou o fim e meu amado é o começo. Sou toda a obra, e toda a ciência em mim está oculta. Sou a lei no sacerdote, a palavra no profeta e o conselho prudente no sábio.

E logo vem outra citação das palavras de Deus tal como estão na Bíblia:

Eu dou morte e dou vida, eu firo e eu curo, não existe quem pode liberar algo de minha mão (Deuteronômio 32: 39). Ofereço minha boca a meu amado e ele me beija. Ele e eu somos um. Quem pode nos separar de nosso amor? Ninguém, porque nosso amor é mais forte que a morte.

Depois ele responde: Oh, minha noiva amada, sua voz ressonou em meus ouvidos e é doce. Você é formosa... Vêem agora, minha amada, saiamos ao campo, nos demoremos nas aldeias. Levantaremos cedo, porque a noite aconteceu e o dia se aproxima. Veremos se sua vinha floresceu e se frutificou. Ali você me dará seu amor, e para si preservei os frutos velhos e novos. Desfrutaremos enquanto somos jovens. Enchamo-nos de vinho e de ungüentos e não haverá flor que não ponhamos em nossa coroa; primeiro os lírios e depois as rosas antes de que se murchem.

Isto é muito significativo porque tudo é da Bíblia, onde são os pecadores os que o dizem! Na Bíblia, os pecadores, os idiotas, os imbecis e os que são rechaçados por Deus dizem: «Saíamos aos campos» e esse tipo de coisas, e aqui a noiva e o noivo o dizem na *coniunctio*.

Um dos monges que copiaram o texto deixou-se arrastar tanto pelo prazer de fazê-lo que quando chegou à parte que fala de caminhar pelo prado e recolher flores, em vez de escrever *pratum* (*prado*), escreveu: «não há *peccatum* que não recolhamos». O pobre monge usou a palavra *peccatum*, *pecado*, em vez de *pratum*, algo que na taquigrafia medieval podia acontecer muito facilmente, e cometeu um engano complexo. Para alguém que conheça a Bíblia seria muito chocante que o noivo e a noiva citem as palavras dos pecadores do mundo.



82 Representaciones del proceso simbólico, que comienza en el caos (conflicto y depresión) y termina con el nacimiento del fenix (la nueva personalidad)

FIGURA 82

No que estava pensando este homem quando escreveu isso?

Ninguém será excluído de nossa felicidade. Viveremos em uma união de amor eterno e diremos o bom e quão amável é viver dois em um. Portanto construiremos três tendas, uma para mim, outra para você e a terceira para nossos filhos, porque uma corda tripla não se romperá. A quem tem ouvidos para ouvir deixe que ouça o que o espírito da doutrina diz aos Filhos da Disciplina da união do amante e da amada. Porque ele semeou sua semente, da qual maturará o triplo fruto e da qual o autor das três palavras diz: «São as três palavras preciosas em que se esconde a ciência toda e que serão transmitidas aos piedosos, quer dizer aos pobres desde o primeiro até o último homem».

Estas últimas palavras aludem a uma tradição secreta que somente os iniciados passam uns aos outros, quer dizer, a tradição desta união amorosa. As três tendas são uma alusão ao anúncio na Revelação 21: 2-3, de que Deus viverá em uma tenda —o tabernáculo— com o homem sobre a terra: «E eu, João, vi a Santa cidade, Jerusalém nova, que descia de Deus do céu, disposta como uma esposa

embelezada para seu marido. E ouvi uma grande voz do céu que dizia: Eis aqui que o tabernáculo de Deus está com os homens, e morará com eles, e eles serão seu povo, e o próprio Deus estará com eles e será seu Deus».

De modo que já vêem vocês que aqui a *coniunctio* termina com uma encarnação da Divindade, é Deus que desce dentro do ser humano. Isso é o que expressou Jung ao dizer que o que se vê do ângulo humano como o processo de individuação, visto do ângulo da imagem de Deus é um processo de encarnação.

ÍNDICE

Agradecimentos

Primeira conferência:

INTRODUÇÃO

Segunda conferência:

A ALQUIMIA GREGA

Terceira conferência:

A ALQUIMIA GREGA

Quarta conferência:

A ALQUIMIA GREGO-ÁRABE

Quinta conferência:

A ALQUIMIA ÁRABE

Sexta conferência:

A ALQUIMIA ÁRABE

Sétima conferência:

AURORA CONSURGENS

Oitava conferência:

AURORA CONSURGENS

Nona conferência:

AURORA CONSURGENS



http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>